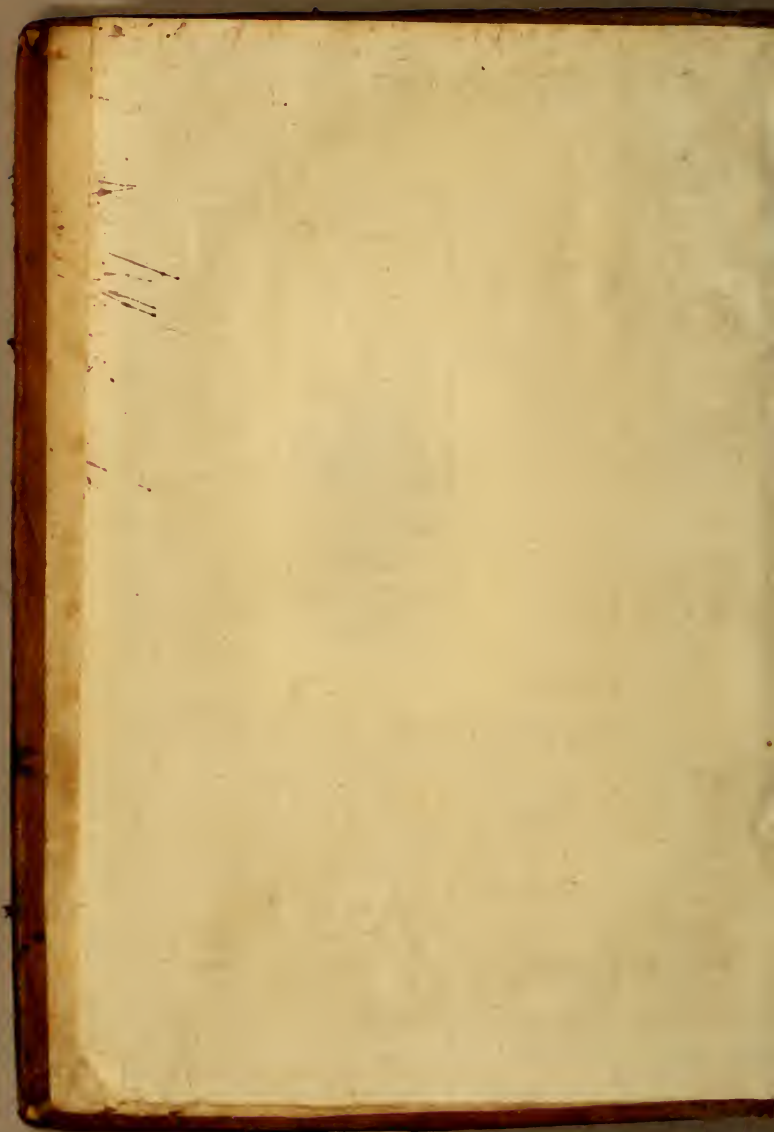
Ed. 1760

C.C.

Manuel dos Santos / Barba

de Menezes

452 pls

THEATRO COMICO PORTUGUEZ, OU COLLECÇAÕ DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representáraõ nas Casas dos Theatros publicos do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

TOMO TERCEIRO.

Contém:
- Adolonimo em Sydonia.
- A Ninfa Siringa.
- Novos Encantos de Amor.
- Adriano em Syria.

De Pedro Borges Pacheco

LISBOA,

Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

M.DCC.LX.

Com as licenças necessarias.

ADOLONIMO
EM
SYDONIA,

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa.

ARGUMENTO.

ADolonimo deſcendente de ſangue Real, amava muito a Syrene filha de Eſtrato Rey de Sydonia, e ſeu inimigo, e vendo elle que por eſta razaõ lhe naõ podia manifeſtar o ſeu amor, ſe determinou a ſer ſeu jardineiro; ſabendo porém, que Syrene [ainda que conſtrangida] caſava com Demetrio, foy aſſiſtir às bodas maſcarado para impedir o deſpoſorio; o que feito, e conhecido, foy prezo, e chegado quaſi aos ultimos fins da vida, de que o livrou Alexandre Magno, e o conſtituio Rey de Sydonia, caſando-o com Syrene, privou do Reino a Eſtrato.

SCENAS

ACTO I.

I. *Horta.*
II. *Jardim.*
III. *Sala de Palacio.*
IV. *Sala de docel bem armada.*

ACTO II.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Torre.*
IV. *Jardim.*
V. *Torre.*

ACTO III.

I. *Sala.*
II. *Torre.*
III. *Campo.*
IV. *Sala.*
V. *Campo, e viſta de Torre.*
VI. *Sala de docel.*

INTERLOCUTORES.

Adolonimo amante de Sirene.
Demetrio.
Alexandre Magno.
Estrato Rey de Sydonia.
Sirene Princeza filha de Estrato.
Cintia sua prima amante de Demetrio.
Cadeya graciosa.
Pimentaõ Gracioso criado de Adolonimo.
Sapato criado de Demetrio.
Hum Algoz.
Hum General.
Soldados.

ACTO I.

SCENA I.

Horta. Apparece Adolonimo em traje de hortelaõ.

CORO.

Decante hoje amor
O doce Hymeneo,
Que gozaõ ditoſos
Sirene, e Demetrio.

Adol. SUſpende eſſa cruel armonia, oh rigoroſo aſpid de meu peito; pois me introduzes na alma o mayor veneno disfarçado na ſuavidade de teu canto. Ay de mim! quem dirá, que o ſonoro da muſica, que ſempre foy lenitivo da pena, ſeja de minha pena o motivo? que o que tem por effeito o goſto, ſeja a cauſa do meu tormento? que o que para todos he gloria ſeja para mim martyrio?

Sahe de outra parte Pimentaõ ſem Adolonimo o ver.

Pim. Ora vamos entrando por eſta horta

aſſim

affim como quem quer couves. Cá eftá o hortelaõ ; talvez que me queira por companheiro : verei fe me poffo accommodar com o olho da enxada, já que o cruel de meu amo me poz no olho da rua. Vamos deitar barro à parede. Ah Senhor nofs'amo, v.m. quer moço? Naõ pegou o barro, nem fe ouvio o berro. Vá de eftoutra parte : Ah fenhor, v. m. naõ ouve? Nada; o certo he que he furdo para mais penas fentir.

Adol. Ah cruel fado ! ah cruel amor !

Pim. Ay que eftou perdido, que fe queixa de amor! He poffivel, que hum cavador de enxada padeça o achaque dos que fazem a barba duas vezes na femana? que tenha forças para andar às lutas com Cupido, quem todo o dia anda às pancadas com a terra? que queira atear o fogo quem todo o dia anda alagado em fuor? Mas o certo he, que tambem pegaõ debaixo da agoa as armas, que amor carrega. Ora vamos-lhe outra vez ao couro. Voffa merce ouve? Pey or: fuponho que defte falou Camões, quando diffe: A nada difto o bruto fe movia. Vá agora taõ alto, que naõ fómente o faça mover a elle, mas a quantas mulheres prenhes me ouvirem. Ah fenhor hum fujeito que quer . . . *Adol.*

Adol. Que he iſto?

Pim. Mas ja naõ quer o ſujeito, e tudo o que quiz o dá por naõ querido com perdaõ de voſſa merce, ſalvo tal lugar.

Adol. Pimentaõ?

Pim. Senhor Adolonimo?

Adol. Vem cá, de que te aſſuſtas?

Pim. Naõ me hei de aſſuſtar de ver, que ſendo voſſa merce o ſenhor Adolonimo illuſtre deſcendente de Real ſangue, a quem tantos annos ſervi, o veja agora neſte vil eſtado, depois de terme dito *oculus ruorum*?

Adol. Razaõ tem a tua lealdade de ſe queixar de mim; porém já que a fortuna aqui te trouxe, te direy a cauſa porque te deſpedi, e o motivo porque aqui me vês com eſtes ruſticos veſtidos; com condiçaõ porém de guardares ſegredo.

Pim. Dize, Senhor, ſeguramente, porque a minha boca he a couſa mais ſecreta, que póde haver.

Adol. Já ſabes, que ſou Adolonimo naſcido de Real ſangue, e que ſempre vivi com grandeza igual ao meu luſtre, e de meus progenitores: naõ ignoras tambem, que na oppoſiçaõ que fiz ao noſſo Rey Eaſtrto ao throno de Sydonia, elle por mais fortuna, que meritos, ficou com

o

o Reino, e eu abatido, e deſprezado, ſem me valerem nem a nobreza, nem os merecimentos; pois he couſa certa ſerem os nobres, como os entendidos, alvos de toda a deſgraça.

Pim. Tambem por cá vay muita couſa diſſo.

Adol. Ouve agora o mais, que naõ ſabes.

Pim. Vamos ao caſo, que he o que importa.

Adol. Tem Eſtrato huma filha dotada da mais rara belleza, que o mundo atè agora vio.

Pim. Iſſo he o diabo.

Adol. O mais peregrino motivo da admiraçaõ, e o mais admiravel objecto de todo o paſmo: a eſta vi; e como a vi, era forçoſo o adoralla; porque nos altares da formoſura he a adoraçaõ mais divida, que offrenda.

Pim. De que naõ ha duvida nenhuma.

Adol. Em huma occaſiaõ, que tive a de lhe fallar, me parece naõ foraõ mal aceitos os meus rendimentos, ſe he que me naõ enganou a idea, porque aos amantes ſempre ſe lhes repreſenta facil, o que dezejaõ; porém como o odio, que me tem ſeu pay Eſtrato (naſcido da oppoſiçaõ, que lhe fiz ao throno) foy cauſa de que me faltaſſe de eſperança, quanto me ſobejava de amor, pois apenas podia vella,

vella, me determinei defpedirte, e aos mais criados, e fazendo-me aufente, bufcar por efte caminho alguma lifonja ao meu amor, e algum refrigerio a tanto incendio, fervindo há oito dias de feu jardineiro com tal disfarce, que até ella mefma ignora, que eu feja Adolonimo.

Pim. Eu mefmo, fe te naõ vira aqui, naõ havia faber, que aqui eftavas.

Adol. Mas ay de mim, que toda efta efperança em que vivia, fe trocou pela defefperaçaõ em que morro; porque efta noite a cafa ElRey feu pay com hum dos principaes de Sydonia por nome Demetrio.

Pim. E agora que has de fazer mais, que chuchar no dedo?

Adol. Ainda me falta apurar o refto da defefperaçaõ, porque efta noite hei de hir aos defpoforios mafcarado (como he permittido nefte Reino) e offerecer a vida por ultimo facrificio, ao que tu tambem has de acompanharme.

Pim. Sim acompanhára, fe eu tambem tiveffe vida, que offerecer.

Adol. Pois de que modo naõ a tens?

Pim. Porque já eftou morto com fome.

Adol. Se he effa a duvida, logo te fatisfarás.

Pim.

Pim. Entaõ vamo-nos já remaſcarar : mas ſe acaſo nós formos, e virmos os deſpoſorios, e tu vires com o olho, e comeres com a teſta, que has de, Senhor, fazer ao depois?

Adol. Attende, que eu to digo.

Pim. Oh por tua vida recita-mo muito bem recitado.

RECITADO.

Adol. Se a ſorte rigoroſa, e injuſto fado
Contra mim ſe moſtrar cruel, e irado,
Se a pena do que ſinto, e do que choro,
Me negar o bem unico, que adoro,
Sem procurar da magoa mais indicio,
Renderey eſta vida em ſacrificio;
Porque a vida com huma infeliz ſorte
He mais, do que viver, continua morte.

ARIA.

Se meus olhos gozar virem
Outrem do meu bem amado,
Amante, e deſeſperado
Terey iras, e furor.
Perderey a cara vida
Neſta pena, e furia inſana,
Porque a morte mais tirana
He ſentir hum tal rigor. *Vaiſe.*

Pim. O certo he que ninguem conta, nem canta

canta melhor hum ſucceſſo, do que meu amo, *ſalvo meliori judicio.* *Vaiſe.*

SCENA II.

Jardim. Sahe Sirene, Orintia, e Cadeya.

Cad. ENxuga, Senhora, o pranto; naõ chores aſſim por hum auſente, quando eſtás para ter a poſſe de tanta felicidade. Eu por mim pegome àquelle dictado, que diz: O que o olho naõ vê, coraçaõ já ſe ſabe.

Siren. Que mal entendes, Cadeya, o meſmo que aconſelhas, pois eſſe adagio quer dizer, que naõ ſe ama o que ſe naõ vê; porém naõ ſe verifica em mim, porque depois que vi a Adolonimo, taõ preſente o trago no ſentido, e taõ repreſentado aos olhos da alma, que já mais pude acabar comigo o eſquecerme delle, nem deixar de ſentir a ſua auſencia, e ſó me tem ſervido de algum alivio, quando vejo ao noſſo jardineiro, pois he delle taõ proprio retrato, que julgára ſer o meſmo Adolonimo, ſe naõ houveſſe tanta differença nas peſſoas de hum, e outro.

Cad. Pois he juſto, que eſtando para te receberes

ceberes com Demetrio daqui a poucas horas, pagues com lagrimas os carinhos de teu efpofo? Ay que fe fora eu, naõ caberia em mim de contente.

Sir. E me parece, que primeiro que lhe dê a maõ, perderey a vida ao rigor defte tormento.

Orint. Oh affim o permitaõ os Deofes, que Demetrio naõ feja teu. *à parte.*

Cad. Pois, Senhora, fe teu pay te obriga a que cafes com elle, que remedio há mais que fazer das tripas coraçaõ?

Orint. Eu, Prima, te aconfelho, que refolutamente digas, que ainda naõ queres aceitar o eftado, que te offerecem. Muito convem ao meu amor naõ querer Sirene a Demetrio, pelo muito que lhe quero, ainda que elle naõ o merece por ingrato. *à parte.*

Sir. Da Parca o veja eu mortal defpojo.

Cad. Ay, Senhora, dás ao diabo a quem te quer por tudo quanto Deos lhe deu?

Sir. Deixa loucuras, que naõ eftou para ouvirte.

Orint. Muito empenhada nifto fe moftra Cadeya.

Cad. Naõ he por empenhada, he porque da mulher, e a fazenda o primeiro ajufte he o melhor; porque tanto a fazenda, como

como a mulher, quanto mais eſtaõ, mais ſe danificaõ, e muitas vezes algumas fazem ſuas avarias.
Sir. Neſcia eſtás.
Cad. Iſto ha de dizello qualquer maráo, que me eſteja ouvindo.

Sahe Pimentaõ ſem ſer viſto.

Pim. Já a barriga eſtá como hum tambor; vamos agora fazer o exercicio. Mas ta, tá rá, tá rá, que temos cá gente de cutiliqué: eſgueiremonos daqui, antes que venha pelo caminho hum Sois muito atrevido; andai confiado; oh lá deitem fora eſſe villaõ ruim. *em falſete.*
Cad. Quem eſtá ahi?
Pim. Meus ditos, e meus feitos.
Orint. Naõ ouves?
Pim. Faço-me ſurdo, e vou uſando das afaſtanças, e arredanças.
Sir. Vem cá, dize quem es?
Pim. Eu, Senhora, já me eſtava hindo; mas para voſſas Altezas naõ dizerem, que eu cá que ſou, e que tal, e que ſim Senhoras....
Sir. Naõ te perturbes, falla.
Pim. Eu, ſenhora, fuy ... vim ... e torney ... e dahi tomo, e que faço....
Cad. Eſtá bem medroſo.

Pim.

Pim. Eu, Senhoras, a fallar a verdade tenho muita vergonha diante de voſſas Altezas.

Sir. Dize quem es, que te naõ quero fazer mal algum.

Pim. Eu ſupponho, que entre as mais voſſa Principeza he que he a Senhora ſua Alteza?

Sir. Sim, dize.

Pim. Por muitos annos, e bons. (Agora farey as partes a meu amo) *à parte.* Eu, Senhora, ſou hum pobre Pimentaõ, que vim buſcar com o hortelaõ, comodo para trabalhar neſtas verduras; porque me mandou à fava hum amo, que tive que era hum Adolonimo dos meus peccados com perdaõ de voſſa Alteza.

Sir. Que dizes, quem era teu amo?

Pim. Hum Adolonimo, ou hum Ademonio.

Sir. Pois para onde foy, (ay de mim!) que dizem que ſe auſentára?

Pim. Supponho eu, que hiria buſcar alguma Princeza, que devia de perder; porque ſempre andava pelas caſas, como quem buſcava, dizendo: Ay minha Princeza, como hei de viver ſem ti!

Cad. Ahi temos novo atiçador. *à part.*

Orint. Oh quem ouvira dizer o meſmo de

Deme-

Demetrio! *à parte.*

Sir. E naõ lhe ſabes o nome?

Pim. Ella naõ tinha nome certo, porque humas vezes lhe chamava ſoberana, outras ingrata, outras cruel, e quantos exdruxulos lhe parecia. (Parece que vay pegando o viſco.) *à parte.*

Sir. E queria-lhe muito?

Pim. Uy, meſmo a arrebentar.

Sir. Sentia o naõ vella?

Pim. Iſſo como ſe nunca nos viſſemos.

Sir. Ay amado Adolonimo, que mal ſabes as penas, que me cuſtas! *à parte.*

Orint. Ay querido Demetrio, que ſó tu te prézas de ingrato!

Sir. Baſta, que chorava a ſua auſencia?

Pim. Sim, Senhora, chorava muito, e por ſinal ...

Sir. Por ſinal que?

Pim. Que chorava muito.

Sir. Tirame de huma duvida: naõ te parece o hortelaõ o ſeu proprio retrato?

Pim. Sim, Senhora, ſó o que tem de differença he o naõ ſe parecer bem com elle, que no mais he o meſmo cuſpido, e eſcarrado.

Sir. Pois em que ſe naõ parece?

Pim Em que o hortelaõ he mais eſpadaûdo, mais pernudo, mais orelhudo, e

mais

mais cabeçudo, pois tem huma condiçaõ de todos os diabos.

Cad. Naõ me parece elle ſenaõ melhor, que Adolonimo.

Pim. Tambem o hortelaõ he mais barbudo, e mais boquilongo; e ſe voſſa Alteza reparar nelle, quando falla, verá que naõ tem eſte dente queixal.

Sir. Elle em tudo me parece o meſmo.

Pim. Repare-lhe tambem no nariz, e verá que a venta eſquerda he muito mayor do que a outra.

Cad. Que forte mentira! *à parte.*

Sir. Eſtá bem: vay, que eu mandarey dizer ao hortelaõ que te trate bem.

Pim. Já levo que contar a meu amo. *à p.* Beijo naõ as mãos, nem os pés, nem ainda os dedos delles, ſenaõ a mais inferior unha do menor pé de voſſa Alteza. *Vaiſe.*

Orint. Divertido he eſte criado, que foy de Adolonimo.

Cad. O que importa, Senhora, he ſabermos, de que parecer ficas àcerca do deſpoſorio.

Sir. Naõ me falles em tal.

Cad. Pois, Senhora, ſe daqui a poucas horas ElRey te obriga, a que dês a maõ de eſpoſa, que has de fazer?

Sir. Eu te refpondo.

A R I A.

Para que me ferve a vida,
Se o viver he cruel morte?
Renderey à Parca forte
O doce alento vital.
Compellida, e obrigada
Perco a liberdade, e a vida:
De eftar morta quem duvida
Ser manifefto final? *Vaife.*

Orint. Ah cruel Demetrio, quanto amor me deves!

Cad. Temos, Senhora, fegunda exclamaçaõ?

Orint. Deixa-me, Cadeya, aliviar comtigo a minha pena.

Cad. Comigo? alivie-fe com quem lhe caufa effe tormento.

Orint. Na verdade fempre es boa peffa.

Cad. Sim, Senhora, porque lhe aturo as fuas buxas, e as da Senhora Sirene.

Orint. Cadeya, fó te quero encomendar, que naõ defcubras a minha Prima que amo a Demetrio.

Cad. Defcobrir a fenhora fua Prima? iffo naõ, que faz muito frio.

Orint. Como eftás louca, aos ares direy as minhas queixas.

Cad.

Cad. Faz bem, isto de areas só os ares as sabem ouvir.

A R I A.

Oaint. Até quando, dize ingrato,
Ha de durar teu rigor,
Desprezando hum firme amor
Taõ fino no idolatrar?
Para que causas a morte
A quem te offerece a vida,
Se a huma alma taõ rendida
Naõ se deve desprezar? *Vaise.*

Cad. Coitadinhas; huma quer casar com hum, e outra com outro, e na minha opiniaõ quer hum, quer outro naõ saõ despiciendos; porém o nosso Quinteiro naõ era máo para trabalhar na vinha do matrimonio.

Sahe Sapato.

Sap. Minha bella Cadeya, cujos fuzís petiscando na pederneira de meu coraçaõ tanto atea a isca da minha vontade, que chegando-lhe a mécha do meu dezejo, logo se acende a véla do meu amor, em cujos incendios me abrazo amante mariposo.

Cad. Senhor Sapato, naõ se ponha comigo nesses pontos, senaõ olhe, que do

couro lhe haõ de ſahir as correas.

Sap. Ay cruel Cadeya, que podendo ſer colar do meu peſcoço, es rigoroſo grilhaõ, que me atormentas!

Cad. E voſſa merce, Senhor Sapato, quando devia andar debaixo dos pés de todos, já ſe quer pôr comigo no bico dos pés?

Sap. Ay minha Cadeya, quem abrandára a tua dureza!

Cad. Ay meu Sapato, quem te curtira bem o couro!

Sap. Bem pudéras, Cadeya, ſer menos pezada.

Cad. Bem pudéras, Sapato, deitar outro roſto, que eſſe já eſtá muito velho.

Sap. Fica-te, Cadeya, já que es rigoroſa. *Vaiſe.*

Cad. Vaite, Sapato, já que es tacaõ.

A R I A.

Vaite, Sapato, para a padaria,
Chichello velho
Roto, e ſuado; vay deſeſtrado,
Pois naõ me ſerves para o meu pé.
Todo o Sapato, que goſto, e que gaſto,
Ha de ſer apertado que mata,
Com bico de pata
Ou ponta de prata, q̃ he moda tambem.

SCE-

SCENA III.

Sala de Palacio. Sahem Sirene, e Demetrio.

Dem. SUſpendey, Senhora, o rigoroſo deſdem; pois ſe me concede a ſórte alcançar taõ brevemente a ditoſa poſſe da voſſa maõ, bem podeis deixar já a tyrania, e attender mais amante a quem vos adora.

Sir. Que mal ſoaõ as finezas ditas por quem ſe aborrece! *à parte.*

Dem. Baſte já de rigor, querida Sirene.

Sir. Quem eſcutára de Adolonimo, o que ouço de Demetrio. *à parte.*

Sahe ElRey.

Rey. Vamos, Demetrio, vinde Sirene; que he já tempo, de que Hymeneo vos offereça coroas do mais feliz conſorcio.

Dem. Ditoſo ſerey, ſe tal gloria chego a poſſuir.

Sir. Infeliz ſerey, ſe primeiro naõ render a vida aos triſtes golpes da morte. *Vaõ-ſe.*

Sahe Adolonimo, e depois Pimentaõ maſcarados.

Adol. Vamos Pimentaõ?

Pim. Eſpera, Senhor, que eſtou cá ata-

cando

cando isto: ha tal pressa! *dentro*

Adol. Já todos vaõ entrando para a sala.

Pim. Pois quer sim, quer naõ, olhe que está boa. *dentro.* Estás com huma pressa, como se foras tu o noivo. *sahe.*

Adol. Saõ horas de entrarmos; que mais alegre vou pelas noticias, que me déste de Sirene.

Pim. Oh pois eu disso tive humas grandes alviçaras.

Adol. Naõ as perderás; e agora te quero advertir, que naõ has de passar da porta da sala Real; porque na presença do Rey estamos obrigados a tirar as mascaras, que estas só saõ concedidas no mesmo palacio na ausencia da Magestade.

Pim. Nisso naõ haverá duvida: mas pergunto: eu assim como sou convidado para o desposorio, sou tambem chamado para o banquete?

Adol. A isso naõ podemos nós assistir.

Pim. Pois entaõ vou-me desfardar; porque cuidava que vinha tirar o ventre de miseria; que ha tal, que apanhando-se em huma tolã destas, mete no bucho para quinze dias, se antes disso naõ estoura por alguma parte.

Adol. Que differentes cuidados te trazem a ti, do que a mim!

Pim.

Pim. Porém mais me admira, que com todos esses cuidados, e amores, te aches, Senhor, com paciencia para hires ver a tua dama casarse com outro: excellente eras para o officio de cordoeiro.

Adol. Em que era bom para esse officio?

Pim. Em que tu, e elles andaõ às avessas dos mais; que neste caso costumaõ outros hir para fóra da terra, e tu te queres meter mais pela terra dentro.

Adol. Desculpo o teu reparo, porque ignoras o meu intento.

Pim. Huma vez que he isso, fallemos em outra cousa. Ah Senhor, que taes figuras estamos nós depois de mascarados? Eu te affirmo que estás a cousa mais gentil-homem que póde ser.

Adol. Agradeço-te a lisonja; porém eu de ti affirmo, que provocas a riso.

Pim. E eu de ti te juro, que provocas a choro.

Adol. Porque?

Pim. Porque me cheiras a defunto: vê bem o que fazes. *Soaõ instrumentos.*

Adol. Mas já querem entrar: vamos que saõ horas. *Vaise.*

Pim. Eu vou já, que primeiro quero fazer hum ente de razaõ.

ARIA.

ARIA.

Faço hum ente de razaõ,
Pois he isto huma quiméra,
E se esta tem tres cabeças
Que he Leaõ, Cabra, e Dragaõ,
Todas tres vejo aqui estar.
Meu amo hum Leaõ parece,
Cabra parece Sirene,
Mas Estrato, que he Dragaõ,
A todos ha de tragar. *Vaise.*

SCENA IV.

Sala bem ornada, e na parte principal della estará sentado ElRey, à maõ direita Sirene, à esquerda Demetrio, e alguns mascarados com a cara descuberta; e cantando o Coro, apparecem à porta Adolonimo, e Pimentaõ.

Adol. AY Pimentaõ, que já vejo o adorado iman de meus sentidos.
Pim. Que te faça muito bom proveito.
Adol Cala-te, e observemos daqui o que se faz.
Rey. Para que se prosiga o festejo com mais gosto, dem Sirene, e Demetrio com as mãos a reciproca uniaõ das almas.

Adol.

Adol. Já ouço a ſentença da minha morte.

Pim. Cala-te, e obſervemos daqui o que ſe faz.

Dem. Com todas as potencias eſpero a poſſe de tanta gloria.

Sir. Que ha de ſer de mim em tanto aperto? *à parte.*

Dem. Aqui eſtá a minha maõ.

Sir. Ah cruel ſórte, em que afflicçaõ me chegaſte a pôr! *à parte.*

Tira o lenço, e chora.

Adol. Ay Pimentaõ, que ella a maõ lhe quer dar.

Pim. Pois eu, Senhor, que culpa tenho diſſo? Mas ella, o que faz he aſſoar, ou enxugar nos olhos o eſtilicidio, que o teu amor lhe tem derretido no peito.

Rey. Naõ ſeja, Sirene, baſtante o voſſo pejo a dilatar tanto o que ordeno.

Dem. Naõ me admira, Senhor, o chegar a ventura vagaroſa a quem a dezeja.

Sir. Oh Deoſes immortaes, como vos naõ compadeceis de mim? *à parte.*

Pim. Iſto vayme cheirando mais a tragedia, do que a boda. *à parte.*

Rey. Já a demora chega a ſer deſobediencia.

Sir. Eu, Senhor, já obedecendo.... (ah cruel deſgraça!) *à parte.*

Dizendo

Dizendo eſtas palavras Sirene, hindo para darlhe a maõ, em que tem o lenço, eſte lhe cahe, a tempo que Adolonimo ſahia a embaraçar a acçaõ; porém vendo cahir o lenço, o levanta.

Adol. Ay de mim! Porém o lenço .... *levanta-o.*

Dem. A mim me pertence ſó o levantallo: larga-o. *para elle.*

Pim. Ella eſtá travada; o lencinho ha de chegar aos narizes de alguns. *à parte.*

Sir. Ay, que certamente he Adolonimo! *à parte.* Por evitar competencias a ambos o tirarey eu. *tira-o.*

Dem. Com a vida pagarás o teu atrevimento. *pucha por hum punhal.*

Adol. Primeiro ſerá a tua deſpojo da minha ira.

Pucha por outro, e Sirene ſe mete no meyo de ambos

Rey. Prendaõ eſſe traidor. *prendem-no.*

Pim. Vamos abalando, antes que chegue por cá a agarratoria. *Vaiſe.*

Sold. Sigaõ eſſe maſcara, que ſe auſenta, que tambem veyo com o traidor.

Rey. Tirem a maſcara a eſſe atrevido.

Tiraõ a maſcara a Adolonimo.

Rey. He o traidor de Adolonimo.

Dem.

Dem. Morrerá.

Rey. Sufpendey, Demetrio, o valerofo impulfo; que quero que pague com huma publica morte feu manifefto atrevimento.

Sir. Ay querido Adolonimo, quem pudera valerte! *à parte.*

Rey. Dize, traidor inimigo, em que fundafte o teu atrevido arrojo?

Adol. De traidor me criminas, e de inimigo me accufas, quando em nada te offendi; porque o reftituir hum lenço ao nevado throno de donde tinha cahido, naõ he inimiga acçaõ, nem traidor atrevimento; o quererme defender com hum punhal de outro, que me pretendia tirar a vida, naõ he atrevido arrojo, pois he fó natural defeza.

Rey. Seja levado à torre de Palacio, donde fahirá a pagar com a vida a fua temeridade. (Boa occafiaõ tenho de me vingar de Adolonimo por fer oppofto comigo ao Reino.) *à parte.*

Adol. Ah Rey injufto, e cruel, os Deofes te caftiguem.

Rey. Demetrio, a tal ira me provocou o atrevimento defte traidor, que determino transferir para o feguinte dia o voffo defpoforio, em que efteja mais focegado do prefente defgofto. *Dem.*

Dem. Obſervo obediente o que ordenas.

Sir. Já eſta demora ſuaviza de algum modo a minha pena. *à parte.*

ARIA A 4.

Rey. Pagarás com a dura morte
Dem. De hum traidor juſto caſtigo.
Adol. Naõ obrey como inimigo
Em ſervir....
Rey e Dem. Suſpende a voz
Adol. À Sirene....
Sir. e Adol. Oh cruel dor!
Rey. Vayte, aparta-te de mim,
Rey e Dem. Antes que já furioſo
Meu impulſo } rigoroſo
Adol. e Sir. Cruel fado } rigoroſo
Rey e Dem. Execute o ſeu } rigor.
Adol. e Sir. Suſpende tanto } rigor.

Fim do primeiro acto.

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahirá Pimentaõ de entre humas ramas ainda mascarado.

Pim. AQui tenho estado escondido dos que me buscavaõ : agora que já naõ sinto nenhum dos aguazis, quero hir mudar a pelle, antes que ma curtaõ, e largar esta roupa, antes que me cheguem della ao couro. Mas ay, elles comigo; naõ; he o vento, que alli bolio naquella arvore: forte pavor tive! Ora vamos sahindo: mas ay desgraçado de mim, que medo que mamey : e era aquelle passaro, que vay voando, e me parecia huma tropa de Cavallaria. Ora deitemos o medo para traz, e vamos andando para diante, que ainda que ouça o que ouvir, já naõ hey de temer.

Sahem por detras dous Soldados, e pegaõ nelle.

Pim. Forte pé de vento me lançou a maõ.
Sold. 1. Está prezo.

Pim.

Pim. Valente melro cantou agora.

Quer hir andando.

Sold. 2. Voſſe naõ ouve, que ſe dê àprizaõ?

Pim. Voſſas merces perdoem, que cuidei que era algum pé de vento, inda que de todo me naõ enganey pela trovoada que eſpero.

Sold. 2. Ora ande, naõ ſeja tollo.

Pim. Pergunto eu: voſſas merces a quem querem prender?

Sold. 1. A voſſe, ſeja quem quer que for.

Pim. He boa graça, pois voſſas merces prendem ſem ſaber a quem? E ſe eu naõ for eu, e for outao, he juſto prender a outro por amor de mim?

Sold. 2. Havemos levar a quem acharmos com eſta maſcara.

Pim. Pois ella acaſo neſte Reino he fazenda de contrabando, para ſe prender a quem ſe achar com ella?

Sold. 1. Ande prezo, naõ nos dê razões.

Pim. Pois viſto ſer prezo contra minha vontade, haõ de me levar à força.

Deita-ſe no chaõ.

Sold. 2. Levemo-lo arraſtrando: mas elle peza como chumbo.

Pim. Inda agora voſſas merces ſabem que ſou homem de muito pezo?

Sold.

Sold. 1. Naõ vi pezar ſemelhante!

Pim. Pezem voſſas merces bem o que fazem, para que ao depois lhes naõ peze.

Sold. 2. Naõ he poſſivel levarmo-lo.

Pim. Senhores, eu pela parte materna ſou neto de Antheo, e aſſim eſtando na terra, ſou mais forte, que hum Hercules.

Sold. 2. Pois prendamo-lo a eſta arvore, em quanto chamamos mais quem nos ajude. *prendem-no.*

Pim. Prendaõme embora à arvore, que talvez colhaõ muito bom fruto diſſo.

Sold. 1. Prendamo-lo bem porque naõ fuja.

Pim. Ah Senhores, de manſo com eſſe arroxar; naõ apertem muito comigo, olhem que deſconfio.

Sold. 2. Deſconfie embora.

Pim. Quando naõ deſconfie, ſempre me deixaõ bem ençordoado.

Sold. 1. Vá em tanto comendo dous limõesſinhos deſſa arvore. *Vaiſe.*

Pim. E he verdade, que ainda agora eu reparo, que eſtou já no limoeiro, quando cuidava que apenas eſtava chegado ao tronco; mas o certo he, que me prenderaõ no tronco do limoeiro. Que bellas limas que tem! e he de admirar, que em hum limoeiro, onde ha prezos, ſe conſintaõ tantas limas; mas a deſgra-

ça

ça he, que havendo tantas, naõ posso eu limar estas prizões; e mais he para sentir, que esteja eu feito Tantalo olhando para ellas. Mas ay, que ahi vem outro algoz, se naõ me engano.

Sahe Sapato.

Sap. Que he isto? quem está aqui prezo?
Pim. Sou eu, inda que me naõ prenderaõ por ser eu, senaõ por ser eu, a quem acharaõ.
Sap. Pois porque o prenderaõ?
Pim. Porque como agora tudo saõ desposorios, tambem me querem casar à força com a Cadeya.
Sap. Pois com a Cadeya o querem casar? Oh desgraçado homem que sou?
Pim. Peyor he esta agora, o homem deve ser doudo. *à parte.*
Sap. E ella quer da sua parte?
Pim. A Cadeya por si está prompta, para receber quem quer que for.
Sap. Ah ingrata! E quem ordena isso?
Pim. ElRey Estrato.
Sap. Oh infeliz de mim! quem trocára comtigo a sua sorte.
Pim. Vou-lhe seguindo o humor, que isto deve de ser alguma tratada. *à parte.* Isso meu Senhor tem bom remedio; mude-

mos

mos os veſtidos, e os lugares, mudaremos a ſórte; que eu de nenhuma quero a de caſar com ella.

Sap. Dizes bem, vamos a iſſo; eu te ſolto. *ſolta-o.*

Pim. Anda de preſſa, antes que me venhaõ buſcando, e ao depois fique como hum tollo ſem ſe caſar.

Sap. Já eſtás ſolto.

Pim. Ora vamos para aqui, trocaremos os veſtidos. *occultaõ-ſe.*

Sap. Naõ poſſo aturar que caſe a gente à força.

Pim. Certamente he mal feito; mas ſaõ couſas que ſuccedem: dá cá a capa depreſſa; pois a rapariga dizem, que he huma manteiga.

Sap. Oh que he bella como huma flor.

Pim. Sabe voſſe o que nós parecemos? duas crianças.

Sap. Porque?

Pim. Porque voſſe vaiſe babando, e eu fico chuchando no dedo.

Sap. De contentamento me eſtá o coraçaõ téfe, téfe.

Pim. Viſta iſſo depreſſa: o certo he que voſſé hoje, meu amigo, hade-ſe fazer como humas paſcoas. Ah caõſinho! Vamos andando, que póde vir alguem.

Sahem para fóra com os veſtidos trocados, e ata Pimentaõ a Sapato.

Sap. Tomára eu já hir diante delRey: atame depreſſa.

Pim. Ah perro, que eſtás já pulando por te veres neſſas limpezas!

Sap. Naõ apertes tanto.

Pim. Ora calle-ſe, que para iſſo ſe ha de regalar hoje muito bem regalado.

Sap. Olha que me feres as mãos.

Pim. Pois voſſe queria levar iſto às mãos lavadas.

Sap. Iſſo he aſneira: ay, ay.

Pim. Ahi eſtá; fique-ſe embora, e logreſe por muitos annos com eſſa minha Senhora.

Sap. Sempre obrigado por eſte favor.

Pim. Oh meu amigo, tomara eu preſtar para mais. De boa eſcapei! *à parte.*

Vaiſe por huma parte Pimentaõ, e ſahem por outra tres Soldados.

Sap. Mas eylos lá vem já buſcarme: oh quanto folgo ter eſta fortuna!

Sold. 1. Agora veremos ſe ha de vir ou naõ. *deſataõ-no, e daõ-lhe.*

Sap. De vagar, de vagar, que eu já quero hir por minha vontade.

Sold.

Sold. 2. Já quer hir por bem? pois ha de amargar o que nos fez. *daõ-lhe.*

Sap. Ah Senhores, voſſas merces queremme caſcar, ou querem-me caſar?

Sold. 1. Ande magano, verá o que lhe ſuccede. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Sirene, e Orintia.

Sir. AY de mim! Para onde encaminho os paſſos, ſe a cada paſſo para a morte caminho?

Orint. Naõ te entregues, Prima, tanto ao ſentimento.

Sir. Como naõ hey de ſentir, ſe conſidero a Adolonimo prezo, e eu em liberdade?

Orint. Infeliz eu, que perdi a minha por hum ingrato. *à parte.*

Sir. Oh, quando acabareis deſgraças de affligirme! *à parte.*

ARIA.

Aveſinha ſolitaria
Saudoſa, amante, e triſte
Sou nos eccos, que repite
De continuo a ſuſpirar.
E no canto, em que procura
Dar alivio ao ſeu tormento,
Mais creſce o rigor violento,
Mais ſe aumenta o ſeu penar. *Vaiſe.*

Orint. Oh como he diverſo o meu ſentimento do de Sirene; pois ama a quem por ella offerece a vida, e eu morro por quem me aborrece! *Vaiſe.*

Sap. De vagar, Senhores, com eſſes empuxões. *dentro.*

Sold. Anda para diante. *dentro.*

Sap. Ah Senhores, voſſas merces levaõ-me a caſar a baraço, e pregaõ? *dentro.*

Sahem de huma parte ElRey, e Demetrio, e de outra Sapato, e os tres Soldados.

Rey. Que vozes ſaõ eſtas?

Dem. He, Senhor, o criado de Adolonimo.

Sap. Deixem-me, que já quero caſar.

Rey. Tirem-lhe a maſcara.

Tiraõ-lhe a maſcara.

Sap. Aqui eſtou já prompto para caſar com quem Voſſa Mageſtade quizer.

Dem. Eſte he o meu criado!

Rey. Dize-me, porque cauſa acompanhaſte maſcarado a Adolonimo?

Sap. Eu, Senhor, naõ conheço nenhum Bolonio.

Rey. Pois como o acompanhaſte deſſa ſórte?

Sap. Senhor, iſſo ſupponho que naõ he do caſo; o que importa he caſar eu, que já eſtou querendo.

Rey. Que louco he eſte?

Sap. Naõ ſe conſuma Voſſa Mageſtade que eu já quero caſar.

Rey. Levem-no prezo, até ſe averiguar a verdade.

Sap. Para que me haõ de prender, ſe eu já quero caſar com a Cadeya?

Dem. Senhor, eſte homem he meu criado, e além da ſua ſimples ignorancia, naõ he crivel, que acompanhaſſe a Adolonimo, pois nem o conhece.

Sap. Se eſſe Bolonio, que voſſas merces nomeaõ, he alguem, que me poem embargos ao caſamento, he falſo, que eu naõ devo nada a ninguem.

Dem. Calate louco.

Sap. Pois já naõ querem que caze? Saude.

Rey. Vamos, Demetrio, e viſto ſer voſſo criado, fique livre. *Vaiſe.*

Dem. Obedeço, Senhor, obrigado a tantas honras. *Vaiſe.*

Sap. Que hiſtoria ſerá eſta deſte Bolonio?

Sold. 1. Meu camarada, bem bolonio he voſſe. *Vaiſe.*

Sold. 2. Voſſe parece, que he muy camello. *Vaiſe.*

Sold. 3. Meu amigo voſſe tem muita carne no cachaço. *Vaiſe.*

Sap. Que injurias ſaõ eſtas que ouço! O certo

certo he, que aquelle magano devia de me enganar; pois ſe os que prendem para caſar, quando ſahem ſem capa, ſahem com mulher; eu fuy taõ logrado, que fiquei ſem mulher, e ſem capa. *Vaiſe.*

SCENA III.

Torre. Apparece Adolonimo na prizaõ.

Adol. AY de mim infeliz! ay deſgraçado, que a tal fim me chegou o infauſto da minha ſórte, que ſó me reſta o deſeſperado fim da minha vida!

Sahe de outra parte Sirene, ſem ſer viſta de Adolonimo.

Sir. Com a chave falſa, que tenho deſta torre, entro a ver o meu querido Adolonimo, e aqui occulta ouvirei o que diz. *occulta-ſe.*

Adol. Que pouco ſentiria o trocarſe o ditoſo eſplendor de minha nobreza pelos duros ferros deſta prizaõ, ſe ao menos me conſtaſſe, que Sirene ſe compadecia de meus infortunios, e que recuſando o conſorcio de Demetrio, correſpondia ao fino do meu amor! Porém como ha

de

de aſſim ſer, quando a conſidero conſtrangida por hum tyranno Pay, que achando opportuna occaſiaõ à ſua vingança, pretende com a minha morte ſaciar o cruel odio, que me tem? Porém naõ ha de ſer aſſim, porque primeiro ſerá ſeu verdugo a minha deſeſperaçaõ.

Tira hum punhal.

que he bem perca a doce vida quem perdeo a belleza de Sirene. Morre infeliz Adolonimo, pois naſceſte ſó para deſgraças: rende o ultimo alento ao rigor deſte punhal, já que nem hum ſó alento te concede a eſperança nos rigores de tantas penas.

Quer ferirſe, acode Sirene, e lhe ſegura o braço.

RECITADO A DUO.

Sir. Suſpende, amado bem o fero arrojo;
Naõ ſejas de duas vidas cruel deſpojo.
Adol. Deixa, bella deidade, deixa, deixa
Pôr fim com minha morte a tanta queixa.
Sir. Attende, a que em tanto deſatino
No ſoffrer ſe requinta o amor mais fino.
Adol. Já demito da morte o inſtrumento,
Pois me dá nova vida o teu alento.

lança fóra o punhal.

ARIA

ARIA.

Adol. Pois me ampara huma deidade,
Já naõ temo a ſorte dura.
Sir. Confia ⎫
Adol. Confiando ⎭ em que a ventura
Ambos Nem ſempre cruel ſerá.
Adol. Se hoje alcanço o teu amparo,
Sirene adorada, e bella,
Naõ temo ⎫
Sir. Naõ temas ⎭ a infauſta eſtrella
Ambos Que nem ſempre he firme o mal.

Adol. Ainda duvido (adorado ſimulacro do meu amor) que mereci no mais propinquo inſtante da minha morte alcançar o mayor amparo da minha vida; e quaſi naõ creyo, que chego a gozar tanto bem, quando me conſiderava na mayor afflicçaõ do meu mal.

Sir. Naõ me ſerá preciſo, querido Adolonimo, manifeſtarte, o quanto te quero; pois o preſente effeito da minha fineza dá cabal moſtra do meu amor; e delle obrigada entrey a verte neſta torre, quando admirey a impaciente temeridade, que intentava teu afflicto peito; e aſſim te peço (ſe alguma couſa te mereço) pelo que te adoro, ſuavizes com a eſperança de melhor ſorte o cruel tor-

mento

mento da tua desgraça; porque o infortunio às vezes se cança de perseguir, e tambem no mal he inconstante a fortuna.

Adol. Naõ he a prizaõ que padeço, nem a morte que espero, a mayor pena que sinto; só o que me atormenta he o ver, que outrem te ha de gozar, quando eu te perco. Ay adorado bem da minha alma, que só esta consideraçaõ he o mayor algoz da minha vida.

Sir. Vive seguro, que ou hei de ser tua, ou de outro naõ hei de ser; para o que procurarey melhor occasiaõ de te dar liberdade: ficate embora, que receio, que me procurem.

Adol. Attende, espera, que essas palavras foraõ o mais poderoso contraveneno de meu mal; e se se manda repetir o remedio, que causa conhecida melhora em qualquer corporea enfermidade, he justo o mesmo faças a essas palavras, que tanto suavisaraõ a esta alma enferma de amor.

Sir. Digo, que pódes ter a certeza, que antes perderey a vida, que deixar de ser tua: os Deoses te guardem. *quer irse.*

SONETO.

Adol. Espera, espera mais, Sirene amada,
Communica-me hum pouco esta ventura;
Porque

Porque perde o valor de ser segura
A dita, que fugio, quando chegada.

Sir. Permitte, que me ausente violentada;
Pois neste apartamento amor procura,
Que antes sinta a saudade a pena dura,
Do que fique a esperança mal lograda.

Adol. Vaite pois, segue embora esse cõceito,
Que posto queira a sorte hoje ausentarte,
Sempre ficas comigo no meu peito.

Sir. Ficate, amor, que ainda que aparte
A esperança com taõ tyranno effeito,
Comigo dentro n'alma hei de levarte.

Vaise.

A R I A.

Adol. Alviçaras, amor,
Minha dita hoje decanta;
E se minha gloria he tanta,
Alviçaras me dá.
Larga as settas, toma a tuba,
Publîca tanta victoria
Pois timbre da tua gloria
Esta victoria será. *Vaise.*

S C E N A IV.

Jardim. Sahe Pimentaõ com o vestido da primeira Scena, e com huns alforges.

Pim. COmo meu amo falta desde hontem no jardim, antes que se saiba

ba com a falta delle que era eu, o que fiz, e aconteci, vou-me efcapando daqui, antes que venha alguem por cá; pois já que me livrey de huma, bom ferá naõ me meter n'outra. Aqui levo de caminho o fato daquelle bom homem, que taõ folto andava por fe receber, que fe quiz cafar com hum tronco; ainda que me naõ admira, pois lá houve hum que quiz cafar com huma arvore, outro com huma eftatua de pedra, outro com huma pintura &c. que ifto naõ he para mim que fou hum afno.

Sahe Cadeya.

Cad. Voffe o diz, que eu naõ o nego.

Pim. He porque voffa merce me traz por hum cabrefto; ainda que quando a vejo, me parece que ando bem defencabreftado.

Cad. Voffe naõ fervio a Adolonimo?

Pim. E tambem fe voffa merce fe quizer fervir de mim, a fervirey como puder.

Cad. Pois va-fe antes que o achem, e o prendaõ.

Pim. Naõ me acharáõ facilmente, porque eftou muy perdido.

Cad. Eftá perdido?

Pim. Sim, no labyrintho deffes olhos.

Cad.

Cad. Va-ſe, que naõ o entendo, ſenaõ eu me hirei.

Pim. Ouça primeiro huma hiſtoria neſte

SONETO.

Era huma vez hum dia; ſim, bem digo:
Era hum dia huma vez; vai ſenaõ quando
Hia hum moço bizarro caminhando
A buſcar n'uma caſa a hum ſeu amigo:
Olhe, menina, às vezes hum perigo
Se levanta dos pés, naõ ſe cuidando;
Mas ay que vaõ-ſe as quadras acabando!
Agora nos tercetos eu proſigo.
Hia elle direito como hum eſpeto
Que eſta moda, Senhora, já ſe uſava
De andar hum homem feito hum eſqueleto:
Ora ha caſo como eſte! he couſa brava!
Que já agora no reſto do Soneto
Naõ me cabe a hiſtoria que contava.

Cad. Iſſo he o meſmo que tudo nada entre dous pratos; deixe-me hir embora, que o naõ poſſo ouvir.

Pim. Ora ouçame mais duzentos, ou trezentos ſonetos.

ARIA.

Cad. Cale-ſe tolo, tolinho.
Pim. Oh meu bemzinho.
Cad. Oh meu aſninho,

Pim.

Pim. Denguinho,
Cad. Burrinho,
Ambos. Naõ digas tal.
Cad. Va-ſe embora aſneiraõ.
Pim. Meu coraçaõ.
Cad. Meu toleiraõ.
Pim. Minha affeiçaõ.
Cad. Basbaqueiraõ.
Pim. Baſte ora } já.
Cad. Cale-ſe } já.

Sahe Sapato.

Sap. Bom! bonito! Iſſo eſtá lindo, meus Senhores! Eſſas galhofinhas naõ ſaõ más! nem eſſes ſaltinhos minha menina!

Cad. Pois por ventura, Senhor Sapato, eſtes ſaltos ſaõ da ſua conta?

Pim. Ay que eſtou perdido, que he o caſador mór do Reyno! Mas talvez que me naõ conheça. *à parte.*

Sap. Voſſa merce, Senhora Cadeya, tem muita ſoltura.

Cad. Voſſa merce, Senhor Sapato, ha de miſter huns cordeis.

Sap. Quem he eſſe ſujeito, que tambem bailava por concomitancia?

Pim. Eylo comigo. *à parte.*

Cad. He ſujeito de melhores predicados, que voſſe.

Sap.

Sap. Naõ a quizera eu no reſponder taõ logica.

Cad. Naõ o tomara eu no inquirir taõ juridico.

Sap. Mas ay! Elle he! Oh meu cavalheiro? *para Pim.* He o meſmo! *àpart.*

Pim. Falla comigo?

Sap. He o meſmo! Oh magano que me enganou.

Pim. Com quem falla eſte Senhor? *para Cadeya.*

Cad. Eu ſey que ſalvage he eſſe.

Sap. Naõ disfarce, velhaco, que me ha de pagar o que me fez.

Pim. Voſſa merce eſtá em ſeu juizo, meu coraçaõ?

Sap. Ainda nega, que foy o que me prendeo, dizendo, que o queriaõ caſar com eſſa menina?

Cad. Ay que graça!

Pim. Já ſey que eſtá enganado. A's ſuas ordens meu Senhor. *faz que ſe vai.*

Sap. Tenha maõ, que ha de vir diante del-Rey. *pega nelle.*

Cad. Antes que ſucceda alguma, vou-me embora. *Vaiſe.*

Pim. Voſſa merce devia jantar hoje bem. Pois vá cozello com quem quizer.

Sap. Cuida que me naõ ha de pagar as injurias,

jurias, que me fez ſoffrer?

Pim. Sim pagarei; quanto quer por ellas?

Sap. Voſſe lograme? Ande comigo.

Pim. Largue a maõ, ſenaõ levará nos narizes.

Sap. Oh atrevido.

Pim. Pois já que naõ larga, tome. *dalhe.*

Sap. Ah que delRey, ah que delRey.

Pim. Cale-ſe, cale-ſe, que eu eſtava zombando.

Sap. Ah que delRey.

Sahem ElRey, e Demetrio.

Rey. Quem dá aqui vozes?

Pim. Lá vay Pimentaõ deſta vez. *à part.*

Sap. Eſte he o magano, que me enganou com o caſamento.

Dem. Eſte he o criado de Adolonimo, que eu bem o conheço.

Pim. Eu Senhor?

Dem. Sim, tu es.

Pim. Sim tu es? Pois entaõ eſtá feito.

Rey. Dize-me, a que entraſte maſcarado com teu amo?

Pim. Entraſte maſcarado? Nunca taes traſtes tive.

Rey. Oh da guarda, levem eſte criado de Adolonimo para a prizaõ, para que tambem o acompanhe na morte. *Vaiſe.*

Sahem

Sahem Soldados.

Sap. Já vou ſatisfeito, e vingado. *Vaiſe.*

Pim. O tal Sapato deu comigo à ſola. *à parte.*

Sold. 1. Vamos andando.

Dem. Levem-no já dahi, que na forca confeſſará quem he ſeu amo.

Pim. Na forca quem he ſeu amo? Pois entaõ ſou ſeu criado. *fazendo corteſias.*

Sold. 2. Ande depreſſa.

Pim. Ah Senhores, eſcuzem de me meter as mãos nos alforjes.

Sold. 1. Que diz? Voſſe ſabe com quem falla?

Pim. Sim Senhores, eu ſupponho que voſſas merces ſaõ como aquelles excellentes agarradores, que agarraõ naõ ſó aos prezos, mas tambem as alfayas, que elles trazem comſigo. *Vaiſe com os Soldados.*

Dem. Oh quanto ſe demora huma ventura, quando he appetecida! pois pelo deſgoſto que cauſou a ElRey o traidor atrevimento de Adolonimo, ſe tem dilatado a gloria que já podia ter poſſuido; e aſſim me parece que ſou....

ARIA.

ARIA.

Navegante, que aviſtando
Ao porto appetecido,
De tormenta combatido,
Perde a terra deſejada.
Rigoroſa tempeſtade
Me aſſaltou de huma desdita,
Dilatando-me huma dita,
Que podia ter lograda.

Sahe Orintia.

Orint. Já vejo a Demetrio: Ah ingrato, quanto mal pagas o que te quero! *à p.*
Dem. Mas Orintia dias ha que dá a entender que me ama; porém fingirey que naõ a entendo, pois perco o Reino de Sydonia, ſe perco a Sirene. *à part.*
Orint. Penſativo eſtas Demetrio? já no cuidadoſo pareces caſado, quando na realidade ainda o naõ es.
Dem. Sempre deve eſtar triſte, quem ſe vê mal aceito.
Orint. Naõ he porque deixe de haver quem deveras te ame.
Dem. Bem entendo, que por ſi o diz; mas importa disfarçar. *à parte.* Naõ me conſidero taõ venturoſo. *para Orintia.*
Orint. Se deixares de amar a Sirene, mui-

to brevemente me parece que o verás.

Dem. Auſentando-me atalharei que ſe declare mais. *à parte.* Vem taõ tarde eſſe conſelho, que já naõ o poſſo aceitar: concedeime, Senhora, licença que El-Rey me eſpera. *para Orintia.* *Vaiſe.*

Orint. Vaite, ingrato; amor me vingue de ti, já que pelo limitado intereſſe de hum Reino deſprezas o grande Imperio de amor. Naõ te fora melhor reinar em hum coraçaõ rendido, que aſpirares ao dominio de hum peito, que te reſiſte?

A R I A.

Demetrio ingrato, e querido,
Se ao reinar deſejoſo
Te moves ambicioſo,
Em meu peito reinarás.
Amor o ſeu vaſto Imperio
Das potencias te offerece,
Com os theſouros te enriquece
Dos affectos em te amar. *Vaiſe.*

S C E N A V.

Torre. Sahe Adolonimo.

Adol. OH penoſo tormento! oh rigoroſa pena! quando acabareis

de

de affligirme? Porém já fei que brevemente tereis fim, pois por inftantes efpero a morte, e fó nifto vos confidero mais fuaves, porque nas penas fe encontra o alivio, na certeza de ferem as ultimas, e no mal fe acha o bem da efperança de durar pouco.

Sahe de outra parte Sirene.

Sir. Para ver fe poffo pôr em liberdade a Adolonimo (fe he que póde dar liberdade a outrem quem perdeo a propria) venho fegunda vez a efta Torre. Oh permitta Jupiter, que configa meu amante intento. *à parte.*

Adol. Ah Eftrato, que tu es o extracto de toda a tyrannia!

Sir. Livrando-o defta prizaõ, poffo ter mais efperança de fer fua. *à parte.*

Adol. Adorada Sirene, o mais refplandecente aftro do Ceo da formofura, como a fol vos fefteja a minha alegria; quando com a voffa vifta defterrais as fombras da minha trifteza.

Entra ElRey recatando-fe, e Sirene o vê, e naõ Adolonimo.

Rey. Seguindo a Sirene aqui occulto ouvirey a que fim entrou nefta Torre;

 que

que ſe for traidora ao ſangue, que lhe communiquey, com hum punhal lho hey de tirar das veyas! Ah ingrata filha! *retiraſe.*

Sir. Ay de mim infeliz, que ſe naõ me engano, a meu pay vi alli occultar: agora ſe conjurou toda a deſgraça contra mim. *à parte.*

Adol. Abſorto eſtou, Senhora, do voſſo ſilencio.

Sir. Naõ póde chegar a mais a minha deſdita, nem eu podia eſperar menos da minha fortuna. *à parte.*

Adol. Muito triſte eſtá Sirene! que ſerá! *à parte.*

Sir. Naõ ſey que hey de fazer: valeime Deoſes em tanto rigor. *à part.*

Adol. Se vindes, Senhora, darme a noticia da minha morte, naõ duvideis ler a ſentença; porque já nenhum mal me aſſuſta o coraçaõ.

Sir. Porém ſe me der lugar a perturbaçaõ, fingirey deſte modo. *à parte.* Bem ſey, atrevido Adolonimo, tereis por novidade o veres-me neſte lugar; porém aſſim o permitte a minha ira, e a voſſa ouſadia. *para Adolonimo* (Oh quem pudera avizallo que disfarçaſſe.) *à parte.*

Adol. Que he iſto! valhaõ-me os benig-

nos

nos Deoſes. Ou me tem louco a pena, ou apenas eſtou em mim. *à parte.*

Sir. E aſſim vos quero perguntar, com que intento ſahiſtes a embaraçar o deſejado deſpoſorio, que ditoſamente contrahia com Demetrio. Oh que mal poſſo pronunciar eſtas palavras! *à parte.*

Adol. Como naõ eſtálas coraçaõ dentro deſte deſgraçado peito! *à parte.*

Sir. Oh piedoſo Jupiter, remedea compaſſivo o perigo, em que eſtou. *à parte.*

Adol. Ah mudavel, ah falſa! Eſta he a liberdade que me prometteſte dar? *à part.* Tirana deidade, ſe.... *para Sirene.*

Sir. Nem repoſta vos quero ouvir, porque baſta para ſatisfazerme a vingança, que hey de conſeguir com a voſſa morte.

Adol. Impia he a voſſa cruel ſentença, pois nem me permittis o reſponder, por temeres vos convença a minha juſtiça.

Sir. Ay Adolonimo ſe conheceſſes o meu interior! *à parte.*

Adol. Naõ he eſte meſmo o lugar onde ouvi que....

Sir. Naõ proſigais, que mais me offendem as deſculpas que pretendeis allegar.

Adol. Oh penas, poderá chegar a mais o voſſo effeito? *à parte.*

Sir. Oh rigores, poderá haver em vós

mais

mais tyrannia? *à parte.*

Adol. Como naõ tem já fim esta vida, que tanto aborreço?

Sir. Valeime Deoses, que naõ póde o coraçaõ dissimular tanta magoa. *à parte.*

Rey. Como já sey o fim, a que veyo Sirene, quero entrar outra vez claramente, porque naõ presuma a minha desconfiança. *à part. e vaise.*

Adol. Senhora, em que vos offendi? Se o excesso de adorarvos.....

Sir. Suspende o aleivoso ecco. (Ay de mim que se declara!) *à parte.*

Adol. Permittime ao menos o queixarme de taõ.....

Sir. Emmudece.

Adol. Repentina mudança!

Sir. Naõ prosiga mais o vosso atrevimento.

Estrondo na porta da Torre, e entra ElRey.

Adol. Mas quem será o que entra? Porém ElRey.....

Sir. Como he possivel, (ay de mim!) que meu Pay entre agora, quando eu cuidava, que me estava ouvindo. *à parte.*

Rey. Como assim vos vejo, Sirene, nesta torre, quando a ella me conduz o saber se estaõ seguras as prisões de Adolonimo?

Sir. Senhor, com a chave, que tu naõ

ignoras

ignoras tenho defta torre, entrey a eftranhar a effe fementido o feu atrevimento, e affim aos teus pés, fe nifto errey..... *ajoelha.*

Rey. Levantai-vos, e ainda que vos naõ louvo a acçaõ, vo-la perdo-o. Até averiguar com cautella, fe he affim. *à part.*

Adol. Como tardas, oh Rey, em me defpojar defte alento que refpiro?

ARIA A 3.

Rey. Vaite oh Barbaro infolente.
Sir. Aparta-te de mim.
Adol. Se offender naõ foy meu fim,
Em que te offendi } traidor.
Rey. e Sir. Pois te conheci }
Rey. Em iras refpira o peito.
Sir. Mal me animo. *à parte.*
Adol. Mal me alento. *à parte.*
Naõ foy traidor meu } intento
Rey. e Sir. Mas ao teu traidor }
Adol. Para haver tanto } rigor.
Rey. e Sir. Correfponda o meu }
Vaõ-fe.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Sala. Sahem ElRey, e Cadeya.

Rey. AQui pretendo averiguar a ſuſpeita, que me ficou de encontrar na torre a Sirene; e ſe me certificar do que preſumo, ha de desfazer com o ſangue a mancha do ſeu deſcredito. *à parte.*

Cad. ElRey trazerme para aqui ſó comſigo, que ſerá? Eu huma moça dozella, e elle hum homem viuvo, iſtò he alguma couſa. *à parte.*

Rey. Deſta criada hey de ſaber ſe quer bem a Adolonimo. *à parte.*

Cad. Ay que elle olha muito para mim! certos ſaõ os touros; pois ſe elle deſſe em me querer bem, e me fizeſſe Rainha, eu me vingaria de certas peſſoas que ſey. *à parte.*

Rey. Quero primeiro levalla por bem; e o que naõ puder com agrados, conſeguirey com rigores. *à parte.*

Cad. Elle tem pejo de me fallar, pois eu tambem

tambem me hey de fazer muito de manto de ſeda. *à parte.*

Rey. Vem cá minha Cadeya.

Cad. Que me quer Voſſa Mageſtade? [Ay he o que eu digo.] *à parte.*

Rey. Bem ſey terás por novidade o chamarte aqui.

Cad. De contentamento me eſtaõ tremendo as pernas. *à parte.*

Rey. Porém a ira, e o amor tudo deſculpa.

Cad. Ay que ahi ſe declarou, que me tem amor: oh que ditoſa que ſou. *à parte.*

Rey. Tu bem ſabes que ſou Rey de Sydonia.

Cad. Bem ſey que Voſſa Mageſtade póde fazer Rainha a quem quizer.

Rey. E que poſſo gratificar todo o affecto de quem me fizer o goſto.

Cad. Sim, mas Voſſa Mageſtade bem ſabe que ſou huma moça donzella.

Rey. E aſſim de ti eſpero, que me has de aqui deſcubrir o teu peito.

Cad. Ay Senhor, deſcubrir o peito aſſim ſem mais, nem mais?

Rey. E ſe o fizeres, como pretendo, eſpera de mim todo o premio, que podes appetecer.

Cad. Naõ ſey ſe ſerá bom pedirlhe eſcrito de caſamento? *à parte.*

Rey. Ah ingrata filha! *à parte.*

Cad.

Cad. Desta vez fico Rainha, e minha ama feita minha enteada. *à parte.*

Rey. E assim supponho sabes o que pretendo, em querer me descubras o teu peito?

Cad. Se Vossa Magestade me quizesse fazer hum escrito já se sabe.....

Rey. A minha palavra he a propria escritura.

Cad. Sim Senhor, mas o prometter he mais facil, que o pagar.

Rey. Pois presumes que eu poderey faltar ao que prometto?

Cad. Naõ Senhor, mas como ha morrer, e viver.....

Rey. Fia de mim toda a segurança.

Cad. Olhe, a fallar a verdade, Vossa Magestade sempre necessitava de quem lhe governasse a sua casa, mas a Senhora Sirene naõ ha de gostar, em sabendo que que eu cá.....

Rey. Naõ receyes a Sirene, pois te basta o teresme da tua parte.

Cad. Ora ahi vay, e veja lá ao depois....

Rey. Nada temas.

Cad. Isto saõ mãos perdidas. *à parte.* Ahi lhe faço já o gosto, ahi lhe descubro o peito.

Ao dizer as seguintes palavras descobre o peito, e torna a cubrillo.

Cad. Ora eis-ahi, eis-ahi, ora pois, vio já?

Como

Como he maganaõ! *melindrosa.*

Rey. Que louca he esta? Pois naõ presumas com esses nescios disfarces, que deixarás de pagar com a vida, se me naõ descubrires, se Sirene ama a Adolonimo.

Cad. Que he isto! oh desgraçada de mim! *à parte.*

Rey. Preparate, ou para morrer, ou para confessar.

Cad. Oh quem se pudera sepultar debaixo do chaõ. *à parte.*

Sahe Demetrio.

Cad. Vio-se alguem em mayor aperto? *à p.*

Rey. A que má occasiaõ vem Demetrio! Porém importa disfarçar, para que naõ presuma o que intento saber de Sirene. *à parte.*

Dem. Senhor, Vossa Magestade taõ suspenso?

Cad. Boa occasiaõ tenho de escapar daqui. *à part. e vaise.*

Rey. Em que cuido, Demetrio, he, que esse traidor em todos os modos seja hoje vil despojo de hum cutello.

Dem. Como o ordenaste, hoje ha de morrer com o criado.

Rey. Pois vamos, que hoje será tua Sirene. *Vaise.*

Dem.

Dem. Oh permitta amor, que veja o fim a tanta eſperança.

A R I A.

Louca eſperança minha
Da poſſe, que naõ ſe alcança,
Creyo, que es louca eſperança,
Pois louco eſtou de eſperar.
Quando ha de chegar a poſſe
Deſſe peregrino encanto?
Mas como o dezejo tanto,
Muito tarde ha de chegar. *Vaiſe.*

S C E N A II.

Torre. Sahe Adolonimo, e depois Pimentaõ.

Adol. AH ingrata Sirene, que mais ſinto a tua falſidade, do que a morte, que por inſtantes eſpero! Em que te offendi, tyranna, para taõ repentinamente fazeres tal mudança? Eſtas ſaõ as firmezas, que me prometteſte? Eſta a conſtancia, que me juraſte?

Pim. Ay, que me mataõ ſem remiſſaõ! Ay, que me enforcaõ ſem appellaçaõ, nem aggravo! *gritando.*

Adol. Suſpende, Pimentaõ, as queixas, que naõ he valor temer a morte.

Pim.

Pim. Eu se estranho o morrer, he por ser a primeira vez, que tal me succede.

Adol. Oh quem antes mil vezes morrera, que experimentar a falsidade de Sirene!

Pim. Ah tal sirenear! Eu, Senhor, te confesso, sem ceremonia, que já naõ posso ouvir a serenata, com que sempre taõ sereno, me estás serenicando o cerebro.

Adol. Oh quem já com o fim da vida pozera limite a tantas penas!

Pim. Deixemos isso, e dize-me em tua consciencia (se he que a tens, pois me chegaste a estes termos) eu tenho já cara de enforcado?

Adol. Bem sey, que tens razaõ de te queixares de mim; porém perdoa-me.

Pim. He muito boa consolaçaõ essa; mas eu te prometto, que já agora sim morrerey por esta vez, mas affirmo-te, que naõ hey de servir mais a ninguem.

Adol. A compaixaõ me move a tua desgraça.

Pim. Se dessa compaixaõ mais cedo te tiveras movido, naõ seria eu agora infeliz aborto do parto da tua temeridade.

Adol. Ah cruel Princeza! ah tyranna!

Pim. Tornamos à vaca fria da Princeza?

Adol. Oh quanto me parecia serem os peitos

tos nobres izentos dc enganos!

Pim. Senhor, deixa-te diſſo, e dize-me ſe iſto dc ſer enforcado he couſa que doa muito?

Adol. He morte, além de violenta, penoſa.

Pim. Ay meu rico peſcoço do meu coraçaõ, que te has de hoje ver em taõ grande aperto!

Adol. Pena me cauſa o ouvillo! *à parte.*

Pim. Ah Senhor, dizem que huma couſa tem de boa os enforcados, e he que tanto q e lhe apertaõ o gaſnate, nunca mais gaſtaõ em comer, nem beber.

Adol. Louco te faz a imaginaçaõ da morte.

Pim. Naõ vês, Senhor, que diz Ariſtoteles, que *imaginatio facit caſum.*

Adol. Tens razaõ.

Pim. E me parece, que eſtou já enforcado *per intellectum.*

Adol. Ay, Sirene mudavel! ay inconſtante Sirene!

Pim. E o peyor he, que logo o havemos ſer *à parte rei.*

Adol. Que dizes?

Pim. Que logo havemos ſer enforcados da parte delRey.

Adol. Tomara eu já que eſte fora o ultimo inſtante da minha vida.

Pim.

Pim. Olha Senhor, que he morte além de violenta, penoſa.

Adol. A morte ſempre he tormento,
Sendo breve, he menos mal,
Mas he pena ſem igual
O morrer a fogo lento:
He eſte modo violento,
E he morte mais rigoroſa:
De ſeu fim tarde ſe goza,
Sendo no muito que atura,
Por dilatada, mais dura,
Por continua, mais penoſa.

Pim. Adverte, Senhor Adolonimo, que eſtas caſas ſaõ izentas de Decimas; mas viſto ſeres tu taõ grandioſo, eu tambem quero pagar a que me toca, por deſcargo de minha conſciencia.

He poſſivel, que louvar
Se uſe o morrer deſta ſorte!
Pois eu ſemelhante morte
Já mais a pude tragar:
Morrer hum homem no ar,
Qual de dependura hum cacho,
Nenhuma graça lhe eu acho;
Nem póde, por vida minha,
Paſſarme a tal mortezinha
Da garganta para baxo.

Adol.

Adol. Oh morte, como naõ voas para este infeliz, se sabes que das minhas penas podes fabricar duplicadas azas!

Pìm. Oh morte máos rayos te partaõ, pois partes como hum rayo contra mim.

A R I A.

Adol. Desesperado, confuso,
Louco, e enfurecido
Busco cego, e já perdido
Qual remedio aò mesmo mal:
Aborreço a cara vida,
De todo o bem desespero,
E até da morte que espero,
Me atormenta o esperar. *Vaise.*

Pim. Olha, Senhor, que he morte além de violenta, penosa. Mas foy-se desesperado de esperar a morte, quando a minha desesperaçaõ he, porque a espero. Mas ay enforcado de mim, que se naõ me engano a hi sinto já vir os algozes! E que estrondo vem fazendo estes medonhos archeiros da morte, racionaes gravatas do cachaço humano!

Sahe Sapato com huma condessa.

Pim. E o que vem por guia he o cruel Sapato, que por lhe eu meter duas pallas me tem posto no calçado velho.

Sap.

Sap. Ora que vay de novo, meu amigo?

Pim. Vem ahi os mais camaradas enforcatrizes?

Sap. Naõ ſe aſſuſte, que naõ lhe faltará huma hora em que morra; e por agora venho ſó trazerlhe eſte conforto, que no dia da morte ſe coſtuma dar aos padecentes. Ahi tem para ſeu Amo, e para voſſê, que lhe faça muito bom proveito.

Pim. Aſſim lho faça a voſſê quanto comer em ſeus dias.

Sap. Ahi tem, leve a ſeu Amo, que eu eſpero pelos pratos, que me ſaõ preciſos; e naõ ſe deſconſole, que logo ha de acabar os dias da ſua vida.

Pim. Ah perro, que te cahio a ſopa no mel para a vingança. *à part.*

Sap. Ora diga-me ſo Pimentaõ; toda via reſolveo-ſe a caſar com a Senhora Cadeya? Que tal ſe acha com eſſe matrimonio?

Pim. Ainda eſpero, que voſſê me ponha embargos.

Sap. Ora naõ diga iſſo, que a noiva he muito ſizuda, encerrada, e muito rica, porque tem muito ferro, ainda que ſem letra.

Pim. Bem pudéra voſſê fazerme neſte di-

nheiro algum troco, trocando-ſe comigo.

Sap. O trocado ha de voſſê hoje dançar no ar.

Pim. Antes cegues que tal vejas. *à part.*

Sap. Ah caõſinho, que hoje te has de fazer humas paſcoas, e a mim me naõ haõ de faltar prazeres de te ver.

Pim. Cale-ſe, que ainda naõ ſabe o que ſerá de voſſê.

Sap. Ora ande, que he hum aſno; taõ máo he ver o enterro em vida? E para que veja como ſou ſeu amigo, eu meſmo lhe levarey hum banquinho, para voſſê o hir vendo com mais deſcanço.

Pim. Que me naõ poſſa eu vingar deſte velhaco! *à parte.*

Sap. Ah perro, que eſtás pulando por te veres já neſſas limpezas.

Pim. Naõ me logre, Senhor Sapato, que ainda o poderey apanhar deſcalço.

Sap. Já agora ſeguro eſtá o barco.

Pim. Mas ter maõ, que já dey em huma boa. Eu trouxe nos alforges o veſtido, que elle comigo trocou, que he ſemelhante ao que traz, com o qual eſpero eſcapar da morte, e vingarme delle. *à parte.*

Sap. Naõ cuide niſſo, ſe he que lhe dá pena.

Pim. Naõ me dá ſenaõ goſto. Ora eu vou levar

levar a condeça, e em tanto póde retirarſe para aquella ſala, que tem aſſentos. *Vaiſe com a condeça.*
Cap. Naõ preciſo de aſſentos, porque agora bem deſcançado eſtou, porque me vejo livre de ti. Vay, que bem vingado me chego a ver das injurias que me fizeſte paſſar. Veremos agora ſe te trocas comigo; mas já eſtou diſſo ſeguro, e hoje me regalarey de te ver pernear em huma forca. Ora vejamos iſto cá por dentro. *Vaiſe.*

SCENA III.

Campo. Diz dentro Pimentaõ.

Pim. COm licença, Senhores guardas. *dentro.*
Sold. Naõ quizeraõ comer? *dentro.*
Pim. Peyor he eſta, ſe agora reparaõ em mim. *à part.*
Sold. 2. Pois venha, que nós lhe aliviaremos o pezo. *dentro.*
Pim. Eſtejaõ quietos, naõ brinquem comigo.
Sold. 1. Ora venha ao menos huma pinga.
Pim. Eſtá boa impertinencia! deixem-me hir em cortezia.

Sold. 2. Deixa-o hir, que isso he hum salvage.

Sahe Pimentaõ com o vestido de Sapato, com a condeça.

Pim. Mais salvages saõ vossês, que os logrey. Já o mayor perigo he passado; o que importa agora he naõ encontrar alguem, que me conheça, que bom foy guardar estes trapinhos, que tanto agora me servem, e lá fica o miseravel em meu lugar.

A R I A.

Se quem tem capa
Sempre se escapa
Eu escapey,
Porque alcancey
Verme com capa.
O meu Sapato
Fica fechado
E bem logrado
Se ha de achar.

Sahe Demetrio, e vê a Pimentaõ.

Dem. Se naõ me engano, a Sapato vejo vir da torre.

Pim. Ay desgraçado de mim, que aquelle, ou he Demetrio, ou o diabo por elle. *à parte.*

Dem. Chamallo-hey para lhe perguntar o que faz Adolonimo, que certamente me compadeço da sua desgraça; pois naõ se satisfaz a ira de hum nobre, sendo vingada por outrem.

Pim.

Pim. Ay que me atalha os paſſos! Agora acabo de crer, que ſou deſaventurado. *à parte.*
Dem. Sapato?
Pim. Senhor, lá vou para caſa. *andando.*
Dem. Ouve o que te digo.
Pim. Vou agora carregado, naõ me poſſo deter.
Dem. Eſpera, que tenho que dizerte.
Pim. Ora deixeme aqui: ah tal impertinencia! *vay andando.*
Dem. Tu naõ ouves o que te digo?
Pim. Deixe-me hir lá pôr iſto; já venho. Naõ há mais remedio que fugir a bandeiras deſpregadas. *à parte.*

Vay para fugir, ſahem-lhe ao encontro Sapato, e dous Soldados.

Sap. Eſte he o magano, agarrem-no depreſſa. *pegaõ nelle Sapato, e os Soldados.*
Dem. Que he iſto, oh Sapato?
Sap. e Pim. Senhor?
Dem. Reſpondem-me dous! Que he o que vejo?
Pim. He hum par de Sapatos.
Sap. He eſte magano, que me tornou a enganar ſegunda vez.
Dem. Dize-me, inſolente, como ſahiſte da prizaõ em que eſtavas?

Pim.

Pim. Eu digo a voſſa merce: aſſim deſte modo. *querendo fugir.*

Dem. Adverte que te deſpojarey da vida, ſe intentares a minima repugnancia.

Pim. Naõ he preciſo voſſa merce moleſtarſe com iſſo.

Sap. He bem deſavergonhado!

Dem. Quem te deu eſſe veſtido?

Pim. O ſeu criado, quando queria caſar.

Dem. He poſſivel, que enganaſſes a mais de quarenta guardas que tem a torre!

Pim. Elles he que ſe enganáraõ comigo.

Sold. 1. Senhor, como vimos o meſmo veſtido, e a condeça do que entrou, era facil o engano.

Sap. E ſem duvida eſcapava, ſe eu admirado da tardança o naõ buſcara.

Dem. Levem-no para a torre, e tenhaõ vigilancia com eſtes prezos, que ſaõ de grandes aſtucias.

Pim. Vamos, que por mais que queira livrar eſte maldito peſcoço, he eſcuſado, porque já vejo que naſceo para garrote. *Vaiſe com os Soldados.*

Sap. Ah Senhor, vamonos depreſſa, que ainda aqui me naõ dou por ſeguro. *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahe Sirene, Orintia, e Cadeya.

Cad. EU, Senhora, cuidava outra cousa, e o que elle qneria perguntar era, se tu querias bem a Adolonimo; e se naõ entra Demetrio, temos muita lã que tingir.

Orint. Ay Demetrio ingrato, quanto mal agradeces o que te quero! *à parte.*

Sir. Ay Cadeya, logo eu prezumi, quando meu pay me vio na torre, que elle ficava suspeitando o meu intento; que por disfarçallo, me parece deixey a Adolonimo duvidoso da minha firmeza.

Cad. E já elle me queria matar, se eu naõ confessasse.

Sir. Porém pouco sinto tudo isso em comparaçaõ da pena irremediavel, de que dizem, que logo Adolonimo .... naõ me atrevo a proferillo. *Chora.*

Orint. Naõ te entregues, Prima, tanto à pena.

Cad. Senhora, que remedeas tu com tantos excessos? Por ventura, com chorares tanto ha de deixar de morrer?

Sir. Suspende a tyranna voz [ay de mim!] pois

pois ſe naõ poſſo proferir eſſa cruel pa
lavra, menos a poderey eſcutar.

Cad. Talvez que viva.....

Sir. Aſſim mo diz o meu coraçaõ; que ſ
foſſe taõ tyranno para comigo, que m
diſſeſſe o contrario, eu meſma o arran
cára do peito.

Cad. Tyranna eſtás até para comtigo.

Orint. Oh permittaõ os Deoſes, que Ado-
lonimo viva; pois em quanto elle naõ
morre, vive em mim a eſperança de ſe
de Demetrio. *à parte.*

A R I A.

Sir. Inimiga de mim propria
A triſte vida aborreço:
Só a morte he que appeteço
Por alivio a tanto mal.
Fim naõ vejo ao meu tormento,
Pois que em tanto padecer
Nem acabar de morrer
Poſſo comigo acabar. *Vaiſe.*

Cad. E tu, Senhora, como eſtás com os
amores de Demetrio?

Orint. Ay Cadeya, amando cada vez mais,
e eſperando cada vez menos.

Cad. Pois para que te pozeſte a amar a quem
te naõ quer?

Orint. Eu te digo a cauſa.

Cad.

Cad. Já sey o que pretendes fazer; eu ando meya ariada, tu agora me queres embutir mais essa aria para me ariares de todo.

ARIA.

Orint. Violenta me impellio
Amor cego, e Deos tyranno,
Taõ cruel, e deshumano
A hum ingrato adorar.
O naõ ser correspondida
Desdita he da minha sorte
E deste rigor taõ forte
O remedio he só penar. *Vaise.*

Cad. Que te faça muito bom proveito. *Vaise.*

SCENA V.

Porta da Torre, e Campo, aonde estará huma forca para Pimentaõ, e hum cadafalso para Adolonimo. Sahe Pimentaõ a enforcar com algoz, e Soldados junto delle.

Pim. REqueiro a vossas merces, que quero hir de meu vagar, já que vou violento.

Sold. 1. Venha como quizer, que hoje lhe havemos fazer todas as vontades.

Pim. Aceito a palavra. Pois eu tenho vontade

tade de me hir daqui embora.

Algoz. Iſſo naõ, meu amigo.

Pim. Quem he eſte meſtre das reparações, que aqui vem à minha ilharga?

Sold. 2. He o verdugo.

Pim. Pois entaõ requeiro, que naõ quero hir com elle.

Sold. 1. Porque razaõ?

Pim. Porque neſte tempo he crime andar com verdugos.

Sold. 1. Naõ lhe dê iſſo cuidado.

Pim. Tambem me naõ ha de cauſar pena, naõ ſaber eu porque carga de agoa me enforcaõ.

Sold. 2. Deixe-ſe diſſo, e vamos andando.

Pim. Ora ſenhores, deixem-me deſcançar, e tomar algum alento.

Sold. 1. Sim, mas por pouco tempo.

Pim. Tomara-me eu fortalecer com huma gota de licor tavernal.

Sold. 1. Naõ deixará de ſatisfazer eſſe dezejo.

Pim. Só por eſta piedade ſe póde ſer enforcado.

Sold. 2. Aqui tem.

Pim. Ora paſſemos eſte ultimo trago da vida *bebe e coſpe fóra.* Ah ſenhores, logo pelo aſpero parece vinho de enforcado.

Sold. 2. Será algum tanto caſcarraõ.

Pim. Pois ſe he carraſcaõ vá pela ſaude do

ſenhor

ſenhor carraſco. *bebe.*

Algoz. Que lhe preſte.

Pim. Aſſim preſte a v. m. como a mim me cuſta a paſſar eſtes amargozos tragos!

Sold. 1. Amarga ao pez.

Pim. Mais negro, que o pez o hey de eu logo amargar.

Sold. 2. Vamos andando, que já vem ſahindo Adolonimo.

Pim. Ay meu rico Amo, quanto ſinto verte neſte eſtado! Quem me déra eſtar dez, ou doze legoas daqui, ſó por te naõ ver.

Sahe da Torre Adolonimo acompanhado do General, e Soldados.

Algoz. Vamos, que he tarde.

Pim. V. m. tem muita preſſa? Pois ſe tem que fazer, vá, que eu eſperarey; e em quanto vay, e vem, me folgaõ as coſtas.

Algoz. O que tenho que fazer, he enforcallo.

Pim. Pois olhe v. m. ſim me enforcará por eſta vez, mas eu lhe prometto, que ella ſeja a primeira, e a derradeira.

Algoz. Aſſim o creyo; ora vamos, que já eſtá perto.

Pim. Ay que já eſtou ao pé da forca! Ah Senhores, enforquem primeiro a meu Amo,

Amo, que terá mais preſſa do que eu.

Algoz. Naõ tenho eſſa ordem.

Pim. Pois eu o enforcarey.

Sold. 1. Eſſa he a tua lealdade?

Pim. Pois ainda v. m. duvída, que todo o criado, he o mayor verdugo de ſeu amo?

Algoz. Vamos, e deixemos razões.

Pim. Ora, Senhor, ſe iſto ha de ſer, peço-lhe por favor, que me enforque muito de manſinho.

Algoz. Todo o bem ſe lhe fará.

Pim. Na verdade he de admirar ver os bons genios, e brandura, que tem toda eſta comitiva enforcante!

Algoz. Naõ ſey ſe o diz de veras.

Pim. Se eu de veras naõ o digo, enforcado morra eu daqui a cem annos.

Algoz. Ora vaſſe chegando para a eſcada.

Pim. Que naõ haja quem ponha embaraço a eſte baraço, que me eſpera!

Algoz. Naõ ſerá facil.

Pim. Eu lhes confeſſo, que naõ poſſo morrer, porque tenho eſta morte atraveſſada nas goellas.

Algoz. Chegue-ſe para a forca, que eu lha dezapegarey. *ſobe até o meyo da eſcada.*

Pim. Naõ ha quem me acuda! Ay deſgraçado Pimentaõ, que amargoſa morte, que tens! Oh Baco permittes, que eu aſſim morra? *Dentro.*

Dentro. Viva, viva. *vozes ao longe.*

Pim. Ay, que reſponde, que viva! Oh piedoſo deos, que ſempre havias acudir a hum Pimentaõ, como attractivo do teu licor!

Sold. 1. Que novidade ſerá eſta, dizerem confuzas vozes.....

Dentro. Viva o grande Alexandre, viva.

Pim. Aquillo naõ he comigo; mas viva quem vence.

Dentro. Viva o invicto Alexandre, viva.

Pim. Viva o afflicto, e Alexandre viva.

Gener. Pare a execuçaõ, que entra por eſte lugar Alexandre Magno em Sidonia.

Adol. Que ſempre haja embaraços para a morte de hum infeliz!

Pim. Viva Alexandre, viva.

Sahe Alexandre Magno, e acompanhamento.

Alex. Para quem he aquelle patibulo?

Gener. Saberás, Senhor, que he para nelle morrer Adolonimo.

Alex. Suſpenda-ſe a execuçaõ, e venha Adolonimo a Palacio à minha preſença; pois pela noticia que delle tenho, mais me parece ſer acredor de premios, que de caſtigos.

Gener. Como o ordenas, ſe executará.

Vaiſe Alexandre Magno, e acompanhamento.

Adol. He poſſivel, que procurem os Deo-

ſes

ſes dilatarme a vida, porque dezejo a morte! Oh nova eſpecie de tyrannia, negarſe hum mal, porque ſe appetece como bem! *Vaiſe Adolonimo, o General, e o ſeu acompanhamento.*

Pim. Ah ſenhores, levem-me tambem com meu Amo; porque deſta execuçaõ eu tambem ſou membro, ainda que podre pelo máo cheiro.

Sold. 1. Vamos, que bem ſey que a ambos pertence.

Pim. Oh Divino Baco, que por iſſo te chamaõ Liber, porque livras os teus devotos. *deſce da eſcada.*

Sold. 2. Vamos para Palacio.

Pim. Digame primeiro; eſte Alexandre Magno he aquelle de quem dizem, que tira Reys, e faz Reys por quaeſquer dous reis de cominhos?

Sold. 1. He univerſal Senhor de todo o mundo.

Pim. Tomára eu, que elle tirára o Reino a Eſtrato, e o fizera ſó Rey de páos, já que elle me fez o ſuja na eſcada. *andando.*

Algoz. Pois com eſſe deſamor me deixa?

Pim. Ah ſenhor Verdugo das coſtas, tomara eu ſempre vello no deſcanço da alampada: à ſua ordem. *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA VI.

Sala de Palacio. Sabem Alexandre Magno, Estrato, Demetrio, Sirene, Orintia, e acompanhamento.

Alex. BEm noticiado estou já, Estrato, da iniquidade, com que exerces o teu governo, principalmente da injusta morte, a que condemnaste a Adolonimo.

Estrat. Saberás, Senhor, que elle aleivosamente.....

Alex. Suspende a voz, que até me offendem essas falsas desculpas, e poderas attender, a que he desdouro da Magestade o vingar inveterados odios na innocencia dos subditos.

Estrat. Muito receyo o castigo de Alexandre: infausta he a minha sorte! *à parte.*

Sir. De hum fio pende a minha vida em cazo de taõ duvidoso fim. *à parte.*

Dem. Muito temo a minha desgraça, vendo a Estrato desfavorecido de Alexandre. *à parte.*

Orint. Em successo de tanta duvida naõ perde o meu amor a esperança. *à parte.*

Sabe

Sahe Adolonimo acompanhado do General.

Adol. Invicto Monarca, a quem he todo o Orbe pequeno throno para tanta grandeza, (*de joelhos*) e toda a vaga regiaõ celeste limitado espaço para tanta fama; eu sou o infeliz Adolonimo, e só feliz por estar aos teus pés. Saberás que o amor, e o odio me condemnaõ à morte, pois por ser fiel amante de Sirene, procedeo contra mim a cruel ira de Estrato, sendo nos mesmos altares de amor, funesta victima de hum inexoravel odio; e como he manifesta a minha innocencia, naõ pretendo desculparme; porque aonde há desculpa, há culpa; e sómente te rogo (oh inclyto assombro do mundo) me permittas o executarse nesta infeliz vida a pronunciada sentença da minha morte; pois me basta para immortal gloria minha o chegar a verme subido ao elevado throno dos teus pés; e como naõ aspiro a mayor ventura, permitte-me, que com a morte ponha limite às mais desgraças.

Alex. Levanta-te Adolonimo, Rey de Sydonia, e toma posse do Cetro de Estrato, que estou já cabalmente certo do teu merecimento, e da sua injustiça.

Adol.

Adol. Egregio Heroe, ſeja immortal a tua gloria, e ao puro Olympo ſuba a tua fama (*levanta-ſe*) pois tendo mais poder, que o meſmo fado, fazes ditoſo a hum infeliz.

Eſtrat. Oh Deoſes tyrannos, naõ baſta perder o Reino, ſenaõ ficar Vaſſallo de hum meu inimigo! *à parte.*

Sir. Já vejo a ſorte mais favoravel; porque mais eſtimo o augmento de Adolonimo, do que ſinto a infelicidade de meu pay. *à parte.*

Dem. Deſgraçado me conſidero, pois perdi o Reino, a que aſpirava com o conſorcio de Sirene. *à parte.*

Orint. Com eſta mudança ſe alenta mais a minha firmeza. *à parte.*

Adol. Ah cruel Sirene, que ſe naõ foras mudavel, me podia já chamar ditoſo. *à parte.*

Dentro todos. Viva o noſſo Rey Adolonimo.

Sahe Pim. Viva o noſſo Rey Adolonimo.

Alex. E como ſey, que mais que o Reino eſtimas a belleza de Sirene, lhe podes dar a maõ, que quero com a minha preſença honrar taõ venturoſo conſorcio.

Adol. O ſer já impoſſivel eſſa gloria, he, Senhor, a mayor infelicidade, que ſinto; porque reduzindo-me a tal extremo

 o ado-

o adoralla, Sirene ingrata, e.....
Sir. Naõ profiga, Senhor, mais a tua defconfiança, e faberás, que o fentir que meu pay me vinha feguindo, quando na torre entrei a fallarte, me obrigou a fingir, que te aborrecia.
Rey. Ah filha ingrata, que affim mo certificou a criada, que te acompanhrva, e já o meu rigor fulminava a vingança contra a tua vida.
Sabe Cad. Senhora Sirene, a teus pés peço me perdoes, porque eu fe diffe ao Senhor Eftrato o muito que amavas ao Senhor Adolonimo, foy porque elle me deu outra atracaçaõ peyor, que a primeira, e naõ tive mais remedio, que confeffar a verdade.
Sir. Levanta-te, que antes agora te eftimo por feres teftemunha da minha firmeza.
Adol. A' vifta de tal dezengano, pedindote mil perdões do meu erro, te offereço Senhora a minha maõ. *daõ as mãos.*
Sir. Com a minha te entrego juntamente a alma. (Ditofa eu mil vezes) *à part.*
Adol. Oh alegrias naõ vinhaes juntas, que quafi naõ cabeis no peito. *à parte.*
Pim. He a primeira vez, que vi cafaremfe os enforcados. *à parte.*
Todos.

Todos. Viva Alexandre, e viva o noſſo Rey Adolonimo.

Sir. Saberás, Demetrio, que me conſta o muito, que te ama minha Prima Orintia, e me parece, que naõ premiares com a maõ o ſeu amor, ſerá quereres merecer o titulo de ingrato.

Dem. Naõ poſſo negar, que o affecto me inclinava a correſponderlhe; e ſe ainda tem lugar o meu rendimento, com a maõ eſpero a poſſe de tanta ventura.

Orint. Ditoſa eſperança, que me concedeo taõ dezejado fim..... *daõ as mãos.*

Pim. Agora entro eu. Com licença (*ajoelha*) Alexandriſſimo, e Magniſſimo Monarca, à viſta de cuja corpulentiſſima grandeza he Polifemo huma topeira, Atlante huma formiga, Centimano huma ſantopeya, e Tifeo huma triſte couſa; para cujo esfaimado dezejo de conquiſtar fica ſendo todo eſte Mundo hum graõ de milho em boca de aſno: ſeja taõ boa a tua vinda, como a da morte (a hum malfeitor); e já que o peccado aqui te trouxe (explico-me, o peccado de Eſtrato) ſaberás, que no vinagre dos teus pés procura a ſua conſerva eſte verde Pimentaõ, a quem queriaõ fazer de huma forca cahir de madaro.

 Alex.

Alex. Pede o que quizeres.

Pim. Queria, que a tua Grandifallencia me concedeſſe empregar o reſto da vida em huma Cadeya.

Alex. Pedes por premio a prizaõ?

Pim. Huma prizaõ dezejo, e a ſoltura de outra; e aſſim trocando eſte grilhaõ por aquella Cadeya [com quem eſpero ter ditoſa liberdade] me terey pelo mais feliz enforcado, a quem atou o matrimonial garrote.

Alex. Dalhe a maõ, ſe he vontade ſua.

Cad. Eu naõ quero maõ de enforcado.

Pim. Bem podes aceitar a hum enforcado amante.

Cad. Se ha de ſer, vamos a iſſo.

Pim. Oh bella Cadeya, em cujas delicioſas prisões deito venturoſo as mãosſinhas de fóra! *daõ as mãos.*

Sap. Ay invejoſo de mim, que eſtou em pontos de eſtourar! *à parte.*

Pim. Item Senhor, eu como ſou hum tanto louco, quizera, que me déſſes hum bom talento de ouro para poder tratar da minha vida.

Alex. Dez talentos te mando dar.

Pim. Dez talentos? Das dez, que tal me dem, mas ſempre me virá à maõ o dizimo.

Sap.

Sap. Ah mayor ventura! Em ſahindo daqui, logo me vou enforcar. *à parte.*

Adol. Senhor, eu cedo do Reino em Eſtrato; pois mais eſtimo a belleza de Sirene, que o dominio de todo o Mundo.

Dem. Oh acçaõ digna de immortal memoria!

Alex. Agora mais te confirmo no Reino; pois ſó merece governar, quem ſabe ſatisfazer aggravos com beneficios.

Eſtrat. Já todo o odio, que tinha a Adolonimo, ſe me converteo em intimo affecto. *à parte.*

Pim. Item Senhores, eſtá-me fazendo grandes ancias no buxo hum ſegredo que engoli, e aſſim o vomito; e he que meu Amo foy hortelaõ do Senhor Eſtrato.

Alex. Repitaõ ſonoras vozes a acclamaçaõ, e Hymenêo do voſſo novo Rey Adolonimo.

CORO.

Viva eternos annos,
Viva ſempre heroico
O noſſo Monarca
No Hymenêo ditoſo.

A NINFA SYRINGA,

OU OS AMORES DE PAN, e Syringa.

Opera que se representou pelo Carneval no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, anno de 1741.

ARGUMENTO.

PAn semideos rustico, irmaõ de Silvia, amava muito a Ninfa Syringa, irmã do semideos Silvano; e vendo-se sempre desprezado em seus amores, a esperou em hum bosque para alcançar della por violencia, o que naõ podiaõ os rogos; e em fim encontrando-se ambos, e vendo Syringa, que difficultosamente se defenderia delle, invocou a Jupiter que lhe valesse, e logo ficou convertida em hum Canaveal, até que por grandes rogos de Pan a tornou Jupiter à sua primeira fórma, e se casou com o dito Deos Pan, e tambem se despósa Silvano com Silvia, cujos amores, e o mais constará do contexto da Historia.

IN-

INTERLOCUTORES.

Pan, Semideos rustico.
Silvano, Semideos rustico.
Syringa, Ninfa rustica, irmã de Pan.
Coscorão primeiro Graciofo, criado de Pan.
Esguicho segundo Graciofo, criado de Silvano.
Lingoiça velha, criada de Silvia.
Golosina, criada de Syringa.

SCENAS DA I. PARTE.

I. Mutação de Campo.
II. Mutação de Sala.
III. Mutação de Casa terrea com dous fornos.

SCENAS DA II. PARTE.

I. Mutação de Jardim.
II. Mutação de Antecamara.
III. Mutação de Jardim.
IIII. Mutação de Bosque.

SCENAS DA III. PARTE.

I. Mutação de Bosque com Canaveal, e Salgadeiras.
II. Mutação de Casa de forno.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Campo. Sahem Pan, e Coſcoraõ.

Pan. DEixame, Coſcoraõ.
Coſc. Senhor Pan, que deſatino he eſſe?
Pan. He aborrecer a vida, e dezejar a morte.
Coſc. Naõ ſou eu aſſim, que à minha vida quero-lhe como ao viver.
Pan. Ay de mim!
Coſc. Senhor, acaba já com iſſo: contame os teus males.
Pan. Naõ póde ſer; porque os meus males naõ tem conto.
Coſc. E quem tos cauſou?
Pan. A Ninfa Syringa.
Coſc. Quem tal diſſera daquella ſonçaſinha!
Pan. Naõ poſſo já ſoffrer tanto rigor.
Coſc. Naõ poſſo já aturar tanta inſolencia.
Pan. O que?
Coſc. Que huma bogia te pregue ſemelhante mono.
Pan. Iſto ſuccede aos mais pintados.

Coſc.

Cosc. Que succeda aos mais pintados *transeat*, mas que assim te chegue ao vulto, naõ aturo tal.

Pan. Coscoraõ, eu querome finar: tenho dito.

Cosc. Senhor, por tua vida te peço te naõ queiras matar.

Pan. Eu estou morrendo por morrer. Bem sey, que sou hum asno, mas naõ sey que lhe faça.

Cosc. Ora dizeme, tu naõ es o Senhor Pan, que dos Pastores es venerado por semideos, ainda que na verdade es semidiabo?

Pan. Assim he; mas sujeitou-me esse tyranno Deos vendado, a que adorasse a cruel Ninfa Syringa, irmã de Silvano, com tal violencia, que naõ posso estar hum instante sem a sua vista, ao mesmo tempo que ella diz, que me naõ póde ver; quando bastava para merecer a sua compaixaõ, ter este peito cheyo de settas.

Cosc. Essa he a cauza, porque ella te naõ quer.

Pan. Porque?

Cosc. Porque tendo o peito cheyo de settas, tens muito vazia a aljava.

Pan. Pois que remedio dás a meus males?

Cosc. Huns suores.

Pan. Que dizes?

Cosc. Que para te livrares desse amor, ha de te suar o topete.

Pan. Naõ zombes de mim, quando estou com a minha pena.

Cosc. Isto naõ he zombar; toma tu o meu conselho; mete-te na estufa do esquecimento, e verás como te sahe do sentido a tyrannia sua, ainda que com o suor do teu rosto.

Pan. Eu naõ te peço remedio para a tirar do sentido, pois a tenho de tal sorte encasquetada nos miolos, que já naõ ma tiraõ de cá, nem que me quebrem a cabeça.

Cosc. Pois que pretendes?

Pan. Remedio para que ella me queira a mim.

Cosc. Isso he cousa que peça ninguem? Mas olha, em tu a vendo, faze-lhe muita macaquice, assim a modo de macaco, talvez que lhe dês coca.

Pan. Que dizes, que naõ te entendo?

Cosc. Que lhe faças carinhos, e lhe digas muitas finezas.

Pan. Até isso naõ póde ser; pois taõ prezo me considero, quando a vejo, que se vou para soltar alguma palavra, naõ ato, nem desato.

Cosc.

Cosc. Aſſim ſerá ; que ainda que es Pan, teus muito pouco miolo.

Pan. E ainda que ſoubeſſe expreſſarlhe o meu amor, até me faltaõ as occaſiões ; pois naõ ignoras, que ſeu irmaõ he taõ zeloſo, que huma couſa he vello, outra dizello.

Cosc. Ora, Senhor, venha achado, já, e logo ; vamos.

Pan. Achado, de que?

Cosc. Que já lhe achey hum remedio bom.

Pan. Naõ te detenhas em mo dar.

Cosc. Pois, Senhor, o melhor caminho he procurarmos occaſiaõ de ſahirmos ao encontro a Silvano, e ver ſe me poſſo accomodar com elle ; que ficando em caſa, deixa o mais por minha conta (e tambem o eſtimo para me vingar do rigor de Goloſina). *à parte.*

Pan. Eſtá bem achado ! Nem Plataõ podia dar em taõ boa idéa.

Cosc. Vamos pois cuidar no melhor modo de introduzir.

A R I A.

Pan. Confeſſarme-hey venturoſo,
E terey gloria infinita,
Se para alcançar tal dita,
O caminho Amor me dá.

Já

Já com esta incerta gloria
Se alenta a minha esperança,
E cuida o peito, que alcança
O premio do seu amor. *Vaõ-se.*

Sahem Silvano, e Esguicho.

Esg. Senhor Silvano, que tristeza he a tua? Descobre o teu peito; que ainda que he inverno, se naõ dezabafas, receio-te alguma queimaçaõ de sangue.
Silv. Ay Esguicho, que o naõ ter eu alegria, he que me faz andar triste.
Esg. Isso succede a muita gente boa; mas explica-te mais.
Silv. Tu sabes.....
Esg. Sim, que es o Senhor Silvano semideos destes bosques, irmaõ da Ninfa Syringa, e grande amante de Silvia, irmã de Pan; e que ella depois que te vio, naõ lhe peza porque nasceo.
Silv. Pois naõ sabes o mais; que sendo o meu amor bem aceito della, naõ permitte o zeloso do irmaõ lugar de dizermos hum ao outro chus, nem bus.
Esg. Nem a mim de dizer à minha querida chiqui, nem miqui.
Silv. Pois Esguicho, cuidemos no remedio.
Esg. De lhe fallares, e teres entrada?
Silv. Sim.

Esg. Pois bem facil he elle, se puder ser.
Silv. Dize qual he?
Esg. Se eu me podesse imbutir por seu criado, naõ era má tolã para nós ambos.
Silv. Dizes bem; cuidemos nisso: mas se naõ me engano, ahi vem Pan às pancadas com o criado.
Esg. Oh! bella occasiaõ temos; faze tu o mesmo comigo, e deixa o mais por minha conta.
Silv. Oh atrevido, desobediente, espera. *dálhe.*
Esg. Ah Senhor, mais de manso, que me doe. Ay, ay, ay.

Sahe Pan seguindo a Coscoraõ, e este se vale de Silvano, e Esguicho foge para Pan..

Cosc. Valhame, Senhor Silvano.
Esg. Acudame, Senhor Pan.
Cosc. Porque meu amo cruel.....
Esg. Porque o cruel de meu amo.....
Cosc. Querme moer os figados.
Esg. Querme ralar os bofes.
Pan. Bella occasiaõ busquey! *à parte.*
Silv. Achey bella occasiaõ! *à parte.*
Pan. Para lhe meter a Coscoraõ em casa. *à parte.*
Silv. Para lhe introduzir em casa a Esguicho. *à parte.*

Cosc. Se v.m. me quizesse por seu moço ....
Esg. Se v.m. quizesse ser meu amo .....
Cosc. Eu seria taõ seu amiguinho ......
Esg. Eu ficaria taõ contente ......
Silv. Pan? } ambos juntos.
Pan. Sivano?
Silv. Que quereis? } ambos.
Pan. Que ordenais?
Silv. O vosso criado. } ambos.
Pan. O vosso moço.
Cosc. Ora falle hum por cada vez, para entendermos todos.
Silv. Vós naõ quereis este moço?
Pan. Naõ; se vos quereis servir delle, ahi está às vossas ordens.
Silv. Sempre obrigado; tambem vós podeis dispor de estoutro.
Pan. Oh fortuna, que boa occasiaõ me descobriste! *à parte.*
Silv. Oh sorte, que bom caminho me mostraste! *à part.*
Esg. Senhor Coscoraõ, se v. m. he servido de meu amo, ahi o tem à sua ordem.
Cosc. Senhor Esguicho, obrigadissimo; ahi está tambem meu Amo à sua obediencia.
Esg. Vá contente com elle, que naõ lhe ha de faltar senaõ o que houver mister.
Cosc. Vá muito satisfeito com Pan, que na sua companhia saberá qual he o paõ, que o diabo amassou. *Pan.*

Pan. Oh quanto mal ſabes, o que levas para caſa! *à part.*

Silv. Oh ſe ſoubeſſes o que para caſa levas! *à parte.*

Pan. Senhor Silvano, vede ſe quereis que faça alguma couſa no voſſo ſerviço, que tenho neceſſidade de me hir?

Silv. No voſſo ſerviço quero eu ſempre eſtar de focinhos.

Pan. Fica-te, que bem logrado ficas. *à part. e vaiſe.*

Silv. Vay-te, que bem logrado vás. *à p.*

Coſc. Senhor Pan, ſaude, e hum queijo.

Eſg. Senhor Silvano, ſaude, e patacas. *Vaiſe.*

Coſc. Ora Senhor meu Amo novo, hoje iſto aqui foy feira das beſtas.

Silv. Porque o dizes?

Coſc. Porque houve muita troca.

Silv. Sabes, que te quero encommendar o que eſtá à tua obrigaçaõ de criado honrado.

Coſc. Dize, Senhor.

Silv. Tu ſabes, que minha irmã he mulher?

Coſc. Supponhamos que ſim.

Silv. E que as mulheres em ſahindo de caſa, que as póde ver qualquer homem?

Coſc. De que naõ há duvida nenhuma.

Silv. Pois entaõ naõ tenho mais que te dizer. *Coſc.*

Cosc. Explica-te mais, que posto falles taõ claro, naõ te entendo.

Silv. Venho a dizer, que quero sejas seu guarda, e vigia.

Cosc. Eu te prometto, Senhor, andarlhe sempre pelos alcances; pois basta encommendarmo meu Amo. (Ah pobre, como te encravas!) *à parte.*

Silv. Ora vay para casa, que eu vou já nas tuas costas.

Cosc. Naõ virá por certo, que eu a ninguem dou ancas. *Vaise.*

Silv. Oh ventura! com que te hey de pagar tanto bem, pois em dous criados me concedes tanta gloria: em hum a sentinella para a minha honra, em outro vigia para o meu amor.

A R I A.

Se a ventura me permitte
Em dous taõ fieis criados
N'um socego aos meus cuidados,
N'outro auxilio ao meu amor:
Já seguro viver posso,
Já posso estar contente,
Se a ventura me consente
Lograr bem taõ superior. *Vaise.*

SCE-

SCENA II.

Sala. Sahem Syringa, e Golosina.

Gol. SEnhora Syringa, acabo de crer, que he desgraçado Pan, pois naõ t epóde cahir em graça.

Syr. Golosina, naõ está mais na minha maõ: naõ o posso ver com dous olhos, que tenho na cara.

Gol. Em naõ quererem vello, saõ crueis os olhos da tua cara, quando a tua cara he a menina dos seus olhos.

Syr. Capaz estou de tirar a minha cara fóra, só por lhe tirar os olhos a elle.

Gol. Naõ faças tal, Senhora; pois naõ posso vello a elle mais cego, nem a ti mais descarada.

Syr. Olha, eu tal vez lhe naõ quizera taõ mal, se naõ lhe tivera tamanho odio.

Gol. Pois porque lho tens?

Syr. Porque he hum pedaço d'asno.

Gol. Em que, Senhora?

Syr. Ainda o perguntas, quando sabes, que elle faz versos?

Gol. Pois naõ he bom para noivo quem tem boas prendas?

Syr. A mim naõ me importaõ as pren-

das; importa-me comer.

Gol. Senhora, tem a certeza, que em quanto tiveres comtigo Pan, naõ has de morrer à fome.

Syr. Ora queres tu ouvir a carta, que hontem me trouxeſte?

Gol. Terey grande goſto diſſo.

Syr. Verás que até na caſta do verſo, em que eſcreve, he tollo.

Gol. Pois que verſo he?

Syr. He hum Romance lyrico, quando para fallar com huma mulher da minha esféra, havia hum Romance heroico, ou huma Cançaõ real.

Gol. Ouçamos o que diz.

Syr. Attende, que he deſta ſorte.

Tira hum papel, e lê.

Ingratiſſima Senhora,
Que por taõ grande homicida
Sois Cocrodilla das fontes,
E dos campos Baſiliſca.
Fera leoa dos boſques,
Quando em vós ſe verifica,
Que a maleita dos rigores
Sempre aquece, e nunca esfria.
Porca montez furioſa,
Que na amargoſa campina
Vibrais o dente ao agrado,
Fazeis focinho às caricias.

Sois

Sois Tigra, e tambem ſois Onça,
Quando vejo em taes fadigas,
Vos naõ peza o pé huma onça
Para fugires eſqüiva.
Tambem ſois Loba tyranna,
Pois de rigores faminta
Fazeis mil eſtragos crueis
No curral da minha vida,
Sois Urſa.....

Gol. Eſpera, Senhora, que naõ ſey quem entra.

Syr. Ay de mim! Deixame eſcondello; naõ ſeja meu irmaõ.

Eſconde-o perturbada, e ſahe Lingoiça.

Ling. Ay os eſconderellos de papelinhos, que aqui vaõ! Eſta he a caſta de boa caſta! *à parte.*

Syr. Que vay de novo, Lingoiça?

Ling. Eu, Senhora, naõ quero eſtorvar eſſa leadura.

Syr. Naõ importa; dize.

Ling. Pois manda dizerlhe a Senhora Silvia, que v. m. de cá, e ella de lá quer vir paſſar eſta tarde de parte a parte com v. m.

Syr. Dize-lhe, que taõ ancioſa eſtou por vella, que fico ſuſpirando pela ſua vinda.

Ling. E como naõ ſou mais larga, nem

mais comprida, fico à ſua ordem.
Gol. Senhora Lingoiça, aſſim ſe vay, ſem dizer à gente tirte, nem guarte.
Ling. Ay perdoa-me, que naõ reparava.
Gol. Pois niſſo he que eu reparo, em v. m. naõ reparar em mim.
Ling. Logo lhe falarey, que quero ver ſe acho ao Senhor Silvano, para ter o achado de certas noticias.
Gol. Va-ſe, que já ſey anda nas occupações do ſeu officio.
Ling. Iſto naõ he por officio, he por curioſidade. *Vaiſe.*
Gol. Ora Senhora, dizeme em que aſſentas à cerca dos acintes, que fazes a Pan; que na verdade ſinto, que conſintas, ande o pobre de ſentimento moido como hum centeyo.
Syr. Eu te reſpondo.

A R I A.

Naõ te cances, Goloſina,
Com taõ louco deſvario,
Que a Pan tenho tal faſtio,
Que naõ o poſſo tragar:
Já mais naõ me falles niſſo
Ha tal teima! ha tal loucura!
Bem neſcio he, ſe procura
Ter em meu peito lugar. *Vaiſe.*

Gol.

Gol. Que me tenha Pan peitado para que ſeja ſua oradora com minha Ama, quando ella naõ dá ouvidos a meus brados! Mas venhaõ vindo os cumquibus, que nunca ceſſaráõ as noſſas vozes.

Sahe Coſcoraõ.

Coſc. Minha querida Goloſina, como permittes, que ſinta o amargo dos teus rigores, quando o melifluo da tua beleza me poem o mel pelos beiços?

Gol. Naõ he eſte mel para a boca deſſe aſno.

Coſc. Já que es mel, mete-te no favo do favor.

Gol. O melhor, que voſſê me póde fazer, he fallar em outra couſa, ou hirſe embora.

Coſc. Eſcolho a primeira. Sabes minha Goloſina, que Pan quer, que hoje em todos os modos o introduzas cá para fallar a noſſa Ama.

Gol. Eu bem ſey, que pelo muito obrigada que lhe eſtou, aſſim o devo fazer; mas receyo muito a noſſo Amo.

Coſc. Pois naõ haverá hum lugar mais ſeguro para o intento?

Gol. Sómente ſe elle quizer meterſe dentro em hum forno.

Coſc. Dentro em hum forno! que dizes?

Gol. Sim; porque hoje faz minha Ama hum pouco de paõ de ló, e como ha de vir ao forno vello, entaõ lhe póde falar ſegu-

ſeguramente, que he parte onde nunca entra Silvano.

Coſc. Dizes bem; vou avizallo, que naõ deixará de vir, porque ſempre eſtá pelos meus conſelhos.

Gol. E tu para mayor disfarce o pódes trazer n'um taboleiro.

Coſc. E dizeme, terey eu tambem hum lugarſinho de cozer o biſcouto do meu amor no forno da tua graça?

Gol. Se tornas com eſſas aſneiras, vou-me embora.

Coſc. Naõ te vás por amor de quem vem padecer os vaivens da tua tyrannia.

Gol. Continuas? Pois deſta ſorte te reſponderey. *Vaiſe.*

A R I A.

Coſc. Goloſina, eſpera, eſpera,
Que ſem tal doçura,
Fico ſem ventura
Chuchando nos dedos,
Mordendo nos beiços
Sem goſto encontrar:
Oh deixame, deixame ao menos
Goloſina minha,
Cavaca, caſquinha,
Alfinim, perada,
Ou huma talhada
Se quer de cidraõ. *Vaiſe.*

SCE-

SCENA III.

Campo. Sahem Silvano, e Efguicho.

Silv. DIzeme, Efguicho, fe tens já defcuberto algum caminho, por onde poffa hir encaminhando efte meu defencaminhado amor?

Efg. Ahi! tu já entras a perguntar como quem vay de caminho.

Silv. Ora acaba já de dizermo, fe naõ queres dar cabo da minha vida.

Efg. Eu te conto já tudo de cabo a rabo.

Silv. Pois dizeme, poderey hoje fallar com a minha querida Silvia?

Efg. Poderás, fe naõ te der algum eftupor na lingua.

Silv. Naõ zombes de mim, conta-me como a poderey ver.

Efg. Abrindo os olhos.

Silv. Naõ me dilates tanto efta gloria.

Efg. Ahi to digo já de huma vez.

Silv. Tem maõ, naõ me dês a beber de huma affentada effe deliciofo cordeal, que quero hir tomando-lhe o gofto pouco a pouco no paladar da minha alegria.

Efg. Ao depois preffa, e agora vagar? Ora eu o digo de vagarinho; Senhor, efta tarde

de vay viſitar tua irmã , lá a tens em caſa.
Silv. Já diſſeſte tudo ?
Eſg. Pois que mais querias ? Se queres mais, vay a tua caſa.

Sahe Lingoiça.

Ling. Ay ! aqui eſtava voſſa merce ! E tenho corrido ſéca, e méca por ver ſe o encontrava.
Silv. Havias encontrar bem , ſe eu nunca andey por ſéca, nem méca.
Ling. Ay ! eſtou deitando os bofes pela boca fóra.
Eſg. Ah perra, que devias comer hoje alguma forſura !
Ling. Porque julga iſſo ?
Eſg. Porque vens muito esboforida, e muito aforſurada.
Silv. Ora dizeme, trazeſ-me alguma boa noticia?
Ling. Deixame primeiro tomar o folgo. Ay ! aprelá ! manda dizerlhe a Senhora Silvia, que eſta tarde vay viſitar a Senhora Syringa, e que lá lhe quer fallar.
Silv. E em que parte hey de eſtar ?
Ling. Senhor, nós eſta tarde fazemos hum pouco de paõ de ló ; e como ella ha de hir ver cozerſe no forno, lá eſtarás eſcondido para lhe fallares.
Siv. E em que parte me has de lá eſconder.

Ling.

Ling. Como os fornos ſaõ dous, em hum delles te eſconderás.

Silv. Irra! Eu dentro no forno! naõ cozo tal.

Eſg. Ah Senhor, naõ percas taõ boa fornada.

Silv. Eſtá feito: vaite, que lá me acharás aſſado, e cozido.

Ling. Pois fique-ſe embora até logo. *Vaiſe.*

Eſg. E eu tambem me vou, que me póde Pan achar menos. *Vaiſe.*

Silv. Hide fieis Mercurios do meu amor.

Sahe Coſcoraõ com Pan às coſtas em hum taboleiro.

Coſc. Ah Senhor, naõ te mexas muito; e já que vens tanto coſta acima, naõ dês coſta abaixo.

Silv. Ditoſo me conſidero. *à parte.*

Coſc. Mas ay encoſcorado de mim, que dey com Silvano.

Silv. Que he iſſo Coſcoraõ?

Coſc. Vejaõ agora o que poderá ſer!

Silv. Que levas neſſe taboleiro?

Coſc. Que hey de levar? levo paõ.

Silv. Para onde o levas?

Coſc. Levo-o lá para noſſa caſa; vay lá para o forno.

Silv. E de caſa de quem he?

Coſc. He de caſa da Senhora Silvia.

Silv.

Silv. Naõ ſey ſe mentes.

Coſc. Cozido ſeja eu, ſe naõ te fallo a verdade Pan por paõ.

Silv. Pois Silvia naõ tem forno em caſa?

Coſc. Senhor, de modo que como cá a Senhora Syringa acende hoje o forno para cozer o paõ de ló, tambem póde cozer o Pan de lá.

Silv. Dize-me mais.

Coſc. Ah Senhor, compadece-te de mim, que eſte Pan peza muito; naõ cuides, que he paõ de palhinha, he meſmo aqui Pan da terra.

Silv. Naõ eſtava lá Eſguicho para o trazer?

Coſc. Eu quiz trazello, porque eſte Pan ſempre ha de deixar para Goloſina huma poya.

Silv. Em minha caſa naõ ſe preciſa de poyas alheyas; ora vay-te já. *Vaiſe.*

Coſc. Sim hirey, que eſtou já derreado com o pezo; o tal Panſinho deve de ſer paõ de municaõ, porque peza como chumbo. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Caſa do forno. Sahe Goloſina para o varrer.

Gol. MUito tarda Coſcoraõ! Certamente Pan naõ devia querer

vir;

vir ; mas pelo ſim pelo naõ, vamos varrendo o forno, porque quero fazer os meus enredos limpamente, e ſaber ſer alcofinha com aceyo.

A R I A.

Alimpando o forno.

Varrete forno
Muy bem ſacudido
Que hum doudo varrido
Em ti ha de entrar:
De meterte lenha
Naõ trato em rigor,
Que o fogo de amor
Só te ha de aquentar.

Sahe Coſcoraõ.

Coſc. Ora graças a Vulcano, que já eſtamos no forno: ajudame Goloſina, que eſte Pan me tem feito n'um bollo.

Gol. Vamos, que chegaſte a boa occaſiaõ.

Tira-ſe Pan do taboleiro.

Coſc. Irra com a hiſtoria! Muito cuſta ſer mariola de Cupido.

Pan. Ahi! tanto te cuſtou?

Coſc. Pergunta-o às minhas coſtas quanto cuſtas.

Gol. Sejas bem vindo, Senhor Pan.

Pan.

Pan. Minha Golofina, deixa eftar, que eu te agradecerey tanto favor, que por eu agora naõ trazer coufa nenhuma, por iffo te naõ dou alguma coufa.

Gol. Naõ falles em tal, que eu fou muito limpa de mãos.

Cofc. Mas muito fuja de conciencia.

Gol. Já o forno eftá muito bem varridinho.

Cofc. Eftá elle já acezo?

Gol. Porque?

Cofc. Porque elle vem muito frio no cafo; e fe naõ tomar algum calor, em vendo a fua dama, dirá mil frialdades.

Pan. Ainda effa tyranna he a mefma que era d'antes.

Gol. Eu bem aperto com ella para que te queira bem.

Pan. Oh Golofina, quando tiveres occafiaõ, faze fempre por mim quanto poderes, que naõ o deitas em faco roto.

Gol. Ora andate efconder, antes que venha alguem, e Cofcoraõ, fe quizer, póde occultarfe debaixo daquella lenha.

Cofc. Nada, que eftou ardendo, e póde pegar fogo nella.

Pan. Em fim hey de meterme no forno? Oh amor a quanto obrigas!

Cofc. Em fim hey de efconderme na lenha? Oh a quanto conftranges alcovitiffe!

Pan.

Pan. Amor, o meu peito interno
Naõ entende o teu ſuborno;
Porque me abrazas n'um forno
Com fogo, que he ſó de inferno?
Mas na obediencia eterno
Te entrego eſta alma abrazada:
Seja de ti bem tratada,
Pois te pede no ſeu rogo,
Que ſe entro com tanto fogo
Saya bem deſta fornada.

chega-ſe para o forno.

Coſc. Eſpera, Senhor, ouveme, que tambem he juſto, que ficando da lenha debaixo, diga tambem a minha decima.

Bem medo he juſto, que eu tenha
Deſta treta, e deſta traça,
Pois creyo que por deſgraça
O vento me ajunta a lenha:
Muito receyo me venha
Algum foguete no cabo,
Eu a gracinha naõ gabo,
E por certo deſconfio,
Que entrando na lenha frio,
Saya com o fogo no rabo.

Gol. Anda Senhor, antes que alguem te veja. *Entra Pan no forno.*

Coſc. Mete-o com a pá; que naõ tens máo geito para forneira de Venus.

Gol.

Gol. Entra lá bem para dentro, que eu te tapo.

Coſc. Por mais que o tapes, naõ ha de deixar de ter deſtampaçóes.

Gol. E tu, ſe queres, anda eſconderte, que alli tenho aquelle feixe de lenha preparado para ti.

Coſc. Ora ſeja o primeiro feixe de lenha, que a tua alma ache na outra vida.

Gol. Vamos andando.

Coſc. Pois naõ me deixas primeiro dizerte duas palavrinhas?

Gol. Naõ te quero ouvir nada.

Coſc. Ainda naõ vi mulher menos converſante.

Gol. Tapar a boca, e meter debaixo da lenha.

Coſc. Ah cachorra! que es amiga de meter os cães na mouta, e deitarte de fóra!

Gol. Ora entendamo-nos; de duas huma, ou ró ró, ou feixe de lenha.

ARIA A DUO.

Gol. Eſcondes-te, ou naõ?
Coſc. Eſpera meu bem.
Gol. E ſe algum
Coſc. E ſe alguem.
Gol. Dalli ſahe.
Coſc. Dalli vem

Gol.

Gol. Que ſerá ?
Coſc. Que dirá ?
Ambos. Irra ! irra !
Gol. Ora eſcondete já. } ambos.
Coſc. Ora cobreme já. }
Coſc. Mas ay, que receyo.....
Gol. Pois eu voume embora.
Coſc. Eſpera.
Gol. Que agora.....
Coſc. Que ſuſto.
Gol. Que medo.
Coſc. Que mamo
Gol. Que tenho
Ambos. Nos venhaõ pilhar. *Vaiſe Gol.*

Eſconde-ſe Coſcoraõ, e ſahe Lingoiça.

Ling. A bom tempo me parece que venho.

Coſc. Deſtapemos a cara para ver quem entrou. Má eſtreya! já cá temos Lingoiça, naõ faltaraõ logo chicotadas. *àp.*

Ling. Senhor Silvano, entre, que agora he boa occaſiaõ.

Coſc. Peyor he eſta! já o forno me vay cheirando a eſturro.

Silv. Que me obrigue amor a eſconderme na minha meſma caſa! *ſahe*

Ling. Ora, Senhor, anda-te eſconder no forno, antes que alguem venha.

Coſc. Ay que temos outro enfornado!

Silv. Vamos, e amor me tire daqui com bom

bom ſucceſſo. *entra no forno.*

Ling. Entra neſte, que eſſoutro ſerá o que hey de accender.

Coſc. Ah pobre Pan, que fogaça que hoje levas!

Ling. Entra bem para dentro, e eu te tapo, para ficares mais occulto.

Sahe Eſguicho.

Eſg. Venho a bom tempo, minha Lingoiça?

Coſc. Otro demonio tenemos.

Ling. Vem embora, meu rico Eſguichinho, que alli tenho aquelle feixe preparado para ti.

Eſg. Ora anda depreſſa, cobreme, que parece que ſinto gente. *eſconde-ſe.*

Coſc. Vay, que já que tambem entras nó jogo dos eſcondidos, logo te bateráõ nas coſtas.

Eſg. Deſtapemos ainda aſſim a cara, e o que he jogo de eſcondidos, naõ pareça cabra cega.

Coſc. Ora iſto eſtá bonito! logo a todos deu hoje o vinho em quererem cozer aqui a ſua fornada!

Eſg. Mas ay que lá vem gente.

Entraõ Syringa, Silvia, e Goloſina.

Gol. Ay cá eſtá v. m. Senhora Lingoiça?

Ling.

Ling. Sim Senhora.

Cosc. Sim, esteve tambem cá pondo o seu Adonis de ameijoada. *à parte.*

Syr. Affirmo-vos, Silvia, que estimo muito vervos nesta casa.

Silv. E eu com a vossa vista tanto me alegro, que he huma cousa nunca vista.

Syr. A esta Silvia, quero-lhe como a vida, quando a seu irmaõ aborreço de morte. *à part.*

Silv. A esta Syringa graça lhe naõ acho, quando seu irmaõ me tem tanto cahido em graça. *à parte.*

Gol. Eu supponho, que Silvia, e Lingoiça estaõ para de vagar. *à part.*

Ling. Eu creyo que Syringa, e Golosina estaõ de pachorra. *à parte.*

Esg. Ora quando acabaraõ de conversar, que me está esta lenha lascando o corpo? *à parte.*

Cosc. Ora quando me verey livre desta lenha, que me está alanhando os ossos? *à parte.*

Syr. Golosina, acende o forno para o paõ de ló.

Cosc. Eu por mim já me contento com duzentas arrochadas. *à parte.*

Pegaõ Lingoiça, e Golosina em os forcados.

Ling. Deixe estar menina, que eu farey isso.

Gol. Eu tenho boas mãos, guarde para lá os arenques.

Esg. Se Lingoiça naõ acende o forno, estou perdido. *à parte.*

Cosc. Se Golosina naõ tira a lenha, fico varado. *à parte.*

Ling. Deixeme, que sou muito amiga de fornear.

Gol. Ay naõ, que está muito mirrada, e ha de lhe fazer mal o lume.

Ling. He boa teima!

Gol. He boa impertinencia!

Ling. Pois eu a ajudarey; tiremos desta lenha, e acendamos aquelle forno.

Cosc. A bom mato vens buscar lenha. *à p.*

Gol. Naõ; tiremos desta, e acendamos aquelle.

Esg. Peyor he esta. *à part.*

Ling. Esta parece que está mais seca.

Cosc. Naõ está por certo.

Syr. Ora acabemos: que he isto?

Ambas. Já vamos, Senhora.

Gol. Eu naõ sey que faça! *à parte.*

Ling. Eu estou perplexa! *à parte.*

Cosc. Ainda naõ me vi n'outra desde que exercito o officio cupidinario.

Gol. Ora ahi vay, daqui tenho dito.

Esg. La vay Esguicho desta vez roto. *à p.*

Ling. Tenha maõ, que eu cá tiro desta.

Cosc.

Cosc. La vay Coscoraõ desta vez passado. *à parte.*

Esg. Eu supponho, que já agora sempre lamberey de Golosina a minha chuçada. *à parte.*

Cosc. Eu creyo, que desta vez naõ ficarey sem a minha espetada de Lingoiça. *à p.*

Gol. Cá tiro.

Ling. Cá meto. *metem os forcados.*

Esg. Irra! } *saltaõ fóra da lenha.*
Cosc. Arre! }

Syr. Que he isto?

Cosc. Saõ dous coelhos, que sahiraõ do mato.

Esg. Ay que tambem cá estava Coscoraõ! *à parte.*

Gol. Aquella mofina deitou tudo a perder. *à parte.*

Ling. Aquella maldita arruinou tudo. *à p.*

Syr. Que fazieis alli debaixo?

Cosc. Eu cá por mim o que fazia naõ sou taõ descortez, que o diga na sua presença.

Syr. Com que necessidade vos metestes alli?

Cosc. A necessidade, com que eu entrey, eu sey que tal era.

Syr. E vós atrevido que fazieis tambem alli?

Esg. Eu, Senhora, naõ fazia nada, mais mande v. m. ver.

Syr. Ora deixay vir meu irmaõ, que vós o vereis.
Silv. Naõ vos afflijais, Syringa, com esses tollos.
Cosc. Ficámos apanhadinhos em contas. *à p.*
Syr. Ora vamos já accendendo o forno.
Gol. Ahi vou Senhora.
Ling. Ay naõ está aqui hum? } *Ambas.*
Gol. Ay naõ está aqui outro? }

Destapaõ os fornos.

Cosc. O caso vay de mal para peyor. *à p.*
Æsg. Hoje leva Silvano huma fumaça. *à p.*
Gol. Este se ha de accender.
Ling. Ha de-se accender este.
Syr. Temos outros argumentos? Oh Golosina accende hum forno.
Ling. Lá vay Silvano.

Chega Golosina o lume ao forno, e grita dentro Silvano.

Silv. Tenhaõ maõ, que estou cá.
Syr. Que he isto? meu irmaõ dentro no forno?
Cosc. Porque elle naõ he tambem da mesma massa dos mais? *sahe Silvano.*
Silv. Ay de mim que certamente se tinha escondido para me fallar. *à parte.*
Esg. Isto parece-me assim a modo de entrega.

Silv. Ay amor, que ainda tinha iſto para paſſar! *à parte.*
Syr. A que fim vos meteſtes dentro no forno?
Silv. Naõ ſey (corrido eſtou!) *à parte.*
Ling. Pois tambem agora quero accender eſte.
Gol. Naõ he preciſo; vá lá governar a ſua caſa.
Coſc. Para que? naõ eſtá já aquelle deſpejado?
Ling. Tenho dito, que tambem tenho a minha birra. *chega lume ao forno.*
Gol. Alguma deſgraça temo. *à parte.*
Eſg. Se agora ſahia outro, tinha bem que ver.
Dentr. Pan. Tenhaõ maõ que eſtou cá dentro.
Todas. Ay que he Pan! *ſahe Pan.*
Silv. Que he iſto que vejo!
Coſc. Huy! nunca ſe vio? he Pan, que ſahe do forno.
Silv. He Pan?
Coſc. Meſmo em carne.
Silv. Dentro no meu forno Pan!
Coſc. Pois pedras? he por ventura forno de cal?
Silv. Meu irmaõ aqui! he boa loucura!
Pan. Tambem Silvano aqui eſtá! eu naõ ſey que foy iſto. *à parte.*
Syr. Eu eſtou com a boca aberta de ver aqui Pan!

Coſc.

Cosc. Eu ſupponho, que eſta gente nunca vio Pan em ſua caſa.

Gol. Eſte Pan ſahio do forno embuxado.

Æſg. O tal Pan depois que ſe vio com tanta miſtura, naõ ficou muito paõ trigo.

Cosc. Pan parece couſa de ló, porque ficou huma eſtatua de pedra.

Pan. Oh ſoberano Jupiter, que taes injurias tinha eu de paſſar! *à parte.*

Silv. Mas como me detenho, que a eſte atrevido . . . . porém eu tambem cahi no meſmo engano. *à part.*

Cosc. Silvano como vê Pan taõ mole eſtá capaz de o comer. *à parte.*

Æſg. Silvano, depois que vio ſahir Pan do forno, eſtá capaz de o fazer em fatias. *à parte.*

Syr. Muito temo, que meu irmaõ faça alguma aſneira. *à parte.*

Silv. Muito receyo, que meu irmaõ faça alguma toliſſe. *à parte.*

Pan. Que naõ ache eu huma deſculpa para dar a eſta gente! *à parte.*

Silv. Minha irmã aqui, Pan alli, que farey? ay de mim! *à parte.*

Cosc. Eſte Pan, que ninguem o póde tragar, tem embaçado a todos.

Gol. Tudo iſto ſuccede por culpa de Lingoiça. *à part.*

Ling.

Ling. Tudo iſto por culpa de Goloſina ſuccede. *à parte.*

Silv. Mas eſperem, que agora me lembra. *à parte.*

Coſc. Ay elle olha para mim! eſtou bem aviado. *à parte.*

Silv. Dizeme, velhaco, que paõ era aquelle, que trouxeſte para o forno?

Coſc. E para iſſo he neceſſario v. m. chamarme velhaco?

Pan. Oh permitta Jupiter, que Coſcoraõ ache alguma boa deſculpa! *à parte.*

Coſc. Enganarey a hum, e deſculparey a outro. *à part.*

Silv. Reſpondes ao que te digo?

Coſc. Pois v. m. naõ o ſabe?

Silv. Quem mo havia dizer?

Coſc. A mim parece-me que lhe diſſe, que era o Senhor Pan, que alli eſtá.

Pan. Ah traidor, aſſim me deſculpas? *à p.*

Silv. Pois es taõ atrevido, que tal commettes?

Coſc. He porque v. m. naõ ſabe o porque.

Silv. Pois dize-o.

Coſc. Porque elle me diſſe que o trouxeſſe.

Pan. Ah desleal criado! *à parte.*

Silv. Ha mayor inſolencia!

Coſc. Eſpere naõ ſe enfade, que ainda naõ ſabe tudo.

Pan.

Pan. Ahi me entrega de todo. *à parte.*

Silv. Acaba de o dizer.

Cosc. V. m. naõ ſabe, que o Senhor Pan he muito divertido, e muito deſcarolado, e aſſim por fazer huma peça a eſtas Senhoras, he que ſe quiz eſconder no forno, pois tambem o tempo pede eſtas galantarias.

Pan. Só o engenho de Coſcoraõ podia achar taõ boa deſculpa. *à parte.* Naõ ha duvida que aſſim he; e ſe niſſo vos offendi, perdoay-me. *para elles.*

Silv. Pois que iſto me cheira a engano, he preciſo valerme do meſmo para disfarçar o meu erro. *à parte.* Tambem com o meſmo intento me eſcondi eu; porém naõ vos ſucceda Pan outra onde minha irmã eſtiver. *para elle.*

Pan. Nem a vós onde eſtiver minha irmã.

Eſg. Receyo, que eſtas peças venhaõ a dar em eſtouros. *à parte.*

Coſc. Ora Senhores, ſe ambos fizeraõ iſto por peça, meta cada hum a ſua buxa na boca.

Pan. Aſſim he.

Silv. Tens razaõ. (Honra diſſimulemos.) *à parte.*

Syr. Deſtas peças ſó nós nos deviamos aggravar.

Silv. Deſtas graças ſó nós deviamos ſer as queixoſas.

ARIA A 4.

Pan. Eu por peça
Silv. Eu por graça
Ambos. Me eſcondi, e me occultey
Syr. Taes graças nunca goſtey
Silv. Eu nenhuma graça achey
Ambas. Em gracinhas de { aſſuſtar } *Tod.*
Ambos. Que he gracinha de
Pan. Ignorava que offendia
Silv. Naõ ſabia que aggravava
Ambas. { Eſta aſneira cauſa dava
Para o meu { deſconfiar } *Todos.*
Ambos. Naõ vay a

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahem Syringa, e Golosina, e logo depois Pan, e Coscoraõ.

Pan. DIzeme, Coscoraõ; Syringa vem esta tarde estar com minha irmã?

Cosc. Se tu a vês já no teu jardim, que me perguntas?

Pan. Vejo, e naõ o creyo: ora deixame fallarlhe.

Cosc. Eu naõ te pego na lingoa, ainda que bem necessitas, que te puxem pelo beiço.

Pan. Suspendey, bella Syringa, as esguichadélas do vosso desdem: bem basta estar taõ aguado pelo vosso rigor.

Syr. Senhor Pan, de duas huma; ou vos callay, ou naõ digais cousa alguma.

Pan. Pois quereis, que eu morra assim à chucha calada?

Syr. Naõ vos quero ouvir, tenho dito.

Pan. Quem for mais ingrata que vós; olhay, que ha de dar bem à unha.

Syr. Voltando-vos as costas, vos taparey a boca.

Pan.

Pan. Primeiro que vos vades, ouvime ao menos quanto tenho que vos dizer.

Syr. Escuzay de me vires seguindo, que eu escuso rabos atraz de mim, e muito menos sendo taõ pezados. *Vaise.*

Cosc. E tu tambem te vás, minha Golosina?

Gol. Ouve, deixe-se ficar, que eu escuso pages e muito menos sendo taõ pátolas. *Vaise.*

Pan. Ah ingrata! ah fera!

Cosc. Ah porca! ah cadella!

Pan. Que te parece, Coscoraõ, isto?

Cosc. Que te parece, Senhor, estoutro?

Pan. Naõ póde haver mayor tyranna, que aquella.

Cosc. Naõ póde haver mayor velhaca, que aquelloutra.

Pan. Ay de mim que estou capaz.....

Cosc. De que Senhor?

Pan. De me dar na tóla hirme por esse mundo como huma cousa tola.

Cosc. Ah lacaya de borra, que nesta berra estou capaz.....

Pan. De que?

Cosc. De me dar na birra hirme por esse mundo como huma cousa burra.

Pan. Póde haver mayor mal, que o que padeço?

Cosc. Ainda que a minha pena tambem me tem cheyo as medidas, eu te confesso

que

que tens alqueires de razaõ.
Pan. O que mais ſinto he aquelle ultimo chaſco que me deu.
Coſc. Qual? dizerte que naõ queria rabos taõ pezados?
Pan. Sim; pois que te parece?
Coſc. Quero pregar huma peça a meu Amo, que elle tem ſitio para tudo. Parece-me que iſſo tem bom remedio. *para elle.*
Pan. Qual he!
Coſq. Qual he? iſſo pergunta-o ninguem? Quem diz que naõ quer rabo pezado, he que quer rabo leve.
Pan. Pois que vens a dizer niſſo?
Coſc. He poſſivel, que naõ o ſabes? Eſtas Senhoras querem-ſe galanteadas, e ella eſtranha, que ſendo tu ſeu amante, naõ uſes com ella a galantaria de lhe pores hum rabo leva, que he o divertimento do tempo.
Pan. Tens razaõ, que aſſim me toa; ora deixa-mo hir buſcar. *Vaiſe.*

Sahe Goloſina.

Gol. Já ſe foy Pan? Na verdade Coſcoraõ ſinto vello taõ deſprezado.
Coſc. Se elle ſe foy, aqui fiquey eu, que tambem ſou *ejuſdem furfuris, & farinæ.*
Gol. Eu vinha dizerlhe, que ſe naõ can-
çaſſe

çaſſe já com Syringa.

Coſc. Porque, já lhe naõ queres dar ajuda?

Gol. Se minha Ama naõ quer ouvir fallar nelle.

Coſc. Ora pois fallemos em mim; como eſtou eu comtigo?

Gol. Eſtás muito mal, pois ſe cahiſte enfermo de amor, naõ tem remedio o teu achaque.

Coſc. Pois ſe eu ſey que tu me pódes dar cura, para que me queres fazer incuravel?

Gol. Ora ouça que lhe quero reſponder muito de ré mí fá ſol.

A R I A.

Senhor ſó, c, e, cos
C, ó, có, ram, me, ram
Naõ ſeja aſneiraõ
Marmanjo tolaz.
Porque g, ó, gó
L, ó, ló, z, i, zina
Naõ cuide he tollina,
Que a ha de lograr.

Sahem Syringa, e Silvia.

Silv. Iſto, Syringa, he pagares-me a viſita, que hontem vos fiz?

Syr. Naõ foy ſenaõ meſmo por me dar na cabeça.

Silv.

Silv. Dizeime, voſſo irmaõ naõ vos diſſe ſe havia logo vir?

Syr. Eu ſupponho, que ſe elle vier, cá o teremos hoje.

Silv. Alviçaras Coſcoraõ. *à parte.*

Syr. Mas elle naõ eſtá muito couſa com voſſo irmaõ.

Silv. Permitta amor, que Pan naõ eſteja cá eſta tarde.

Coſc. Naõ eſtará tarde, porque elle ahi vem já bem cedo.

Sàhe Pan eſcondendo atraz das coſtas o rabo leva, e andará por detraz de Syringa para lho pôr no veſtido.

Pan. Coſcoraõ, aqui trago o rabo atraz.

Coſc. Fazes bem, que obras como gente.

Silv. Oh quanto ſinto ver aqui meu irmaõ, pois ſe póde encontrar com Silvano! *à p.*

Syr. Quanto me aborrece ver eſte homem! *à parte.*

Gol. Elle que vem taõ ſizudo, alguma tolice quer fazer. *à part.*

Syr. Que anda eſte Senhor aqui fazendo por traz da gente?

Coſc. Quer moſtrar, que já no ſeu amor anda muito atrazado.

Syr. Pois que he iſto, que eſte homem procura?

Coſc.

Cosc. Senhora, elle diz, que tem muito medo dos teus rigores, e assim quer namorarte às escondidas, de sorte que naõ o vejas.

Silv. Ora meu irmaõ cada vez está mais nescio. *à part.*

Syr. Que procurais, Senhor? Dizei.

Pan. Quero mostrar, que sey ser amante.

Cosc. He o que eu digo, quer namorarte às escondidas de ti.

Syr. Nem isso quero.

Cosc. Olha Senhora, isso tambem he impertinencia.

Pan. Ay que já lho puz: rabo leva, rabo leva.

Cosc. He verdade: rabo leva, rabo leva.

Syr. Que he isto Golosina?

Gol. Vês, Senhora, he hum rabo leva. *tiralho.*

Syr. Que vos parecem Silvia as ignorancias de vosso irmaõ?

Silv. Naõ sey que vos diga.

Pan. Ora merecerey vervos já com menos rigor?

A R I A.

Syr. Ha tal tollo! ha tal nescio!
Que importuno me atormenta!
Naõ adverte, naõ attenta
Em esquiva o desprezar?

Se

Se outra vez, louco atrevido,
Profeguir em tal loucura,
Verá que o rigor procura....
Mas naõ fey o que verá. *Vaiſe.*

Silv. Pan, eftais ainda pouco enfarinhado em amante. *Vaiſe e Gol.*

Pan. Ella parece, que vay mal comigo?

Coſc. Aquillo, Senhor, he hum defdem.

Pan. E que te parece o dito de minha irmã, dizer que ainda naõ eftou enfarinhado?

Coſc. Tem razaõ, que me efquecia advertirto. (Ainda a corriola ha de hir adiante.) *à parte.*

Pan. Pois dizeme, que vem a dizer niffo?

Coſc. He que agora todos os que andaõ enfarinhados no amor, apparecem às fuas damas enfarinhados, e tambem as enfarinhaõ.

Pan. Iffo parece afneira.

Coſc. Qual afneira! fe ella naõ fe alegrar, poem-me a culpa.

Pan. Naõ fey fe ella levará iffo a bem.

Coſc. Senhor, has de enfarinhalla, fe quizeres que ella faça comtigo boa farinha.

Pan. Ora eu figo o teu confelho; anda-me enfarinhar. *Vaiſe.*

Coſc. A farinha, que efte Pan havia mifter, havia fer farinha de páo. *Vaiſe.*

SCE-

SCENA II.

Antecamara. Sahem Syringa, Silvia, Golosina, e depois Silvano.

Silv. ADorada Silvia, só a vossa belléza podia ser guindaste do meu amor, senaõ naõ vinha cá, ainda que me arrastassem por huma corda.

Silvia. Porque razaõ?

Silv. Porque depois, que vi Pan no meu forno, fiquey huma braza.

Silvia. Tambem eu sentiria, que elle cá vos visse, pelo muito cioso que he.

Gol. Pois elle anda sempre por aqui a rondar.

Syr. Ora mano, ide-vos, naõ vos venha algum desgosto.

Gol. Ou senaõ, eu fecho a porta.

Vay para fechar a porta, e entra Coscoraõ.

Cosc. Que he isto? v. merces daõ com as portas nos narizes da gente?

Silv. Que procuras aqui.

Cosc. Ay! cá está v. m. pois o Senhor Pan ahi vem.

Silvia. Ay de mim infeliz!

Syr. Que ha de ser de nós?

Silv. Zeloso lhe tirarey a vida, se inten-

tar averiguar ſeus zelos.

Silvia. Ay Senhor Silvano, naõ lhe tireis a vida, porque fico dezirmanada.

Syr. Ay meu rico mano, naõ o mateis, porque póde ſucceder alguma deſgraça.

Gol. Naõ faça tal, que ſe ficamos ſem Pan, morreremos todos à fome.

Coſc. Ah Senhor, naõ nos tires o paõ cá de caſa, porque iſto he querer pornos a paõ de padeira.

Gol. Coſcoraõ, naõ dás remedio a iſto?

Silv. O remedio he matar, ou morrer.

Coſc. Ora eſpere, naõ ſe mate, que eu remedeyo iſſo: pergunto, que porta he aquella?

Silvia. He a porta da minha camara.

Coſc. E aquelloutra?

Gol. He a que vay para a deſpenſa.

Coſc. Eſſa he a melhor; pois querem que o Senhor Pan naõ veja aqui ao Senhor Silvano?

Silvia. e Syr. Eſſe he o noſſo cuidado.

Coſc. Pois para que naõ ſeja viſto aqui, eſconda-ſe alli dentro.

Silvia. Só tu podias dar em taõ bom caminho.

Coſc. Parece-me a hiſtoria dos que queriaõ meter com ceſtos ao ſol dentro em huma caſa eſcura.

Gol. E entaõ que ſuccedeo?

Cosc. Que hum ſujeito lhe evitou eſte trabalho, mandando abrir na caſa huma janella.

Silv. Mas eu eſconderme? Iſſo naõ eſtá bem ao meu valor.

Cosc. Qual valor! Naõ faças caſo diſſo, que ninguem o ſabe ſenaõ nós todos.

Silvia. Attendey, Silvano, ao perigo em que eſtou.

Cosc. Ah Senhor, vê o que fazes, que eſtá a Senhora de perigo, e póde moverſe aqui alguma ruina.

Silv. Só por eſſa cauſa o farey.... *eſconde-ſe.*

Cosc. Anda, Senhor, deixa-te de eſcrupulos, que todos ſomos de caſa.

Sahe Pan com a cara enfarinhada, e com huma maõ cheya de farinha.

Silv. Ay que he iſto! Eſte he meu irmaõ?

Gol. Que celebre traſte que vem! *à parte.*

Syr. Que tollo he eſte? *à parte.*

Cosc. Senhor, tu vens muito gentilhomem, e muito apolvilhado.

Pan. Coſcoraõ, ellas parece, que folgaõ de me ver.

Cosc. Ah Senhor, de goſto eſtaõ eſtourando com rizo.

Pan. Ora venho já capaz de apparecer?

Silvia. Muito havia rir, ſe naõ eſtivera com

tanto medo. *à part.*

Syr. Se naõ eſtivera com tanto ſuſto, muito havia de rir. *à parte.*

Pan. Acabareis de conhecer, bella Syringa, quanto dezejo agradarvos. Alviçaras, Coſcoraõ, que já me deu hum ar de rizo. *Para Coſcoraõ.*

Coſc. Ora anda para diante, e com eſſe ar naõ fiques tolhido.

Pan. Já ſey, Syringa adorada, que os amantes ſaõ como os bacalhaos.

Syr. Porque?

Pan. Porque os mais enfarinhados ſaõ os melhores.

Syr. E eu cuidava, que eraõ como os figos paſſados.

Pan. Porque?

Syr. Porque quanto mais enfarinhados por fóra, mais ocos por dentro.

Coſc. Eu tambem quero dizer o meu conceito; e he que os amantes os comparo ao paõ dos eſcouçados.

Gol. Porque?

Coſc. Porque quanto mais farinha por fóra, mais farello por dentro.

Gol. Dizes bem, que neſtes caſquilhos apolvilhados tudo he farelorio.

Syr. Tomára, que eſte homem ſe fora já daqui. *à parte.*

Pan. Cofcoraõ, parece que he tempo de lhe hir com as mãos à cara.

Cofc. Vay, que ainda fóra do entrudo o porfe na cara tanta farinha he que faz a farinha cara.

Pan. Concedeime, Senhora, licença para requintar de todo a minha fineza.

Syr. Que me quererá efte nefcio? *à parte.*

Chega-fe Pan a Syringa, e enfarinha-a.

Pan. Ora eis ahi, eis ahi, vereis fe fey fer amante.

Syr. Que he ifto, que me fuccede! Ha mayor atrevimento!

Silvia. Syringa, por vida voffa disfarçay; por naõ fucceder alguma.

Pan. Oh Cofcoraõ, eftaõ-me as mãos folgando.

Syr. Que foffra eu ifto pelo rifco, em que eftá meu irmaõ! *à part.*

Pan. Pois que dizeis? ando já enfarinhado em amante, ou naõ?

Syr. Sim, eftou-vos muito agradecida.

Pan. Mas entendey, que efta he a primeira vez, que deito as minhas finezas em rofto.

Syr. Eftá feito; ora hide-vos embora, para vos ficar mais obrigada.

Pan. Qual hir? porque eu fou afno? Oh

lá

lá haja merenda, e mais merenda.

Syr. Peyor he efta. *à parte.*

Silvia. Ha mayor infortunio! *à parte.*

Pan. E eu mefmo hey de hir dentro bufcalla, e fervir à meza.

Cofc. Agora eftá o cafo mal parado. *à part.*

Gol. Que ha de fer de nós? *à parte.*

Pan. Pergunto, Silvia, eftaõ lá dentro aquelles queijos, que hontem mandey fazer?

Silvia. Naõ, já os comi. [Digo ifto, porque naõ os vá bufcar.] *à parte.*

Pan. Ahi! Comeftes mais de vinte queijos? Já fey, que com vofco naõ poffo coalhar coufa alguma,

Silvia. Tambem mandey alguns de prefente.

Pan. E as caftanhas que mandey para cafa?

Silvia. Naõ me lembra aonde as puz.

Pan. Supponho, que tambem com ellas vos enchestes como hum ouriço?

Cofc. Naõ, as caftanhas, de burro que tal comeffe.

Pan. Sempre vou à defpenfa bufcar o que houver.

Cofc. E eu vou-me daqui, para ver fe atalho alguma defgraça. *Vaife.*

Gol. Senhor Pan, a Senhora Syringa fó com a fua vifta fe fuftenta.

Pan. Callay-vos ahi buginica, que vós

fois

ſois a primeira que eſtais já deſejando, que dar à dentuça.

Silvia. Mano, deixay-vos eſtar, que eu vou.

Pan. Qual! eu meſmo hey de hir em peſſoa. *pegaõ nelle.*

Syr. Senhor, affirmo-vos, que naõ quero comer couſa alguma.

Pan. Pois quero eu; que depois que me vejo correſpondido; tenho huma fome, que naõ poſſo parar.

Vay para entrar, e ſahe Coſcoraõ chorando.

Coſc. Ah Senhor Pan, acudame depreſſa.

Pan. Que he iſto? que tens?

Coſc. Acuda-me, antes que o magano ſe vá.

Pan. Pois que te fizeraõ?

Coſc. Deraõ-me muitos nomes meus no cachaço. Ay, ay, ay.

Pan. Calate, naõ tens vergonha de chorar?

Coſc. Quando ha de hum pobre Coſcoraõ ter vergonha, ſe levou taõ deſavergonhados Coſcorões?

Pan. Ora es hum choramingas.

Coſc. Hum cho... que?

Pan. Hum choramingas.

Coſc. Pois naõ hey de ſer choramingas, ſe me fizeraõ n'uma aſſorda.

Pan. Conta-me, como foy iſſo?

Coſc. Anda tu comigo.

Pan.

Pan. Dize-mo primeiro.
Cosc. Ora ouve.

RECITADO

Chorando.

Hum magano, hum maroto, hum marioll
Me pregou mil carollos na carolla
Com tal manha, tal força, e por tal arte,
Com tal modo, tal geito, e por tal parte,
Que na terra moido
Como hum cassaõ fiquey molle, e estendid
E vendo-me cassaõ, em tal trabalho,
Me quiz alli deixar de molho d'alho;
E eu que livre me colho,
Os teus pés busco agora de remolho.

ARIA.

Senhor Pan, se es branco, e alvo,
Vale a hum pobre escouçado,
Desancado, e derreado,
Que chorando aqui te está.
Vem comigo, antes que fuja,
Anda Senhor, anda já;
Vamos, antes que se vá.

Vaõ-se Cosc. e Pan.

Silvia. Isto deve ser traça de Coscoraõ.
Syr. Pois vamos deitar fóra a Silvano, já que temos occasiaõ disso. *Vaõ-se.*

SCE-

SCENA III.

Jardim. Sahem Esguicho, *e* Lingoiça.

Esg. QUe queira esta maldita velha, que à força eu lhe queira bem, quando só morro pela minha bella Golosina!

Ling. V. m. Senhor Esguicho vejo-o já muito descuidado.

Esg. Ora naõ me venha já com essas asneiras.

Ling. Isso me diz, ingrato, depois de eu ter gasto com vossê tanto cabedal?

Esg. Eu digo, que he asneira desconfiares do meu amor.

Ling. Naõ sey se o creya, porque o vejo muito mudavel, e muito valdevelorios.

Esg. Em final de que he verdade, toma este abraço.

Ao tempo em que se abraçaõ sahe Coscoraõ, e Pan.

Cosc. Para deter a meu Amo, e vingarme de Esguicho, boa occasiaõ he esta *à p.* Anda, Senhor Pan, que aqui estaõ os velhacos, que me deraõ. *para Pan.*

Pan. Foy Esguicho?

Cosc. Foy elle, e mais essa caveira desdentada.

Esg.

Esg. e Ling. Ha mayor teſtemunho!

Coſc. Callem-ſe ahi marmanjos.

Pan. E porque te deu?

Coſc. Ha de dizer te deraõ, porque ambos me foraõ ao couro.

Ling. Pois eu deite?

Coſc. Sim Senhora, tambem cá pelas coſtas ſenti meu pedaço de Lingoiça.

Pan. E porque te deraõ ?

Coſc. Porque reprehendi ſeus beſtiaes namoratorios.

Eſg. Como lhe dey eu, ſe ainda hoje naõ o vi?

Coſc. Eu naõ ſey ſe me via, porque dava pancadas de cego.

Ling. O que mais ſinto, he ficar a minha honeſtidade em bocas do mundo. *à p.*

Pan. Coſcoraõ, ahi vem já Syringa; ſupponho, que vay para caſa, peço-te a leves pelo boſque para gozar algum favor ſeu, pois vejo que já naõ lhe deſagrado.

Coſc. Vay-te eſperar deſcançado, que eu as levarey por lá.

Pan. E tu Eſguicho adverte, que naõ offendas mais eſte moço, porque tu es tu, e elle he elle. *Vaiſe.*

Eſg. Ora cale-ſe, que eu me vingarey. *à parte.*

Sabem

Sahem Syringa, Silvia, e Golofina.

ing. Olhem para que eftava eu guardada no cabo dos meus feffenta?

ilvia. Como já Silvano fe foy, feguras eftamos.

yr. Pois mana, ficay-vos embora, que faõ horas de me hir. Vamos Cofcoraõ.

ilvia. Hide com os deofes.

'ofc. Vamos, que mal fabes o que te efpera. *à parte.*

Vaõ-fe Syringa, Golofina, e Cofcoraõ.

'ilv. Quanto eftimo verme livre de taõ grande fufto. *à part.*

Efg. Defta forte me vingarey de Pan, e fervirey bem a meu Amo. *à parte.*

Ling. Se Efguicho naõ cafa comigo, naõ me lavo com quanta agoa tem o mar. *à part.*

Efg. Eftou, Senhora, admirado de ver o teu defcanço.

Silvia. Em que?

Efg. O Senhor Pan, vay daqui ameaçando-te que te ha de matar.

Silvia. Que dizes? Ay de mim!

Efg. Naõ fey que enredos lhe meteo Cofcoraõ, que vay daqui defefperado, dizendo, que es a fua deshonra.

Silvia. Ay, que fem duvida lhe diffe o traidor

dor Cofcoraõ, que eftava comigo Silvano. *à parte*

Efg. Digo-te ifto, por cumprir com as obrigações de bom criado.

Silvia. Perdida eftou! Naõ ha mais remedio, que aufentarme para cafa de Syringa. *à parte.*

Ling. Para que dirá Efguicho efta mentira? *à parte.*

Silvia. Sem lhes dizer para onde, me aufentarey. *à parte.*

A R I A.

Onde hey de hir trifte de mim
A bufcar amparo, e norte,
Já que meu irmaõ a morte
Me fulmina com rigor?
Por fugir ao trifte damno,
Que fulmina o feu furor,
Azas dá o mefmo amor. *Vaõ-fe.*

S C E N A IV.

Bofque. Sahe Pan.

Pan. AQui eftou efperando para gozar os favores da bella Syringa, e pela efperança em que eftou, me parece cada hora feffenta minutos. Mas eu que

que naõ a vejo, ſinal he que ainda naõ vem. Mas ay que ſe naõ me engano, ahi ſinto vir gente, e certamente, ou he ella, ou outrem: quero-me retirar, para ver quem he. *occulta-ſe.*

Sahem Syringa, Goloſina, e Coſcoraõ.

Coſc. Oh Senhoras, voſſas merces haõ de-ſe guiar por mim, ou naõ?
Syr. Por onde nos levas tu?
Coſc. Deixem-ſe hir comigo, que eu darey conta de voſſas merces.
Syr. Por eſte caminho naõ ſe vay para noſſa caſa.
Coſc. Onde eſtará eſte homem, que ainda naõ apparece? *à parte.*
Gol. Eſte caminho he muito ſolitario.
Syr. Eſtou capaz de voltar para traz.
Coſc. Naõ Senhoras, haõ de vir comigo, que eu hey de entregallas ao Senhor meu Amo.
Syr. Goloſina, vamo-nos para traz.
Coſc. Tenhaõ maõ em cortezia, mas quem vem lá?

Sahe Pan.

Syr. Ay de mim, que vejo!
Gol. Peyor he eſta. *à parte.*
Coſc. V.m. por aqui, Senhor Pan?

Pan. Minha bella Syringa, a voſſa pre-
ſença feſtejaõ eſtes boſques, que em-
brulhados nos capuzes das ſuas ſombra
eſtaõ dançando a contradança da capu-
chinha.

Gol. Me melem, ſe iſto naõ he entrega d
Coſcoraõ. *à parte*

Pan. Naõ me reſpondeis, Senhora? j
mudaſtes de parecer?

Syr. Muito receyo o atrevimento deſte ho-
mem. *à parte*

Pan. Pouco tempo ha, que vi o voſſo ſem-
blante mais alegre; porque eſtais agor
taõ embezerrada?

Syr. Coſcoraõ, para iſto nos trouxeſt
por aqui?

Coſc. Eu adevinhava, que havia-mós te
taõ bom encontro?

Pan. Senhora, por merce naõ me fareis
hum favor?

Syr. Que favor?

Pan. Hum abraço, ou couſa que o valha

Syr. Ay triſte de mim! Ha quem tal diga!

Pan. Deixaime, Senhora, chegar a boca
à nevada catimplora das voſſas mãos.

Syr. Ainda os fados me tinhaõ guardada
para ouvir iſto!

Coſc. Ha quem tal faça! Queres tomar ne-
ve em tempo taõ frio?

Pan.

Pan. Toda eſta neve para mim he hum trago, ou hum ſorvete.

Gol. Eſtá iſto bom, Senhor Coſcoraõ?

Coſc. Eu tenho culpa de Pan eſtar taõ levado de amor? Mas eſpera, que eu meto as mãos na maſſa. Ah Senhor v. m. que quer a minha Ama?

Pan. Coſcoraõ, deixemos disfarces, que eſtou deſeſperado.

Coſc. Pois que eſperas? Faze o que te parecer.

Syr. Ah criado falſo traidor!

Gol. Ah desleal! ah fementido!

Coſc. Tudo iſto ſaõ queſtões de nome: vamos *ad rem*: venha tambem minha Goloſina hum abraço cá para o pobre.

Gol. Hum dardo, que o atraveſſe.

Coſc. Bem me atraveſſa quem he taõ traveſſa.

Pan. Senhora, concedeime o que peço; ſenaõ farey o que poſſo.

Syr. Oh piedoſo Jupiter, valeme em tanta afflicaõ.

Coſc. Naõ te canſes, Senhora, em chamar por Jupiter, que he taõ bom tonante como qualquer de nós.

Pan. Pois valermehey da força, ainda que quebre com voſco.

ARIA.

ARIA A DUO.

Syr. Vós, oh Deoſes ſoberanos.
Pan. Oh ingrata eſpera, eſpera.
Syr. Valeime.
Pan. Tyranna fera.
Syr. Ay de mim! valeime já } *Ambos.*
Pan. Aos meus braços chega já }
Syr. Piedoſos me attendey.
Pan. Naõ reſiſtas bella, ingrata.
Syr. { Se voſſa clemencia grata
{ A todos auxilio dá } *Ambos.*
Pan. De mim naõ te livras já }

Vay Pan a abraçarſe com Syringa, e ſe converte em hum canaveal.

Coſc. Que he iſſo? Ah Senhor, tem maõ que te abraças com humas canas.
Gol. Que vejo! oh deſgraçada de mim!
Pan. Ha mayor deſdita!
Coſc. Pois que te parece, o que foſte fazer, e desfazer.
Pan. Deixame Coſcoraõ, que perco o juizo.
Gol. Ay minha rica Ama do meu coraçaõ, que te tragou a terra.
Coſc. Tens razaõ de chorar, minha Goloſina, que o tragalla a terra foy para todos hum amargoſo trago.
Pan. Oh piedoſos Deoſes, ſe a reduzis à

ſua

ſua propria fórma, eu vos prometto.

Coſc. Promete-lhe huma Syringa de prata para ajuda do cuſto.

Gol. Vou-me por eſſe mundo acabar a vida.

Coſc. Eſpera, dame ahi primeiro dez mil abraços, para naõ te hires rindo de tua Ama.

Gol. Ha mayor loucura! voſſê naõ vê o exemplo diante dos olhos?

Coſc. Naõ tenhas medo, que tu eſtás ſegura, pois nem a terra te ha de poder tragar.

Gol. Pois valhaõ-me os pés. *vay para fugir.*

Coſc. Tenha maõ. *ſegura nella.*

Gol. Valeime, Deoſes piedoſos.

Vay para a abraçar, e converte-ſe em huma ſalgadeira.

Coſc. Mas ay, que dey com os narizes n'um ſedeiro!

Pan. Que he iſſo, Coſcoraõ?

Coſc. He hum methamorphorſeos lacayal.

Pan. Irados eſtaõ os Deoſes contra nós.

Coſc. Eſtaõ hoje apoſtados a pregarnos a peſſa.

Pan. Em huma ſalgadeira ſe transformou?

Coſc. Iſſo tenho eu contra huma, e outra, que ſe naõ converteraõ ao menos em arvores fructiferas, pois naõ era má para

 o tem-

o tempo a fruta de Syringa.

Pan. Vem cá Cofcoraõ, dame algum alivio em tanto mal.

Cofc. Oh Senhor adverte, que eu naõ fou fole do Maranhaõ para fupprir nas faltas de Syringa.

Pan. Naõ zombes de mim, quando me vês eftar penando.

Cofc. Deixeme, que tambem eftou enfadado, e fenaõ gritarey pelos Deofes, ainda que me convertaõ em alfavaca de cobra, ou em cebolla albarrã.

Pan. Deixa loucuras, e aconfelha-me, o que devo fazer nefte cafo.

Cofc. Iffo agora fim, que eu entendia cá outra afneira. Senhor, o remedio que ha he regarmos com lagrimas efta feara que temos feito.

Pan. Que importa, que eu chore tanto
Com exceffivas ternuras,
Se a eftas canas taõ duras
Naõ abranda hum mar de pranto.

Cofc. Pois eu cá por minha móffa
Em chorar tenho affentado;
Porque tudo o que he falgado
Só com muita agoa fe adóça.

Pan. Pare o pranto, pois fe perde,
E quer o peito rafgar
Para com fangue regar
Huma efperança taõ verde.

Cofc.

Cosc. Neste salgado em que apanho
Hum defluxo taõ sem par,
Sómente quero chorar
Ainda que o chorar faz ranho.

Pan. Feliz tu, que a lisongeira
Sorte, com gloria reserva;
Pois para a tua conserva
Te deu huma salgadeira.

Cosc. Feliz tu, que a sorte ufana
Te dá curas taõ subidas;
Pois para as tuas feridas
Tens agoardente de cana.

Fallaõ ambos em segredo, e sahe Silvia junto ao canavial.

Silv. Pelo que me disse Esguicho, venho buscando a casa de Syringa; mas já vejo que perdi o caminho. Porém ay de mim infeliz, que alli está meu irmaõ fallando com aquelle traidor! Sem duvida que me anda procurando: occultarmehey entre estas canas, os Deoses me defendaõ.

Esconde-se entre as canas.

Pan. Coscoraõ, naõ sey que ha de ser de mim.

Cosc. O que? hirmos para casa, que saõ horas de cuidar na cea.

Pan. Isso he seres bruto; ha quem queira comer à vista destes espectaculos?

Cosc. Eu naõ digo, que comamos à sua vista, vamos comer para casa.

Pan. Já naõ espero ter consolaçaõ na minha vida.

Cosc. Mas ay que estamos perdidos; que ahi vem Silvano direito a nós!

Pan. Ainda mais essa?

Cosc. Has de dizer ainda mais esse.

Sahe Silvano.

Silv. Esperay Pan, que vós, e este aleivoso criado me haõ de dizer onde me sumiraõ minha irmã, pois a viraõ entrar com elle para aqui.

Cosc. Pois vê-a v. m. aqui comigo?

Silv. Naõ.

Cosc. Logo he sinal certo, que naõ está cá.

Silv. E vós, Senhor Pan, daime tambem conta della; pois já estou informado, de que atrevido a solicitaveis.

Pan. O certo he que o caso está bem mal parado. *à parte.*

Cosc. Toda via v. m. naõ sabe onde está?

Silv. Naõ, e mais tenho corrido tudo.

Cosc. Entaõ como havemos sabello nós, que naõ temos passado daqui.

Silv. Logo devia tragalla a terra.

Cosc. Talvez, que assim succedesse.
Silv. Oh atrevido, zombas de mim? morrerás.
Pan. Tende maõ, Senhor Silvano.
Silv. Vós, e elle morreráõ, se me naõ derem conta della.
Pan. Na verdade quereis saber della?
Silv. Pois naõ?
Pan. Obrais como irmaõ amante.
Silv. Pois aonde está? aviemos.
Pan. Boa conta lhe darey eu della. *à parte.*
Silv. Naõ respondeis? pois briguemos.
Pan. Esperay, Silvano.
Cosc. Espere, Senhor: assim se achaõ as cousas taõ depressa!
Silv. Que hey de esperar?
Cosc. Deixe-nos considerar primeiro, para ver se damos nella.
Pan. Eu naõ tenho mais remedio, que responderlhe a verdade. *à parte.*
Silv. Pois que dizem?
Cosc. Outra vez. Se nos estiver atarantando, naõ nos lembrará nada que lhe dizer.
Silv. Grande he a minha paciencia!
Pan. Senhor Silvano, a quem procurais, buscay entre as canas, que vedes, e se naõ vos deres por satisfeito, por aqui vou. *Vaise.*
Cosc. E eu tambem. *Vaise.*

Silv. Vejamos ſe he aſſim.

Chega Silvano ao canavial, e ſahe Silvia.

Silv. Mas que vejo! vós Senhora aqui..: quando....

Silv. Eu ſou, Silvano.

Silv. Que he iſto! Pan entregarme ſua irmã, para que eu lhe naõ procure a minha! porém hey de matallo, porque mais eſtimo a honra, que o amor. *à p.*

Silv. Muito penſativo eſtais! peza-vos de me veres aqui?

Silv. Senhora, eſperay, que já venho.

Silv. Detende-vos, e valey a huma mulher infeliz, ſe ſois amante, e nobre.

Silv. De tudo me prezo; porém daime licença.

Silv. Amparaime, porque meu irmaõ me pretende tirar a vida, por ſaber, que vos amo.

Silv. Ella cuida, que naõ entendo os ſeus disfarces. *à parte.*

Silv. Ponde-me em ſeguro, e depois averiguay o que quizeres.

Silv. Diz bem; levalla-hey comigo, e depois o buſcarey para lhe dar a morte. *à part.* Muito deveis ao meu amor, que tanto refreya aos meus zelos. *Vamos.*

ARIA.

ARIA A DUO.

Silvia.	Já ſeguirte intenta Quem firme te adora.	
Silv.	Seguime, Senhora.	
Ambos.	Que o tempo me falta.	
Silv.	Para me vingar.	} *Ambos.*
Silvia.	Para te lograr.	
Silvia.	Sem ti naõ me alento.	
Silv.	Sem honra naõ vivo.	
Ambos.	E he tormento eſquivo.	
Silvia.	O naõ te aviſtar.	} *Ambos.*
Silv.	O ſem honra eſtar.	

ACTO III.

SCENA I.

Bosque com o canavial. Sahe Coscoraõ.

Cosc. ASsim como qualquer porco tem por centro a sua salgadeira, assim eu tambem, ainda que me façaõ em postas, hey de buscar esta salgadeira por meu centro. Mas he possivel, que se transformasse em cousa taõ salgada huma Golosina taõ doce; para cuja assucarada belleza concorriaõ os amantes como moscas? Mas ay, que ahi vem o salvagem de Esguicho, e supponho que tambem vem com a mosca, pela pressa com que caminha, e eu vou-me moscando, porque naõ haja alguma mosquetaria de socos.

Vay para se hir, e sahe Esguicho.

Esg. Ah sou camarada?
Cosc. Camarada he marujo.
Esg. Ah sou amigo?
Cosc. Amigo he bebado.
Esg. Ah sou pracciro?

Cosc. Praceiro he preto.
Esg. Ah ſou homem?
Cosc. Homem he mariola.
Esg. Ah ſou aſno?
Cosc. Agora ſim, que diſſe voſſê o que he.
Esg. Voſſê empulhame?
Cosc. Voſſê he que ſe empulhou, dizendo ah ſou aſno, ſou aſno.
Esg. Seja o que for, naõ gaſtemos tempo em couſas de pouco fundamento.
Cosc. Aſſim he; vamos ao mais que tenho preſſa.
Esg. O que eu quero he, que voſſê me dê conta de Goloſina, porque ſey, que a ſumio onde quer que he.
Cosc. He o que eu digo, ahi temos entalaçaõ. *à parte.*
Esg. Vamos dando conta della.
Cosc. V. m. naõ ſabe onde ella eſtá?
Esg. Naõ.
Cosc. Pois buſque-a, que talvez que naõ appareça.
Esg. Voſſê zomba? olhe que lhe hey de romper as tripas.
Cosc. Se voſſê me rompe as tripas, entaõ tem Goloſina certa.
Esg. Pois preparar, ou para nos matarmos, ou para ella apparecer.
Cosc. Eſtá boa impertinencia! Eu naõ ſey

como

como eſcape deſte ſalvagem. *à parte.*

Eſg. Aviemos, ſenaõ olhe que lhe dou.

Coſc. Mas imitando a meu Amo com a meſma verdade lhe reſponderey. *à parte.*

Eſg. Naõ ouve? pois levará.

Coſc. Eſpere, diga, o que quer, naõ he ſaber onde ella eſtá?

Eſg. Sim, naõ me ouve?

Coſc. Ora acabe com iſſo; pois meu amigo procure-a naquella ſalgadeira, que alli ſe eſcondeo, ainda que voſſê naõ a ha de conhecer.

Eſg. Ora eu vejo. Mas ay de mim! que he iſto! eſpera Coſcoraõ, eſpera.

Vay ver, e ſabe huma burra de entre a ſalgadeira.

Coſc. Que quer? (Mas ay, que por acaſo alli eſtava huma burra, proſeguirey no engano.) *à parte.*

Eſg. Eſta he Goloſina?

Coſc. Pois porque te diſſe eu, que naõ a havias conhecer!

Eſg. He poſſivel, que iſſo ſeja aſſim.

Coſc. He fadario, que tem de dias em dias. Meu amigo, ſomos miſeraveis.

Eſg. Eu em todo o tempo, que eſtive em caſa, nunca vi, que tal fadario tiveſſe.

Coſc. Porque? logo ſe havia transformar à

ſua

ſua viſta? quantas vezes a veria feita burra, ſem que a conheceſſe?

Eſg. Pois pergunto: as mulheres tambem tem eſte fadario?

Coſc. Quantas, meu amigo por fadario ſaõ burras toda a ſua vida.

Eſg. Oh meu Coſcoraõ, quando ha de ella tornar a ſi?

Coſc. Eſtas duas horas ainda ſe naõ ha de deſemburrar.

Eſg. Sempre he para ter pena; olhe o que ſomos, e em que nos tornamos!

Coſc. Ah ſou Eſguicho, eſte fadario haviaõ ter todas as mulheres dos homens pobres, porque ſerviaõ de grande deſcanço aos maridos.

Eſg. E a mim me ſerve de afflicçaõ.

Coſc. Sabe voſſê para que era boa huma deſtas?

Eſg. Para que?

Coſc. Para mulher de hum aguadeiro.

Eſg. Forte magoa! ver eu mudada em huma ridicula burrinha huma moça como huma urca!

Coſc. Tenha a conſolaçaõ, que logo a verá gente em ſe deſaſnando.

Eſg. Naõ tenho mais remedio, que levalla para caſa.

Coſc. Faz bem; e eu tambem me vou, e tenha

tenha a consolaçaõ, que logo lhe passa essa transformaçaõ burrical. *Vaise.*

Esg. Quem me havia dizer, minha doce prenda, que te havia eu ver mança como huma burrega, quando eras arisca como huma gata! e já que te vejo taõ quieta, hey deme fartar de te abraçar. *abraça-a.*

Sahe hum rustico.

Rust. Que vejo! Aquelle asno está abraçado com hum burro? Já eu ouvi dizer, que se abraçavaõ asnos com amixieiras; porém asnos abraçados com outros, ainda agora o vejo.

Esg. Ora anda para casa, meu amor.

Rust. Mas ay, que he a minha burra! Ha mayor insolencia! que naõ possa hum homem ter a sua jumenta segura destes maganos ladrões!

Esg. Mas quem he, o que lá vem?

Rust. Ah sou amigo, aonde leva essa burra?

Esg. Senhor, isto cá he huma cousa, que lhe naõ importa.

Rust. Naõ me ha de importar a minha jumenta, que comprey?

Esg. Olhe v. m. que se engana, que esta burra he como qualquer de nós.

Rust. Será como elle, atrevido; ora tome.

me. Dalhe.

Esg. Ay, ay, ay! baſta, Senhor; ahi eſtá a burra, quer ſeja gente quer naõ.

Ruſt. Já ſe crê do que lhe digo?

Esg. Sim ſenhor, que v. m. prova, o que diz com ſilogiſmos em *Dari*.

A R I A.

Ruſt. Larga a burra, magano, atrevido,
Naõ ma queiras tomar, ladronaço;
Se naõ vê que o teu triſte cachaço
Ha de ſer derreado, moido;
Irra vaſco com tal deſaforo!
He por certo valente furtar.
Vaite, antes que me atente,
Pois te vejo ſem modo de gente,
Mais que a burra, valente animal.
Vaiſe.

Eſg. Eſtá iſto lindo! Darſe-há caſo, que o tal Coſcoraõ me albardaria com a burra! Mas calte que ſe me emburricaſte, eu te tangerey. *Vaiſe.*

Sahe Pan.

Pan. Aſſim como o navegante, que navega em eſtreito canal, tendo contrario o vento, tudo he dar voltas; aſſim eu neſte canal, em que o meu amor naufraga, tudo he dar giros como a cobra; e ſe a huma

huma cobra facilmente mata huma cana, que farey eu, vendo tantas contra mim! Ay trifte, aonde acharey confolaçaõ! Mas já que vós fois o motivo do meu penar, quero cortando-vos, que decanteis comigo a minha infaufta forte, e já que fois a caufa do meu mal, haveis de fer o clarim do meu tormento. (*Corta nas canas.*) Supponho, que naõ vos offende o cortarvos, pois tambem Dafne fe naõ queixou de Apollo lhe cortar para a coroa fua verde rama; e affim já que foftes quem me fugio, he razaõ feja eu quem vos affobie às botas.

Chega as canas, que cortou, à boca, e canta o feguinte

RECITADO FLAUTADO.

Verey fe affim foprando com a boca....
Ay, que armonia faz! ay como toca!
Oh que taõ bella induftria amor me enfina!
O inftrumento he hum thefouro, he huma mina.
Como he fonoro, doce, e taõ fuave!
Que confonancia faz, taõ bella, e grave!
Que a meus triftes ouvidos
Eleva com taõ doces fuftinidos.

ARIA.

ARIA.

Doce calamo decanta
Já comigo a minha magoa,
Pois que nesta triste fragoa
Sinto a ausencia dc hum amor:
E se a sorte me condemna
A chorar na minha pena,
Dame alivio em tal rigor.

Sahe Coscoraõ por detraz do canavial.

Cosc. Vejamos se se ausentou já daqui aquelle salvagem. Mas ay, que alli está meu Amo! he forte desgraça! Que naõ possa ter lugar hum pobre Coscoraõ de se frigir no azeite das finezas! Ora escondamonos aqui, até ver se se vay. *esconde-se no canavial.*

Pan. Quando vejo este verde canavial, se me entristece a minha esperança.

Cosc. Pois razaõ tinha para se alegrar com o verde. *à parte.*

Pan. Oh como te custou salgada huma graça de amor!

Cosc. Mais salgada custou a Golosina, que está feita salgadeira. *à parte.*

Pan. Talvez naõ chegasses a tanto, se naõ fora o teu amor com Pan taõ duro.

Cosc. Ao mesmo chegou Golosina, e mais

naõ

naõ arreava a paõ mole. *à parte.*

Pan. Que farey infeliz de mim?

Cosc. Ora quero fazer huma peça a meu Amo. *à parte.*

Pan. Que hey de fazer, quando louco o teu amor me traz?

Cosc. Traz. *por falsete.*

Pan. Ay que se naõ me engano, hum ecco ouvi! Por ventura, adorado bem, serás tu essa voz, que soou?

Cosc. Sou.

Pan. Ditoso me considero! Perdoa-me, meu bem, ser eu causa de tu estares assim.

Cosc. Sim.

Pan. Torna outra vez à tua fórma, que eu prometto, de que outra vez te naõ agarre.

Cosc. Arre.

Pan. Ainda es ingrata contra mim?

Cosc. Im.

Pan. Pois que intentas, ou queres em tanta magoa?

Cosc. Agoa.

Pan. Agoa? Eu vou, Senhora, buscalla, pois taõ perto está a fonte. *Vaise.*

Cosc. Elle se foy, e eu me estou tambem hindo com sono; porém tomo o acordo de naõ dormir, sem primeiro cantar hum bocadinho.

ARIA.

ARIA.

Ay, que eſtou pingando!
Naõ poſſo já bulirme,
E o ſono a perſeguirme,
Aqui me hey de deitar:
E que lhe hey de fazer
Se o caõ aperta tanto?
Tenha lá maõ deſte canto
Que naõ me hey de entregar.

Cahe dormindo entre as canas, e ſahe Pan com huma quartinha de agoa.

Pan. Aqui venho já obediente aos voſſos preceitos. *Deita a agoa ſobre Coſcoraõ.*
Coſc. Ay, que me mataõ! *levanta-ſe.*
Pan. Que he iſto?
Coſc. Ay, que eſtou cego!.... *chora.*
Pan. Tu choras?
Coſc. Ainda mo perguntas, quando me vês os olhos arrazados de agoa?
Pan. Naõ ſabia, que aqui eſtavas.
Coſc. He poſſivel, que ſendo tu Pan, me fizeſſes a mim n'uma ſopa?
Pan. Dize, que fazias aqui dormindo?
Coſc. Dize-me tu, porque carga de agoa me fizeſte bacalháo de molho?
Pan. Eu cá ſey o meu intento.
Coſc. Tu ſabes o teu intento, e eu no en-

tanto vou soffrendo as tuas aguadas
[Mas eu tive a culpa, pois cuidand
que te lograva, vim a cahir na corriola.]
à parte

Pan. Ay, Ay, Coscoraõ! naõ sey com
ando! eu morro.

Cosc. Pois se estás mal, eu sou cá orino
para te tomar as agoas?

Pan. Estou ardendo n'um inferno de penas

Cosc. Pois se estás ardendo, toma hum ba
nho como eu.

Pan. Hoje nesta amante fragoa
Vejo contrarios primores;
Pois eu padeço os ardores,
Tu es quem recebe a agoa:
Meu coraçaõ sente a magoa,
E tu te ficas queixando,
E nisto se está mostrando
O intento todo frustrado;
Porque tu ficas aguado,
E eu sou o que vou aguando.
Vaise

Cosc. Agoa vay! sede lá moço
De hum Amo taõ dezalmado,
Que acorda hum triste coutado,
Que dorme qual pedra em poço
Afogado até o pescoço
Me vi nesta amante fragoa:

H

He por certo grande magoa
Ver, que hum tal Amo aſſim obre,
Quando ſe queixa de hum pobre,
Que o ſerve por baixo da agoa.
Vaiſe.

Sahe Silvia.

Silvia. Fugindo às amoroſas inſtâncias de Silvano, venho taõ perdida do caminho, como do ſentido; pois cuidando achar alivio na companhia de Syringa, como eſta naõ apparece em caſa, ſómente encontrey amoroſos atrevimentos em Silvano, e fugindo a ſeus rogos, venho guiando os paſſos, ſem ſaber para onde. Mas ay de mim, que ahi vem meu irmaõ! Que farey piedoſos Deoſes! Porém eſte canavial ſerá ſegunda vez meu abrigo. *eſconde-ſe.*

Sahe Pan, e Coſcoraõ ſeguindo a Eſguicho, que ſe retira.

Pan. Suſpende os paſſos, e dizeme aonde eſtá minha irmã?

Eſg. Por me livrar deſte demonio, encravarey a meu Amo. *àpart.* Senhor, pergunta por ella ao Senhor Silvano, que a tem em caſa. *para elle.*

Pan. Oh desleal, perderás a vida.

Esg. Valhaõ-me os pés. *foge, e vaise.*
Pan. Espera, infiel criado.
Cosc. Senhor, naõ nos cancemos em seguillo, porque o medo lhe pôs azas nos pés.
Silvia. Naõ posso perceber, porque se enfada meu irmaõ. *à parte.*
Pan. Que te parece isto, Coscoraõ? Naõ bastava estar ferido de amor, senaõ escalavrado do credito?
Cosc. Pois curate com agoardente de cana, que logo sáras.
Pan. Oh Coscoraõ, como estará Silvano com Silvia soberbo!
Cosc. Oh Senhor, e como hirá Esguicho com Lingoissa enchouriçado!
Pan. Com a morte de ambos me satisfarey.
Cosc. E eu me fartarey com desancar o palayo àquelle esfaimado tragador de Lingoissas.
Pan. Mas ay, que de toda a força desfaleço, quando vejo aquelle espectaculo!
Cosc. Mas ay, que tambem enfraqueço quando vejo aquelle espantalho!
Pan. Igual he o nosso sentimento.
Cosc. Pois Senhor Pan, eu com ser Coscoraõ, tambem sou da mesma massa, que tu es.
Pan. Pois que havemos fazer neste caso?
Cosc. Chorarmos como humas crianças.

Fallaõ

Fallaõ à parte, e ſabe Lingoiſſa junto à ſalgadeira.

Ling. Por aqui ando perdida, ſem ſaber caminho, nem carreira. Mas ay, que alli eſtá meu Amo! deſgraçada de mim! Aqui me eſconderey até ſe hir.

Eſconde-ſe na ſalgadeira.

Pan. Já vejo Coſcoraõ, que o meu mal he ſem remedio.

Coſc. Se iſſo he por falta de Syringa, o remedio he bom.

Pan. Qual he?

Coſc. Mandar chamar huma criſtaleira.

Pan. Pergunto eu, Coſcoraõ, darſe-ha caſo que eſtas canas eſtaraõ tapando a Syringa, e que eſteja debaixo dellas?

Coſc. Nem duvido, que Goloſina eſteja debaixo da ſalgadeira.

Pan. Que eu naõ creyo, que eſtas canas ſejaõ Syringa.

Coſc. Qual? Eſguichos de cana, já eu vi, mas Syringas naõ.

Pan. A mim me parece que naõ naſceraõ della.

Coſc. E a mim, ainda que Ariſtoteles diz que *productio unius eſt corruptio alterius.*

Pan. Que he iſſo?

Coſc. He hum ſujeito, que diſſe, que a

produc-

producçaõ dos caniços he corrupçaõ das arterias.

Pan. Pois Cofcoraõ, entremos a cortar.

Cofc. Pois Senhor, entremos a desfazer.

Silvia. Que ouço! Ha mayor desdita! *à p.*

Ling. Que efcuto! Ha mayor desventura! *à parte.*

Pan. Com efta efpada.

Cofc. Com efta faca.

Pan. Vá o corte às canas.

Cofc. Vá o jogo às falgadeiras.

Silvia. Ay de mim infeliz! *à part.*

Ling. Ay defgraçada de mim! *à part.*

Pan. Que como as canas tem olhos, he bem lhe chegue a fua féga.

Cofc. Que como a falgadeira tem folhas, he jufto lhe chegue a fua defencadernaçaõ.

Pan. Mas ay que temo, que com efta féga perca de vifta a luz dos meus olhos!

Cofc. Mas ay que receyo, que com efta ancia fe me vá o meu bem ao cahir da folha!

Pan. Mas cortemos, e faya o que fahir.

Cofc. Mas rompamos, e venha o que vier.

Vaõ para enveftir, fahe Silvano, e fufpendem-fe.

Silv. Que vejo! Efte homem eftá louco? *à parte.*

Pan. Mas Silvano! Nelle vingarey as minhas iras. *Cofc.*

Coſç. Ay que ella ahi eſtá travada! *àpart.*

Silv. Senhor Pan, eſtaveis enſayando-vos para a peleja?

Pan. Naõ he iſſo da voſſa conta, o que importa he vir para cá minha irmã.

Silv. Eſte homem he louco? entregou-me a irmã, e agora pede-ma. *à parte.*

Pan. Vamos andando; ou minha irmã, ou a vida.

Silv. Mas iſto ſem duvida he disfarce nelle, por ſaber, que já me fugio aquella ingrata, mais leal a elle, que ao meu amor.

Coſc. O tal Silvano eſtá muito mula; hoje nos moe aqui a couces. *à parte.*

Silvia. Atalhou-ſe hum perigo com outro mayor. *à part.*

Ling. Ora vejaõ aonde eu me havia vir meter! *à parte.*

Pan. Senhor Silvano, naõ me ouvis?

Coſc. Como eſtá réo o magano do furta irmãs! *à parte.*

Silv. Eſtou obſervando o deſcoco de me pedires vós o meſmo, que eu vos peço, cuidando de me ganhares por maõ.

Coſc. Por maõ ſim lhe ganhará meu Amo, mas por unha ninguem ganha a v. m.

Pan. Eu voſſa irmã naõ vo-la tenho; vós me entregay a minha.

Silv.

Silv. Ha mayor ignorancia! Efte homem cuida que me efquece a hiftoria do canavial; mas quero feguirlhe o humor, e lhe darey a morte. *à parte.*

Pan. Muito confiderais.

Silv. Niffo me pareço com vofco.

Pan. Naõ eftejamos com fanxas marranxas: appareça minha irmã, ou briguemos.

Silv. Ora quero darte o chafco com a mefma refpofta que me défte. *à parte.*

Silvia. A defgraça hoje he infallivel. *à part.*

Cofc. Já fe fabe, que em os vendo puxar, largo a fugir. *à parte.*

Pan. Efta duvida, Silvano, vaime cheirando a cobardia.

Silv. Enganais-vos; porém adverti, que em femelhante cafo me naõ déftes vós taõ prompta refpofta.

Cofc. Naõ era por medo; porque o Senhor Pan naõ tem papas na lingua, nem he nenhum papas de paõ.

Silv. Em fim quereis faber de voffa irmã?

Pan. Para que o perguntais, fe o fabeis?

Silv. Ora efpera, que eu te lembro o logro. *à parte.* Pois procuray-a nas canas que ahi vedes. *para elle.*

Cofc. Ay que tambem lhe dá com as canas! *à parte.*

Silvia.

Silvia. Ay trifte, infeliz de mim! *à part.*

Pan. Eftá feito. Mas que vem meus olhos! morrerás.

Sahe Silvia do canavial, e foge para Silvano.

Silvia. Valeime, Senhor Silvano.

Silv. Que vejo! Ah ingrata, que fegunda vez te occultafte por ordem de Pan, para que eu naõ lhe pudeffe pedir minha irmã.

Ling. Ay cá eftava a Senhora Silvia! *à p.*

Pan. Pois como a defendeis de mim, fe ma entregais?

Silv. Mas já vejo, que nifto acudiraõ os Deofes pela minha innocencia, e affim me vingarey. *à parte.* Bem vedes, que vos dou conta de voffa irmã; porém naõ vo-la hey de entregar fem apparecer a minha. *para elle.*

Cofc. He jufto iffo; maõ por maõ.

Pan. Agora a ifto naõ fey que refponda.

Cofc. A hi torna Pan a fer réo. *à part.*

Silv. Naõ vos refolveis?

Silvia. Oh quem naõ tivera vida.

Pan. Eu naõ fey o que faça. *à parte.* Oh Cofcoraõ, o Senhor pede conta de fua irmã, e he muito jufto.

Cofc. Uy, pois naõ? que o fangue corre pelas veyas.

Pan.

Pan. Mas dize; como lhe havemos nós dar conta della?

Cosc. Agora dessa conta serey eu o nós fóra.

Silv. Muito deveis à minha paciencia!

Cosc. Ah Senhor, naõ o esteja atarantando, que está lá fazendo a sua conta, para ver se lha deve dar, ou naõ.

Pan. Silvano, já vejo, que este caso he como hum casamento.

Silv. Porque?

Pan. Porque só com a morte de hum se póde acabar.

Silv. Morrerás, aleivoso.

Silvia. Tende maõ Silvano. Ay de mim!

Pan. Só os Deoses vos pódem dar vossa irmã.

Cosc. E creyo, que só Plutaõ, porque ella lá se encaminhou para o inferno.

Silv. Pois briguemos.

Pan. Briguemos.

Silvia. Silvano, Pan, ay de mim!

Cosc. Ah Senhor, tenha dó dessa menina, que lhe está pedindo paõ.

Silv. Aparta-te falsa.

Pan. Retira-te traidora.

Silvia. Todos me injuriais, quando a nenhum offendi.

Ling. Olhem para isto? todos fazendo fachina, e eu occupando a salgadeira! *à p.*

Pan. Esperay, Silvano, deixayme implo-

rar

rar os Deoſes, e ſe naõ valerem os rogos, ſuppriraõ as eſpadas.

Silv. Eſtá feito.

Coſc. Grita bem para que te ouçaõ.

Silvia. Oh Jupiter, remedeia lance taõ apertado.

RECITADO.

Pan. Oh tu Jupiter alto, e poderoſo,
Os teus olhos inclina hoje piedoſo;
Já baſta de caſtigo,
Attende ao damno, mova-te o perigo.
Torna Syringa à ſua propria fórma,
Que tanto o meu amor já ſe refórma,
Que pelo Stygio faço juramento
De naõ mais offendella o penſamento.

Converte-ſe o canavial em Syringa, e ſuſpendem-ſe todos.

Todos. Que portento!

Syr. Ay de mim!

Ling. Que he o que vejo! *à parte.*

Syr. Quem me acordou? Mas aqui! Silvano eu ſem culpa.

Silv. Naõ vos aſſuſteis.

Syr. Querida Silvia valeime.

Silv. Naõ temais que vos offenda, contaime o ſucceſſo.

Syr. Sabereis Silvano, que eſſe atrevido me

me eſperou neſte boſque, e querendo-me dar hum abraço, eu naõ o quiz aceitar, e teimando, chamey pelos Deoſes, e como fiquey ignoro, ſó ſey que até agora nada ſenti.

Silvia. He poſſivel, que a tanto chegaſſe o exceſſo de meu irmaõ? *à parte.*

Silv. Pois que vos parece, Pan, a voſſa ouſadia?

Pan. Como vos entrego voſſa irmã, tenho cumprido com o que devo, pois lhe naõ tirey nenhum pedaço; porém minto, que já me lembra que de huma cana, que cortey, fiz huma flauta, que por lhe pertencer a quero entregar.

Vay para tirar a flauta, e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he iſto! Converteo-ſe em huma trança de cabellos!

Silv. Que prodigio!

Silvia. Que portento!

Coſc. Ah Senhor, os Deoſes pregaraõ-ta de cabellos.

Syr. Ay, que cá me falta a minha rica trança. *apalpa.*

Coſc. Por hum cabello naõ a deixas creca.

Pan. Com reſtituilla pago o que devo. *dalha.*

Silv. Olhem ſe ſuccede cortarlhe a cana de hum braço.

Cosc. Se lhe corta-se alguma cana da lingua, naõ importava, pois he o que as mulheres tem mais de sobejo.

Syr. Aonde está Golosina?

Cosc. Peyor he esta. *à parte.*

Pan. Isso pergunte-se a Coscoraõ.

Cosc. Eu sey della? pergunte-se a Plutaõ, que devia levalla para cosinheira do inferno.

Silv. Morrerás.

Cosc. Espere, Senhor, deixeme primeiro ver se fazendo a minha choradeira aos Deoses, a vomita a terra.

RECITADO.

Oh Jupiter tonante, que goloso,
Chuchas na Ambrosia o nectar saboroso,
Peço-te por doçura taõ divina
Nos largues tambem huma Golosina;
Debruça-te dessa aguia, e orelhudo
Os ouvidos applica Deos barbudo,
Que por Baco te juro aqui em segredo
De mais em Golosina naõ pôr dedo,
Ainda que hum pobre home
Deite lingua de palmo à pura fome.

Converte-se a salgadeira em Golosina, e dá Lingoissa hum pulo assustada, e admiraõ-se todos.

Ling. Ay, que me leva Plutaõ em corpo, e alma! *Gol.*

me eſperou neſte boſque, e querendo-me dar hum abraço, eu naõ o quiz aceitar, e teimando, chamey pelos Deoſes, e como fiquey ignoro, ſó ſey que até agora nada ſenti.

Silvia. He poſſivel, que a tanto chegaſſe o exceſſo de meu irmaõ? *à parte.*

Silv. Pois que vos parece, Pan, a voſſa ouſadia?

Pan. Como vos entrego voſſa irmã, tenho cumprido com o que devo, pois lhe naõ tirey nenhum pedaço; porém minto, que já me lembra que de huma cana, que cortey, fiz huma flauta, que por lhe pertencer a quero entregar.

Vay para tirar a flauta, e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he iſto! Converteo-ſe em huma trança de cabellos!

Silv. Que prodigio!

Silvia. Que portento!

Coſc. Ah Senhor, os Deoſes pregaraõ-ta de cabellos.

Syr. Ay, que cá me falta a minha rica trança. *apalpa.*

Coſc. Por hum cabello naõ a deixas creca.

Pan. Com reſtituilla pago o que devo. *dalha.*

Silv. Olhem ſe ſuccede cortarlhe a cana de hum braço. *Coſc.*

Cosc. Se lhe corta-se alguma cana da lingua, naõ importava, pois he o que as mulheres tem mais de sobejo.

Syr. Aonde está Golosina?

Cosc. Peyor he esta. *à parte.*

Pan. Isso pergunte-se a Coscoraõ.

Cosc. Eu sey della? pergunte-se a Plutaõ, que devia levalla para cosinheira do inferno.

Silu. Morrerás.

Cosc. Espere, Senhor, deixeme primeiro ver se fazendo a minha choradeira aos Deoses, a vomita a terra.

R E C I T A D O.

Oh Jupiter tonante, que goloso,
Chuchas na Ambrosia o nectar saboroso,
Peço-te por doçura taõ divina
Nos largues tambem huma Golosina;
Debruça-te dessa aguia, e orelhudo
Os ouvidos applica Deos barbudo,
Que por Baco te juro aqui em segredo
De mais em Golosina naõ pôr dedo,
Ainda que hum pobre home
Deite lingua de palmo à pura fome.

Converte-se a salgadeira em Golosina, e dá Lingoissa hum pulo assustada, e admiraõ-se todos.

Ling. Ay, que me leva Plutaõ em corpo, e alma!

Gol.

Gol. He bem tollo! Quem olha para elle?

Cosc. Naõ me faças quebrar o juramento.

Ling. Olhem em que de cousas me tenho visto!

Silv. Mas agora me lembra, que Esguicho me ha de estar esperando: melhor me será hir procurallo para se averiguar isto depressa, e porque Pan o naõ peite. *à parte.*

Cosc. Que estará Silvano fallando entre dentes? *à parte.*

Silv. Coscoraõ?

Cosc. Eylo entra em contas comigo. *à p.*

Silv. Posto sejas pouco fiel, a vida te vay no que te quero encomendar, e he que em quanto vou, naõ deixes apartar daqui a ninguem. *Vaise.*

Cosc. Ah Senhor naõ me deixes por pastor de hum gado, que nem a terra o póde aturar muito tempo.

Gol. He bem atrevido.

Cosc. Golosina, deixame em cortezia se naõ queres tornar a ser salgadeira.

Ling. Naõ me esquece o susto. *à parte.*

Gol. Que estaraõ fallando de manso Silvia, e Syringa?

Cosc. Golosina, deixame por tua alma, que já me naõ posso soffrer.

Gol. Vossé está doudo?

Cosc. Cada vez, que deitas esse rabo do olho, me fazes andar a rabo.
Syr. Tendes razaõ, Silvia; vamo-nos.
Silvia. E ha de ser para vossa casa, porque meu irmaõ he o mais queixoso.
Syr. Sim, mas Coscoraõ?
Silvia. Fingiremos, que cada huma vay por diversa parte, e no fim do bosque nos ajuntaremos.
Syr. Està bem; Golosina vamos.
Silvia. Vamos Lingoissa.
Ling. e Gol. Para onde?
Syr. Naõ repliques.
Silvia. Naõ repugnes.
Cosc. Ay! que he isso, Senhoras? vossas mercês querem-me deitar a perder?
Syr. e Silvia. Naõ sejas nescio.
Cosc. Que conta hey de dar de mim, se naõ der conta de vossas mercês?
Syr. e Silvia. Naõ nos importa isso.
Cosc. Pois hey de seguillas.
Syr. Como, se cada huma vay por sua parte?
Cosc. Ora vejaõ se naõ vale mais ser guarda demos, que guarda damas.
Silvia. E vamos para longe?
Cosc. Pois acompanharey a vossa mercê.
Silvia. Se vieres para cá, te matarey.
Cosc. Naõ se moleste; cá hirey com a Senhora Syringa.

Syr. Se para cá vieres, te tirarey a vida.

Cosc. Naõ se mortifique; eu cá vou con

Golosina.

Gol. Oh atrevido. *Dalhe*

Cosc. Naõ, cá vou com Lingoissa.

Ling. Oh desavergonhado. *Dalhe*

Cosc. Guardaivos lá demonios, que já a ne

nhuma sigo.

Silvia. Se queres viver, naõ nos acompanhes

Cosc. Porque, vossas mercês vaõ a morrer

Syr. e Silvia. Sim.

Cosc. Pois sabem o que faço? vou contal

lo a meu Amo. *Vaise*

SCENA II.

Casa de forno como no Acto primeiro, e sab

Esguicho.

Esg. FUgindo às iras de Pan, venho buscando a casa de Silvano; como este tem as portas fechadas, por que tem a casa limpa de mulheres, quero ver se neste forno me posso occultar para ser na lenha, parece que mal me escondo, aonde já me acharaõ; mas no forno me occultarey até elle vir.

Esconde-se no forno, e sabem as mulheres todas

Syr. Silvia, que ha de ser de nós, pois tem

meu

meu irmaõ as portas fechadas?

Silvia. Em tudo me ſuccede mal; naõ ſey em que offendi os Deoſes!

Gol. Senhoras, andámos para traz como o caranguejo.

Syr. Vejamos ſe aqui nos podemos eſconder, até ſe pôr em paz tanta embrulhada.

Silvia. Haverá aqui parte aonde poſſa ſer?

Syr. Alli eſtá huma caſinha, mas naõ cabem lá ſenaõ duas peſſoas.

Gol. Ay, naõ importa, eſcondaõ-ſe voſſas mercês, porque eu, e Lingoiſſa nos meteremos debaixo daquelles feixes.

Silvia. Ora vamos, que aonde eſtranhámos noſſos irmãos eſconderem-ſe, nos eſcondemos nós. *eſcondem-ſe para dentro.*

Ling. Olhe, mana, em que viemos parar!

Gol. Naõ menos que em carqueijeiras.

Ling. Que ſeja poſſivel, que jogue eu as eſcondidas no cabo da minha velhice!

Gol. Pois ſe ha de ſer, vamos, antes que venha alguem. *eſcondem-ſe.*

Ling. Vamos, que iſto ſaõ os meus peccados.

Gol. Iſto he caſtigo, pois nos eſcondemos aonde zombámos de ſe eſconderem os outros.

Ling. Olhem para que eſtava eu guardada!

Gol. Cale-ſe, que ſinto gente.

Sahem Pan, e Coſcoraõ com huma véla aceza.

Pan. Poem para ahi o lume, e ajunta a

lenha para ſe pôr o fogo à caſa.

Ling. Ay maldita de mim! *à parte*

Gol. Que he iſto, que ouço! *à parte*

Pan. Baſta que o inſolente Silvano apena me apartey, logo ſe foy? Cobarde h além de traidor.

Coſc. E de tal ſorte abalou com os cachim bos, que ſupponho naõ verás mais fu mos delle; e dahi cada huma dellas to mou o ſeu tolle, e eu fiquey como hun tollo.

Pan. Pois ajunta a lenha, que quero abra zarlhe as caſas, já que o naõ poſſo faze a elle.

Coſc. Tambem naõ ſerá máo depois de lhe queimares as caſas, tocarlhe muito bem a fogo.

Pan. Por mais que ſe eſconda, lhe hey de tirar a vida.

Coſc. Ora vamos ajuntando a lenha.

Mete o forcado, e ſahe Goloſina.

Gol. Ay que me mataõ!

Pan. Que he iſſo?

Coſc. Já os coelhos fogem da queimada.

Gol. Ay meu braço!

Coſc. He para que ſaibas, Goloſina, quanto amarga huma chuçada.

Pan. Aonde eſtá tua Ama?

Gol.

Gol. Eu naõ ſey, pois vim ſózinha.

Pan. Pois eſpera, contarás a teu Amo os eſtragos da minha ira.

Gol. Ah Senhor, naõ ponhas fogo às caſas, ſem primeiro tirar a minha caixinha das unturas.

Pan. Anda Coſçoraõ.

Coſc. Ahi vou.

Gol. Ah pobre Lingoiſſa. *à part.*

Mete Coſcoraõ o forcado.

Ling. Ay que me eſtouraõ!

Pan. Que he iſſo?

Coſc. Ay, que me cahio Lingoiſſa debaixo da maõ! Oh Goloſina, dá cá eſſe lume depreſſa.

Gol. Para que?

Coſc. Anda, que havemos ter hoje Lingoiſſa aſſada. *ſegurando-a.*

Ling. Ay que arrebento!

Pan. Que queres fazer?

Coſc. Quero-lhe dar huma aſſadura em paga de certa eſpetada que me deu.

Pan. Aparta-te lá. *retira-o, e ergue Ling.*

Ling. Ay, que eſtou eſtrelicando!

Coſc. Larga-me, Senhor, eſta Lingoiſſa, que lhe tenho grande gana.

Pan. Dizeme, aonde eſtá minha irmã?

Ling. Eu Senhor naõ ſey; vim, metime

aqui,

aqui! Ay desgraçada de mim.....

Pan. Pois para que te apartaste della?

Ling. Ay, que naõ posso articular palavra!

Cosc. Mas ay que lá vejo dentro no forno as pernas de Esguicho! Espera que has de sahir assado.

Pega na lenha, e acende o forno.

Pan. Para que acendes o forno?

Cosc. Temos hoje hum bom assado.

Mete lume no forno.

Esg. Ay, que me mataõ! ay que me queimaõ! *dentro.*

Pan. Que me fazes? tem maõ.

Esg. Quem me acode, ay, ay, ay.

Cosc. Senhor, deixa-mo assar, se queres ter hum bom prato.

Pan. Naõ sejas louco.

Cosc. Pois Senhor, se tu queres abrazar as casas, tambem se deve queimar Esguicho, que he traste pertencente a ellas.

Esg. Calate magano, que tu mo pagarás.

Cosc. Pois vossé queria comer Lingoissa sem se escaldar?

Pan. Coscoraõ, naõ he crivel, que estando aqui estas Criadas, deixem de estar tambem cá as Amas, e em quanto vou ver aonde estaõ, naõ deixes sahir

daqui

daqui ninguem. *Vaise.*

ing. e Gol. Ay, que lá vay dar com ellas.

sg. Deixa eſtar, velhaco, que entre as minhas unhas has de morrer.

oſc. Bem ſabemos, que voſſé eſtá coſtumado a matar muita couſa entre as unhas.

ol. Ora façaõ as pazes, naõ ſejaõ aſnos. Mas ay, que ellas lá vem!

Sahe Pan com as Damas.

ilvia. Infeliz ſou! *à parte.*

yr. Muito me perſegue a fortuna! *à part.*

Chega Silvano à porta, e naõ entra.

ilv. Para ver ſe vejo a Eſguicho, venho aqui ſegunda vez. Mas ay! que he iſto? Como me detenho, que naõ mato aquelle traidor? *à parte.*

Pan. Naõ vos quero dar mais ſatisfações, do que ſejais teſtemunhas do principio da minha vingança. Coſcoraõ, vay pondo o fogo a eſtas caſas.

Silv. Que ouço! *à parte.*

Gol. Ay meu rico ſolimaõ da minha vida!

Coſc. Calate, que como ſolimaõ he turco, naõ importa, qne morra queimado.

Todas. Senhor, ſuſpende a ira.

Pan. Deixay-me todas, que eſtou eſcaldando.

Coſc. Oh que bello eſtava agora Pan para

ſe

se comer com manteiga.

Silv. Verey daqui o que intenta, e logo lhe tirarey a vida. *à parte*

Pan. Mas primeiro quero averiguar huma cousa: dize-me Esguicho, tu naõ me disseste, que Silvano me tinha levado minha irmã?

Esg. Ay, que hoje me fazem esguichar a alma fóra! *à parte.*

Pan. Responde, ou te matarey.

Esg. Senhora Syringa, valha-me, que eu confesso a verdade.

Cosc. Uy! pois para purgar a verdade, preciza de ajuda de Syringa?

Syr. Dize, que ninguem te ha de offender.

Esg. Pois, Senhor, perdoa-me, que eu he que fuy a causa da Senhora Silvia te fugir, pois lhe disse, que tu a querias matar, com raiva de me dares por amor de Coscoraõ.

Silv. Que ouvem os meus ouvidos! Oh como fiz bem em ter prudencia. *à parte.*

Silvia. E por essa causa vos fugi, para me valer de Syringa, e encontrando-vos no caminho, me escondi no canavial, aonde me entregastes a Silvano, sem saberes que era eu.

Pan. E foste com elle?

Silvia. Sim; porém sabendo a falta de Syringa,

ringa, me retireydelle, e encontrando-vos ſegunda vez, me torney a eſconder no canavial, aonde por acaſo Silvano me deſcobrio.

Silv. Oh piedoſo Jupiter, que tal occaſiaõ me déſte para ſe aclarar tanto enredo!

Pan. Com tudo, por me fugires, morrerás.

Sahe Silvano.

Silv. Paray o impulſo.

Pan. E tu tambem traidor.

Silv. Suſpendey-vos, pois a vós offereço os braços, e a Silvia a maõ de eſpoſo.

Pan. De que naſce eſta novidade, quereres agora o que ha pouco recuzaſtes?

Silv. Porque tudo tenho ouvido; e como já reconheço a Silvia taõ amante como honeſta, lhe offereço a maõ, e ſó me falta, que dando vós a voſſa a minha irmã, me livreis de zelos.

Pan. Ditoſo ſou.

Silvia. Feliz me conſidero.

Syr. Viſto ſer goſto de meu irmaõ, caſarey com quem elle quizer.

Silv. E perdoay-me os aggravos paſſados, e juntamente o fingir, que naõ queria a Eſguicho, para que foſſe meu terceiro em voſſa caſa.

Coſc. Ay naõ faça caſo diſſo, que o Senhor

Pan

Pan tambem lhe pagou na meſma moeda.

Gol. Olhem o que ſe tem deſembrulhado.

Coſc. Senhor Pan, peço-te que attendendo aos fracos ſerviços, que tenho feito a Goloſina, me deſpaches com huma tença paga no tribunal do ſeu conſorcio, e receberey mercê.

Pan. Eu to concedo, como pedes.

Eſg. Tenha maõ, que eu entro com embargos de terceiro.

Ling. Senhores, naõ lhos recebaõ, ſem que elle me receba a mim, pois ando defamada com eſte homem.

Silvia. Já eſſas ſupplicas naõ eraõ para os voſſos annos.

Ling. Senhora, eu ſó o faço, por me livrar de bocas do mundo.

Silvia. Eſtá feito, ſeja teu Eſguicho.

Eſg. Deſgraçado ſou! mas por naõ chuchar nos dedos, roerey neſtes oſſos.

Silv. Agora vamos para cima, que naõ he eſte lugar decente para os noſſos deſpoſorios.

Coſc. Iſſo naõ importa, que o Senhor Pan nunca tem melhor goſto, do que quando eſtá no forno.

Pan. E vós outras cantay alegres tanta felicidade.

MUSI-

MUSICA.

Venha Hymeneo
Venha glorioſo
Aſſiſtir feſtivo
A eſte conſorcio.

NO-

NOVOS ENCANTOS DE AMOR.

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro da Mouraria.

INTERLOCUTORES.

Feliſardo, *Principe de Dinamarca.*
Hypolito, *Sobrinho delRey de Suecia.*
Cardenio, *Sobrinho do Ceſar de Moſcovia.*
ElRey de Suecia, *Barba.*
Machavélo, *Criado de Feliſardo.*
Zápete, *Sevandija de Palacio.*
Floriſbella, *Filha delRey de Suecia.*
Altéa, *ſua irmã.*
Etcætra, *Criada da Princeza.*
Quatro Aldeãs, *Soldados*, *Guardas*, *e Monteiros.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Arvoredo, e no fundo huma gruta cercada de ramas.*
II. *Vista de Montes.*
III. *Praça de Cidade, e vista de mar.*
IV. *Sala.*
V. *Jardim de caniços, com alegretes de huma, e outra parte.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Vista de Bosque.*
II. *O arvoredo do principio, e a gruta.*
III. *Muros de jardim com varandas, e janellas.*
IV. *Jardim de alabastros, e na boca da escotilha mais distante, murtas que a encubraõ.*

ACTO I.

SCENA I.

Vista de arvoredo, e no fundo huma gruta cuja boca estará cercada de verdes, e emmaranhadas ramas. Corre-se a cortina, e sobr[e] hum pequeno penhasco, que estará diante d[a] gruta, hum pouco afastado, se vê Florisbell[a] reclinada; a seus pés assentada Etcætera, [e] em pé postas em boa proporçaõ, quatro Aldeãs, as quaes cantaõ o seguinte

CORETO.

A nossa Princeza,
Fermosa, e urbana
Divina, e humana,
Mais bella Diana
Dos Bosques vem ser.

Dançaõ, e em acabando diz Florisbella.

Flor. OH raro portento da armonia! oh singular privilegio da variedade! que até na inculta rustiquez destas humildes Aldeãs es agradavel encanto para os ouvidos! es fermoso recreyo

creyo para os olhos! Continuay com os feſtivos obſequios, que o voſſo affecto me dedica; que hoje conſeguindo a ſingeleza agrados na ſoberanía, fazem as verdades o officio das liſonjas.

Cantaõ.

A' ſua belleza,
Que logra os primores
De eternos verdores
Grinaldas de flores
Lhe vamos tecer.

Dançaõ, e em acabando continûa Florisbella.

Flor. Que bem enlaçadas vozes! que bem proporcionados movimentos! Aquellas daõ paſſos ao ar, e eſtes daõ ar aos paſſos; que elevando a quem os ouve, que ſuſpendendo a quem os vê, fazem que ſe admire corpo nos ares, firmeza nas mudanças. De donde veyo tanto primor ao toſco? a que preceitos ſe ajuſtou a ignorancia? Porém que perde o rudo no perito, ſe tambem ſerve de arte a natureza? Agradecida me confeſſo ao voſſo amor, à voſſa lealdade: hide a colherme flores; que para moſtrar que vos aceito os cultos, naõ quero deſprezarvos as offrendas.

Fazem

Fazem reverencia, e vaõ-ſe duas por huma parte, e duas por outra.

Flor. Oh ditoſa ſolidaõ! verde agradavel retiro! Só vive em ſi quem em vós vive. Aqui naõ habita a inveja; que ſeus impetos ſoberbos menos ſe atrevem às choças, que aos Palacios. Nas mayores fortunas ſe encontraõ as mayores infelicidades: mais rica de deſcantes he a voſſa pobreza; pois ſe logra com mais ſocego, o que com menos ancia ſe appetece. Sempre que ElRey meu Pay me conduz ao exercicio da caça, me retiro do aſpero dos montes para o ameno deſte ſitio, achando mayor paz o meu coraçaõ nos alegres feſtejos, com que me divertem eſtas candidas Lavradoras, que no fatigavel uſo da caça, que como imagem da guerra, me enche de horrores o peito, mais que de recreyos a viſta. E tu que dizes?

Etc. Eu Senhora, digo nada: eu eſtou como hum toucinho em ſaco, e ainda que de te ouvir paſmada, naõ eſtou com a boca aberta, ſó porque ſe me naõ ſolte alguma palavra.

Flor. Pois de que he tanta ſuſpenſaõ?

Etc. He porque de ouvirte eſtou com grande cuidado em ti.

Flor.

Flor. Porque causa?

Etc. Naõ vês que estás toda pilhada de moral, que he em ti peyor, que cuberta de bortoeja?

Flor. Que loucura!

Etc. Sempre ouvi dizer, que fallar latim quem nunca o aprendeo, he final de estar endemoninhado; e discorrer em moral quem nunca o estudou, pareceme que he semelhante caso.

Flor. Sempre me divertes com as tuas galantarias: pois parece-te que disse muito quando louvey a vida do campo, e achas que naõ he a mais segura, e socegada do mundo? Só por naõ viver sujeita à semrazaõ das razões de Estado, eu trocára o ser Princeza de Suecia, com o humilde estado de huma destas Aldeãs.

Etc. Ay Senhora, por qualquer ninharia, que me dês, eu farey com qualquer dellas, que troque comtigo, se tens empenho nisso.

Flor. Se isso fora possivel, naõ estivera o meu coraçaõ padecendo receyos no tratado consorcio do Principe de Dinamarca, cujas travessas inclinações saõ tanto contra o meu genio.

Etc. Ainda isso está em velo-hemos: isso

foy ſó fallar em ElRey teu Pay attento
às conveniencias da Coroa; mas ſe iſſo
te dá pena, deixemos iſſo. Que te pare-
ceo a letra daquella muſica?
Flor. Até me agradou a ſingeleza de ſuas
expreſsões.
Etc. Pois eu da primeira vez, naõ lhe en-
tendi mais que. A' noſſa Princeza, e
Anna Bagana Rabeca Suſana: devia fa-
zella o Barbeiro, ou o Boticario, que
nas Aldeas ſaõ os ſujeitos de mais letras.
Mas já que tocámos na tecla (ainda que
ſeja ſem acompanhamento de cravo)
bem podias tu cantar alguma couſinha
que iſſo fica aqui entre nós. Ora dize,
que aqui ninguem nos ouve.
Flor. Quem canta para que a naõ ouçaõ
melhor he eſtar callada.
Etc. Se até agora eſtiveſte prégando em
deſerto, que importa que agora nelle
ſeja a tua.... naõ poſſo dizer: *Vox cla-
mantis.*
Flor. Ora quero-te fazer eſſa graça para
pagarte as que me dizes.
Etc. Iſſo ſim, que he ſer generoſa; pois
communicas neſſa prenda hum favor,
que naõ tem preço: iſſo ſim, que he
ſaber ſer muſica: naõ já eſtar cá: Ay,
eu naõ ſey, eſtou muito rouca, em ou-
tra

tra occaſiaõ ſerá, agora naõ poſſo, naõ trago papeis, naõ ha inſtrumento, e ſe acaſo depois de muitos rogos ſe reſolve, he a tempo que mais eſtimariaõ ſe callaſſe, mas havia ſer como os melões ſe callaõ.

Canta Floriſbella.

ARIA.

A gala no ar apura
A rama florecente:
Na liquida corrente
Agrada o que murmura:
Da queixa faz doçura
A acorde Filoména:
Aqui ao peito triſte
O Ceo propicio ordena
Se naõ os fins da pena
As ſuſpensões do mal.
Só neſta doce calma
Os ſentimentos d'alma
Me chegaõ a faltar?

Vay adormecendo.

May ay que até os ſentidos
Já quaſi adormecidos
Me vaõ faltando já.

Etc. Foy-ſe como hum paſſarinho: mas que muito ſe cantou como hum rouxinol.

Apparece na gruta Felisardo vestido de pelles.

Fel. Que doce, que suave, que peregrino accento!

Na voz, e na destreza
As mãos se deraõ arte, e natureza.

Etc. Ella dorme declaradamente: ninguem adormece com mais suavidade: muy bem sabe acalentarse: mas na materia da musica, como já cobrou fama, deitou-se a dormir. Ora eu me retiro, por naõ despertalla, e vou tambem colher flores pelo prado, ainda que as camaradas me naõ deixariaõ senaõ malmequeres. *Vaise.*

Fel. Huma Dama se ausentou, e outra me parece ficou rendida às lisonjas de Morféo. Oh se fosse esta a Princeza! Mas he loucura imaginarme taõ feliz.

Vay sahindo.

Quero sahir deste triste carcere da noite, onde como sombra de mim mesmo, vivo prezo por sorte, e por eleiçaõ. E pois em quanto a vista examina, se naõ descobre quem me sirva de embaraço, verey de donde nasceraõ os impulsos, que nas branduras de huma voz com tanta força me atrahiraõ, arrebatando-me desde os intimos seyos daquella gruta....

Cujo

Cujo effeito moſtrou com evidencias
Nas ſuavidades o uſo das violencias.

Vê a Princeza.

Mas ay de mim! aſſaltou-me a morte com os disfarces da vida: bebi pelos olhos todo o veneno de amor. Eſta he a glorioſa cauſa de minha amante pena: eſte he o dezejado perigo de minha liberdade. Oh quanto abraſa de perto eſte activo incendio da formoſura! Já moſtra a viſinhança de tantas luzes, que leva a ſua belleza muitos exceſſos à ſua fama. Mentiraõ os pinceis, que ao multiplicarlhe imagens lhe diminuiraõ perfeições: os obſequios da pintura lhe foraõ mais aggravos, que liſonjas.

Fermoſiſſima Deidade,
Que offereces (por mais troféo)
Entre os laços de Morfeo
As prisões da liberdade.
Como, ſem que elles te ultrajem
Rendes com lethargo forte
A' triſte imagem da morte
Da vida a mais bella imagem?
Se rendida ao ſono agora
Chegas a tirarme a vida,
Como até eſtando rendida
Sabes ſahir vencedora?

Ren-

Rendes-te, e o troféo alcanças?
Feres, ſem que a fuga penſes?
Se deſmayas, como vences?
Se matas, como deſcanças?
A alma abſorta, o coraçaõ
Mortal tenho, e neſta calma
Conſerva a elevaçaõ da alma
Da vida a extrema porçaõ.
Se hoje a acabar me deſtinas,
Acorda, que em meus deſmayos,
Quero fazer com teus rayos
Ditoſas eſtas ruinas.
Deſperta, que ao verte irada
Quero antes, bella homicida,
Ver morta taõ pouca vida,
Que tanta luz eclipſada.
Mas naõ; ceſſem meus intentos,
Detenhaõ-ſe adormecidos,
Se hey de achar nos teus ſentidos
Mais cauſa aos meus ſentimentos.

Deſcança.

Diz ElRey dentro.

Rey. Por eſta parte Monteiros.
Huns. Ao Valle.
Outros. Ao Boſque.

Fel. Aqui devem de encaminharſe, e já por aquella parte ſinto paſſos; aqui me occultarey.

Retira-

Retira-se ao Bastidor, e sahe pela parte de fóra Cardenio com mascara no rosto, como recatando-se.

Card. Aqui costuma retirarse a Princeza Florisbella: sim, aqui está, e ao sono enttegue: opportuna occasiaõ me offerece a sorte para lograr os meus mortiferos intentos. Deste disfarce valido a acommeterey, mas seguro o meu arrojo. Oh amor! oh temeridade! Entre os dous vacilla o meu animo; aquelle por excessivo move, e esta por grande me suspende. Para que Altéa logre a Coroa, determino despojar da vida a Princeza. Morra; e pois dormindo se acha, naõ he preciso outro instrumento da sua desgraça, que as minhas mãos para a suffocaçaõ dos seus alentos. Mas ay de mim! se me verá alguem? Oh coraçaõ, agora titubeas? De mim mesmo me corro se o meu intento naõ executo. Morra pois: aos meus impulsos seja eterno o seu sono.

Vay chegando à Princeza, e sahe Felisardo.

Fel. Suspende a maõ, sacrilego tyranno; naõ se atreva o mortal ao soberano.

Card. Este he o Principe de Dinamarca; retirarme

retirarme he forçoso. Ay de mim! successo infausto!

Vaise, e acorda a Princeza assustada.

Flor. Ay, ay de mim! que he o que vejo? Soccorro, Criados, Monteiros.

Fel. As vozes suspendey, detende os passos Senhora.

Flor. Ay de mim! eu aqui .... desanimada me sinto.

Fel. Do temor de verme neste traje se deixou penetrar. *à parte.* Senhora Ninfa, ou Deidade destes Bosques, despedi do coraçaõ os temores injustos, que deste inopinado acaso se originaõ, e vede que em mim ....

Flor. Deixa-me monstro, prodigio, ou animado aborto destas montanhas, que no horror de verte, e no pasmo de ouvirte, naõ me dá o susto faculdades ao acordo.

Fel. Naõ vos assuste, Senhora, o verme com sinaes de féra, que se o traje todo he asperezas, todo he branduras o peito. A nenhum perigo estais comigo exposta; antes entre a minha ferocidade, e a vossa belleza, saõ taes as circunstancias, que em mim está a defensa da vossa vida, e em vós a origem da minha morte.

Flor.

Flor. Menos temerosa o attendo. *à parte.* Como póde ser isso? pois tendo vós por habito a ferocidade, e eu o temor por natureza, nem eu de vós posso esperar socorros, nem vós de mim sentir receyos?

Fel. Ay, e como ignorais, que sendo a vossa formosura causa da minha fereza, sempre em mim ha de existir por affectuoso o terno, e o feroz como affectado!

Flor. Naõ vos entendo; e porque me naõ esteja mal o comprehendervos, quero ausentarme para de todo ignorarvos.

Volta para hirse, e em ouvindo a Felisardo torna a voltar como admirada.

Fel. Tem-te, espera, naõ pague essa belleza
Com minha morte, a minha idolatria:
Veja-se hoje a brandura na fereza,
Mas naõ na Divindade a tyrannia.

Flor. Que novo estylo de encantar he este modo de persuadir? Admirada estou! *à part.* Homem, quem es, que com encontrado assombro, es escandalo dos olhos, e es portento dos ouvidos?

Fel. Naõ he muito, Senhora, que mostre contrariedades, quando em mim tudo saõ extremos. Hum monstro sou de fogo, e neve, hum epilogo de glorias, e de penas, e o mais fiel idolatra da mayor Deidade humana.

Flor.

Flor. Como em hum ſujeito ſe pódem unir tantos oppoſtos?

Fel. Fogo abrigo; porque amor em chamas me abraſa: neve oſtento; porque ao vervos ſinto gelarme entre reſpeitos, e temores: glorias ſinto; porque a morte ſolicito entre as luzes que adoro: penas paſſo; porque me offende o que vivo, ſem ver a cauſa porgue morro: fiel idolatra ſou; porque offerecendo religioſos cultos ao divino ſimulacro de voſſa fermoſura. . . .

Flor. Baſta, baſta; já iſto he contra o meu decoro: que loucos atrevimentos produzem eſtes boſques, ou abortaõ eſtas montanhas? Vaite occulto parto deſtas eſcabroſas penhas; ou, dando vozes aos meus Monteiros, farey, que ſejas eſcarmento de atrevidos, e . . . . .

Fel. Baſta, Senhora, baſta; naõ ſeja objecto da voſſa ira, quem ſó o dezejaſer do voſſo agrado. Eu me vou a morrer; mas quero primeiro que advirtais, que quem me obriga a partir he o reſpeito, e naõ o temor.

Voume porque ao preceito ſatisfaço,
Naõ por ſentir ſer do furor objecto;
Que obedecer às forças do decreto
Naõ he temer as iras do ameaço.

Fa:

Faz que se vay, e ella o detem.

Flor. Que dizes? Espera. Que feitiço tens nas vozes? que encanto nas palavras? que assim.....

Volta Felisardo, e ella se enfada.

Fel. Que he Senhora o que me ordenas?

Flor. Mas dou ouvidos a hum louco! de mim mesma me admiro, que consinta desaires ao decoro. *à parte.*

Vaise, quer seguilla Felisardo, e sahe-lhe ao encontro Hypolito.

Fel. Espera, espera, naõ te ausentes, ouve-me.

Flor. Deixame, humana féra. *Vaise.*

ENTRECHO.

Hyp. Suspende-te inhumano?
Fel. Aparta-te tyranno
Hyp. Oh barbaro, que emprendes?
Fel. Oh perfido, que intentas?
Hyp. Detem, detem os passos.
Fel. Suspende os teus intentos.
Ambos Senaõ de entre os meus braços
Verás que os teus alentos
A morte ha de roubar.

Dentro ElRey.

Rey. A soccorrer a Hypolito, que lutando se acha com huma féra. *Todos.*

Todos. Vamos por esta parte.

Hyp. Cansado me sinto desta luta, desarmado me colheo este successo.

Fel. Já he preciso ausentarme : por todas as partes vem gente em minha offensa.

Vaise pela gruta, e sahe ElRey, e soldados.

Rey. Hypolito, estás maltratado ? sentes algum damno?

Hyp. No mayor que experimentasse, sentiria a mais alta vaidade na gloria de auxilio taõ soberano. Naõ Senhor, sem lezaõ me sinto.

Rey. Por onde se ausentou a prodigiosa féra, que procurando offensas à tua vida, deu novos applausos ao teu valor?

Sold. Por nenhuma parte podia escaparse, sem que de nós fosse vista.

Outro. Por entre aquellas ramas a vi meter.

Rey. Examinay vós outros os mais escondidos seyos deste bosque, que hey de premiar a quem conseguir o bom effeito da diligencia.

Hyp. Em rara confusaõ me sinto. *àpart.*

Sold. 1. Vamos nós outros a conseguir o premio. *vaõ chegando.*

Sold. 2. Mas huma medonha concavidade se occulta defendida destas verdes ramas.

Detem-se à boca da gruta.

Sold.

Sold. 3. Medo causa a sua profundidade.
Rey. Em que vos detendes cobardes?
Sold. 1. *e* 2. Já te obedecemos.

Vaõ entrar, e sahe de dentro Machavello muito espantado, vestido de caminho.

Mach. Ah que delRey! quem me acode? guarde diante todo o mundo, fujaõ todos de mim; que trago hum valente medo.
Sold. 2. Homem detem-te.
Mach. Eu agora naõ me posso deter, que vou com o fogo no rabo, e he fogo salvagem, que mo pegou hum, que entrou nessa gruta agora; mas se vossas mercês saõ da sua quadrilha, eu me dou por assalvajado, e me sujeito a toda a salvajaria. Ay! eu naõ estou em mim.
Rey. De que he tanto temor? socega hum pouco.
Mach. Naõ Senhor, eu naõ posso socegar pouco nem muito; porque agora neste instante vi.... Ay! eylo lá vem.
Hyp. Homem entra em ti, e perde o receyo.
Mach. Por onde hey de entrar em mim, se assim como o senhor salvagem me fez sahir de mim, de medo se fecháraõ todas as portas, e janellas, e fiquey posto

to no olho da rua feito [com perdaõ de voſſas mercês] hum engeitado de mim meſmo?

Rey. Dize-nos, que foy o que tanto te aſſuſtou?

Mach. Ay Senhores! foy hum tremendo animal, e o mal deſte ani devia de ſer contagioſo; pois eu ſó de vello fiquey tambem tremendo. Ay! eylo ahi ſahe. *foge*.

Hyp. Continúa o que viſte, e naõ temas.

Mach. Elle era tamanho como naõ ſey que: feyo como naõ ſey que diga: cada boca que abria, naõ fallemos niſſo. Os dentes... tremem-me as carnes! os olhos... eu naõ vi tal! os narizes... apre loureira! o corpo... fóra cotalho! as pernas... irra vaſco! o rabo... iſſo agora he mais comprido! mas eylo comnoſco. *foge*.

Rey. O medo o confunde. *à parte*. E a que fim entraſte naquella gruta? *para elle*.

Mach. Eu entendo que ao fim da minha vida, pois das garras daquella féra fiquey quaſi morto.

Rey. Eſtás com alguma ferida?

Mach. Eu naõ ſey aonde, mas eu em alguma parte eſtou ferido; porque me eſtou eſvaindo.

Hyp.

Hyp. Tudo o que dizes saõ quimeras, que te finge o medo. Senhor, o que viste pugnando comigo braço a braço naõ era nenhuma irracional féra, algum inhumano traidor sim, que quando cheguey a este sitio intentava offender a Princeza minha Senhora, pois ella se retirava apressada, e elle a seguia ancioso.

Rey. Pois como Hypolito, sabendo isso, naõ tens buscado a Princeza? Ay de mim! Parti logo, e discorrey todos estes destrictos até a achares, naõ haja algum traidor, que offenda a minha na sua vida.

Hyp. Eu serey o primeiro, que com incessante diligencia a busque. *Vaise.*

Sold. Todos partimos a obedecerte. *Vaõ-se.*

Mach. Ay Senhor! naõ fiquemos sós, que póde vir a féra, que he taõ má de digerir, que nem a terra a póde tragar; pois quando a engolio aquella gruta, se lhe embrulhou o estomago de tal sorte, que vomitou em mim quanto tinha na barriga. *àpart.* Naõ tenho feito mal o papel de medroso para livrar ao Principe Felisardo, que a estas horas terá desembocado pela outra boca da gruta, que está junto ao mar.

Rey. Mal fiz em naõ mandar, que seguissem

ſem ao traidor pela meſma parte por onde ſe occultou.

Mach. Ay Senhor, difficil couſa ſeria eſſa; porque ſaõ tantos os trocicolos, as lapas, e concàvidades que ha daquella boca para dentro, que entendo que o Valarinto de Crépa, que ſe fez naõ ſey como, lá naõ ſey donde, ſeria huma rua publica, à viſta deſta confuſaõ.

Rey. E como entraſte alli?

Mach. Aſſim. *vay andando.*

Rey. Eſpera naõ te vás. Ou he muy ſimples, ou muy malicioſo. *à parte.* Digo a que effeito alli entraſte? *para elle.*

Mach. Faça v. m. de conta (que eu naõ ſey com quem fallo) que vinha eu caminhando para a Cidâde de Sthokolmo aſſim a modo de quem naõ quer a couſa: com que Senhor, vay ſe naõ quando anoitece, e neſte meyo tempo [como era taõ grande o eſcuro que naõ ſe via por aquelles campos outra couſa] tomo eu, e que faço? perco o caminho: [mas naõ tinha a algibeira rota, nem o forro deſcoſido;] mas foſſe como foſſe, eu perdi-o, e vendo-me às eſcuras, (aſſim a modo de quem naõ vê nada) comecey a andar daqui para alli, dalli para acolá, da colá para cá, e nem de lâ,

nem

nem dáqui, nem da colá, nem de cá, pude hir para alli, nem vir para aqui, nem andar para acolá, nem caminhar para cá. Em fim de nenhuma ſorte pude dar caminho ao negocio. Com que tal, ſim Senhor, para cá, para lá, toma, deixa, foy, e tornou; faça v. m. de conta [fez já de conta ?] que andey vádiando toda a noite, namorando arvores, e rondando penhaſcos: até que [oh Deos nos acuda !] me ſahio de traz de humas brenhas hum medo tamanho, que devia de ſer o pay dos gigantes, ſegundo era deſmarcado. Eu, quanto que o vi taõ grande, fiquey tamanino, que ſe tivera acordo para iſſo, todo eu me podia meter na algibeira dos meus calções. Fugi logo daquelle ſitio (como lá dizem) a quantos pés me pudéraõ levar, até que quando me naõ precatey, vi que vinha o dia aſſim a modo de quem vay a padecer, já com alva veſtida (por ſinal que a arvore rompeo no eſgalho daquella) e vendo que já a Aurora começava a rirſe de mim, e achando-me com todas aquellas couſas, que métem a lebre a caminho, ſendo-me neceſſario o ſono para os olhos, como paõ para a boca, me meti por entre aquellas ramas

(com licença de v. m.) como piolho por coſtura, e achando aquella negra gruta com a boca aberta, entrey com ella: ſenaõ quando eſtando eu dormindo todo, tamanho eu era, vem a ſalvaginha esfugentada cá de fóra, e naõ ſó entrou na cova, mas quiz tambem entrar comigo de ſorte, que ſe eu entre mim naõ tomára o acordo de fugir, a eſtas horas eſtaria levado de Belzebub, que he o caminho que leva quem anda mal encaminhado. Mas ay! eylo comnoſco.

Rey. Notavel relaçaõ! O modo deſte homem he exquiſito. *à parte*. E que hias buſcar à Cidade?

Mach. Hum amo, que ſe accomodou comigo me trazer taõ deſaccomodado.

Rey. E que qualidade de homem he teu Amo?

Mach. Da ſua qualidade naõ ſey nada, agora da ſua quantidade ſim; que naõ tem nada de ſeu.

Rey. Pois taõ pobre he teu Amo?

Mach. Sim Senhor, que he muſico de goſto, e naõ de intereſſe, e como tem muita graça no cantar, canta ſempre de graça.

Rey. Taõ bem canta?

Mach. Uy, naõ fallemos niſſo: he hum homem

homem que mete o canto por dentro a qualquer peſſoa, e iſſo ahi a cada canto: canta com tal ſuavidade, que todos lhe chamaõ o ſegundo Arpéo.

Rey. Orféo dirás.

Mach. Valha a verdade, que eu naõ ſey bem nomear eſſas couſas; porque o meu meſtre nunca quiz, que eu chamaſſe nomes a ninguem. Tem tambem meu Amo comſigo huma couſa, que o naõ deixa ter nada de ſeu, e he (fallando mal) ſer Poeta.

Rey. Notavel graça he eſſa!

Mach. Notavel deſgraça lhe chamarey eu; pois por ella concebe, e naõ coalha.

Rey. Naõ te entendo·

Mach. Digo, que concebe os partos do engenho, mas naõ coalha vintem na algibeira.

Rey. Em fim, dizes que he bom Poeta?

Mach. Iſſo he huma couſa notavel! faz verſos por ſi, que he hum deſamparo. Iſto he, que eſtá fallando com a gente, e de improviſo [de que Deos nos livre] começa a fazer verſos ſem ſe ſentir, e iſto ou he do Sol, ou da Lua.

Rey. Porque o dizes?

Mach. Se he furor, dizem que he porque ſe lhe meteu o ſol na cabeça, e ſe he fu-

ria, dizem que he porque anda com a lua.

Rey. Procura-o pois na Cidade, e vay com elle a Palacio, que a ambos vos hey de favorecer. *Vaiſe.*

Mach. Viſto iſſo Voſſa Mageſtade he El-Rey em peſſoa? Pois eu.... Foy-ſe? naõ importa, que eu muito bem o ſabia. Ora eu andey com entendimento em me fazer tolo, que aſſim ſerá melhor a noſſa introducçaõ em Palacio. Agora vou buſcar o Principe no ſitio aſſignalado, que já póde ſer que me eſpere, como eu delle o premio de meus ſerviços. *Vaiſe.*

SCENA II.

Mutaçaõ de montes. Sahem as Aldeãs, duas por huma parte, e duas por outra fugindo, e depois ſahe Zapete como ſeguindo-as.

Todas. FUjamos que anda huma féra no monte.

Ald. 1. Ay de mim!

Ald. 2. Morta venho!

Zap. Eſperem meninas, eſperem, aonde vaõ com tanta preſſa? Eu de vellas correr eſtou corrido. Fogem de mim acaſo? Ellas deviaõ de atemorizarſe de verme, e o verem-ſe neſtas preſſas, naõ foy

foy eſtarem correntes para mim, foy naõ ſe correrem comigo. Ay de mim! já lá vaõ, e a bom correr: levaraõ-me os olhos como quem vay de caminho; e o peyor he, que ainda que ſaõ taõ correntonas, naõ fazem carreira a cégo. Eu naõ ſinto que ſe vaõ, mais que por hirem entre ellas as meninas de dous olhos verdes, que parecem duas abóboras meninas. Ay que eſtou atraveſſado de meyo a meyo! meteo-me amor hum chuço pelo coraçaõ, que he peyor que hum dardo pelas tripas. Já Etcætera he huma trampa para mim; à viſta daquelles olhos, ficaõ os ſeus a perder de viſta. Ay, ay! e vejaõ como deixáraõ o campo ſemeado de flores! Ellas logo me cheiraraõ a flor da canella; eſtas ſim, que ſe pódem tirar pelo raſto, pois andaõ com pés de flores. Oh quem fora agora bem diſcreto! aqui vinha naſcendo o fallar florido; mas ſe eu ſou hum aſno, que lhe hey de fazer? iſſo dá-o Deos a quem he ſervido. Ay olhos verdes, que me mataſtes, ſem deixarme eſperanças de vida!

Sabe Etcætera, e repete o que elle diſſe.

Etc. Ay olhos verdes, que me mataſtes ſem

ſem deixarme eſperanças de vida! Que he iſto, Senhor Zapete? V. m. fazendo lamentações amantes?

Zap. Oh boca, que tal diſſeſte! Colheome com a palavra na boca, que ha de ſer de mim? *à parte.*

Etc. Que? naõ falla? Continue, que goſto de ouvir eſtas couſinhas: v. m. eſtá muy fino.

Zap. Mofino me poſſo eu chamar. Ora vejaõ voſſés o diacho o que havia de fazer! *à parte.*

Etc. Olhem como eſtá réo! Que olhos verdes ſaõ eſſes? Por certo que naõ ſaõ os meus, que nelles agora tudo anda azul.

Zap. Sim; porque he a côr do ciume. Mas eu naõ ſey que côr hey de dar ao negocio. *à parte.*

Etc. Já me enfada tanto callar: eu ſou aqui alguma preta?

Zap. Eu bem ſey, que v. m. he muito branca; mas eu graças a Deos, tambem ſou como Deos me fez.

Etc. Falle a propoſito, marmanjo.

Dalhe hum empurraõ.

Zap. Ay, naõ me aquillo, naõ me faças mal.

Etc. Chegue para alli.

Zap. Ay, olhe para iſto! iſſo he deſpropoſitaçaõ. *Etc.*

Etc. Ora vejaõ isto! e nem me dá huma satisfaçaõ.

Zap. Eu, menina, acho-me taõ alcançado, que nem huma satisfaçaõ te posso dar: os tempos naõ estaõ para gastos.

Etc. Póde haver mayor desaforo! Falla de chachara comigo?

Zap. Pois hey de fallar de chichara? *à p.* Eu naõ sey na verdade o que lhe hey de dizer.

Etc. Ora já que me trata dessa sorte, nunca mais o quero ver: vasse embora ingrato, falso, aleivoso; bem me diziaõ a mim, que me naõ fiasse em vossé. Isto he cousa que se creya! Em negra hora o vi eu, em negra hora me namorey de vossé: para isto? para isto? *chora.*

Zap. Oh menina.

Etc. Fiz eu tantos excessos..... *chora.*

Zap. Ouve?

Etc. Para ser desprezada..... *chora.*

Zap. Isso naõ vay de valha.

Etc. Por alguma porcalhona? *chora.*

Zap. Querse callar?

Etc. Naõ sey aonde estou, que naõ arranco estes cabellos, que naõ tiro estes olhos. *maltrata-se.*

Zap. Ay coitado de mim! Oh mulher, isso he desesperaçaõ.

Etc.

Etc. Guarde-ſe lá, magano.

Zap. Ay que afflicçaõ! Senhores, eu prometo huma pendencia de cera, ſe ella abrandar eſta furia. *à parte.* Ay menina, iſſo naõ he loucura? Aquillo dos olhos era hum minuete, que eſtava eſtudando, que diz. Ay olhos verdes, que me mataſtes!

Etc. Era hum minuete? Voſſé parece que me baila. Ora naõ ſeja inſolente, atrevido, que faça cá zombaria de mim. Faça-me graça de naõ ter mais galantarias comigo, que em hindo para a Cidade, lhe hey de entregar tudo quanto me tem dado, que naõ quero nada ſeu.

Zap. E voſſé he poſſivel lembrarlhe quanto eu lhe dey?

Etc. Sim Senhor, muito bem. Duas varas de fita...

Zap. Naõ eraõ ſe naõ duas fitas de vara.

Etc. Naõ he tudo o meſmo? Deu-me mais dous pentes velhos.

Zap. Velhos? porque? tinhaõ já cabellos brancos? Se os tiveraõ, ſeria depois que voſſé os meteo na cabeça.

Etc. Eraõ taõ velhos, que já naõ tinhaõ dentes.

Zap. Naõ lhe faltavaõ mais que quatro pela noſſa amizade.

Etc.

Etc. Qual amizade? deu-me mais hum avental já usado.

Zap. Pois eu era taõ jarra, que te desse cousa que naõ se usasse?

Etc. Naõ me deu mais nada.

Zap. A primeira cousa, que v. m. me ha de passar para cá, saõ dous bofetões, que eu lhe dey em certa occasiaõ.

Etc. Mente desavergonhado, tome, tome. *Dalhe.*

Zap. Naõ, naõ, deixa estar, eu naõ o dizia pelo tanto. Valha-te huma figa, só isso me restituiste depressa?

Etc. He porque o tinha aqui mais à maõ.

Zap. Pois sabe que mais? que me poz a maõ na cara, que me tirou a minha honra, trate de ma pagar, senaõ meta-me em hum Convento, que eu naõ quero cá andar em bocas do mundo.

Rise Etcætera.

Ora acaba com isso, que estou ha duas horas esperando por essa risada. Minha Etcætera, ri-te de tudo, e sabe que os olhos por quem morro, saõ só os teus. E se disse que eraõ verdes; he porque como me cego com elles, naõ posso julgar de cores.

Olha para a parte contraria.

Mas ay! que he o que vejo!

Olhando

Olhando para a parte contraria.

Etc. Mas ay! que he aquillo que acolá vem!
Zap. Que féro urſo!
Etc. Que deſmarcado gigante!
Zap. Ay que medo! por eſta parte fugirey.
Etc. Ay que pavor! eſcaparme-hey por eſta parte.

Vay a entrar Machavello pela meſma parte aonde eſtá, e ſahe-lhe ao encontro Zapete, e vay Etcætera a querer hir-ſe pela ſua parte, e encontra-ſe com Feliſardo, e ficaõ ambos aſſuſtados.

Fel. Suſpende o paſſo.
Etc. Peyor he eſta. Ay de mim!
Mach. Detem a furia.
Zap. Eſta he peyor. Ay triſte!
Etc. Que forte ſalvagem! Ay, naõ ſey como me naõ deſmayo de temor.
Zap. Que valente animal! Ay, naõ ſey como me naõ dá de medo algum accidente.

Canta hum com branduras, e outro com horrores a ſeguinte

A R I A.

Mach. Confunde-te. *Fel.* Deſcança.
Mach. Deſmaya-te. *Fel.* Soçega.

Mach.

Mach. Auſenta-te. *Fel.* Naõ fujas.
Mach. Retira-te. *Fel.* Naõ temas.
Mach. Guarte mofino diante de mim.
Fel. Que brandas ternuras
Só aches em mim.
Fel. Naõ julgues que ſou féra.
Mach. Mas naõ, detem-te, eſpera.
Fel. Pois em meu peito ſe acha.
Mach. Que ao verte a horrenda facha.
Fel. Brandura para amar
Razaõ para ſentir.
Mach. Sem te poder tragar
Te tenho de engolir.

Zap. Naõ ſe moleſte v. m. mais, que eu me retiro a toda a preſſa.

Etc. Ainda aſſim, com tudo iſſo eu vou-me embora, muito de carreira. *Vaõ-ſe.*

Fel. Que penetrada vay do temor!

Mach. Que fuſtigado vay do medo! Ora Senhor, tenho corrido montes, e valles em buſca de ti, e já tinha quaſi perdidas as eſperanças de acharte.

Fel. E eu da fuga fatigado, já ſem alento chegey a eſte ſitio.

Mach. De boa eſcapaſte, e em boa me meteſte. Quando haõ de acabar, Senhor, eſtas novellas? A que fim ſe encaminhaõ eſtas cavallarias andantes? que para mim

ſaõ

ſaõ cavallarias altas, pelos perigos em que ando metido. Nós feitos hoſpedes de cavernas, roubando, ſenaõ o appellido, a morada dos lobos? Tu cuberto de pelles, por ſer o frio menos trabalhoſo, e eu com a pelle ſobre o oſſo, pelo trabalho de te livrar delles? E o peyor he, que ſe nos colhem os caçadores de alguma vez, tu mudarás a pelle como a cobra, e eu andarey arraſtado como ella; porque ſempre me teraõ pela pelle do diabo. Agora te livrey do riſco de te colherem, ſahindo a affectar medos, e a fingir temores, dizendo vira entrar huma féra pela gruta, e com as minhas induſtrias embaracey que te ſeguiſſem; e de mais a mais como ſey que tu o dezejas, te tenho introduzido nem mais nem menos, que no Palacio delRey de Suecia.

Fel. Que dizes! E a tanto chegou a tua induſtria? E com que pretexto o diſpozeſte?

Mach. Tudo te contarey depois, que primeiro quero ſaber o fim a que ſe encaminhaõ eſtas transformações: já que ſou companheiro dos trabalhos, ſeja participante dos ſegredos. Eſtes exceſſos, Senhor, ou ſaõ effeitos de grande

odio,

odio, ou impulſos de grande amor; ou tu vens a Suecia por matar a alguem, ou por morrer por alguem.

Fel. Ay Machavello, e como acertaſte neſſa parte?

Mach. Uy Senhor! iſſo he couſa nova. Já eu vi andar por terras alheyas por buſcar a vida; mas para perdella, ſó em ti o vejo agora.

Fel. Em tudo me ſingulariſou a fortuna.

Mach. Ora Senhor, ella ſempre he loucura de marca, e indigna de hum Principe de Dinamarca [permitte-me o dizello] verſe quem eſtava feito a delicias, desfeito a trabalhos: quem vivia em Palacios, ſepultado em cavernas: quem veſtia gallas, trajar pelles; verdade ſeja, que ſe aquellas eraõ mais ricas, eſtas ſaõ mais cuſtoſas.

Fel. Oh ſe foſſem conhecidos tantos exceſſos! Oh ſe foſſem remuneradas tantas finezas!

Mach. Ah! já eſtá conhecido de todo o teu achaque; e já eſtá confirmada a tua loucura, pois he de amor o teu mal; porém quizera, ſe he que naõ me atrevo a muito, ſaber o como ſe originou eſta paixaõ? que podendo tu arrotar de farto em Dinamarca, te faz andar à gan-

daya

daya de amor em Suecia: tu bem podias namorarte na tua patria, que o ser amante naõ he ser Profeta.

Fel. Já que he forçoso.....

Mach. Espera.

Fel. Que he o que dizes?

Mach. Essa relaçaõ sey eu; mas he em castelhano. Ya que es forçoso, que en esta ocasion.....

Fel. Sempre has de estar de graça?

Mach. Eu de graça? Naõ Senhor, esse naõ he o ajuste que nós fizemos; eu sirvo-te porque me pagas. Mas deixando graças, dize, que estou arrebentando por saber o que te pergunto.

Fel. Já que he forçoso fiar da tua lealdade o que até aqui vivia occulto no meu coraçaõ, para que conheças que delle faço deposito no teu peito, escuta os meus empenhos, dos quaes espero sahir, ajudado da tua industria.

Mach. Se em mim ha cabedal para os desempenhos de hum Principe, já te offereço quanto valho.

Fel. Pois ouveme.

Mach. Já te attendo: dize; e pois este he mesmissimo exordio das relações de Comedia, vá sem contar valentias, nem pintar cavallos.

Fel.

el. Já fabes.....

Mach. Eftou vendo fe diz: como em Urgel. *à part.*

el. Que delRey de Dinamarca fou filho primogenito, e herdeiro immediato de feus Eftados.

Mach. Já fey, que ainda que foras leigo, eftás para fer de coroa.

el. E fabes tambem, que haverá dous annos faltey da minha patria, da qual eftive auzente hum, fem que em todo effe tempo fe foubeffe de mim em Dinamarca, fendo inutil o cuidado, com que ElRey meu Pay por varios Reinos, com incançavel diligencia, mandou me bufcaffem. Cujo fucceffo junto com algumas leves traveffuras de minha juvenil idade, me deraõ fama de indocil no genio, e traveffo nas inclinações.

Mach. Tudo iffo fey muito bem, e tambem fey, que defapareceſte bravo, e appareceſte manfo: tanto, que eu entendi que tinhas hído cafar, e fe cumpria em ti o adagio de cafarás, e amanfarás. E fey tambem [por pouparte outro já fabes] que agora fegunda vez te aufentafte, trazendo-me em bolandas comtigo arraftado por effe mundo até efte fitio, aonde fe naõ me matafte, défte comigo na

na cova, que he o mesmo. Sey mais, que vivendo encovado naquella gruta, tenho sido eu o que vou à Cidade a buscar provisaõ para ambos: sem que até aqui possa alcançar [por mais que tenho corrido] o fim para que vivemos sepultados antes de mortos, se naõ he que me enterraste, porque morri por sabello.

Fel. Pois agora saberás o que até aqui tens ignorado.

Sobre as azas da Fama voava por todo o mundo o nome da Princeza Florisbella; sendo a sua fermosura universal assumpto das vozes mais eloquentes, glorioso emprego dos mais elegantes rasgos. Como conseguio opiniões de divina, começaraõ-lhe os pinceis a repetir simulacros, começaraõ-lhe os corações a render sacrificios! Fez-se a fama toda imagens, fez-se a admiraçaõ toda olhos; quando os meus incautamente ousados, vendo huma copia sua, se deixáraõ persuadir dos ouvidos, para pagar os atrevimentos de hum exame nas cegueiras de huma idolatria.

Cego fiquey a tantas luzes. E desde aquelle venturoso infortunio comecey a reduzir as claridades da vista às sombras da fé: até que crescendo no coraçaõ o

fogo

fogo de amor, rebentou em dezejos quanto opprimio em tolerancias. Levado pois desta paixaõ, me conduzio a actividade do meu affecto de Dinamarca a Suecia, conduzindo-me amor com suave violencia desde os descanços da Patria aos discomodos da estrangeira terra. Aqui disfarçado no traje, e occulto na publicidade, logrey o vella algumas vezes fazendo luminoso Oriente das janellas de seu Real Palacio. Fiquey de novo rendido, entregando de todo ao seu imperio os dominios de minha liberdade: mostrando aquella venturosa vista, a suspensões do pasmo, na minha immobilidade a minha prizaõ; mas quem sem espiritos me venceo, que faria com os esforços da alma?

Chegou à minha noticia, que ElRey seu Pay por dar alivio às suas melancolias, intentava retirarse a huma casa de campo, que naõ longe deste sitio está, e adiantando-me eu [por ver se nas liberdades do campo me offerecia a fortuna occasiões de vella de mais perto] examiney penhascos, penetrey bosques, até que descobri o occulto segredo, que a natureza guardou na profundidade daquella gruta, em cuja boca só se ou-

ve o ſilencio, em cujo ſeyo ſó ſe abriga o paſmo.

Alli conſtitui o meu domicilio alguns dias, deſcubrindo naquella ſubterranea concavidade, naõ ſó que por outra boca junto ao mar reſpira horrores, mas que por ſecretos conductos encaminha huma de ſuas gargantas até huma abobada, que no jardim da Regia habitaçaõ ſervia de receptaculo ás agoas. Mas foy tal a minha inimiga ſorte, que nunca ſe effeituou a mudança da Real familia a eſte ſitio; porque aggravando-ſe a queixa da Princeza, reduzio aos ultimos termos a ſua vida: até que eu levado de taõ exceſſiva pena, me parti a Dinamarca para que me mataſſe na minha patria a noticia da ſua morte.

Mach. Oh Senhor, fiquemos ahi na morte, que como ella he o fim de tudo, bem póde ſer o cabo da tua relaçaõ, que he muito dilatada, e eu quero dever á minha habilidade o ſaber o que falta, que ſem duvida foy, que melhorando a Princeza, e chegando á tua noticia [ſem me dilatar em dizer que com eſſa nova cobraſte novos alentos, e outras couſinhas mais deſte teor] eſperaſte occaſiaõ, e acompanhado de mim, que ſou

eu,

eu, te fizeste na volta de Suecia, e metendo-me a mim tambem nas voltas, viemos à mesma subterranea habitaçaõ, aonde aconteceo o que tenho visto.

Fel. Tudo he como imaginas.

Mach. Pois Senhor, naõ percamos tempo, vay dar ordem a mudar de vestido, que sendo tu taõ modesto, naõ he razaõ que vás em pelle, quando eu fallando a El-Rey na tua, te pretendo introduzir em Palacio.

Dentro Altea.

Alt. Hypolito.

Fel. Mas já he forçoso ausentarnos deste sitio, pois ouço vozes. Amor ajuda os meus intentos. *Vaise.*

Mach. Vamos a vestir o empellicado, e a caminhar para Palacio. Fortuna, livra-me de algum sarambeque de couces. *Vaise.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Tenho vagado todos estes destrictos, sem que possa achar a Princeza, e agora senti chamarme. Se será ella? Quero ver se sou taõ feliz, que a encontre neste sitio. Florisbella? Senhora? *chama.*

Sahe Altea.

Alt. Ah enganoso! ah falso! já eu me ad-

mirava de acharte para os ſoccorros, ſem que te encontraſſe para os ciumes. Naõ he Florisbella quem te chama, he ſim Altea quem te buſca.

Hyp. Meu bem, Senhora, naõ me julgava taõ venturoſo, que em parte taõ remota te encontraſſe, quando aſſiſtias em companhia das Damas em bem differente ſitio. E naõ entendas, que o buſcar neſte retiro a Princeza foy por cuidado, mas ſim por preceito. Ay amor, e como me trazes vacilante entre dous diſtinctos affectos! *à part.*

Alt. Pois entre eſtas brenhas como era poſſivel acharſe a Princeza?

Hyp. Como tu ignoras, que amedrentada de huma féra, ou hum traidor, que queria offender a ſua vida, ſe perdeo por eſtes boſques, naõ he muito que te admires, como eu, de verte tambem neſte ſitio.

Alt. Eu ouvindo dizer, que huma féra andava correndo o monte, e vendo-te de longe vir para eſta parte, te ſegui cuidadoſa, deſte venablo fiando a defenſa: até que perdendo-te de viſta, tambem me emboſquey; mas com a differença, que Florisbella ſe auſentou de medo, e eu te ſegui com valor, e ambas andamos . .

ella

ella perdida de receyos, e eu perdida de amores.

Hyp. Oh que ditoſo he, Senhora, quem merece à ſorte ſer objecto de tantas finezas! Oh ſe lográra em ti huma coroa quem já em ti conſeguio hum affecto! *à parte.*

Alt. Oh que infeliz he, Hypolito, a que chega a deſconfiar de quem a póde favorecer! Oh ſe os exceſſos, que devo a Cardenio a quem engano, e aborreço, ſe transferiſſem para o peito de Hypolito, a quem receoſa eſtimo! *à parte.*

Dentro Zapete, e Etcætera.

Zap. Aqui eſtá Hypolito.
Etc. Aqui eſtá Altea.
Zap. Senhor. } *Sabem.*
Etc. Senhora. }
Zap. Já a Princeza appareceo.
Etc. Já appareceo a Princeza.
Zap. E ahi vem já....
Etc. E já ahi vem....
Zap. Toda a familia....
Etc. A familia toda....
Zap. Do Palacio Real.
Etc. Do Real Palacio.
Zap. Deixame a mim fallar.
Etc. Deixame fallar a mim.

Zap. E eu vendo-te para aqui vir....
Etc. E eu vendo-te vir para aqui....
Zap. Te venho ſeguindo para dizerte....
Etc. Para dizerte te venho ſeguindo....
Zap. Que te vás meter no eſcaler....
Etc. Que no eſcaler te vás meter....
Zap. Que já todos ahi vem.
Etc. Que ahi vem já todos.
Zap. Deixame fallar a mim.
Etc. A mim me deixa fallar.
Alt. Ceſſe a porfia.
Hyp. Que tendes mais que dizer?
Zap. e Etc. Couſa nenhuma.
Alt. Vamos, pois já nos procuraõ, e eu quero adiantarme: adeos Hypolito. *Vaiſe.*
Hyp. Senhora, o Ceo vos guarde.
Zap. Vamos, vamos, Senhora, que ſaõ horas. *Vaõ-ſe.*
Hyp. Vay, que já ſigo a Real familia.

Canta.

ARIA.

Vacilante, cuidadoſo,
Confuſo, indeterminado,
Da belleza arrebatado,
E do Cetro dezejoſo:
A qual hey de preferir
Naõ me acerto a reſolver.

Neſte

Neſte enleyo dos ſentidos,
Neſta luta dos affectos
Naõ me ſey determinar
Qual he o bem mais ſuperior;
Pois em mim reina o amor,
E o dezejo de reinar. *Vaiſe.*

SCENA III.

Viſta de Praça da Cidade, e no fundo mar. Sahe Felizardo de gala, e Machavello.

Mach. ORa o certo he, que hum homem em mudando a pelle fica outro. Eſtás taõ differente do que hontem eras, que eu meſmo te deſconheço, naõ te conheço de hoje nem de hontem. Eſtou taõ equivocado comtigo; que até aqui te tive por outro. E a naõ ſer eu o que tive a habilidade de tirarte a pelle ſem te esfollar, havia entender que me enganavas; pois até me pareces homem de duas caras. Bem te aſſentaõ as galas.

Fel. Como intentamos entrar em Palacio, já começas a adularme: iſſo he moſtrar que já vamos para o centro das liſonjas.

Mach. Tudo o que te digo ſaõ verdades; mas apoſtemos, que naõ te eſcandalizas

tu

tu de te gabarem? Ainda os que conhecem, que a lisonja he mentira, gostaõ de ser lisongeados.

Fel. Sempre deve ser aborrecida pelo que tem de engano.

Mach. Oh Senhor, naõ ha cousa, que mais offenda, que a verdade, e se alguem a deita da boca, he só porque lhe amarga. Mais vale cuspir no rosto a hum homem, que dizerlhe na cara os seus defeitos: sendo huma cousa sujarlhe a cara, e outra lavarlhe o rosto; e pelo contrario, a lisonja será engano, mas naõ ha pirola mais bem dourada, nem que melhor se trague nestes tempos.

Fel. Estás muy sentencioso. Deixa essa materia que he para ti estranha.

Mach. Sim, deixa essa materia, já te entendo. Aposto que queres que te falle de amor? naõ? Sim, isso entendo eu à legoa: essa sim que naõ he materia estranha por ser natural em todos: mais he materia taõ peçonhenta, que a todos mata.

Fel. Experimentaste já o seu veneno? Ay Machavello, e como he doce o seu mortal effeito.

Tal he a morte de amor para sentida;
Que por ella se dá com gosto a vida.

Mach.

Mach. Começas a trovejar? Ah tal desenteria! em te fallando de amor vas-te como hum cesto roto. Senhores, que terá a Poesia com o amor?

Fel. Naõ vês, que ambos se encaminhaõ ao mesmo fim? Pois o amor, e a Poesia ambos se introduzem na alma, e só differem, em que amor entra pelos olhos em consonancia de partes, que he a armonia da formosura, e a discriçaõ pelos ouvidos, em concerto de vozes, que he a formosura da armonia.

Mach. Ora vejaõ! Eu naõ sabia dessa perigrinaçaõ, que fazem o amor, e a discriçaõ a visitar o templo da alma; e tu o pintas de tal modo, que me parece que os ouço hir cantando como romeiros, e que os vejo hir entrando pelo buraco de Santiago.

Ora Senhor se aborreces a lisonja por mentiras, os Poetas saõ os mais lisonjeiros, porque saõ os mayores mentirosos. Se tu disseras, que a Poesia denota pobreza, e que quem he pobre anda despido, e que quem anda nú he o amor, e que daqui nascia a sua connexaõ, eu te crera; porque os Poetas, e os amantes todos andaõ por portas: huns pedindo esmolas, outros dando suspiros, huns

por

por pobres, e outros por miferaveis. Mas efpera que já fe ouvem os inftrumentos com que ElRey coftuma acompanharfe na marcha das caçadas; e já vaõ chegando os Bergantins que conduziraõ ao bofque a Real familia. Tem pois cuidado em que defde hoje has de fer meu Amo Sigifmundo, fe até agora eras o meu Principe Felifardo.

Fel. Em tudo o que temos difpofto, eftou muito certo. Oh amor, oh fortuna, defculpa as minhas temeridades, favorece as minhas oufadias.

Vaõ-fe, e ao fom de huma marcha, vaõ paffando pelo mar varios Bergantins, e depois fe vê mutaçaõ de fala, e fahem ElRey, Florisbella, e Altea.

Rey. Toda foy confuzaõ a caçada de hoje: penfaõ da vida humana, que aonde fe bufcaõ os recreyos, fe encontraõ os pezares.

Flor. Mayor foy, Senhor, o fufto, que o damno; pois naõ fenti a menor offenfa, quando te dey o mayor cuidado.

Alt. Naõ fuy eu quem teve a mais pequena parte nos fobrefaltos de hoje; pois fenti no meu coraçaõ a ferida, quando temi no teu peito o golpe.

Flor.

Flor. Naõ ſe me aparta da memoria, a fraſe doce, e o horrivel traje daquella humana féra. *à parte.*

Alt. Naõ ſe me tira da imaginaçaõ ver em Hypolito a expreſſaõ das ſuas finezas, e a razaõ dos meus ciumes. *à parte.*

Rey. Deſde que tive a noticia, Florisbella, de que houve quem offenderte queria, naõ teve mais ſocego o meu coraçaõ, achando a pena aonde procurava o alivio.

ARIA.

Qual o incauto paſſageiro
Que afligido, e fatigado
Se reclina ſobre o prado,
E lhe ſahe de repente
De entre as flores a Serpente
Que do alivio faz o horror.
Aſſim pois meu peito triſte,
Bem que aos males ſe reſiſte,
De improviſo a encontrar veyo,
Nas delicias de hum recreyo,
Os inſultos de hum traidor.

Vozes dentro. Tenha maõ.

Mach. Duas mãos tenho eu, quanto mais huma.

Outros. Tome atrevido.

Mach. Por iſſo voſſés me diziaõ: tenha maõ;

maõ; porque tinhaõ que me dar: pois entrarey com tudo iſſo.
Dentro. Naõ ha de entrar.
Rey. Que rumor he o que eſcuto?

Sahe Zapete.

Zap. Senhor, he hum homem atrevido, que quer fallar a V. Mageſtade, a guarda naõ o quer deixar entrar, e elle quer ſahir com a ſua.
Rey. Se ſerá o que no monte me fallou? Dize que o deixem entrar.
Zap. E por certo que naõ entra de graça: bem cara lhe ſahio a entrada. *Vaiſe.*
Rey. Eſte he hum ſincéro ſujeito, cuja gracioſidade vos ha de ſervir de divertimento.

Sahe Machavello roſnando.

Mach. Ora nunca tal me ſuccedeo! Tenho entrado em muitas partes, mas em nenhuma tive taõ má ſahida.
Rey. Que tens?
Mach. Muita couſa que me deraõ lá fóra.
Rey. Chega, chega mais para cá.
Mach. Já lá me chegáraõ baſtante, naõ he neceſſario mais.
Rey. Impediraõ-te os da minha guarda?
Mach. Naõ Senhor, deſimpediraõ-me; porque

porque eu fiquey ſujo da pendencia, e iſto naõ me cheira bem. Impediraõ-te? Porque eu cá fiz algum eſcrito de caſamento, ou devo alguma couſa à tua guarda, para me pôr impedimentos? He boa hiſtoria!

Flor. Notavel he a ſua ſingeleza.

Alt. Galantaria tem na ſua ſimplicidade.

Mach. Ay, ay, ay, coitado de mim, eſcutem voſſés: lá vaõ os narizes com os diabos? Em negra hora eu vim aqui: eiſaqui o que eu vim cá buſcar: deitais a perder os meus narizes: os meus narizes, que era a melhor couſa que eu tinha na minha cara! já agora bem poſſo deitar os narizes para traz das coſtas. Ay deſnarigado de mim!

Rey. Pois de que te queixas? Vem cá.

Sahe Zapete.

Zap. Senhores, que gritaria ſerá eſta cá dentro?

Mach. Já naõ ſerey ſenhor do meu nariz: meus ricos narizesſinhos do meu coraçaõ. Ay, ay. *Vira-ſe para o baſtidor.*

Rey. Vê tu o que tem.

Zap. Volta para cá, deixa ver.

Mach.

Mach. Guarde lá: tambem me quer chegar aos narizes? Ay os meus narizes!

Zap. Uy homem! quantos narizes tens? volta para cá, que bem pódes enchernos os olhos de narizes.

Mach. Quantos narizes tenho? até aqui tinha hum, mas fizeraõ-mo em dous aqui os criados de Sua Mageſtade.

Rey. Deraõ-te alguma pancada nelle?

Mach. Naõ Senhor; deraõ-me nelle todos de pancada.

Zap. Deixa ver, eſtás ferido?

Mach. Pois naõ hey de eſtar ferido, ſe o nariz eſtá eſcorrendo?

Zap. Moſtra, moſtra.

Mach. Eylo aqui, que eſtá todo molhado.

Zap. Olhe o tolo! iſſo he ranho. *Ri-ſe.*

Mach. Ha de ſer bem ranho. Oh he verdade ranho he: apre lá! Pois cuidey tinha os narizes alagados em ſangue.

Rey. Muito me diverte o ſeu raro eſtylo.

Flor. Exquiſito he o ſeu modo.

Alt. Notavel peça para Palacio.

Zap. Adeos, ſe eſte entra a ſer graciofo, começará Zapete a ſer deſgraçado.

Mach. Tenho que fazerme tolo em Palacio, que aſſim farey melhor o meu negocio. *à parte.*

Rey. Como te chamas?

Mach.

Mach. Eu?

Zap. Naõ, hey de ſer eu.

Mach. Chamo-me, chamo-me: agora naõ direy.

Rey. Notavel eſquecimento.

Mach. Deixem-me bater na teſta. Ay, lembreme Deos em bem.

Zap. Já te ocorreo?

Mach. Sim, já me lembra, que ha muito tempo que me eſquece o meu nome.

Zap. Póde haver couſa igual!

Flor. Eſſe he caſo novo.

Mach. Nem eu me parece que me chamo couſa nenhuma.

Alt. Como póde iſſo ſer?

Mach. Porque? Os pobres tem nome no mundo?

Rey. Naõ eſtá de neſcio o dito.

Zap. Maldita a graça que lhe eu acho.

Rey. Aqui, ainda que ſejas pobre, deſde hoje naõ te faltará nada.

Zap. Melhor foy a ſua dita, que o ſeu dito.

Mach. Agora já ſey como me chamo: Machavello criado de V. Mageſtade.

Rey. Improprio nome para taõ ſimples ſujeito.

Mach. Iſſo he honra, e mercê que Voſſa Mageſtade me faz.

Flor. De que terra es?

Mach.

Mach. Sou da meſma terra de que V. Alteza he.

Flor. Tu naõ es de Suecia.

Mach. Naõ ſou de Suecia, mas ſou de barro, naõ desfazendo na peſſoa de V. Alteza.

Zap. O dito naõ he barro; mas eu naõ o poſſo cozer. *à parte.*

Mach. Importa-me naõ declarar a Patria. *à parte.*

Alt. Em que parte aprendeſte a noſſa lingua?

Mach. Eu! Arrenego do demonio. Eu prendi a ſua lingua em alguma parte? a ſua lingua de V. Altezas he muy ſolta, quem ſe havia de atrever a prendella?

Alt. Naõ digo ſenaõ aonde, ou em que terra começaſte a fallar neſta noſſa lingua?

Mach. Fallar na ſua lingua? Eu naõ ſou digno de tomar na minha boca a lingua de ninguem: ainda que eu eſtivera com lingua de palmo: naõ Senhora iſſo he teſtimunho.

Rey. Rara brutalidade!

Zap. Boa parouvella! e o peyor he que lhe haõ de achar graça. *à part.*

Rey. Buſcaſte já a teu Amo?

Mach. Buſquey-o, e achey-o: bem, ſe elle fora alguma couſa boa naõ havia de apparecer.

Rey. Pois porque naõ o trouxeſte a Palacio?

Mach.

Mach. Taõ beſta ſeria eu que o trouxeſſe; naõ que elle péza como hum ſalvagem: ſe quizer ha de vir pelo ſeu pé, que de carne he.

Rey. Iſſo he o que te digo: pois porque naõ veyo?

Mach. Como tem muita vergonha, naõ vay a nenhuma parte ſenaõ de noite.

Alt. Vay logo a conduzillo.

Mach. Naõ ſe canſem, que naõ ha de vir.

Flor. Porque naõ?

Mach. Ay Senhoras, ſe o outro eſtá ſem çapatos, como ha de pôr o pé na rua?

Zap. Logo tu deves de ſer mais rico, que teu Amo?

Mach. Oh? pergunte-nos voſſé tambem alguma couſinha: apre loureira quatro a perguntar! Naõ ſey como eſte me naõ tem conhecido; mas o ſeu medo, e o meu traje lhe fariaõ differente a minha fórma. *à parte.*

Zap. Eſtá-ſe-me afigurando, que já vi eſta cara em outro corpo; mas ha muitos diabos que ſe parecem huns com os outros. *à parte.*

Sahe Cardenio.

Card. Senhor.

Rey. Cardenio, já te deſejava o cuidado

da regencia: vem aſſiſtir ao deſpacho, que da tua direcçaõ ſó fio os meus acertos.

Card. Eſtimo, Senhor, chegar a taõ bom tempo, que ſeja de ti deſejado. Ay de mim! aqui eſtaõ os dous extremos da minha fortuna. *à parte.*

Flor. Naõ ſey que horror me cauſa a viſta de Cardenio. *à parte.*

Alt. Naõ ſey como me exima de Cardenio às importunações. *à parte.*

Rey. Vay Machavello conduzir a teu Amo: vamos nós outros a acudir ao deſpacho, que naõ he razaõ eſtragar o tempo nas diversões, quando ſe uſurpa às diſpoſições do governo. *Vaõ-ſe.*

Flor. Vamos nós, Altéa, pois já faltaõ de Febo os ardores, a gozar no jardim as ſuavidades do brando Zefiro.

Alt. Vamos, galharda Florisbella, a buſcar eſſe alivio. Se ha couſa que o poſſa dar a hum coraçaõ ferido de zeloſas ſuſpeitas. *à part. e vaõ-ſe.*

Zap. Ora, Senhor, vá voſſé a trazer às càvalleiras a eſſe tal Amo, e vá a horas que o naõ apanhe deſcalço.

Mach. Bem pudéra voſſé vir a darnos ajuda para iſſo.

Zap. Ajuda! Uy, voſſé acha-me com cara de criſtaleira?

Mach.

Mach. Cara de criſtaleira eu? para traz que voſſé tal tenha: agora nariz de ſyringa, iſſo ſim.

Zap. Galante traſte por vida minha!

Mach. Oh pois voſſé he boa vaſilha por minha alma.

Ao baſtidor Etcætera.

Etc. A buſcar a Princeza venho; mas já aqui naõ eſtá. Quem ſerá eſte ſujeito, que eſtá com Zapete? Naõ he mal poſto com os pés no chaõ: os olhos ſaõ maganos ſem ſer de aſſobio.

Mach. Voſſé he o que diz as graças cá em Palacio? Sim he, que eu logo lhe vi carinha de galhofa.

Zap. Querme voſſé naõ dizer graças? Olhe que lhe hey dizer olé.

Etc. Ay; que o logra! pois eu tomára achar algum amante em commodo, para me desfazer de Zapete, que para mim no jogo de amor naõ vale nada.

Mach. Oh Senhor, como ſe chama, naõ vay a deſconfiar: nós havemos de ſer amigos daqui por diante. Olhe cá Senhor.

Zap. Quer voſſé eſtar quieto? olhe para iſto. *amua-ſe.*

Etc. Ay, que eſtá fazendo beicinho! oh triſte de mim! Eu ſayo para o envergonhar. *Sahe.*

Zap. Peyor he eſta! Ay coitado de mim, que ella he bonita, e elle póde namorarſe della. *à parte.* Ora meu machacaz, ou meu Machavello, vay aonde te mandou Sua Mageſtade, que tudo o mais he graça. *para elle.*

Mach. Ay, que formoſo par de olhos! ay que dengue de rapariga! *à parte.*

Zap. Vay, vay, aonde te mandáraõ. Etcætera, que queres aqui? Vay ao jardim, que para lá foy a Princeza, e te procura.

Mach. Menina, naõ procura tal: eſte engana-a, e ſó eu lhe hey de fallar verdade: deixe-ſe eſtar, que a mim naõ me ſerve de deſcomodo.

Zap. A mim he que me naõ accommoda iſſo. Eu eſtou perdido! *à parte.* Vayte já Machavello. *para elle.*

Etc. Para que he eſtar eſpantando a gente? iſſo parece-me a modo de quem quer eſpantar a caça.

Mach. Que importaõ os ſeus eſpantos ſe já ſe lográraõ os voſſos tiros.

Zap. Se naõ ſoubera que elle era tolo, havia jurar agora, que elle era diſcreto: iſto naõ eſtá bom; elles namoraõ-ſe ſem nenhum remedio. *à parte.*

Etc. Elle eſtá-me muito inclinado, que eu bem

bem lho conheço na olhadura. *à parte.*
Zap. Vayte já, ou farey queixa a Sua Mageſtade do mal que lhe obedeces: anda, vayte.
Mach. Como me hey de hir, ſe eſtou prezo?
Etc. Aquillo he comigo. *à part.*
Zap. Ay a minha teſta que aſſim me carrega! *à parte.* E quem he que te prende? *para elle.*
Mach. A guarda, que como me naõ deixou entrar, entendo que me naõ deixará ſahir. Ay amor, que forte brecha me abriſte no peito! *à parte.*
Zap. Ay, que féro ſuſto! Cuidey que o dizia por Etcætera. *à parte.*
Mach. Já he preciſo hir conduzir ao Principe. *à parte.* Ora Senhor, já me vou, e ſaiba, que levo mais do que trouxe. *para elle.*
Etc. Que leva?
Mach. Huma ferida muito penetrante.
Etc. Bom vay iſto; achey o que buſcava. *à parte.*
Zap. Que ferida he eſſa?
Mach. Naõ te lembra, que me quebráraõ os narizes depois.
Zap. Ay, cuidey que o dizia por outra couſa. *à parte.* Naõ te deſenganas ainda, que era ranho, e naõ ſangue? *para elle.*
Mach.

Mach. Oh, nem tal me lembrava: pois com essa me vou. *Retira-se ao bastidor.* Mas daqui ouvirey o que passa.

Faz Etcætera que se vay.

Zap. Com que v. m. tambem se vay, como quem naõ diz nada? Assim me quer deixar pela callada?

Etc. Pois que tenho eu aqui que fazer mais? Diga.

Zap. Ora espere menina, e até agora que tinha?

Etc. Eu bem sey o que tinha, e a vossé que lhe importa isso? Vá lá buscar os seus olhos verdes, e os meus tire delles as esperanças.

Mach. Máo está aquillo.

Zap. Que olhos verdes? eu nunca fuy amigo de olhos da alface. Hoje ha de hir o diabo em casa do Alfacinha. *à parte.*

Etc. Naõ meta isso a graça, que naõ ha de ser admittido.

Mach. He porque o devo de estar eu.

Zap. Fallas de veras?

Etc. Naõ, naõ lhe zombo.

Zap. Em negra hora eu falley em olhos verdes. Pois, menina, vê o que queres que eu faça para ser restituido outra vez à tua graça.

Etc. Acolá (senaõ me engano) está o tal Machavello. Pois hey de fazer a este tolo huma peça. *à part.* Ponha-se ahi de joelhos.

Zap. Aqui estou já ajoelhado. *ajoelha.*

Etc. Ora assente-se agora no chaõ.

Zap. Já estou assentado. *assenta-se.*

Etc. Erga-se depressa.

Zap. Já estou erguido. *levanta-se.*

Mach. Ella fa-lo andar n'uma dobadoura.

Etc. Ora agora vá bailando, em quanto eu for cantando.

Zap. Minha Etcætera, olha que eu tenho meus achaques, e naõ posso fazer esses excessos.

Etc. Pois a Deos. *Faz que se vay.*

Zap. Ay, espera, espera, que eu bailarey até me levar a fortuna. Ay olhos verdes, quanto me custais! *à part.*

Mach. Ha mais celebre capricho!

Canta Etcætera, e baila Zapete.

Etc. Vamos andando
Cantando, e bailando,
Trate esse orate
De ser bonifrate,
Ay, ay, para aqui,
Ay, ay, para alli,

Andar

Andar para cá,
Voltar para lá,
Para aqui, para alli,
Para lá, para cá,
Boa figura

Mach. Bello pexote
Ambos. Bom balharote
Mach. Eu naõ vi tal.
Mas de tal ver
Ambos. Rizo me dá
ah, ah, ah, ah.

Zap. Isto he traiçaõ; bom anda o meu credito! Eu envergonhado diante de gente! isto naõ esperava eu de ti Etcætera: hum homem da minha authoridade feito bailarote? a minha firmeza metida em mudanças? Bem me soubeste meter nas voltas. Ay, estou quasi esfalfado. Ora serás já minha amiguinha?
Etc. No jardim às escuras te espero logo.
Zap. A mim?
Etc. Havia de fallar comtigo? eu te arrenego.

Sahe Machavello.

Mach. A mim?
Etc. A v. m. appello eu por mim! Hey de ver se vay o que eu quero. *à parte. e vaise,*

Zap.

Zap. Comigo he, mas a negaçaõ foy modeſtia. *à parte.*

Mach. A mim mo diſſe, pois a elle já o deſpreza. *à parte.*

Zap. Senhor Machavello, naõ diga nada diſto a ninguem.

Mach. Uy! vá deſcançado, que eu ſe o diſſer, ha de ſer a alguem. *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Mutaçaõ de Jardim, e de huma parte hum alegrete, ou fórma de aſſento, e da outra parte outro, e no fundo hum boſete de pedra, e eſtará o Theatro eſcuro. Sahem Floriſbella, e Altea.

Flor. JUntas, irmã, viemos a eſte Jardim, e ambas nos dividimos no paſſeyo, divertida cada qual na ſua imaginaçaõ.

Alt. Ahi verás quanto arrebata hum penſamento, pois faz dirigir os paſſos aonde ſe naõ encaminha a vontade. Mas já me unio outra vez à tua companhia, naõ a caſualidade, mas o affecto.

Flor. Ay louca fantaſia, que quimeras me fundas ſobre o vento! *à parte.*

Alt. Ay amor tyranno, quantas mortes repete

pete hum ſó ciume! *à parte.*

Flor. Já do paſſeyo fatigada me ſinto; e pois neſte ſitio nos convida ao deſcanço, reſpirando fragancias, o Favonio, aqui podemos ſentarnos.

Alt. Dizes bem; eu já eſtava do meſmo parecer; mas a tua voz ſe anticipou a intimar o effeito; para que ſe veja, que he minha a tua vontade, e tua a minha obediencia.

Flor. A Hypolito vi no Jardim, e ainda que o ſeu rendimento me naõ deſagradou, depois que reconheci a ſeu favor o empenho de Altea, fujo às occaſiões, em que para mim poſſaõ paſſar de politicas urbanidades as ſuas attenções. *à p.*

Alt. No Jardim anda Hypolito, pois àquella parte o vi, antes que de todo cahiſſe a ſombra da noite, e ſinto que a Princeza tomaſſe aquelle lugar; porque por entre aquellas ramas tinha commodo para fallarlhe, quando elle ouvindome o procuraſſe. *à part.* *aſſentaõ-ſe.*

Flor. Oh que agradavel he a hum triſte o ſilencio da noite; pois com mais deſafogo ſe póde entregar todo ao ſeu cuidado!

Alt. Oh que proprio he para hum peito amante o retiro; pois com menos embaraços

baraços póde elevar-se nas contemplações de amor!

Flor. Parece que estás penetrada dos seus golpes?

Alt. O destino fez, que o meu peito fosse o alvo das suas iras.

Flor. Antes eu julgava na tua belleza a imagem das suas adorações.

Alt. Nos seus altares só se conhece por idolo a tua formosura. Muito se declara o meu ciume. *à parte.*

Flor. Parece, que em mim receya preferencias. *à parte.* Naõ, Altea, naõ me offendas com a lisonja, que eu como reconheço em ti ventajens para a idolatria, naõ havia de usurpar os cultos, que só se devem às tuas aras.

Alt. Entendeo-me; porque se naõ offenda, quero mudár de sentido. *à parte.* Eu só nas do amor com que te venero, sey sacrificarte affectuoso o meu cuidado, e naõ he pouco o que agora me causa o verte triste. Qual he a pena que te afflige? Descança Florisbella no meu peito.

Flor. Ay Altea, e como o querer explicar o meu cuidado, fora emprender hum impossivel!

Alt. Póde o mal padecerse sem alcançarse?

Flor. Sim, quando no ignorar consiste o padecer.

Alt.

Alt. Como no que padeces, naõ conhece o que ignoras?

Flor. Padecendo o que ignoro, e ignorando o que padeço.

Alt. Ay Florisbella! e como me parec que eſtou conhecendo, o que tu eſtá ignorando! Oh como ſaõ de amor eſſe extremos!

Flor. Suſpende a voz, naõ eſcute a razaõ neſſe nome a ſua offenſa, e agora melhor ſerá que ſe empregue em ſer liſonja dos meus ouvidos, e ſuſpenſaõ dos teus cuidados.

Alt. Como ſó as tuas vozes podem ſervir de ſuſpensões, acompanha o meu canto, que aſſegurando os agrados, lograrà pelo indulto o que naõ alcança pelo merito.

Cantaõ.

Flor. Loucas memorias.
Alt. Tyrannos zelos.
Ambas { De meus deſvelos
Cauſa immortal.
Flor. Como ao renderme.
Alt. Ao maltratarme.
Ambas { Já de matarme
Naõ acabais.
Flor. Mas ay!
Ambas { Que iſto he morrer
Sem acabar.

Sahem

ahem pela parte de fóra Hypolito por onde eſtá Florisbella, e Cardenio por onde eſtá Altea.

Hyp. Aqui ouço a Florisbela.

Card. Aqui eſcuto a Altea.

Hyp. Valermehey das ſombras, para lhe intimar as minhas finezas.

Card. Fiado no eſcuro da noite, lhe quero declarar os meus exceſſos.

Flor. Para cantar mais convida o ſilencio, do que o rogo.

Hyp. Naõ me enganey; deſta parte eſtá a Princeza.

Alt. Tambem o rogo he attençaõ.

Card. Deſta parte eſtá a Infanta; naõ me enganou o meu ouvido.

Flor. Eſſa às tuas vozes ſó deve.

Alt. As minhas ſó ſabem ſubir, quando chega a louvarte.

Hyp. Por eſta rua, que ſerve de paſſeyo ao Jardim, hirey para fallarlhe mais ſeguro de ſer ſentido de Altea. *Vaiſe.*

Card. Por de traz deſtas latadas, que formaõ parede a eſte retiro, quero hir, para lhe fallar com menos ſuſto de que o perceba Florisbela. *Vaiſe.*

Flor. Em vaõ procuro eſquecerme do que no boſque vi, e eſcutey: *à parte.* Mas ay de mim! naõ ſey que rumor ſenti neſtas

nestas ramas. *levantaõ-se*

Alt. O vento seria; mas se tens susto, muda-te para este lugar, que será mais accommodado. Verey se he Hypolito, que me busca. *à parte.*

Trocaõ os lugares.

Flor. Receyo, que seja Hypolito, que venha à importunarme. *à parte.*

Sahem os dous pela parte de dentro, chega Hypolito a Altea, e Cardenio a Florisbela.

Hyp. Cobarde chego.
Card. Temeroso a busco.
Flor. Mas ay de mim! passos sinto. *à p.*
Alt. Gente se avisinha: alviçaras coraçaõ. *à parte.*
Hyp. Divina Florisbela?
Card. Altea soberana?
Hyp. Naõ me crimines de muito ousado...
Card. Naõ me culpes de pouco amante...
Flor. Naõ percebo se he Hypolito. *à part.*
Alt. Se he Hypolito naõ averiguo. *à part.*
Hyp. Se te busca a minha fineza para dizerte que hoje no bosque consegui a de arriscar a minha vida por evitar a tua offensa.
Alt. Que escuto, pezares! *à part.*
Card. Se te procura o meu excesso para declarar-

declararte, que hoje no bosque obrey por ti, o de emprender tirar a vida à Princeza para que tu conseguisses a Coroa.

Flor. Que he isto que ouço, penas! *à part.*

Hyp. Naõ desprezes pois, Senhora, os meus rendimentos, quando tu es testemunha das minhas finezas.

Card. Naõ desestimes pois, Senhora, as minhas adorações, quando tu es a causa de taes excessos.

Alt. Com a Princeza minha irmã se vaõ confirmando os meus aggravos. *à parte.*

Flor. Com minha irmã Altea se communicaõ as minhas offensas. *à parte.*

Dentro ElRey. Levem luzes ao Jardim.

Hyp. Já retirarme he preciso. *à part. e vaise.*

Card. Já he força o retirarme. *à part. e vaise.*

Flor. Naõ estou em mim de sentimento. *à p.*

Alt. Morta me tem o pezar. *à parte.*

Sahem por fóra Machavelo por huma parte, e Zapete por outra.

Mach. Pois ElRey com Felisardo fica divertido, quero a foro de tolo, ver se vejo às escuras a Etcætera neste Jardim.

Zap. Pois Etcætera disse que viesse ao Jardim de noite, se a naõ vir por sombras, quero ao menos apalpalla.

Mach. Oh quem me dera dar com ella.

Zap.

Zap. Ainda que eſtou às eſcuras, naõ ſe me dava de ter com ella huma topada.
Mach. Se eſtará para aqui?
Zap. Se eſtará para cá?
Flor. Ay de mim infeliz!
Alt. Ay de mim triſte!
Mach. Mas ter maõ, que aqui ouvi ſuſpirar.
Zap. Porém vamos de vagar, que aqui ſenti resfolgar.
Mach. Sim, aqui ouço o ruje ruje das ſayas.
Zap. Sim, aqui ouço o eſtralicar das chinellas.
Mach. Se a minha ſorte he taõ feliz, que mereço ſer admittido, nas minhas mãos dará fim a peſſoa que aborreces. *para Flor.*

Iſto diz Machavelo a Florisbella, e o ſeguinte diz Zapete a Altea.

Flor. De novo ſe ratifica a ſentença da minha morte. Em fim Altea me aborrece! ah traidora! *à parte.*
Zap. Se mereço que me reſtituas à tua graça, mil vezes arriſcarey eſta vida por lograr outra vez os teus favores. *para Alt.*
Alt. De novo ſe intimaõ as ſuas finezas. Em fim Florisbela o tem favorecido! ah falſa! *à parte.*
Mach. Falla-me, mais que ſeja pela boca da noite.

Zap.

Zap. Refponde-me; mais que feja em eftylo efcuro.
Flor. No peito hum incendio abrigo. *àp.*
Alt. Hum Ethna occulto no peito. *àp.*
Mach. Dize, naõ te embarace a vergonha.
Zap. Falla, naõ te perturbe o pejo.
Mach. Meu bem.
Zap. Meu amor.
Flor. e Alt. Já ifto naõ póde foffrerfe. *àp.*
Flor. Traidor, barbaro, atrevido.....
Alt. Falfo, aleivofo, infolente.....
Mach. Que vay, Senhor Machavelo? *vira.*
Zap. Senhor Zapete, que tal?

Sahem dous criados com duas ferpentinas de luzes, que poraõ fobre a meza, e outro com huma cadeira, que poem a hum lado.

Flor. e Alt. Como affim!
Flor. Mas que he o que vejo! *àparte.*
Alt. Mas que he o que noto! *àparte.*
Mach. e Zap. Ay defgraçado de mim!
Mach. Oh quem fe vira em Beiberia!
Zap. Oh quem fe vira em Salé!
Flor. Que encanto he efte, cuidados! *àp.*
Alt. Que prodigio he efte, amor! *àpart.*
Mach. Eu fe acafo... agora... quando....
Defta vez me maffaõ o cagueiro. *àpart.*
Zap. Eu fe aqui... entaõ... porque....
Defta vez me derreaõ o palayo. *àparte.*

Flor. Naõ he poſſivel, que deſte ſimples naſceſſem aquellas razões: em vaõ me animo. *à parte.*

Alt. Naõ he poſſivel articularem-ſe aquellas palavras na boca deſte neſcio: penas reſpiro. *à parte.*

Mach. Oh quem adevinhára que aonde buſcava a Etcætera havia de achar a Florisbela! Antes eu me fora meter no calcanhar do mundo. *à parte.*

Zap. Oh quem ſoubera que em lugar de huma lacaya ſe havia de achar huma Infanta! Antes eu me fora encaixar no cu de Judas. *à parte.*

Flor. Examinallo he preciſo. *à parte.*

Alt. Averiguar eſte caſo he neceſſario. *à p.*

Mach. Eſtou vendo ſe me mandaõ com trezentos mil diabos. *à parte.*

Zap. Eſtou vendo ſe me mandaõ dar trezentos mil açoutes. *à parte.*

Flor. Vem cá: dize-me.

Mach. Direy, ſe ſouber o que digo.

Alt. Vem cá: reſponde-me.

Zap. Eu naõ ſou taõ mal enſinado como iſſo.

Sahem ElRey, e Feliſardo, eſte fica em pé, e ElRey ſe aſſenta.

Flor. Mas ceſſe por agora o exame. Ay de mim! *à parte.*

Alt.

Alt. Ay infeliz! mas cesse a averiguaçaõ por agora. *à parte.*

Rey. Florisbela, Altea, filhas, o meu amor, que sempre dezeja darvos gosto, traz à vossa presença este galhardo mancebo, que he Apollo na discriçaõ, e Orféo na modestia: com as suas prendas quero lisongearvos.

Flor. e Alt. Conrrespondemos-te Pay, e Senhor, com igual fineza.

Mach. Pois estaõ entretidos, bom será por agora usar da escapatoria. *à part. e vaise.*

Zap. Pois divertidos se achaõ, naõ será máo agora usar da esgueiraçaõ. *à parte. e vaise.*

Fel. Ay amor, e que encanto he este da formosura, que tanto me arrebata os sentidos! Sem mim estou!

Rey. Falla Sigismundo, agora emmudeces? Esta he a Princeza minha filha, a quem dezejo divertir.

Flor. Galharda presença! *à parte.*

Alt. Bizarro sujeito! *à parte.*

Rey. Chega a fallarlhe, naõ te acobardes.

Fel. Oh, naõ julgues Monarca esclarecido, que deixo de fallar quando emmudeço: aonde as admiraçoẽs haõ de expressarse, naõ ha fraze mais propria que o silencio.

Rey. Bem ſe deſculpa. *à parte.*

Chega Feliſardo à Princeza, e ajoelha.

Fel. A voſſos pés, Senhora, [amor piedade! naõ me mates, anima agora o peito. *à parte.*] Já me proſtro: [ay de mim! naõ ſey que digo. *à part.*] animoſo, cobarde, lince, cego....
Rey. Perturbou-ſe. *à parte.*
Fel. A voſſos pés, Senhora, (outra vez digo) a ſer adoraçaõ paſſa o reſpeito, que aonde naõ ſe admittem igualdades, ſe conhece a attençaõ pelos exceſſos.
Rey. Muy bem emendou o defeito. *à p.*
Flor. Outro encanto me ſuſpende: parece que me ſeguem os prodigios. *à parte.*
Alt. Apenas chega a agradarme, quem tanto exalta a minha mayor inimiga. *à p.*
Flor. Naõ culpeis, ſe me dilato em pagar com agradecimentos, o que devo aos voſſos applauſos; que ſe bem o advertis, ao voſſo eſtylo tambem ſaõ devidas as minhas ſuſpensões.

Ajoelha Feliſardo junto a Altea.

Fel. Em vós, Senhora, he o paſmo ſucceſſivo, quando chego a admirar hum tal portento, que ſem duvida fora ſem ſegundo a naõ crear o Ceo outro primeiro.

Alt.

Alt. He privilegio da diſcriçaõ fazer liſonja da offenſa. *à parte.*

Flor. E quanto ſentirá que me prefiraõ, quem tanto ſe empenha em que me offendaõ! *à parte.*

Alt. Tanto me exalta o modo porque me louvais, que vos aceito por obſequios os deſenganos.

Rey. Mais lhe deu a natureza a eſte Eſtrangeiro nas prendas, que o adornaõ, que a mim a fortuna na Monarquia, que govérno. *à parte.* Com que motivo vieſte, Sigiſmundo, a eſtas regiões?

RECITADO.

Fel. Amor da amada Patria me deſterra:
Venho ſeguindo as forças do deſtino
Infeliz, derrotado, peregrino,
Buſcando abrigo na eſtrangeira terra:
Aos mares me entreguey q̃ de opprimidos
Com pezo infeliz de meus cuidados,
Proromperaõ em horridos bramidos;
E tanto contra a terra conjurados,
Que ver pude em diverſos horizontes
Voar os mares, e nadar os montes:
Mil perigos venci com peito forte,
Até que a minha feliz ſorte
No teu amparo me aſſegura,
Quanto eſperar pudéra da ventura.

ARIA.

ARIA.

Pois me dá ſeguro amparo
O teu peito heroico, e claro,
Deſſe modo
Já lá vay o meu mal todo,
Aqui eſtá todo o meu bem.
Ao ſeguir taõ fixo norte,
Já naõ tenho à dura ſorte,
Que temella,
Pois vejo a minha eſtrella,
Que a domina o teu poder.

Rey. Deſde hoje ſerás o primeiro na minha eſtimaçaõ, que aſſim o pedem as diſtincções com que te formou a natureza.

Fel. Oh Senhor, quanto exaltas a minha humildade!

Rey. Nada tens niſſo que dever à fortuna, antes toda ella cedeo ao teu merecimento. Vamos, que quero deſtinar lugar para a tua habitaçaõ em Palacio. *Vaiſe.*

Fel. Já te ſigo, Senhor, reverente, e agradecido. Ay Florisbela, e a quantos exceſſos me obrigas! Queira amor favorecer a meus empenhos. *à part. e vaiſe.*

Flor. Naõ ſey em que haõ de parar taõ prodigioſos acaſos: encanto me parece quanto eſcuto, e vejo. *Vaiſe.*

Alt.

Alt. Naõ ſey em que haõ de vir a dar taõ continuados martyrios: contra mim ſe diſpoem quanto vejo, e quanto eſcuto. *Vaiſe.*

Vem dous criados a levar as luzes, ſahe Etcætera ſó, e como às eſcuras.

Etc. Agora que ficou o Jardim deſembaraçado, quero ver ſe encontro o tal Machavelo, que para cá me dizem que veyo.

Sahe Machavello.

Mach. A' luz, que de huma janella da galaria ſe communicava, vi que para eſta parte vinha Ecætera, e ainda que eſcaldado da primeira, quero cahir na ſegunda.

Sahe Zapete pela outra parte.

Zap. Como os meus ciumes me trazem ſempre à lerta, ando feito ſentinella deſte Jardim; porque o ver no paſſado ſucceſſo ao Senhor Machavello, me deſpertou o cuidado.

Etc. Aqui ſinto paſſos: ſe ſerá o meu novo emprego?

Mach. Aqui eſcuto rinjir ſeda; ſe ſerá a menina dos meus olhos?

Zap. Eu perdi o tino, naõ ſey aonde eſtou: ſupponho que hirey dar comigo

na

na nora. *Elle anda mais apartado.*
Etc. Eylo comigo; agora o que me resta he ser Zapete. *à parte.*
Mach. Ella he, eu me resolvo: se eu dava agora com alguma Princeza, era huma fallada. *à parte.* Se se permitte a hum amante morcego, que entre as sombras da noite ronda a luz desses olhos, queimar as azas em taõ doce incendio, terey por felicidade o ficar desazado cahindo-te em graça, só porque fique outro passaro de aza cahida nos teus favores.
Zap. Para esta parte ouço cuchichar.
Etc. Este he Machavelo. *à parte.* Se dezejas abrazarte nas minhas luzes, naõ sejaõ de morcego os teus voos. Aonde ficaõ as Maripofas, as Fenix, e as Salamandras? Naõ sou eu taõ pouco altiva, que naõ dezeje nos meus amantes a imitaçaõ dos melhores exemplares: o mais fique para Zapete, que como passaro nocturno, só he do rancho de Gralhas, Morcegos, e Corujas.
Zap. Pois que vay? he olho, ou buraco? Está bonito isto! *à parte.*
Etc. Mas aqui sinto passos, quero retirarme depressa. *à part. e vaise.*
Mach. De mais a mais, naõ he besta a rapariga. *à parte.* Pois meu dengue, já que

que me permittes ser pasto das chãmas do teu amor, admitte-me desde hoje pelo menor dos teus amantes, bem que entre todos me acharás unico nas finezas.

Zap. Eu estou por instantes dando hum cerra Espanha. *à parte.*

Mach. Que respondes meu bem?

Zap. Se ella callou, consentio. *à parte.*

Mach. Uy, naõ me responde; quero ver se se ausentou. *à parte.*

Zap. Mas quero ver se a topo. *à parte.*

Estendem ambos o braço, e toca hum na cara do outro.

Mach. Porém que he isto? femea com bigodes.

Zap. Mas que he isto! Etcætera com barbas?

Mach. Quem me pega?

Zap. Quem me agarra?

Mach. Póde haver mayor desaforo!

Zap. Ha mayor pouca vergonha?

Mach. Isto he caso de bigode.

Zap. Isto he successo de barbas.

Mach. e *Zap.* Logrou-me patife!

Mach. Pois tome. } *Dá hum no outro.*
Zap. Tome. }

Mach. Lá vaõ dous dentes fóra.

Zap. Lá vaõ duas costelas dentro.

Sabe

Sahe Etcætera com luz.

Etc. Que he iſto, Senhores, eſtaõ doudos? voſſés jogando os murros às eſcuras? vejaõ o que fazem, que para iſſo lhes trago luz.

Zap. O que eu ganhey, de boa mente to déra de barato.

Etc. Se eu fora emparelhada com Machavello, tu perderas mais.

Mach. Eu topey a tudo, e ſe tu naõ vens ainda naõ parava.

Zap. Naõ ſeja deſavergonhado, que voſſé naõ me poz maõ.

Mach. Tenha tento no que diz, ſe naõ hey de dobrar a parada.

Zap. Oh magano! } *Tornaõ a darſe.*
Mach. Oh deſavergonhado! }

Etc. Ay meus peccados, que ſe torna a accender a pendencia.

A R I A.

Aparte-ſe a bulha,
Acabe-ſe a pendencia,
Já que a competencia
Em dar he que dá;
E porque ſe apartem,
Vay tu por aqui, *a Mach.*
Voſſé vá por lá. *a Zap.*

E

E naõ me reguingue *a Zap. tudo isto.*
Se naõ levará
Muita pancada,
Muita bofetada,
Muita arrochada,
Muita pauletada,
E naõ me reguingue,
Vay tu por aqui, *a Mach.*
Vossé vá por lá. *a Zap.*

Fim do primeiro Acto.

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Mutaçaõ de Bosque. Sahe Cardenio, e hum Soldado.

Card. NAõ te admires, Lidoro, de que viva ha tanto tempo, negado aos descanços da Patria, ou admira-te em quanto te naõ relato os motivos, que me movem a seguir com gosto os desterros della. E pois no retiro deste bosque, ainda que a natureza concedeo alma às plantas, naõ permittio ouvidos aos troncos, fiarey de ti os meus cuidados, sem que periguem os meus segredos.

Sold. Naõ he novo, Senhor, o favorecerem-me os Principes da Casa Real de Moscovia, e menos o será em ti, pois tantas experiencias tens da lealdade com que te sirvo.

Card. A Infanta Altéa, como já sabes, foy eleita para esposa do Duque de Moscovia; cerradas as capitulações, e assentadas as conveniencias das duas Coroas,

roas,

roas, foy trasladada desde Suecia àquellas Provincias, aonde chegou acompanhada da mais rara formosura, que he o mesmo que da mayor infelicidade; pois hum dia antes que ella chegasse a Moscovia, morreo seu futuro esposo precipitado do furor de hum cavallo desde a eminencia de humas altas rochas: trocando a instavel fortuna ao recebella, as galas em lutos, e o thalamo em feretro.

Sold. De cujo lastimoso acaso se penetrou tanto a galharda Infanta, que em muitos dias naõ cobrou os espiritos, que lhe roubou o desmayo.

Card. Entrou na regencia daquelle Imperio, como legitimo successor do Cezar defunto, o grande Basilio irmaõ seu, e meu tio, com o qual repugnou Altéa o consorcio, por naõ violentar o gosto na companhia daquelle, em quem a natureza depositou invisiveis as excellencias com que o dotou; pois tanto concedeu ao seu interior de generosidade, discriçaõ, e prudencia, quanto negou à sua pessoa de exterior bizarria, e gentileza. Dous mezes descançou da pena, e da jornada, antes de pôr por obra o regresso da patria. Eu que neste tempo tinha chegado de Dinamarca, aonde me tinhaõ

nhaõ conduzido as traveſſuras do meu genio (vivendo disfarçado naquella Corte, aonde muitas vezes entrey com o Principe Feliſardo em contencioſo certame, já na luta das forças, já na deſtreza das armas, exercicios de ſua mayor inclinaçaõ) me ſenti taõ rendido ao formoſo imperio de ſeus olhos, que mil vezes pelos meus lhe dey a ler os caracteres, que amor me imprimio no coraçaõ.

Sold. E ella devia de entendellos, pois tu a ſeguiſte até eſte Reino de Suecia, aonde ha dous annos vives disfarçado aſſiſtindo a ElRey em todos os negocios graves do Reino, eſtimando elle tanto a tua grande ſciencia, que de ti vive inſeparavel.

Card. Entendeo as minhas ancias, mas deſprezou os meus cuidados. Vio que disfarçado a ſegui: conheceo que diſſimulado a acompanhey, e tanto diſſimulou, que o conhecia, que eu meſmo duvidava ſe era disfarce o naõ reparar, ou ignorancia o naõ conhecer. Neſtas confuzões vacilante o meu diſcurſo, vinha ſeguindo o norte de taõ ſoberanas luzes, quando na paſſagem de hum pequeno rio, ordenou a fortuna, que na deſordem

dem dos que a acompanhavaõ, ao meterſe no bergantim ſe precipitou nas aguas: naõ ſey ſe foy, que a Deoſa Thetys ao admirar tanta belleza, quiz illuſtrar os imperios de Neptuno com os timbres de outra Divindade. Ficáraõ todos immoveis, ou de pena, ou de embaraço, reduzindo aos lamentos toda a preſteza das execuções; mas eu que obrigado da ancia de ſalvar a minha vida, deſprezey todos os horrores, que podia offerecerme a morte, com arrebatada promptidaõ me lancey às correntes, que ſerviaõ de prisões aos animos dos cobardes, que com inveja o admiravaõ, de donde ſahi triunfando de todo hum elemento, feito Athlante de todo o celeſte globo.

Sold. Notavel fineza, Senhor! E como correſpondeo a tanta obrigaçaõ?

Card. De tal ſorte reconheceo a divida, que me fez depoſitario de mil ditoſas promeſſas. Diſſe-me, que deſde aquelle ponto admittio com agrado as minhas finezas, e correndo o tempo me certificou, que ſe as enfermidades da Princeza ſua irmã, (que entaõ por inſtantes creſciaõ, a reduziſſem aos imperios da morte) ſendo ella herdeira do Reino, a nenhum admittiria por ſeu eſpo-

ſo

ſo ſe naõ a mim, que ſó faltaria a fé deſta palavra, quando eu intentaſſe offender a ſua vida, o que à viſta de lha ter já dado, ſe fazia impoſſivel crer.

Sold. Quem arriſcou huma, que tinha, por livralla, mal podia offender huma que adora, e a da Princeza Florisbela parece que ſe dilata a pezar dos teus intentos.

Card. Agora, Lidoro, entra a mayor fineza, que por ti faço, e o mayor empenho em que te occupo. Deſeſperado eu das demoras com que ſe dilata o logro dos meus dezejos, cego de amor, alheyo já da razaõ, e attento ſó a ſalvar a vida, que nos braços da dilaçaõ por inſtantes ma vay uſurpando o rigor do meu adverſo fado, intentey [ay de mim!] tirar [oh amor a quanto obrigas!] a vida.... mas eſpera, que até o ſilencio deſte boſque me parece mais attençaõ cuidadoſa, que natural ſocego.

Examina ſe ouve alguem.

Sold. Notavel recato! *à part.*

Card. Sós eſtamos. Digo pois, que intentey tirar a vida à Princeza Florisbela....

Sold. Notavel tyrannia! *à parte.*

Card. Só a fim de que Altea conſeguiſſe ſer Rainha de Suecia, e eu a fortuna

de

de ſer ſeu eſpoſo. Naõ detenhas aqui o diſcurſo em ponderar a gravidade do caſo, extende a attençaõ ao que dizerte quero. (Oh como temo que me eſcute a razaõ! *à parte.*) Hum dia, pois, que a Princeza obrigada das ſuas melancolias, ſe retirou (como tinha de coſtume quando ElRey a conduzia às caçadas) para hum ameno, e ſolitario ſitio, viſinho deſte boſque, valido dos disfarces de huma maſcara, quiz acabar de huma vez com a ſua vida, a tempo que ſahio de entre humas arvores a embaraçar os meus intentos o Principe Feliſardo, o qual habita neſtas montanhas veſtido de pelles, e taõ diſſimulado no traje, que ſó eu [que tantas vezes, e de taõ perto lhe vi o roſto, e ouvi a voz, o podéra conhecer:] retireyme cuidadoſo diſſimulando o delicto com engenhoſos diſfarces, e agora te mandey vir a eſte ſitio, para que com os companheiros, que te eſperaõ occultos, buſquemos a Feliſardo, que neſtas montanhas habita, e nellas demos ſepultura à ſua vida; porque ainda que naõ ſey os ſeus intentos, como ElRey vive taõ inclinado a fazello com a maõ de Florisbella herdeiro de ſeus Eſtados [que o naõ tello

S poſto

posto por obra he só por naõ violenta
a Princeza, que lhe tem natural aver
saõ, só pela noticia que a fama divul
gou de suas travessuras] quero na sua vi
da tirar hum embaraço às minhas fortuna
Sold. Rara malevolencia! *à parte*
Card. E assim pois a estaçaõ da madruga
da ainda convida a socego a toda a Rea
familia, que a este sitio se mudou desd
a Corte, vamos a correr todos estes vi
sinhos montes, para lograr o que tenho
determinado. Morra Felisardo, e mor
raõ quantos possaõ servir de embaraço
às minhas felicidades.
Sold. A minha obediencia será aos teus pre
ceitos a resposta mais prompta. Mais
obra em mim o temor, que a obedien
cia. *à parte*
Card. Oh a quantos excessos se arroja hum
coraçaõ amante! *à part.*
Sold. Oh a quantos precipicios se expoem
hum animo malevolo! *à part. e vaõ-se.*

Soaõ instrumentos, e sahe Altea cantando

ARIA.

Que prospera vay sulcando
A candida Pastorinha
Na florida, e tenra ervinha
Hum placido verde mar.

Mas

Mas tremula já receya,
Se eſtrepito ouvio na rama,
Das lagrimas, que derrama,
No pelago naufragar.

Sahe Hypolito.

Hyp. Raras ſaõ as prendas, e a formoſura de Altea! A naõ conſeguir as ſoberanias da Coroa, naõ póde haver mais goſtoſo emprego para os meus affectos. *à part.* Galharda Altea, que novo deſvanecimento dás hoje aos Ceos, e aos Prados, pois anticipando a ſahida neſta alegre, e ſaudoſa madrugada, em competencia da Aurora, vens duplicando alvores, e roſicleres? Quando ſe vio a Alva com mais feliz eſtrella? Quando mais riſonha, que com a alegria de tuas vozes? Com mais gloria nunca ſe rompeo, nem o ſilencio da noite, nem a luz do dia.

Alt. Ah tyranno, e como veſtes de liſonjas a tua traiçaõ! *à parte.*

Hyp. Naõ fallas? naõ reſpondes? meu bem, meu amor.....

Alt. Meu mal, meu odio, que queres que te diga? que queres que te reſponda?

Hyp. Que novo rigor he eſte? ay de mim! *à parte.*

Alt. Que queres que reſponda aos teus ca-

rinhos falſos, quando ſó ſaõ verdadeiras as tuas aleivoſias? Dize ingrato.

Hyp. Alheyo termo he eſte para a minha fineza. Naõ alcanço de donde póde naſcer o exceſſo deſte enfado. Se lhe communicaria a Princeza o meu affecto? *à p.*

Alt. O teu meſmo ſilencio eſtá confeſſando a tua culpa.

Hyp. Que culpa, Senhora? [Difficultoſamente me animo *à parte.*] Que culpa pódes accumular a hum amor, que por puro ſempre ha de ſer innocente? Em que te offendi, Senhora? declara-te; ſe me matas com a ira, naõ me poderá valer a verdade; porque chegará tarde com o remedio.

Alt. Que verdade, traidor, póde haver em hum peito, que eu meſma averiguey caviloſo?

Hyp. Se me veria fallar no Jardim com Floriſbela? mas o recato da voz, e a ſombra da noite, me livraõ do receyo. *à parte.*

Alt. Quero averiguar de huma vez as ſuas traições. *à part.* Dize-me, naõ foſte hontem ao Jardim?

Hyp. Por aqui começa o exame? *à parte.* Sim fuy, Senhora.

Alt. E fallaſte com alguem, quando cahiraõ as ſombras da noite? *Hyp.*

Hyp. Só comtigo foy o meu intento fallar. Ay infeliz! *à parte.*

Alt. Com cautelas me reſponde. *à parte.* Dos teus intentos naõ procuro ſaber por ora, das tuas obras he que aqui pretendo informarme.

Hyp. Grande aperto he o em que me acho: ſe declararey que falley com a Princeza? *à parte.*

Alt. A verdade naõ neceſſita de enſayos: deixo por agora os diſcurſos, que naõ quero que cuides o que me has de reſponder.

Hyp. Eu, Senhora, confeſſo que com a Princeza falley; mas foy engano das ſombras; porque cuidey que eras tu. Naõ ſey o que digo. *à parte.*

Alt. Hey de apurallo. *à parte.* Com que deſcubriſte o noſſo ſegredo amoroſo? e ella que te reſpondeo?

Hyp. Nenhuma palavra, Senhora, ouvi da ſua boca.

Alt. Pois como ſoubeſte que era ella a com quem fallavas? Ah falſo! *à parte.*

Hyp. Notavel erro! *à parte.* He porque depois pude advertir, que quando.....

Alt. Com que affirmas, que com a Princeza fallaſte?

Hyp. Negallo ſeria offenſa: com ella falley.

Alt. Mentes, aleivoſo, que naõ foy ella com quem fallaſte.

Hyp. Raro ſucceſſo! mas eu o emendarey. *à parte.* Senhora, para que he eſtarvos affirmando o que vós ſabeis com tanta realidade? Com voſco falley no Jardim, que ſó a vós ſe encaminhou a diligencia de procurallo. Eu havia de fallar a outrem? tudo o mais he graça, na ſuppoſiçaõ de que eſtais niſſo certa.

Alt. Finalmente affirmas, que comigo no Jardim fallaſte?

Hyp. Quando ſe averigua, que foy com a Princeza, direy como já diſſe, foy por engano. *à parte.* Huma, e mil vezes o affirmo.

Alt. Mentes, e huma, e mil vezes o faràs, ſe mais aqui comtigo expozer a deſaires o meu decóro.

Sahe Florisbella ao baſtidor.

Flor. Aqui eſtá Hypolito, e Altea; ouvirey a ſua queſtaõ.

Hyp. Naõ te irrites, formoſa Altea, contra mim, quando ſabes que hontem no Jardim te manifeſtey o meu amor; porque ſó a ti ſe encaminhaõ os meus amantes rendimentos.

Flor. Eſte he o tyranno da minha vida. *à parte.*

Alt.

Alt. Com a Princeza fallaſte, e naõ comigo ingrato.

Hyp. Pois ſe agora affirmas, porque me deſmentiſte quando to confeſſey? Confuſo eſtou! *à parte.*

Alt. Porque ſaõ tantos os enganos do peito, que mentes quando dizes que comigo fallaſte, e ſe dizes que com a Princeza, tambem mentes. *Vaiſe.*

RECITADO.

Hyp. Detente, ſuſpende doce homicida,
Pois ſe fico ſem ti, acabo a vida:
Naõ te auſentes, eſpera bella ingrata;
Se meu amor ſem teu deſdem me mata,
Para que he com rigor tyranno, e forte
Duplicar o motivo à minha morte.

ARIA.

Deixaſte-me tyranna:
Ay que eſpiro! ay que morro!
Soccorro, amor ſoccorro,
Que já ſem alma eſtou.
Já ſinto em tal deſmayo
O peito intercadente
A lingua balbuciente
Tremula, e torpe a voz.

Hyp. Eſpera, Senhora, naõ te auſentes, ſem que primeiro me declares enigma taõ difficil de entender. *Vay*

Vay a ſeguilla, ſahe Floriſbella, e o detem.

Flor. Eſpera tu, detem o paſſo, e ſuſpende o aleivoſo accento.

Hyp. Ay de mim! que novo infortunio me offerece a ſorte? Entre Scila, e Caribdis me vejo naufragante. *à part.*

Flor. Averiguar quero eſte caſo. *à parte.* Naõ venho, Hypolito, a pedirte ſatisfações das finezas, que expreſſaſte da Altea; porque nenhum cuidado me iá o engano, que neſſa parte me tens feto; quero ſim examinar a qual das duas fallaſte hontem no Jardim, para tirarme de huma ſuſpeita, que me traz ſem ſocego.

Hyp. Ha mayor deſgraça que a minha! Altea me deſpreza, e Floriſbela me deſengana: para com ambas me deixa ſem meritos o amor. *à parte.* Senhora, ſe a verdade merece attenções, eſcuta nas minhas vozes os teus deſenganos. Como o conhecer em minha Prima Altea algum affectuoſo cuidado me tem obrigado a naõ correſponder com deſattenções aos ſeus agrados, e porque dahi naſcerá algum inconveniente ao meu amor, naõ a tenho já deſenganado do pouco, que o meu affecto ſe lhe inclina. E como ſó

nas

nas tuas aras ſey fazer amantes ſacrificios, a ti hontem te buſcava para darte parte das finezas, que por ti tenho obrado, valido do negro manto da noite para naõ ſer viſto de Altea, que comtigo eſtava.

Flor. Que he o que eſcuto! Comigo confeſſa ter fallado, e diz que foy para darme parte das ſuas finezas, quando ſó delle alcancey os meus aggravos? *à parte.*

Hyp. Eſta he, Senhora, a verdade.

Flor. Eſſa he, Hypolito, a mentira; pois eu ſey com evidencia infallivel, que vós comigo naõ fallaſtes, e ſó foy a pratica com minha irmã.

Hyp. Ha mayores confusões! Quem ſe vio em igual labyrintho! *à part.*

Flor. E naõ foy para expreſſares finezas, mas ſim communicares traições contra a minha vida. Em que vos offendi, para moſtrares contra mim tanto rancor?

Hyp. Eu eſtou para perder o juizo. *à part.* Fermoſa Florisbela, ſe vós ſabeis que eu com voſco falley, e que vos declarey, que por livrar a voſſa vida, contendi braço a braço com huma féra, ou com hum traidor, que tirarvola intentava, como podia eu conſpirar em voſſa offenſa?

Flor.

Flor. Mais favor achey eu na féra, de que vós me livraſtes, do que em voſſo peito, que taõ amante ſignificais. Ay louco penſamento! *à part.*

Hyp. Eſſa he a deſgraça de hum benemerito, que ſó tem por premio a ingratidaõ, e o deſconhecimento.

Flor. Ora, Primo, ainda que pudéra, dando parte a ElRey meu Pay da voſſa traiçaõ, examinar com rigores a caúſa dos meus receyos, quero ſó com brandura perſuadirvos, a que me digais a razaõ com que ſe empenha Altea contra a minha vida, e quem vos moveo a vós a ſer o executor da ſentença da minha morte?

Hyp. Já iſto paſſa a deſeſperaçaõ. *à parte.* Naõ tenho, Floriſbela, mais que dizervos, ſenaõ que pudéra darme por muy offendido de vós, por eſtares na ſuppoſiçaõ de que era capaz hum peito, que ſe anima do voſſo ſangue meſmo, de ſer aſylo de traições: com voſco falley, vós meſma o ſabeis, pois ouviſtes as minhas vozes, e nellas pronunciar o voſſo nome.

Flor. Ha mayor atrevimento! Elle faz ludibrio da minha peſſoa, confeſſando a culpa no meſmo eſtylo de deſculparſe. *à parte.* Bem vos entendo, falſo, injuſto,

to: comigo fallaftes quando com Altea conferiftes as voffas traições, e a mim me nomeaftes quando difpozeftes contra meu peito os eftragos da voffa ira; mas a minha jufta indignação faberá tomar vingança de tanto genero de aggravos.

Vaife por onde veyo.

Apparece Zapete ao baftidor.

Hyp. Piedofos Ceos, he poffivel que fem mais culpa que a de infeliz, me condeneis à pena mais fenfivel para o meu coração!

Zap. Máo! elle eftá enfadado: mas já agora paciencia, eu naõ qnero perder occafiaõ de defencarregar a minha confciencia, vomitando efte bocado que tenho atraveffado na garganta. *Sahe.* Salve Deos a peffoa, tenha voffa como fe chama, alegriffimas auroras, Senhor, eu venho aqui a que.....

Hyp. Sem alma eftou!

Zap. Mas eu bem fey, que agora naõ he occafiaõ, mas.....

Hyp. Naõ fey em que hey de refolverme, pois quanto mais me defculpo, mais me condemno.

Zap. Com que, Senhor, faça v. m. de conta que.....

Hyp.

Hyp. Altea diz que eu nem a ella, nem Florisbela falley, dando-me a entende que falley a ambas.

Zap. Elle era de noite, fazia hum escuro que era meter o olho pelo dedo, e eu...

Hyp. Florisbela nega, que eu com ella fallasse, quando eu lhe fiz expressaõ da minha fineza.

Zap. Eu hia assim a modo de quem vay tomar o fresco aó Jardim, e.....

Hyp. Quem será motivo de taõ nunca vista confusaõ?

Zap. Vay senaõ quando, como lhe vou contando, topo com sua Alteza de meyo a meyo.

Hyp. Que dizes?

Zap. Topey com ella, e neste meyo tempo vem luzes.

Hyp. Que luzes?

Zap. As das serpentes pequeninas que....

Hyp. Vayte louco. *Dalhe.*

Zap. Oh mal haja a tua maõ, que sem ser de gral me machucou os queixos, como se os meus dentes fossem de alhos.

Hyp. Quem vio mayor confuzaõ!

Zap. Quem sentio bofetaõ mayor!

Hyp. Eu com as esperanças quasi perdidas!

Zap. Eu com os queixos quasi esmigalhados!

Hyp. Em huma descuberta a minha caute-

la,

la, e em outra desprezado o meu affecto!

Zap. Em hum inchada huma gingiva, e em outro abalado hum dente!

Hyp. Que isto sinto, e tenho vidà!

Zap. Que isto passo, e tenho paciencia.

Hyp. Naõ ha piedade nos Ceos?

Zap. Naõ ha Justiça na terra?

Hyp. Ay de mim!

Zap. E ay de mim tambem!

Hyp. Vayte insolente, ou te matarey.

Zap. Irra.

Vaise Zapete com pressa, topa com Cardenio, que sahe irado, e lhe dá.

Card. Detente barbaro.

Zap. Arre. *Vaise por outra parte.*

Card. Infructifera foy toda a diligencia, pois encontrar naõ pudémos a Felisardo. Tudo me succede mal; mas Hypolito! dissimularey a minha colera. *à part.*

Hyp. Cardenio! dissimularey a minha pena. *à parte.*

Card. Taõ cedo, Senhor, no campo?

Hyp. A gozar as delicias da madrugada me anticipey hoje, que nas assistencias do campo todo o tempo que se dá aos descanços, se nega aos recreyos.

Card. O mesmo motivo me obrigou a sahir do meu quarto taõ anticipadamente.

Sabe

Sahe ao bastidor Florisbela pela parte por ond tinha hido, e pela outra Altea, que he aonde se acha Cardenio.

Flor. Outra vez torno à presença de Hypolito, porque quero com mais pruden cia acabar de fazer este exame.

Volta Hypolito.

Hyp. Alli vem Florisbela. *à parte.*
Alt. A Hypolito torno a buscar; porque continuando a averiguaçaõ, de huma vez quero desenganarme.

Volta Cardenio.

Card. Aqui vem Altea. *à parte.*
Hyp. Ainda dura, formosissima Florisbela, no teu peito o rigor, que contra mim mostras?
Card. Ainda, bellissima Altea, poderá o meu amor alentar esperanças na tua promessa?
Flor. Dura a causa, mas naõ dura o rigor, por agora..... Mas alli está Cardenio, passarey adiante. *à part.*
Alt. Poderá: mas eu naõ poderey cumprir a promessa, sem que..... Porém alli está Hypolito, naõ dilatarme he preciso. *à parte.* *Vaõ passando ambas.*

Hyp.

Hyp. Ay de mim! por Cardenio ſe auſenta: e ſe viria com mais piedoſo intento? *à parte.*

Card. Ay de mim! por Hypolito diſſimula: e ſe acharia na ſua voz algum alivio o meu cuidado? *à part.*

Flor. Altea?

Alt. Florisbela?

Flor. Naõ ſey que alteraçaõ ſente o peito com a viſta de Altea, depois que vivo receoſa da ſua traiçaõ. *à parte.*

Alt. Naõ ſey que deſagrado me cauſa a preſença de Florisbela, deſde que a ſupponho alvo dos meus ciumes. *à part.*

Flor. Taõ cedo no prado?

Alt. Já do campo te retiras?

Flor. Sim, que como coſtumada a traições naõ eſtá no campo ſegura a minha vida.

Alt. Sim, que como ſujeita a deſvelos, ſempre me ſuccede madrugar para os pezares.

Flor. Bem me entenderia. *à part.*

Alt. Muito me declarey. *à parte.*

Vaõ paſſando, e chega Florisbela a Cardenio, e Altea a Hypolito.

Hyp. Aqui vem Altea; verey ſe mais aplacada me attende. *à parte.*

Card. Aqui vem Florisbela; para aſſegurar

rar a minha peſſoa, darey aviſo da min
traiçaõ, pondo o delicto em cabeça alhey
para que em mim ſe naõ eſcrupulize
quando logre o meu intento. *à par*

Flor. Verey ſe ao paſſar falla a Hypolit
à part.

Alt. Receyo que Cardenio me veja fall
a Hypolito. *à parte. Viraõ ambas a cabeç*

Hyp. Senhora, tens já advertido, que
a ti ſe dedicaõ os meus amantes cultos

Card. Sabe, galharda Princeza, que h
quem pretende offender a tua vida.

Flor. Piedoſos Ceos, que he o que eſcuto
e que he o que vejo! aqui me confir-
maõ os meus temores, e alli falland
Hypolito com recato a Altea, confir-
ma as minhas ſuſpeitas. *à parte.*

Alt. A' Princeza fallou Cardenio com re-
cato; deſte motivo me valerey para a
repulſa dos ſeus cuidados, e agora au-
ſentarme he preciſo, para que a Prince-
za naõ repare. *à part. e vaiſe.*

Flor. Vay, Cardenio, e em Palacio me
eſpera.

Card. Vou, Senhora, a obedecerte. *Vaiſe.*

Hyp. Ficou, Florisbela, e pois o ſitio
convida a mayor deſafogo, quero ver
ſe abrando a ſua dureza, e a primeira
das duas, que comigo ſe moſtra favora-
vel,

vel, ſerá o unico norte dos meus cuidados.

DUETO.

Hyp. Meu bem, idolo amado,
Suſpende o rigoroſo.
Flor. Ay deixame enganoſo,
Aparta-te homicida.
Hyp. Repara que eſta vida
Se anima deſte amor.
Flor. Naõ ſeja a minha vida
Objecto ao teu furor.
Hyp. De hum peito, que te adora,
Naõ formes tal conceito.
Flor. Ah falſo, que em teu peito
Só trataõ de animarte
Impulſos da fereza,
Exceſſos do rigor.
Hyp. Attende, que o meu peito
Só ſabe contemplarte
De celeſtial belleza
Divino reſplandor. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Mutaçaõ de ſala ordinaria. Sahe Feliſardo, e Machavello.

Mach. Pois como vay de negocio, Senhor Feliſardo? que temos de novo na materia de amor? Dame conta

das tuas fortunas, que depois que te viſte em Palacio valido, e junto à peſſoa, parece que te eſqueceſte de que já eras Principe, quando cá te introduziſte. Tens-te mudado, como aquelles que vivem pobres no mundo, e apenas tem algum augmentoſinho, quando logo ſe endireitaõ, poem a barbinha no ar, deitaõ a barriga muito para fóra, canſaõ em dando quatro paſſos, padecem faltas de viſta para naõ cortejarem os amigos, ſe os encontraõ, dizendo que os naõ vem; enchem a boca de... minha carruagem, meus criados, minhas beſtas, meu mercador, meu Letrado; finalmente ainda que de ſeu naõ tenha nada, naõ ha nada que naõ ſeja ſeu, e todo o mundo o ſerá; porque nenhum deſtes tem vergonha. Ora vamos de vagar, e ſabe que te conheço, que ainda hontem naõ tinhas hum veſtido para veſtir, pois pelo naõ ter, andavas em pelle, e vê que ſe naõ fora eu, a eſtas horas poderias eſtar na cova.

Fel. Vay, Machavelo, dando uſo ao genio com as tuas continuadas galantarias, que mais ſe deve invejar o animo deſafogado de hum humilde ſujeito, que os imperios do mayor Monarca do mundo.

Mach.

Mach. Bafta, bafta, naõ nos metamos nifso, que fe começas a difcorrer, começarey eu a correr, fó por te naõ ouvir. Quero que me falles de amor, que depois que entrey em Palacio, entrou elle comigo de forte, que entendo naõ fahirey bem da galhofa. Ay! eu eftou namorado defde os pés até a cabeça: naõ tenho em mim bocado tamanho como ifto, que naõ efteja feito fiambre por eftar desfeito: taõ esbandalhado, efmigalhado, efmiuçado, efpicaçado me tem as fetas de Cupido, que eftou feito hum çarrabulho vivente, hum farapatel animado.

Fel. Que? já goftas defta practica? já entendes deffa faculdade? Ay Machavelo! fe haverá quem tenha vida, fem que morra de amor? fe haverá quem tenha juizo, que de amor naõ enloqueça? E fe haverá quem eftime a liberdade, fe naõ para offerecella de amor aos dulciffimos laços? Mal vive quem naõ ama: pouco entende quem naõ adora: e fazendo na izençaõ inutil o alvedrio; fem as delicias, fem a luz de amor, nem a vida tem que lograr, nem o entendimento, que comprehender.

A quem ama, amor o alenta
(Bem que mata em hum inſtante)
Naõ he o primeiro hum amante,
A que o veneno alimenta.
Só conhece a formoſura
Quem enlouquece de amor,
E entaõ deſcobre melhor
O juizo na loucura.
O alvedrio ter vaidades
Póde de amor na prizaõ,
Pois ſem ter limites, ſaõ
Malquiſtas as liberdades.

Mach. Olá! temos verſosſinhos?
Eu te faço roſto já?
Ainda que os meus verſos cá
Saõ taes como os meus focinhos.

Fel. Ama o bruto ſem razaõ
Entre aſperas montanhas,
E as duriſſimas entranhas,
Troca em branda condiçaõ.

Mach. E os gatos agatanhados,
Que no frio achaõ o ardor,
Tem no Janeïro hum amor
Por cima deſſes telhados.

Fel. Enlaçada no eminente
Tronco a vide vegetante,
Bem ſe lhe declara amante,
Pois o abraça eſtreitamente.

Mach. E a Hera, que era taõ bella,
Tambem na era de agora
Ao muro velho namora,
Pois lhe faz pé de janella.

Fel. E no mar na penha dura
[Se de amor myſterios ſondas]
Como as lagrimas as ondas
Na dureza achaõ brandura.

Mach. E ainda o ar amor reſpira;
Pois (ſe o nota o teu talento)
Até parece que o vento
Pelas cavernas ſuſpira.

Fel. A tudo o creado, Machavelo, parece que amor anima.

Mach. O Criado Machavelo ſou eu, mas o amor naõ me anima; antes parece que me mata; pois me fere, e de vontade.

Fel. Só a bella ingrata, que adoro amante, naõ ſabe ſujeitar o alvedrio às leys de amor.

Flor. Ninguem melhor que eu o ſabe.
Dentro.

Fel. Feliz acaſo! Eſta he a Princeza, retiremonos, Machavelo, que a ſua preſença me perturba.

Mach. Vamos, que iſſo he impulſo de amor: naõ ſey que effeito cauſa a improviſa viſta do que ſe ama, que he reſpeito, e parece temor.

Re-

Retiraõ-ſe ao baſtidor os dous, e ſahe Floriſbella, e Etcætera.

Flor. Outra vez repetirey, que ninguem melhor que eu ſabe quem dezeja tirarme a vida.

Fel. Quem ſerá o barbaro, que a tanto inſulto ſe atreva?

Etc. Pois Senhora, ſe tu ſabes quem offenderte determina, porque naõ aſſeguguras a tua vida com a ſua morte?

Mach. Se fora eu quem o intentaſſe, bem morto me tinhaõ os teus olhos.

Flor. Ainda que Cardenio me naõ declarou o nome de quem a traiçaõ intenta, eu tenho certas evidencias de quem o ſolicita.

Fel. Ay amor! deſde hoje ſerá o meu peito eſcudo, que defenda a tua vida.

Etc. Pois, Senhora, naõ zombemos com iſſo: vê que te póde ſucceder huma deſgraça aſſim a modo de graça: a tua vida naõ he couſa para perder.

Mach. Bem perdido me acho eu por ti.

Flor. Saõ tantos os que ſe conjuraõ contra a minha peſſoa, que ignoro a quem entregue o cuidado da minha defenſa.

Sahe Feliſardo como arrebatado.

Fel. A mim, Senhora, ſó compete eſſe cuidado;

cuidado; pois na voſſa vida..... Ay de mim! arrebatou-me o affecto. *à parte.*

Mach. Uy, Senhores, eſte homem endoudeceo?

Flor. Pois a vós he que vos toca defender a minha vida?

Fel. E naõ me gratifiqueis a fineza, pois nada niſſo me deveis; todo o intereſſe he meu.

Flor. Naõ vos entendo. Ay, e quanto me leva as attenções eſte galhardo eſtrangeiro! *à parte.*

Fel. Se a minha vida defendo, em que vos deixo obrigada? Amor, a muito me atrevo. *à parte.*

Flor. Logo percebi mal, quando entendi, que vós a mim me intentaveis defender?

Fel. Naõ Senhora, bem me entendeſtes.

Flor. Pois como dizeis, que a voſſa vida ſó guardais?

Fel. Porque aſſim vos defendo a vós, pois vós ſois a minha vida.

Etc. Eſte Poeta deve ter vea de doudo, ou atrevimento de Muſico; pois deſcobre taõ altos penſamentos; eu os deixo, e me vou, por ver ſe acaſo topo as minhas Machavelices. *Vaiſe.*

Mach. Ay que ſe foy, e eu de ſentimento me eſtou indo.

Fel.

Fel. Senhora, taõ ſuſpenſa vos deixou a minha fineza?

Flor. Naõ Sigiſmundo, naõ me ſuſpende a voſſa fineza, admira-me ſim a voſſa ouſadia. Muito valor tendes, pois vos obrigais a tanto empenho.

Fel. Quando a tanto me arriſco, mais valor tem os meus affectos, que os meus impulſos.

Flor. Logo errais a diligencia, pois para defenderme, mais neceſſito dos voſſos impulſos, que dos voſſos affectos.

Fel. Quando dos meus affectos naſcem os meus impulſos, primeiro deveis eſtimar aquelles, porque duplicaõ o valor a eſtes.

Flor. Que caibaõ em ſujeito humilde penſamentos taõ elevados, e que tal me tenha huma louca paixaõ, que ſe liſongeaõ os meus agrados dos ſeus atrevimentos! *à parte*

Fel. De ouſado me criminará: oh quem pudéra declararſe! *à parte.* Que me reſpondeis, Senhora? admittis os meus amantes rendimentos?

Flor. Homem, quem es? que à viſta de tanta elevaçaõ, naõ ſey ſe ſe te devem caſtigos, ou agradecimentos?

Mach. Eſtou vendo ſe iſto para em abraços, ou em murros.

Flor

Flor. Naõ es tu de esfera muito inferior à minha ſoberania? Ay, ſe foras mais do que imagino! *à parte.*

Mach. Ahi ſe declara, e leva dous abraços.

Fel. O meu eſtado, Senhora, naõ confeſſa o meu naſcimento?

Mach. Oh diſcreto tolo!

Flor. Pois como neſcio, e ouſado te atreves a voar com azas de cera, aonde ſó aches rayos, que te abrazem, e iras, que te precipitem? Ay, e quanto me violento em aggravallo! *à parte.*

Mach. Meu dito, meu feito; aqui cahem bem os murros.

Fel. Suſpende o furor violento,
Com que a hum amante maltratas;
Pois quando hum rendido matas,
Infamas o vencimento.

Mach. Aſſim, vale-te das tuas habilidades.

Fel. Se me nega altas vaidades
Por humilde o meu deſtino,
Oh repara, que o Divino
Naõ ſe offende de humildades.

Mach. O homem empenhou o reſto.

Flor. Haverá quem reſiſta a taõ raro encanto! *à parte.* Ay Sigiſmundo, e que grande te formou a natureza! que ha

mais

mais que ver, aonde ha tanto que admirar!

Fel. Favoravel já me parece que se mostra. *à parte.* Poderá, formosa Florisbela, declararse nos meus sacrificios a minha adoraçaõ?

Flor. Oh se pudéra responder o affecto ao que he preciso responder o decoro. *à parte.* Sigismundo, consolе-vos na pena de infeliz, quem vos confessa que lograis a gloria de benemerito. *faz que se vay.*

Mach. He boa consolaçaõ.

Fel. Ay de mim! de que serve o merecimento se me deixais sem a gloria? (Eu me declaro. *à p.*) Pois Senhora, se por nascer desigual havia de viver infeliz, sabey que sou mais do que pareço.

Mach. Ora acaba com isso.

Flor. Que dizes? (Ay de mim! em novas penas fluctuo. *à parte.*) Com que tu es mais do que publîcas?

Mach. Os abraços haõ de ser alviçaras da boa nova.

Fel. Vosso igual me fez a fortuna.

Flor. Oh se emmudecesses ao querer pronunciallo. *à parte.* Vaite, vaite de minha presença, e deste Palacio, que toda a grandeza, que occultas, he labéo com que infamas.

Mach.

Mach. Quem tal differa! nem murros, nem abraços? Efta Princeza he má de contentar: ella ferá muy formofa, porém tem muito má boca.

Fel. Ha rigor mais eftupendo!
Ha pezar mais exquifito!
Se fou menos, vos irrito,
E fe fou mais, vos offendo?

Mach. Sim Senhor, nem mais, nem menos: melhor fora naõ fer nada para fer alguma coufa.

Fel. Fez-me grande a natureza
Para fer mais defgraçado,
Reduzio o meu eftado
Ao meu mal toda a grandeza.

Flor. Já naõ ha quem fe refifta; venceo o affecto ao decoro. Seja o que occulta, ou feja o que parece, eu me refolvo a quererlhe, que o amor naõ diftingue qualidades. *à parte.* Se o Ceo vos concedeo tantas excellencias, naõ quero fazer inuteis tantos meritos. Eu me refolvo.... O decoro me embaraça. *à parte.*

Mach. Ora anda com iffo.

Flor. A que hoje aqui.... A modeftia me opprime. *à parte.*

Mach. E para logo?

Flor.

Flor. Por premio de tanta fineza..... A muito me atrevo. *à parte.*

Mach. Ay, ay, ay.

Flor. Mas o pudor me desalenta. *à parte.* Naõ sey se alguem nos escuta.

Mach. Eu só, mas eu sou hum ninguem, Uy Senhores, que quererá ella fazer só com elle?

Fel. Sós estamos, Senhora, prosegui. Oh quaõ feliz me considero! *à parte.*

Flor. Digo Sigismundo, que saõ taes as amaveis circunstancias, que em vós descubro, que me resolvo a que hoje aqui, por premio de tanta fineza, se declare o meu amante rendimento; e que supposto dizeis sois mais do que eu imagino, eu o naõ quero examinar; porque só quero, ao querervos, levar na fineza os excessos de ignorarvos. *Vaise.*

Sahe Machavello.

Mach. Ora seja muito parabem meu Senhor.

Fel. Taõ feliz amor me tem
Nesta gloria sem igual,
Que ainda julgo tanto mal
Pouco preço a tanto bem.

Mach. Elle naõ está em casa, ou está fóra de si de contente. *à parte.* Ah Senhor?

nhor? A' outra porta. *à parte.*

[C]el. Cançou-ſe a minha ſorte
De perſeguirme;
Já deixa de affligirme
O rigor forte:
Do adverſo fado,
Que o meu cuidado
Attenções mais que humanas
Já chega à merecer. *Vaiſe.*

[M]ach. Pois adeos? Qual, naõ reſponde. Eſte he como o Ciſne, que ſe vay cantando; mas aquelle quando parte, canta como quem ſe deſpede, e eſte quando ſe aparta, canta por ſe naõ deſpedir, pois naõ eſtava muy depreſſa, antes vay muito de re, mi, fa, ſol, por andar com paſſos de garganta. Já aquillo he outro cantar: elle eſtá favorecido, por iſſo ſubio tanto de ponto; ſó eu fiquey ao canto no concerto de amor, e he canto chaõ porque eſtou poſto por terra. Ay doces prendas por meu mal achadas! Saõ tantas as de que ſe adorna Etcætera, que por infinitas, ao querer individuallas, he preciſo repetir muitas vezes Etcætera; porque ella he bonita, diſcreta, engraçada, airoſa, Etcætera. Ella canta.....

Sahè Etcætera.

Etc. Aqui eſtá quem canta.

Mach. Ella: mas aqui he ella.

Etc. Vá continuando.

Mach. Etcætera; pois fora hum nunca acabar o querer relatar quanto inclue Etcætera.

Etc. Pois entaõ Etcætera; deixemos iſſo, que tudo o que ha mais que dizer ſe póde entender por Etcætera.

Mach. Quanto ha que bom ſeja, por ti ſe póde entender; ſó eu naõ poſſo alcançar, ſe alcançar mereço de ti algum favor.

Etc. Conforme correr comigo, aſſim alcançará de mim.

Mach. Eu, menina, eſtou taõ alcançado, e taõ corrido me acho diſſo meſmo, que nada alcançarey de amor, ſe naõ correr bem a fortuna.

Zapete ao baſtidor.

Zap. Oh deſgraçado de mim! cá eſtá o meu rival. O meu amor eſtá muy perigoſo, e eu entendo que acabará de eſtallo.

Mach. Parece que naõ goſtou de ſaber que eu eſtou alcançado. *à parte.*

Etc.

Etc. Quero fingir que me desagrado delle por pobre. *à parte.*

Mach. Naõ me respondes, meu bem?

Etc. Seu bem? Bem mal que tal seja: quem está taõ pobre como v. m. ha de ser falto de bens.

Mach. Dessa sorte me respondes?

Etc. Que cabedal hey de eu fazer de quem naõ tem nenhum?

Zap. Por aqui naõ vay mal: pobre de mim se elle fora rico.

Mach. Oh se eu pudesse fazer versos de improviso, para assim conduzir agrados como meu Amo! mas eu cá naõ fuy criado para isso, ainda que todos trovamos de repente. *à parte.*

Etc. Va-se, va-se, que he hum pobrete.

Zap. Muito bem lhe vay fazendo a caridade.

Mach. Basta que me naõ favoreces?

Etc. Irmaõ, perdoe pelo amor de Deos.

Mach. Se a favorecer começa
Quem por irmaõ me descobre,
Naõ me trates como pobre,
Assim Deos te favoreça.

Zap. Ay que hey de ficar por portas, e elle ha de ficar entrado: porque fazendo-lhe versos, ha de-lhe dar c'os pés na alma.

Mach.

Mach. Minha vida, o meu naõ ter
Naõ te deixe hoje aſſuſtada,
Que ainda que naõ tenho nada,
Sempre tenho o que has de miſter.

Zap. O homem vence-a: moſtra-lhe as prendas? pois deu com ella por terra.
Etc. Ay que boas couſas tem! cada vez me agrada mais; mas ainda hey de fingir. *à parte.* Olhe, eſcuſado he cançarſe, que naõ me ha de render, ſendo pobre.
Zap. Se for, ſeja pelas coſtas.
Mach. Eu bem ſey que hum pobre naõ póde ter rendimentos; mas o pouco que tenho, eu farey com elle com que renda.
Etc. Eſſa he de que eu neceſſito para me ſuſtentar, que ralhos naõ fazem ſopas.
Zap. Eu hey de vencella, mas que lhe dê hum caldo.
Mach. Ora minha Etcætera, já que tu me deſprezas por pobre, eu te quero deſcobrir em ſegredo os meus haveres.
Zap. Se elle os deſcobre em ſegredo, deve tellos no Limoeiro.
Etc. Oh ſe tiveſſe tambem a circunſtancia de ter! *à parte.*
Mach. Pois has de ſaber, que eu naõ ſou taõ pobre, que naõ ſeja Morgado, e naõ tenha muito boa fazenda.

Zap

Zap. Olhem com que ſe ſahio agora.

Etc. Oh bem afortunada mulher! *à parte.* Com que tu es Morgado?

Zap. Ahi o admitte por ſeu legitimo marido.

Mach. Cabedal me deu a fortuna.

Etc. Oh ſe foſſes antes gandaeiro! *à parte.* Vay-te, vay-te de diante de mim, que quando Morgado te inculcas, mais ſem cabedal te moſtras.

Zap. Quem tal diſſera! Pois cuidey que o recebia com ambas as mãos.

Mach. Ha tormento mais eſtranho,
Nem martyrio mais agudo!
Pois por pobre perco tudo;
E por rico nada ganho!

Zap. Sim Senhor, nem tanto, nem taõ pouco. Eſſa moça naõ goſta dos extremos, ſó goſta das medianîas.

Mach. Pobre de quem naõ tem achado
Na riqueza prejuizo;
Porque naõ anda o juizo
Em cabeça de morgado.

Etc. Já naõ ha quem ſe reſiſta aos combates de tanta galantaria. *à parte.* Ora ſejas pobre, ou ſejas rico, eu quero ſer tua de toda a ſorte; porque tendo-te a

ti, ſempre tenho muito de meu.

Zap. Ora fiaivos lá em mulheres.

Mach. Que ventura! *à parte.*

Zap. Que deſgraça!

Mach. Ella deu-me vida. *à parte.*

Zap. Ella matou-me.

Mach. Com que triunfey da deſgraça?

Etc. Sim meu bem, e ganhaſte a maõ; porque eu hey de ſer tua.

Zap. A trampa lhe ſaiba: levou-ma de codilho.

Mach. Com que ninguem fará vaſa comtigo?

Etc. Eu hey de empatallas a todos.

Mach. Entaõ quem poderá daſempatar a maõ?

Sahe Zapete.

Zap. Zapete.

Etc. Naõ vale nada em juizo de tres.

Zap. Tu ſerás a arrenegada.

Mach. He boa reſpoſta eſſa.

Etc. Elle ſempre perde por carta de mais. mas eu me deſcartarey delle. *Quer irſe.*

Zap. Com que viras-me o as de copas?

Mach. Ahi havias tu agora meter os bigodes a ver ſe a podias levar à boca. Mas deixando eſte jogo, querem voſſés, pois nos achamos ſós, e em quinta, que joguemos

guemos algum jogo de galhofa?

Zap. Eu naõ, que naõ estou agora para graças.

Etc. Pois que tens tu agora que te dê pena? dize, meu rico, meu bello, meu Senhor, já vou.

Zap. Se tu me deixas, ainda queres que tenha mais?

Mach. Olhe o tollo, se ella te deixa, entaõ tens tu menos.

Etc. Eu deixo-te? ay! naõ: eu hey de ser a tua dor de ilharga.

Zap. Ora bem me parecia a mim, que ella naõ havia deixar de querer quererme. *à parte.* Vamos a isto, que eu estou por tudo.

Etc. Ora lá vay hum, em que o que perder ha de pagar a pena, que lhe imposerem.

Mach. e Zap. Vá embora.

Etc. Pois tomem sentido. Eu hey de dizer a minha perlenga, e quando apontar para algum de vossés, ha de responder depressa.

Mach. e Zap. Vamos adiante.

Canta Etcætera.

Dizia-me minha Avó
Que Cupido era menino;

Se o amor he pequenino,
Como he grande o meu amor!
Porém ſeja como for,
Arder, ſoffrer, merecer,
Viver, morrer, padecer,
Eu comtigo quero ſó.

Etc. Tu queres tambem? *para Mach.*
Mach. Sim quero, e aſſim naõ perco.
Etc. Perdeſte.
Zap. Ainda bem. *à parte.*
Mach. Como podia perder? Naõ diſſeſte tu, que havia reſponder depreſſa?
Etc. Sim.
Mach. Pois eu reſpondi com bem promptidaõ.
Etc. Reſpondeſte com promptidaõ, mas naõ reſpondeſte depreſſa.
Zap. Aquillo agora naõ entendo eu.
Etc. Eu naõ te dizia que reſpondeſſes apreſſado, mas que pronunciaſſes eſta meſma palavra: depreſſa.
Mach. Iſſo agora he outra couſa: pois entaõ dou-me por cangado, vê o que queres que eu faça.
Zap. Vejaõ a malicia das mulheres! Para enganar os homens ſaõ peiores que os diabos.
Etc. Já que perdeo, pague-nos a pena em

goſto.

gosto. Ha de fingir huma contenda entre tres; hum estrangeiro, huma velha, e hum galego.

Lap. Boa condemnaçaõ, e facil de cumprir; porque quem come por quatro, melhor fallará por tres.

Mach. Isso he fallar: ora em boa estou metido! Eu nunca tal fiz, mas vá, que huma vez he a primeira. Ora lá vay o que passou com hum estrangeiro, e hum galego, huma velha que vendia castanhas; chega o estrangeiro, e diz; O' Sinhori, quanti dar vudmecê a mim de castanhi per hum ventem? Responde a velha. Tire lá os arenques, que fedem a fumo, que he o que quer? Mim querer tomari castanhi... Maria Castanha selo-ha elle, e mais a sua alma: cuida que o naõ entendo... Ora via, via sinhori. Eis que chega o galego... Ah Senhora bendedeira, bossé oube, ou num oube?... Guarde lá, já lho dixerum: olhe o futre dos diachos... Vocimici estar muiti tollinhi... Linhas naõ tenho, se quijer quentes darlhoshey... E a bossé num oube? Cantas dá à moeda?... Ay Senhor vasse dahi imora: olhe o que me havia de vir! Tambem tu maroto? Num seja resaustelada

ca

ca ſe num ſaverey correjela... Oh valhaco! Ora naõ eſtar taõ infadada... Paſſa aqui futre, paſſa alli ratinho... Oh naõ fallar co as mãos ſinhori... Naõ nos meta os dedos pelos olhos, guarde para lá... Oube boſſé cantas dá por-ral, e meyo?... Queſme deixar agora? e voſſé tambem... Eſtar muiti deſivergonhadi, tomar, tomar... Ha mayor pouca vergonha! porme as mãos na cara hum breado! Naõ ha quem me acuda?... He munto vem feito... Toma atrevido, toma. Ha delRey! Ha delRey! num ha juſtiça!

Zap. Baſta, baſta; appello eu! que póde acudir gente, cuidando que he alguma couſa: ha tal gritaria!

Mach. Pois entaõ já aqui naõ eſtá quem fallou.

Etc. Tudo fazes com graça; vá pois continuando o jogo.

Mach. Eu invento; ora eſcuta. Eu dou as mãos a Etcætera, vem tu dacolá correndo, e ſe paſſares por baixo, ganhas, e ſe naõ podéres paſſar, perdes.

Zap. Iſſo de darem voſſés as mãos, naõ me contenta, que entendo que ficaráõ com maõ alçada para mim.

Mach. Uy! deſconfias?

Etc.

Etc. Isto he sómente brincar, que tomado às mãos naõ he nada: agora se tu es desconfiado, naõ brinques.
Zap. Ora essa he boa historia! Eu estou gracejando; eu havia desconfiar em materias de zombarias? Naõ, nem que vossés fizessem o que fizessem: por graça quanto vossés quizerem, agora de veras, isso nem zombando.
Mach. Ora vamos a isto.

Daõ as mãos Machavelo, e Etcætera.

Zap. Deixem-me lugar bastante.
Etc. Tu cabes em toda a parte, vem seguro.
Zap. Eu vou lá. Eu te rogo bom barqueiro, que me deixes tu passar.
Mach. Bom barqueiro se-lo-ha elle. Ora ande que isto naõ he graça.

Vay Zapete correndo, e naõ póde passar.

Zap. Uy! eu naõ posso passar adiante.
Etc. Ora vá outra vez, que todo esse partido te fazemos.
Zap. Vá. *Torna a fazer o mesmo.*
Mach. e Etc. Ainda naõ vay desta.
Zap. Senhores, lindo jogo! naõ se passa daqui.
Etc. He boa! porque naõ poderá elle passar?

Mach.

Mach. Porque? tu naõ vez o que elle tem na cabeça?

Zap. Pois que tenho eu na cabeça? ferá alguma coufa, que voffés me pozeraõ? Mas ay! que diacho he ifto?

Mach. Olhe o afno! he o arame em que te fuftentas.

Zap. Ora vejaõ voffés, tendo tanto em que me fuftente, ainda affim naõ poffo paffar.

Mach. Naõ nos metas iffo a graça, que naõ has de paffar affim: prepara-te para te fentenciarem.

Zap. Ahi me daõ fentença de morte.

Etc. Has de-te fazer cabra cega, e aquelle a quem apanhares, ha de perder; ata-lhe tu hum lenço pelos olhos.

Zap. Sim, voffés querem-me cegar para fazerem as fuas poucas vergonhas: mas ainda que me vendaõ os olhos, naõ me haõ de tapar a boca.

Etc. Aperta bem, olha naõ enxergue.

Mach. Oh vê lá naõ veja.

Zap. Ora ahi eftou feito, ou Cupido com venda, ou mula com antolhos.

Mach. Notavel traça, meu bem, foy efta para confeguir hum amorofo furto! dáme os teus braços.

Etc. Ay! eftá quieto: olhe para ifto? ainda naõ he tempo.

Zap.

Zap. Eu cuido que eſtou vendado, e eu eſtou vendido: Ay! cuſtou-me os olhos da cara o dizer iſto.

Mach. Ora daſme eſſe abraço?

Etc. Ay! guarde lá; quando for tempo, entaõ: quando me der a maõ, entaõ lhe darey os braços. Que quando iſſo fór, voſſé com huma maõ, e eu com duas. Mas ay que ahi vem Cardenio, eu me vou depreſſa. *Vaiſe.*

Mach. E eu por me naõ ver em preſſas tamb em me vou. *Vaiſe.*

Zap. O diabo da gente como eſtá callada! Quem me déra apanhar algum.

Sahe Cardenio.

Card. Já naõ ha ſoffrimento para tolerar taõ repetidos combates da fortuna. Invencivel ſe moſtra Altea no ſeu deſagrado. Eu darey morte à Princeza, e procurarey a de Feliſardo, a quem dezejo deſtruir, e naõ poſſo declarar, e eſtes eſtragos ſe me naõ ſervirem de remedio, me ſerviraõ de vingança.

Zap. Aqui ſinto paſſos. Ay que o apanhey! Huma, duas, tres. *Pega em Cardenio.*

Card. Oh barbaro, inſolente, que louco furor te incita a tal atrevimento? *Dalhe.*

Zap. Naõ vay a dar; digo que naõ quero.

Olhe

Olhe que tambem lhe hey de afincar.

Card. Aparta-te atrevido, ou te abrazará o fogo que respiro.

Empurra-o, e caelhe o lenço.

Zap. Ay estripado de mim! isto parece cousa de encantamento. *àp.* Senhor, naõ Senhor, eu estava aqui, porque naõ estava; mas se acaso v. m. faz caso disso, eu farey .... mas naõ farey cousa nenhuma; porque eu cá ..... mas eilo vay. *Vaise.*

Card. Quem faria este louco daquella sorte? Alguma das suas desengraçadas galantarias devia ser: mas ElRey vem. Senhor.

Sahe ElRey.

Rey. Cardenio, a alteraçaõ do peito te conheço no semblante: que he o que te dá pena?

Card. O que a ti, Senhor, te póde dar o mayor cuidado.

Rey. Naõ me dilates o sabello; porque naõ seja o susto parcial do tormento.

Card. Já sabes, Senhor, que houve quem intentou darte morte, dirigindo o golpe ao peito da Princeza tua filha, para dessa sorte duplicar o estrago.

Rey.

Rey. Já effe receyo me tirou grande parte da vida.

Card. Pois fabe, Senhor, que neftes vifinhos bofques anda disfarçado, e occulto o traidor, que folicita taõ barbara empreza. E agora venho de fazer a diligencia de bufcallo.

Rey. Já eu tenho noticia, que entre effas montanhas, veftido de tofcas pelles, fe vio effe que dizes, que eu de longe teftemunhey, que com Hypolito contendia; porém como o cuidado com que fe bufcou, naõ teve effeito, e como Florisbela affirmou, que nenhuma offenfa delle recebera, mais fem fufto me deixou o peito.

Card. A Princeza minha Senhora, como taõ difcreta, ha de affegurarte do receyo para livrarte do cuidado, que eu mefmo vi, que aquelle traidor queria tirarlhe os alentos, eftando ella ao fono rendida; porém por mais diligencia, que puz em chegar, já Hypolito fe tinha adiantado, ou por fer mais venturofo, ou por acharfe mais vifinho: e quando eu em certo fitio o efperava, para lhe dar caftigo, elle me fruftrou os intentos, metendofe por aquella horrivel gruta.

Rey.

Rey. Ay de mim! Pois Cardenio, a ti te encarrego o cuidado dessa diligencia: tu serás a guarda mais segura da pessoa da Princeza. *Vaise.*
Card. Fia, Senhor, do meu braço a sua defensa. Boa occasiaõ tenho para conseguir os meus intentos: logre eu o que solicito, que depois naõ faltaráõ industrias para desculparme.

RECITADO.

O tyranno rigor da dura pena,
Que a taõ feros pezares me condemna,
Faz que fluctue o coraçaõ violento
No tormentoso mar de meu tormento.
Navega taõ perdido,
Qùe já se vê das ondas combatido,
Derrotado, infeliz, confuso, absorto,
Sem norte que seguir, sem achar porto.

ARIA.

Noite escura, vento irado,
Alto mar, Ceo scintillante,
Daõ ao triste navegante
Medo, assombro, espanto, horror.
Assim pois meu triste peito,
De mil sustos combatido,
Se vê quasi submergido
De outros mares no rigor. *Vaise.*

SCE-

SCENA III.

Mutaçaõ de arvoredo do principio com a gruta; Sahe Machavello.

Mach. TOdos vieraõ a gozar os recreyos do campo por vontade, e eu por força ſayo tambem a dar hum verde ao goſto, para aſſim entreter, e ſuſtentar a minha eſperança: mas a contenda com que vejo encaminharſe a eſte ſitio a Cardenio, e Altea, me faz naõ paſſar daqui com dezejo de ſaber o que com tanto empenho vem tratando. Elles vem chegando, e como ainda me naõ viraõ, quero fazer que durmo, por ver ſe acaſo o negocio he couſa, que me toque ou à meu Amo. Ora eu me eſtendo ao comprido, e ha de ſer aqui neſta pedra, que eu naõ faço ceremonia, nem quando eſtou de comprimento. *Deita-ſe.*

Sahem Cardenio, e Altea ſem repararem.

Card. Has de ouvirme, bella ingrata, pois a ſolidaõ do ſitio convida a queixas amantes.

Alt. Deixa-me, Cardenio, que em quanto

to na minha memoria eſtiver a tua offenſa, nem quero conceder o meu ouvido às tuas vozes.

Card. Oh naõ queiras, bella inimiga, que o verme deſattendido de quem he o unico objecto de minhas finezas, ſeja occaſiaõ infallivel de hum deſeſperado precipicio.

Alt. Ainda que dezejo uſar deſte pretexto para diſſuadillo, temo os furores do ſeu genio. *à parte.*

Card. Nem me reſpondes, nem me eſcutas? Pois eu farey o ultimo ſacrificio da minha vida aos teus olhos, dando na minha morte fim às tuas tyrannias.

Alt. Que tens que dizerme, falſo? Para que he enganarme, quando vi que o recato com que fallaſte à Princeza, me deu claros ſinaes do teu engano? Pretende-a a ella, que he mais digno emprego da tua peſſoa.

Card. Oh que enganada te tem eſſa imaginaçaõ, quando eu ſou o mayor inimigo da ſua vida, pois nella dura hum embaraço à minha fortuna! Mas naõ poderá eſte durar muito, porque ſey quem determina darlhe morte. Diſto a avizey, quando com recato me viſte fallarlhe. Do ſeu damno lhe dey aviſo por teu reſpeito,

peito, mas ao ſeu mal naõ darey remedio pela minha utilidade, pois já tu ſabes quiz eu ſer executor do golpe.

Alt. Que eſcuto! *à parte.* Pois tu havias ſer taõ deshumano, que conſeguiſſes a minha peſſoa offendendo o meu ſangue?

Card. Foy tal o exceſſo do meu amor, que cegamente o intentey, bem que advertido o naõ conſegui. Preciſo he diſſimular o meu intento, e emendar o erro de lho ter já declarado no jardim. *à p.*

Mach. Bonito! Com que eſte he o mata Princezas?

Alt. Em fim tu ſabes quem offendella determina?

Card. Eu o ſey, e quando ſucceda, tu naõ pódes faltar a quem es, negandome a palavra, que já me déſte de ſer minha: e porque agora me naõ obrigues a declarar o ſujeito, que contra ella conſpira, pelos teus olhos te juro de naõ dizer mais, que he hum diſfarçado eſtrangeiro, que neſtas Regiões habita ſó a eſte fim.

Mach. Se hirá iſto dar em meu Amo? Nunca foy máo adormecer, pois aſſim ſey mais dormindo, que outros acordados.

Alt. Confuza eſtou! Se ſerá eſte o eſtrangeiro

geiro Sigiſmundo? *à parte.*

Card. Taõ ſuſpenſa a deixou eſta declaraçaõ, como ſe a naõ tivera ſabido já da minha boca. *à parte.* Que me reſpondes?

Alt. Só te poſſo reſponder neſte caſo, que eu hey de ſer a vigilante ſentinella da vida da Princeza, e que quem a offender a ella, o terey por meu mayor inimigo. *Vaiſe.*

Card. Tirado huma véz eſte impedimento da minha ventura, ou tu me cumprirás a palavra, ou eu me darey a mim meſmo a morte; e aſſim ou terey a mayor dita que lograr, ou naõ terey a menor pena que ſentir.

Mach. Oh quem pudéra agora hirſe como hum paſſarinho. *à parte.*

Sàhe o primeiro Soldado.

Card. Lidoro, já accuſava a tua tardança.

Sold. Senhor, como vi que com Altea eſtavas, quando aqui cheguey, eſcondido attendi quanto com ella paſſaſte, e juntamente vi, que por entre aquellas arvores vem a Princeza Florisbela, a quem determinas dar morte.

Mach. Ay meus peccados, o que aqui hirá ſe ella vem! Oh quem podéra voar com tantas penas! mas alguma induſtria

me

me ha de valer. *Ronca.*

Card. Para aqui ſe encaminha, eu me reſolvo a naõ perder eſta occaſiaõ. Mas que he o que eſcuto!

Sold. Notavel inadvertencia! Naõ viſte, Senhor, que aqui eſtava gente?

Card. Como taõ cego da paixaõ cheguey a eſte ſitio, e fallando com Altea, naõ reparey em tal.

Sold. Elle entregue ſe acha a hum profundo ſono; porém agora naõ poderás lograr aqui o que dezejas; porque deſpertando, naõ ſeja huma teſtemunha do teu delicto. Aſſim dezejo embaraçar a ſua temeridade. *à parte.*

Mach. Se eu dormindo embaraçar eſta morte, poſſo andar dormindo pelo mundo. *à parte.* *Ronca.*

Card. Ay de mim! Sou taõ deſgraçado, que até ſe me malograõ os intentos em que ſe arriſca a minha vida; que até a morte foge de hum infeliz. Deſperta-o tu, Lidoro, que naõ quero perder eſta occaſiaõ.

Sold. Homem, deixa o ſono, e acorda.

Mach. Qual! nem que cá vieſſe quem vieſſe. *Ronca.*

Sold. Deſperta: ah tal lethargo!

Mach. Ay, ay. *Abre a boca.*

Card. Que tal me ſucceda! Eſte he hum ſimples, que agora vive em Palacio; criado de hum eſtrangeiro, a quem ainda naõ vi. Menos mal receyo. *à parte.*

Sold. Ainda naõ eſtás em ti?

Mach. Ora naõ quero, naõ quero, ora, ora. *Ronca.*

Card. Homem, eſtás alienado? Cobra o acordo.

Mach. Ora iſto vio-ſe, ou ouvio-ſe? He boa ocioſidade vir acordar quem dorme!

Sold. Ainda dormes?

Mach. He boa! Se eu dormira, naõ lho havia de dizer?

Sold. Acorda.

Mach. A corda? qual corda? Eu naõ vi cá nenhuma corda.

Card. Já me falta a paciencia: dalhe, maltrata-o.

Mach. Máo.

Sold. Levanta-te.

Mach. Naõ ſe canſem, que naõ hey de acordar, nem que cá vieraõ os ſete dormentes.

Card. A Princeza ſe aviſinha, eu me reſolvo em matallo.

Mach. Eu tomo outro acordo, que naõ quero aqui morrer como hum bruto. *à part.*

Sold. Matallo, Senhor, ferá fazer hum delicto accufador de outro delicto.

Mach. Bom homem! acordado fejas todos os dias da tua vida. *à parte.*

Sold. Já parece que defperta.

Mach. Ay, ay. Ora falve Deos a voffas mercês.

Card. Homem, levantá-te, e vaite defte fitio já, antes que a minha colera te mate.

Mach. Uy, Senhor, eu me vou no mefmo inftante, que me podéra hir fem me fentir, fe v. m. me manda dormindo. Vou correndo a ver fe poffo encontrar Felifardo para lhe dar avifo de taõ grande traiçaõ. *à part. e vaife.*

Sold. Com tal preffa vay, que parece hum gamo pelo bofque.

Card. Vay, Lidoro, e junto à fonte de alabaftro efpera a noticia do fucceffo.

Sold. Já te obedeço. *Vaife.*

Card. Eu me retiro, para lograr com o feu defcuido melhor a minha determinaçaõ. *Vaife.*

Sahe Florisbela.

Flor. Divertida nos meus cuidados me embofquey até chegar a efte fitio, e vim mais conduzida de meus amorofos penfamentos, que guiada de acertados dif-

curſos, pois ſendo eſte lugar aonde naſcerão os perigos da minha vida, delle devia fugir, ſe naõ fora o meſmo em que tiveraõ principio os amantes enleyos de meu coraçaõ; porque tenho quaſi infalliveis evidencias de que foy Sigiſmundo o meſmo que aqui começou a uſar comigo os encantos, que me trazem taõ alheya do ſentido. Mas naõ ſey que ſobreſalto ſente o peito na ſolidaõ deſte boſque. Eu darey por eſta parte volta, para livrarme do perigo, que o ſuſto me vaticina. Mas ay de mim triſte!

Querendo irſe lhe ſahe Cardenio ao encontro com hum punhal.

Card. Detem os paſſos.
Flor. Valhame a fuga.

Quer fugir pela outra parte, e ſahe-lhe Feliſardo ao encontro, com outro punhal na maõ.

Fel. Suſpende os rigores.
Flor. Outro inimigo, fortuna! *à parte.*

Ficaõ os dous ſuſpenſos.

Card. Inanimada eſtatua me conſidero. *à p.*
Fel. Tronco inſenſivel me julgo. *à part.*
Flor. Tal eſtou, que naõ morrer do ſuſto, naõ he valor, he inſenſibilidade. *à p.*

Card.

Card. Com a razaõ ſe perdeo o diſcurſo; naõ ſey em que me reſolva. *à part.*

Fel. Do valor naſceo a cobardia: naõ ſey a que me determine. *à parte.*

Flor. Ay de mim! Como a pena que me embaraçou o ſentir me naõ privou do diſcorrer? Cardenio, que me avizou do meu damno ſe faz author da minha ruina? Sigiſmundo, que me ſacrificou a vida, me intenta dar a morte? Naõ ſey, a qual attribua a culpa, ſe em ambos acho igual a ſuſpenſaõ. *à part.*

Card. Eu me reſolvo. *à part.*

Fel. Eu me animo. *à parte.*

Flor. Rompa já hum o ſilencio, ou executem já ambos o golpe: ou acabe a duvida, ou tenha já fim a vida: morra conhecendo quem vive ignorando.

Card. Naõ tenho, formoſa Floriſbela, mais que dizerte em minha defenſa, que eu fuy o que te avizey do preſente mal.

Fel. Naõ he neceſſario, galharda Princeza, para juſtificarme, mais que lembrarte, que eu fuy quem ſe offereceo a defenderte.

Flor. Quando os meus olhos em ambos examinaõ offenſas, e os meus ouvidos de ambos os deſcargos, em qual ſe hoſpeda a lealdade?

Fel.

Fel. e Card. No meu peito.

Flor. Oh como o meu deve recear, se ambos se conformaõ para o damno, como ambos se uniraõ para a desculpa!

Card. Eu vendo de entre aquellas ramas, que esse estrangeiro vinha ameaçando ruinas ao teu peito, sahi apressado à tua defensa.

Fel. Eu vendo ao dobrar aquellas rochas, que esse traidor vibrava rayos de furor contra a tua vida, me apressey, valido deste punhal, para livrarte.

Card. Tu mesma viste ao voltar, que elle ameaçava a tua vida à traiçaõ.

Fel. Tu mesma examinaste com os teus olhos, que elle determinava darte morte.

Flor. Quem se vio em igual confuzaõ!

Card. Este estrangeiro he o Principe Felisardo: esforçarey mais a minha affirmativa, para ver se logro o meu intento, e o seu damno. *à parte.*

Fel. Este he Cardenio, que dizem logra delRey todo o valimento: procurarey occasiaõ de tirarlhe a vida para assegurar a da Princeza. *à part.*

Zapete ao bastidor pela parte de fóra.

Zap. Aqui sinto vozes; darse-ha caso que... Mas que he o que vejo! a Princeza metida

tida entre duas facas a riſco de lhe darem algum couce! Senhores, que ſerá iſto?

Flor. Em fim tu es o leal? *a Card.*

Card. Tu ſabes, que eu ſó vim a defenderte.

Zap. Logo o outro he o traidor? Oh quem me dera ſer quadrilheiro, para lhe tomar as armas, e dar com elle no cagarraõ: mas hirey logo dar parte a El-Rey. *Vaiſe.*

Etcætera ao baſtidor.

Etc. Aqui ouço fallar: ſerá por ventura...? Mas ay que he iſto! Dous punhaes nús diante de minha Ama! He boa deſcompoſtura! iſto he grande caſo.

Flor. Com que tu me intentas defender? *a Fel.*

Fel. Tu naõ ignoras, que em tua defenſa quero perder a vida, e já me offereço a dar o merecido caſtigo a eſſe traidor.

Etc. E tem razaõ, que Cardenio tem cara de poucos amigos, e elle tem huma cara de quem todos ſaõ amigos. Eu vou-me a chamar gente. *Vaiſe.*

SONETO.

Flor. De dous féros impulſos combatido
(Ay infeliz!) meu peito deſgraçado
Ignora de qual vive ameaçado,
Naõ ſabe de quem ſe acha defendido.

Ainda

Inda faz o tormento mais crefcido,
 O ver [tanto horror embaraçado]
 O odio com o amor equivocado,
 O favor com o aggravo confundido.
Nem beneficio, nem rigor preságo
 Sigo, ou fujo: fómente a bem naõ levo,
 Que perca amor feu premio em meu eftrago.
Ou bem, ou mal nem a eleger me atrevo,
 Que a fineza, fe morro, naõ a pago,
 E fe vivo, naõ fey a quem a devo.

Card. Senhora, da minha lealdade naõ duvides; pois quando eu intentaffe contra ti offenfas, naõ te avizára para que te acautelaffes: mas pois me naõ cres, eu me retiro da tua vifta, e tu verás quando caftigue traidores, que fica a tua vida fegura, e conhecida a minha verdade. *Vaife.*

Fel. Efpera, naõ te aufentes. Mas pois vós, Senhora, manchais com efcrupulos a pureza da minha fidelidade, eu me auzento dos voffos olhos, para que vindo à voffa noticia que dey morte a effe barbaro, que contra vós confpira, conheçais que já nefte mefmo fitio expuz a minha vida para defender a voffa. *Quer irfe.*

Flor. Efpera, efpera Sigifmundo: e pois te

te detenho os paſſos, fiando de ti ſem mais companhia a minha peſſoa, já pódes conhecer quam pouco de ti receyo. Cardenio he ſem duvida o que intenta ſer meu homicida, cujos motivos ignoro; e ſem duvida o ſeu aviſo foy cautela, para depois juſtificar a ſua cauſa. Ay de mim! ſe ſerá a conjuraçaõ feita com Hypolito, pois tantas ſuſpeitas tenho de que me offende, deſde hontem, que no Jardim me fallou? *à parte.*

SONETO.

Fel. Meu bem, do iniquo fado nos decretos
Naõ receies ſer alvo aos meus furores:
Taõ excelſos divinos reſplandores
Só ſaõ em mim da adoraçaõ objectos.
Se vês, que ſaõ de amor os meus projectos,
Em vaõ cauſa o meu peito os teus temores
Que mal ſeria archivo dos rigores,
Quem naſceo para centro dos affectos.
Oh naõ vivas de mim deſconfiada.
Como deixará a eſtragos reduzida,
Vida, que ſó merece idolatrada?
Vinha a ſer de mim meſmo hum homicida;
Porque eſtando ao meu peito vinculada,
Fora matarme a mim, tirarte a vida.

Sabe

Sahe ElRey, e cantaõ os tres o ſeguinte

RECITADO.

Rey. O ſemblante alterado?
Que he iſto amada filha? Oh duro fado!
E por mais ſentimento,
Neſta maõ hum mortifero inſtrumento?
Que intentas, Sigiſmundo?
Oh tormento immortal! rigor profundo!
Se mataõ os temores por preságos
Nada deixaõ os ſuſtos aos eſtragos.
Flor. Heroico Pay.....
Fel. Magnifico Monarca.....
Flor. A minha vida ſegue a dura Parca.
Fel. O meu braço defende a ſua vida.
Rey. Primeiro a minha ſe ha de ver perdida. *a Fel.*
Rey. Entre tantos horrores.
Fel. Que tal comſigo barbaros traidores.
Flor. Mais ſinto que o meu dano a tua pena.
Rey. Quem te maltrata, à morte me condena.
Flor. Naõ ſintas.
Fel. Naõ receies a ruina.
Rey. Tema quem furias contra ti fulmina.
Fel. e Rey. Pois ha de ſer neſta temida offenſa.....
Rey. O meu braço caſtigo.
Fel. O meu defenſa. TER-

TERCETO.

Flor. Que confegue a infaufta eftrella
Em tirarme a trifte vida,
Se da pena combatida
Já naõ temo a mefma morte?
Rey. Por lograr na minha fórte
O rigor mais exceffivo,
Ameaça o fado efquivo
Minha vida no teu peito.
Fel. Será efcudo hum firme peito
Deffa vida, ò Florisbela.
Flor. Oh fortuna.
Ambos Oh injufta eftrella!
Todos. Ceffe já tanto rigor!
Flor. Mas fe a vida has de tirarme,
Para menos maltratarme
Mata-me de hum golpe fó.
Rey. e Fel. Dura pena, porém vaite,
Que antes do que a morte a ti
Me ha de a mim matar a dor.

Sahe Cardenio.

Card. Senhor, a bufcarte venho com anciofo cuidado, para te dar parte como effe eftrangeiro intentou tirar a vida à Princeza minha Senhora, a tempo que a minha prefença lhe fervio de embaraço; e como o refpeito me embargou a

acçaõ

acçaõ de caſtigallo, ſeja a tua indignaçaõ executora da vingança.

Rey. Notavel pena! *à part.*

Fel. Rey ſoberano, naõ ſinto tanto a falſidade com que ſe me imputa taõ execrando delicto, como o atrevimento com que ſe profana a immunidade do teu reſpeito; porque em mim, ainda que ſe offenda a vida, naõ ſe macúla a innocencia; e em ti, ainda que ſe naõ deſcubra a falſidade, ſempre ſe ultraja o decoro. Eſſe traidor, que me culpa, he quem merece o caſtigo.

Rey. Quem ſe vio em mayor confuſaõ! *à p.*

Flor. Todo o ſangue ſe gelou nas veas. *à p.*

Rey. Todo o tempo que gaſto em diſcurſos, perco de vinganças. *à parte.*

Card. Elle he, Senhor, o traidor, naõ o deixes com vida.

Fel. Ha mayor malevolencia! Que me embarace ElRey o tomar vingança de taõ grande offenſa! *à parte.* Senhor caſtiga eſſe barbaro offenſor do teu Real ſangue.

Rey. Já parece que me falta a vida, pois me ſinto ſem acções, e ſem diſcurſos. *à parte.*

Sahe por huma parte Zapete, e por outra Etcætera.

Etc. Para aqui dizem que veyo ElRey.

Zap.

Zap. ElRey diz que veyo para aqui.

Etc. Sim, eylo cá eſtá; eu hey de fallar.

Zap. Naõ me enganey; eu hey de dizer.

Etc. Senhor.

Zap. Senhor.

Etc. Saiba Voſſa Mageſtade, que Cardenio he o traidor.

Zap. Saberá Voſſa Mageſtade, que he traidor Sigiſmundo.

Card. Ainda mais iſto, pezares! *à parte.*

Fel. Tormentos, ainda mais iſto! *à parte.*

Rey. Piedoſos Ceos, novos esforços cobra a minha confuſaõ! *à parte.*

Flor. Injuſtos fados, novos ſoccorros conſegue a minha deſgraça! *à parte.*

Rey. E qual he o motivo, com que affirmais eſta contradiçaõ?

Etc. Eu meſmo ouvi dizer à Princeza minha Senhora, que Cardenio lhe queria tirar a vida.

Zap. Eu meſmiſſimo ouvi dizer a minha Senhora a Princeza, que Sigiſmundo a queria matar.

Rey. Que dizes tu, Florisbela?

Flor. Senhor, ambas as couſas me ouviraõ dizer; porque em ambos via ſinaes de traidores, ainda que em cada hum ouvi ſatisfações de leal.

Rey. Ah da minha guarda.

Sahem

Sahem os Soldados.

Sold. Que nos ordena Voſſa Mageſtade?

Rey. Perplexo eſtou! Naõ ſey qual hey de caſtigar, nem a qual hey de favorecer; em ambos acho circunſtancias eſtimaveis, e ambos vejo calumniados juſtamente. *à parte.*

Flor. Iſto ha de ſer. *à parte.* Senhor, ſe hey dizer o que ſinto, Cardenio foy o primeiro, que contra mim vibrou as iras de hum agudo punhal. E ſuppoſto que ao fugir ao ameaço, vi a Sigiſmundo com ſemelhante acçaõ, ſem duvida era em minha defenſa, pois chegando mais tarde a eſte ſitio, vinha dizendo: „*Suſpende os rigores*„ palavras que ſó ſe deviaõ proferir, a quem offenderme queria.

Card. Senhor, adverte.....

Rey. Naõ he eſſa prova baſtante para condemnar a Cardenio, e mais ſendo a ſua peſſoa em quem tenho conhecido por larga experiencia tanta lealdade, ſendo em tudo as ſuas maximas as mais ſeguras bazes da minha Monarquia. E para haver de caſtigar por indicios, mais ſe deve eſcrupulizar de hum disfarçado, e naõ conhecido eſtrangeiro, em cuja peſſoa

peſſoa ſe naõ deve conſiderar tanta lealdade, e tanto valor, que arriſcaſſe a ſua vida pela tua defenſa.

Fel. Senhor, repara.....

Flor. Ay Sigiſmundo, e quanto receyo mais a tua pena, que os meus damnos!

Etc. Deſta feita fica deſvalido o Senhor Cardenio. *à parte.*

Zap. Deſta aſſentada morre enforcado o Senhor Eſtrangeiro. *à parte.*

Card. Favoravel ſe me moſtra ElRey, mas eu como culpado receyo. *à parte.*

Fel. ElRey contra mim ſe declara: que farey para eſcapar do perigo, ſem declarar a minha peſſoa? *à part.*

Rey. Reſoluto eſtou no que hey de obrar. *à parte.* Cardenio, Sigiſmundo, hum de vós outros intentou com barbaro atrevimento derramar o meu ſangue, executando o golpe na parte mais ſenſivel, pois o he da minha alma Florisbela minha filha. Em cada hum acho indicios para a pena, ainda que em ambos razões para a deſculpa. E aſſim para que deſcubra a innocencia, e ſe caſtigue a maldade, ſejaõ diſtinctas prisões depoſito das voſſas peſſoas.

Card. Já huma vez metido no riſco, quero ſeguir a corrente da fortuna. *à part.*

Fel.

Fel. Grande mal recèyo, ſe às prisões me entrego: eſcapar determino a todo o riſco. *à parte.*

Rey. Vós outros levay a differentes, e ſeguras prisões a Cardenio, e Sigiſmundo, de donde hum delles ſahirá para o ſupplicio.

Flor. Ay infeliz, que em Sigiſmundo me tiraõ a vida, pois eſtando ſem elle, fico ſem alma! *à parte.*

Em quanto Cardenio diz o ſeguinte, ſe vay Feliſardo chegando para a gruta.

Card. Senhor, a todo o exame ſe offerece a minha peſſoa, eu me entrego voluntario às prisões a que me condemnas, fiando que dellas me tirará a minha innocencia.

Fel. Eu, Soberano Monarca, como me acho ſem culpa, naõ me offereço ao exame, mas para o empenho de tirar em limpo a minha verdade, me retiro do teu rigor. *Entra pela boca da gruta.*

Rey. Segui eſſe traidor, que já na ſua fugida declara a ſua culpa, como Cardenio na ſua ſujeiçaõ a ſua lealdade: mas ſuſpendey os paſſos, que pois elle meſmo ſe condemnou, razaõ he que ſeja executiva a pena que merece. Parti logo

go augmentando o numero das guardas, e tapay a outra boca da gruta com bem argamaſſados materiaes, e o meſmo ſe faça a eſta, aſſiſtindo com vigilante cuidado em quanto ſe executa o que ordeno; negueſe-lhe a reſpiraçaõ, e ſeja primeiro que morto, ſepultado, e Cardenio goze da liberdade, pois no pouco receyo ſe moſtra inculpavel.

Vaõ-ſe os Soldados.

Etc. Oh má grado tenha o diabo! Eu entendo que paga o juſto pelo peccador. *à parte.*

Zap. Ora couſas faraõ eſtrangeiros! Eſte, ſem ſer enforcado, tambem vio o ſeu enterro em vida. *à parte.*

Card. Bem me ſuccede. *à parte.* Senhor, aos teus pés renderey eternamente as graças, pois fias tanto da minha lealdade.

Flor. Oh cayaõ os montes ſobre mim: que neſte conflicto ſerá a minha morte a mayor felicidade da minha vida. *à part.*

Rey. Dê-ſe logo à execuçaõ o que ordeney. *Vaõ ſahindo algumas figuras.*

Card. Só do teu grande talento poderá naſcer taõ acertada reſoluçaõ.

Rey. Vamos, Florisbela, que já a tua vida eſtá ſegura.

Flor. Hum penhaſco arranco em cada plan-

ta que movo. *Vaiſe ElRey, Card. e Flor.*

Etc. Ah Zapete, quanto melhor fora ficares tu fazendo penitencia dos teus peccados naquella cova, e que foſſes entaipado; porque em ti nada ſe perdia: e naõ o pobre de Sigiſmundo, que nenhuma culpa tem.

Zap. Eu folgo muito que tal lhe ſuccedeſſe, e ſó ſinto que o Machavelo naõ ficaſſe tambem às boas noites aonde nunca lhe luziſſe o buraco: mas eſpero que brevemente acompanhe a ſeu Amo; ſe naõ foy na cova, ſerá na ſepultura.

Vaiſe Etc. e Zap.

SCENA IV.

Mutaçaõ de muros de Jardim com figuras, e varanda, e no fundo janellas de Jardim. Sahe Hypolito.

Hyp. OH! quando ſe canſará a ſórte de atormentarme? Mas em mim fora felicidade, ſe aſſim como me tem ſem alentos para a queixa, me deixara ſem esforço para a vida. Eu tenho grande parte de culpa na pena que me afflige; pois vacilante entre dous affectos, me naõ determiney a ſeguir o que mais

favoravel

favoravel me concedia a fortuna: mas já que em Florisbela reconheço deſprezos, e em Altea ſe declaraõ ciumes, o norte de ſuas luzes quero ſeguir, por ver ſe amor nella me offerece ſeguro porto às minhas tormentas. Na janella deſte Jardim coſtuma às vezes vir divertirſe: verey ſe logro a fortuna de vella.

Apparece Altea na janella.

Mas já vejo, que he ditoſo oriente do mais brilhante ſol. Eu chego a fallarlhe.

Alt. Hypolito he eſte. Ay amor, e ſe naõ fora o meu meſmo ouvido teſtemunha da ſua falſidade, oh quanto melhor me eſtivera o ſeu engano, ſe nelle podeſſe exiſtir a minha duvida! *à parte.*

Hyp. Galharda Altea, quem pela culpa de hum erro padece a pena da tua indignaçaõ, poderá ter algumas ſombras de bem, ao menos nos longes de huma eſperança? que com qualquer luz ſe contenta, o que vive taõ deſconfiado de remedio.

Alt. Como tem tanto de ſua parte ao meu amor, naõ poſſo totalmente vingarme da ſua tyrannia, negando o meu ouvido à ſua queixa, *à parte.* Que pretendes de

 mim,

mim, ingrato? Que offensa te fez a minha fé, para exercitares contra o meu peito os repetidos golpes dos teus novos enganos? Desenganada pela tua mesma boca da tua aleivosia, que mais pretendes da minha paciencia?

Hyp. Justificarme da culpa, que me impões.

Alt. Pois ainda com industrias intentas multiplicar confusões, para accrescentar mais horrores ao delicto, dizendo, que com a Princeza naõ fallaste no Jardim, quando eu te vi para a parte donde ella estava, e mudando as duas de lugar, tu valido das sombras chegaste a fallarme, cuidando ser Florisbela, a quem fizeste expressões da tua fineza?

Hyp. Eu confesso, Senhora, que com a Princeza tua irmã falley, e que confuso, e perturbado das sombras, e de hum rumor que (Amor ajuda a desculparme *à parte.*) cahindo tarde em que era ella a com quem fallava, quiz antes parecer atrevido com expressarlhe finezas, que darlhe a entender o nosso amor. (Oh que mal me desculpo! *à parte.*) Pois cuidando que eras Florisbela, me naõ offereceo a turbaçaõ outras palavras, que dizerlhe. Esta he a verdade.

Alt.

Alt. Oh que frivola deſculpa! Mas, oh que grande razaõ tem da ſua parte no meu affecto para deſculpallo! *à parte.* Quando fora poſſivel ter eu certeza, de que he verdade o que me dizes, pudera admittir os teus rogos.

Hyp. Alviçaras amor, que já me favorece a fortuna! Mas paſſos ſinto por aquella parte, retirarme quero. *à part.*

Retira-ſe a hum lado.

Alt. Mas a Princeza ſe encaminha a eſte lugar, quero auſentarme delle. *Vaiſe.*

Sahe Cardenio.

Card. Já tenho hum embaraço menos na vida do Principe Feliſardo. Oh dê-me a ſorte occaſiaõ de conſeguir o que dezejo, dando a morte à Princeza.

Apparece Florisbela na janella.

Mas na janella do Jardim eſtá; eu chego a fallarlhe, que deſejo aſſeguralla do que contra mim julga, para executar melhor os meus deſignios.

Flor. Naõ he piedade naõ, que o mortal corte
Do golpe horrivel minha vida guarde;
Antes creſce o rigor da dura morte,
Pois ſe faz mais cruel em vir mais tarde.

Venceo,

Venceo, roubou-me o bem a adversa
forte,
Mas em deixarme a vida andou cobarde;
Oh naõ exalte do triunfo a gloria,
Se descobre a fraqueza na victoria.
Mata-me, sem matarme o sentimento,
Para ser muitas vezes homicida:
Oh pezar! porque dure no tormento
A mesma morte me dilata a vida.
Do desmayo parece fórma alento
A memoria em tragedia repetida:
Mas ay, que desta auzencia na impiedade
Imagino que he vida o que he saudade.

Card. Em fim, Senhora, ainda negais a fé à minha fidelidade? He possivel, que ainda manchais a minha innocencia com o vosso escrupulo?

Flor. Ah cruel! ah tyranno! Ainda te atreves a ser objecto dos meus olhos?

Hyp. Ah cruel! ah tyranna! Como me argues de culpas, se assim com Cardenio me offendes! *à parte.*

Card. Aqui, Senhora, serey vigilante Argos da tua pessoa, até perder a vida aos teus olhos, para que se conheça na minha morte a minha verdade.

Hyp. Ainda mais isto, irada sorte! Cardenio lhe tributa rendimentos, e ella lhe mostra amantes enfados!

Flor.

Flor. Traidor, vaite da minha presença; que mais dura morte me dá a tua vista, que a que receyo do teu braço. *Vaise.*

Card. Irritada a tem a paixaõ: quero retirarme, pois naõ posso convencer o seu bem fundado receyo. *Vaise.*

Altea à janella; chega Hypolito a fallarlhe.

Hyp. Para que, enganosa Hyena, me significavas finezas, e me accumulas aggravos, se tens a quem dês queixas mais affectuosas, e por quem façes finezas mais verdadeiras? Prosegue o teu empenho, que o meu será desde hoje lançarme nos braços da desesperaçaõ, para ver se ha morte para hum desgraçado.

Canta Hypolito a seguinte

ARIA.

Naõ posso, naõ devo,
Tyranna deidade,
Es falsa, es féra,
Nem guardas lealdade,
Barbara já sem fé
Te deixo cruel;
Se acaso pretendes
Agora enganarme
Dizendo sou firme
Promete adorarme;
Respondo: que direy? *Vaise.*

Alt.

Alt. Eſpera Hypolito, eſpera, que naõ entendo a tua queixa, nem ſey de que naſce a tua deſeſperaçaõ. Mas já ſe foy. Ay de mim! Que louca paixaõ o incita a tanto deſpenho? Quando me buſcava rendido, quando com extremos me intentava ſatisfazer, naõ ſey que novo furor lhe perturba o ſentido. Encanto me parece quanto amor em ambos executa: mas eu procurarey ſahir de taõ eſcuro labyrinto. *Vaiſe.*

SCENA V.

Mutaçaõ de Jardim, e à roda do eſcotilhaõ ramas de que eſteja a boca cuberta. Sahe Machavelo com huma trouxa, que mete pelo eſcotilhaõ.

Mach. OH que induſtrioſo he o medo! Aqui venho taõ carregado de traſtes, como cheyo de temores. Todo o Palacio eſtá feito hum tormentoſo mar, e eu receyo muito hirme ao fundo; porque naõ poſſo tomar pé em tanto golfo de penas: mas como a gala do nadar he guardar a roupa, eu quero agora fazer guarda-roupa de certa buraca, que aqui ha de haver. Trago aqui

hum

hum veſtido deſconhecido para me livrar de ſer inveſtido; trago iſca, e tal vez que alguem ma coma, e que no cabo me faça aquillo no anzol; trago mecha para ver ſe aſſim me livro das que ſe metem nas feridas; trago hum cabo de vela para ma meterem na maõ, ſe algum der cabo de mim; trago papel para aſſim fazer melhor o meu; porque queimando-o, hey de-me tingir de negro, ſe naõ der a meu Amo ajuda, e ſuſtento, e eu, e elle havemos de ter boa ſahida. Ninguem me tem viſto: felicidade foy. Mas donde terá a boca a ſenhora gruta, que deve ſer taõ pequena, que ninguem a vê? Mas cá eſtá: vejaõ voſſés porque eu a naõ via, he porque tem a barba muy creſcida. Deito primeiro a tal trouxa. *Chega à gruta, e bota a trouxa.* Lá vay eſta pirola, veja-ſe a póde tragar, que eu nella lhe dou quanto trago.

Sahe Etcætera.

Etc. Quem me achou hum menino perdido, por quem eu me perdi de amores, darlhey de alviçaras a pena, que tenho de perdello, pois eſtaõ quaſi perdidas as eſperanças de achallo.

Mach. Se tu déras melhores alviçaras, eu

to

to entregára: porém acho que he melhor eſtar perdido, que ter a pena por premio.

Etc. Ay meu rico Machavelo! tu em Palacio?

Mach. Eu em Palacio? naõ cuides tal. Eu era aſno que eſtiveſſe em Palacio? naõ por certo: antes folgo de eſtar aqui no Jardim, aonde tenho minhas verduras, e lá naõ as hey de ter, porque anda tudo azul. Olá, tens ſentido muito a minha falta?

Etc. Eu naõ hey de dizer iſſo.

Mach. Porque?

Etc. Por naõ fallar nas faltas alheyas.

Mach. Pois eu, ſe queres ſaber o que ſinto, eſcuta.

Neſta auſencia dilatada
Morto de pena me vi:
Ora eſcuta o que ſenti,
Ficarás embasbacada.
Senti, mas naõ ſenti nada:
(De o dizer naõ me reporto)
E terá o juizo abſorto
Quem de eu naõ ſentir ſe admira:
Olha a tola, ſe eu ſentira,
Entaõ naõ eſtaria eu morto.

Etc. Ora ouveme a mim.

Deſta

Deſta auſencia no tormento
Foraõ minhas peñas tais,
Que te foſte, e nunca mais
Me vieſte ao penſamento.
Com eſte encarecimento
Bem ufano ficarias;
Eu naõ ſey que mais querias
De minhas firmezas raras;
Porque ſe tu me lembraras
He certo, que me eſquecias.

Sahe Florisbela.

Flor. Machavelo, Machavelo, como te naõ auſentas deſte Palacio? Queres ſeguir a infelicidade de Sigiſmundo? Ay tyrannas memorias! ay infelices amores! aquellas vivas para matarme com a paſſada gloria, e eſtes ſem vida para immortalizarme na preſente pena. *à parte.*

Mach. Senhora, naõ te laſtimes com tanto exceſſo, que naõ he o caſo para tanto.

Flor. Que loucura!

Mach. Ora naõ he taõ loucura como iſſo; porque, Sigiſmundo tem alguma perna quebrada?

Etc. Naõ he peior eſtar ſepultado?

Mach. Pois ſou taõ fiel criado, que brevemente me eſpero ver na ſua companhia.

Flor. Vaite, que es hum ſimples.

Mach.

Mach. Eu te prometto, que eu desappareça da tua vista brevemente, e isso ha de ser já. Mas ay que estou perdido! ahi vem o excommungado de Cardenio: eu fiz mal em me deter.

Sáhe Cardenio.

Card. Ainda, Senhora, vos fiais de traidores? Este naõ he criado daquelle barbaro estrangeiro, e tal vez companheiro nas suas atrocidades?
Mach. He preciso fingirme bebado, que já o ser tolo he pouco. *à parte*.
Etc. Ay coitadinha de mim, que desta fico viuva antes de cazada! *à parte*.
Card. Com que intento ousas apparecer neste Palacio? Queres ser tambem escarmento de sacrilegos?
Mach. Quero ser huma bala, que o atravesse: vossé sabe com quem falla? ha mayor pouca vergonha! escremento de tisicos a mim!
Card. A vossa soberana presença me embaraça o darlhe morte.
Flor. Que amigo sois de matar!
Mach. Pois se o amigo he amigo de matar, va-se espulgar ao sol, que naõ lhe faltará sangue, que derramar; que elle he tal, que nem a huma pulga perdoará com ser seu sangue. *Etc*.

Etc. Elle ſe eſtá fingindo bebado; queira Deos que lhe ſaya bem a machavelhice.

Card. Vaite barbaro.

Mach. Barbeiro ſelo-ha ſua merce, e perdoe a minha confiança.

Card. Que ſofra a minha colera eſta indecencia?

Flor. Induſtrioſo he o que entendi ſimples. *à parte.*

Card. Vaite, vaite, que naõ he pouco eſcapares com vida das minhas mãos.

Mach. Que me vá? boa graça! Porque, eu ſou deſcortez, que faça iſſo diante de gente? nunca me fuy em minha vida. Que me vá? cá para traz: ſe voſſés ſouberaõ quem eu ſou, naõ me haviaõ de tratar aſſim. A mim ninguem me manda couſa nenhuma. Porque, voſſé he que manda? Só o Senhor meu Amo tem eſſe pôder.

Etc. Tinha, que já naõ tem.

Mach. Meu Amo tinha? Tinhoſa ſerá voſſé: Meu Amo, que he taõ limpo da carepa, que póde ſer aſſeado na cabeça de hum tinhôſo. Meu Amo, que he hum Principe tamanho como naõ ſey que diga.

Card. Elle ſem duvida declara a Feliſardo, e he preciſo embargarlhe as mal concertadas vozes.

Mach.

Mach. Meu Amo....
Etc. Que Deos tem.
Mach. Aſſim te leve o diabo. Ora vejà voſſa paternidade, ſe póde haver mayor deſaforo, chamando morto a meu Amo! E eu o farey reſuſcitar brevemente, ſe o ſenhor matador mór do Reino, o Senhor Cardenio da Matta der licença.
Card. Atrevido, naõ te ha de valer o eſtares taõ alienado com os fumos de Baco.
Mach. Tabaco! iſſo he quererme chegar aos narizes?
Flor. Detem os paſſos, injuſto, que aos meus olhos naõ permitto deſacatos.
Etc. He boa! naõ vê como eſtá o pobre homem! Elle ſabe o que diz?
Flor. Vaite, Cardenio, de minha preſença.
Card. Eu me vou corrido, mas eu me verey vingado. *Vaiſe.*
Mach. De boa eſcapey: agora tomára encovarme. *àparte.*
Flor. Etcætera?
Etc. Que mandas?
Flor. Leva-o tu ao teu apoſento, e dahi pela janella, que cahe ao campo, lhe dá paſſagem porque o naõ prendaõ.
Poem-ſe Machavelo junto do eſcotilhaõ.
Mach. Agora que eſtaõ divertidas me chafurdo; a fortuna me tire com bem. *Mete-ſe pelo eſcotilhaõ.* *Etc.*

Etc. Vou Senhora a obedecerte.

Flor. Vaite Machavelo, e..... Mas que he o que vejo!

Etc. Vem comigo..... Mas que he o que naõ vejo!

Flor. A terra ſem duvida o tragou.

Etc. Sem duvida ſe foy pelos ares.

Flor. Eſtranho ſucceſſo!

Etc. Caſo raro! Ay Senhores, ſe o levaria o diabo, ſó porque eu o naõ levaſſe?

Sahe ElRey, e dous Soldados.

Rey. Prendey eſte traidor, que ainda intenta aſſuſtarme como ſombra de hum tyranno. Mas aonde.....

Sold. Em quem, Senhor, havemos de dar à execuçaõ as tuas ordens?

Rey. Florisbela?

Flor. Pay, e Senhor?

Rey. Aonde ſe occulta eſte atrevido criado de Sigiſmundo?

Flor. Enganos ſaõ de Cardenio, e quiméras, que ſinge a ſua louca fantaſia; ſe naõ he querer com falſidades novas ultrajar o teu reſpeito.

Rey. Examinay, naõ ſó todo o jardim, mas naõ ſe reſerve em Palacio nada ao voſſo exame. *Vaõ-ſe os Soldados.*

Quem ſe vio em mais raras confusões?

ſonho

ſonho me parece quanto por mim paſſa.
à parte. Filha Florisbela, já o meu eſpirito ſe afflige, e cança de padecer os golpes da fortuna; as confusões creſcem, e os alentos faltaõ, a voſſa vida eſtá ameaçada de occulta violencia. Eu quero, dando-vos conſorte, eximirvos do perigo, e livrarme do cuidado. O Principe de Dinamarca he taõ capaz de ſer preferido, que naõ ſó ſerá o mais forte eſcudo da voſſa vida, mas o mais infallivel ſeguro deſta Monarquia. Eu tenho inſpirações, que me facilitaõ eſte empenho. Bem ſey que por noticia de algumas leves traveſſuras, lhe naõ vive inclinado o voſſo affecto; porém como conheço que haveis de ſeguir o meu goſto, eſpero que vençais a voſſa repugnancia. Diſponde-vos a obedecer-me, que eu vou a diſpor com toda a brevidade, naõ ſó os ſeguros da voſſa vida, mas as conveniencias da minha Coroa. *Vaiſe.*

Flor. Ha mayor infelicidade! ſobre huma deſgraça huma violencia! Oh que bem receava o meu coraçaõ o effeito infeliz deſte conjecturado conſorcio! Mas de que me queixo, ſe he tal a pena que me afflige, que ſerá a minha morte embaraço aos ſeus deſignios? *Etc*

Etc. Pois a Princeza eſtá entregue aos ſeus ſentimentos, quero hir ver ſe acho quem me roubou os meus ſentidos, que eſtou taõ deſeſperada de ver que deſappareceo da viſta dos meus olhos, que ſe me naõ fizera mal, havia de me enforcar de pena. *Vaiſe.*

Flor. Que acho nos fados injuſtos?
Suſtos.
Que achey de amor nos encantos?
Eſpantos.
Que acharey em ſeus ardores?
Horrores.

Sem duvida o Deos de amores,
Quer no mal eternizarme,
Pois naõ baſtaõ a matarme.

Flor. e Fel. } Suſtos, Eſpantos, Horrores.

Flor. Que daõ eternas diſtancias?
Ancias.
Que ha de dar o pranto em mares?
Pezares.
Que deraõ tantos portentos?
Tormentos.

Oh que duros ſentimentos
Me motiva o ver oppoſtos
A alivios, pezares, goſtos.

Flor. e Fel. } Ancias, Pezares, Tormentos.

Flor. Mas parece, que compadecidos de minhas duras penas ſe abrandaõ os rudos troncos, e os inſenſiveis marmores deſte Jardim, acompanhando ſuaves os eccos de minhas queixas. Eu morro de ſaudades. Ay amado Sigiſmundo! Aonde eſtás, vida minha?

Sahe pela gruta Feliſardo *cantando a ſeguinte*

ARIA.

Aqui eſtá, prenda querida,
Huma vida,
Que de amor recebe alentos,
Para ſoffrer entre ardores
Suſtos, eſpantos, horrores
Ancias, pezares, tormentos.
Naõ te aſſuſte a infauſta eſtrella,
Florisbela,
Por me veres ao teu lado;
Que o que viſtes ſepultado,
Se eſtá morto, he de amores.

Flor. Amor que encantos ſaõ eſtes? *à part.* Sigiſmundo, como ſaõ eſtes prodigios? dize; porque ao verte, naõ tire o aſſombro alguma parte à gloria.

Chega Feliſardo *a* Florisbela.

Sahe

Sahe Zapete ao bastidor.

Fel. Maravilhas ſaõ de amor, e impulſos da minha fineza, o querer por fim de tantas infelicidades fazer aos teus olhos venturoſa a minha ruina.

Zap. Olá, olá, renuncio o pacto: valhaõ-me trezentos e ſeſſenta e ſeis abrenuncios. Eſte homem he feiticeiro de todos os quatro coſtados: cuidey, que a eſtas horas eſtiveſſe chuchado das carochas, e eſtá ainda capaz de lhe porem huma na cabeça. Mas eu vou dar parte deſte caſo. *Vaiſe.*

F*lor.* Pois, meu bem, retirate pelo meu amor, a eſſe occulto, e eſcondido depoſito da tua vida, que eu cuidarey de livralla de todo o perigo: vaite, antes que alguem te veja.

Z*ap.* Vem, Senhor, ao Jardim, verás ſe he certo o que digo. *Dentro.*

F*el.* Já he forçoſo retirarme, e obedecerte. *Mete-ſe pela gruta.*

Sahe Zapete.

Zap. Olha para elle; mas que he delle? Ay! eu aqui ouvi, mas eu nunca tal vi.

Hyp. Aqui, Senhora..... mas he loucura imaginallo.

Flor. Que dizes Hypolito?

Zap. Naõ diz nada; mas como quem naõ diz nada, vinha a ver o Poeta, que eu ainda agora vi neſte Jardim.

Flor. Que Poeta?

Zap. O Muſico.

Flor. Que Muſico, louco?

Zap. Ay! o Eſtrangeiro.

Hyp. Senhora, affirmou com tantas véras, que aqui vio a Sigiſmundo eſtar fallando comtigo, que me obrigou a vir fazer eſte exame.

Zap. Eu naõ digo que ſeria elle, mas era o diabo por elle, que ainda que tinha muitas couſas boas, eu ſempre entendi que era couſa má.

Flor. Pois todos naõ o viraõ ſepultar na eſcura eſtancia daquella horrivel gruta?

Hyp. Couſas ſaõ deſte ignorante.

Zap. Couſas minhas? Naõ he ſenaõ a alma do eſtrangeiro, que anda barregando por eſte Jardim.

Flor. Fortuna, ajuda os meus intentos. *Vaiſe.*

Hyp. Amor, favorece os meus cuidados. *Vaiſe.*

Zap. Aprelá! eu cá ſó no Jardim? Ay que me pegaõ! ay que me agarraõ! Valhame toda a folhinha, com luas, e quartos, e tudo. *Vaiſe.*

Sabe

Sahe Etcætera.

Etc. Que gritaria he eſta cá no Jardim? Anda por Palacio huma voz, que ſe vio aqui a Sigiſmundo: mas mal peccado! O outro eſtá feito bicho de toca, e eſtará já comido de bichos na buraca. Agora o meu Machavelo he que deve eſtar aqui convertido em tronco, ou transformado em pedra: ou elle eſtá feito já hum cepo ao pé de alguma arvore, ou carranca em cima de algum chafariz. Ora naõ jogues comigo as eſcondidas; e ſe tu me negas a falla em algum tronco, permitta Deos que ahi te façaõ em achas; e ſe me fazes carranca em alguma fonte, queira Deos, que ahi te dem dores de pedra.

Sahe Machavelo de negro.

Mach. Naõ poſſo deixar de ſahir a taes conjuros.

Etc: Ay appello eu! que he iſto?

Mach. Oh mias menina, quere vozo cagar as boca? que mim sé huns pletinho honraro, e nenhuns mar vos vem fazé.

Etc. Ay guarde para lá, olhe que grito: Ay que medo!

Mach. Taõ feyo ſar os pay Flancico, que mete

mete medo a vozo? aqui sá huns rendido amadoro, e o ser desse cor, he que sá chamuscaro dos fogo de amoro: em mim tem vozo huns cativo, huns esclavo, que morre por esses oyo taõ flemozo.

Etc. Passa fóra, já te cheira?

Mach. Aos cheiro dessas coizia taõ bonita ando semple ao rabo de vozo.

Etc. Olhe o cachorro.

Mach. Mim sar tua canzarraõ.

Etc. Osso caõ.

Mach. Mim naõ quer roer osso sem plimero comer os carne.

Etc. Eu me vou, e te deixo como hum preto.

Canta Machavelo a seguinte

ARIA.

Menina taõ flemoza,
Que mai non pori sé,
Mim sar o pay Flancico,
Que a vozo quere bem.
Por isso suas fessa
Vos vem aqui fazé....
Ay le le le, gurguyá gurguyé,
Gibalé, cambu:
Gibelé, sahi,
Ay le le le
Gurguyá, gurguyé.

Sabe,

Sahe Cardenio por huma porta, e Altea por outra.

Alt. Aqui dizem que viraõ a Sigiſmundo.
Card. Aqui dizem que viraõ a Feliſardo.
Alt. Mas quem aqui.....
Card. Mas que vejo! Quem podia aqui trazer eſte negro eſtando as guardas avizadas de que a ninguem deixaſſem entrar.
Mach. Se eu deſta eſcapo, tenho muito que contar. *à parte.*
Alt. Dize tu, Etcætera, como veyo aqui eſte homem?
Etc. Eu, Senhora, ſe naõ foy por arte do demonio, naõ ſey como elle aqui vieſſe; porque de improvizo me appareceo como couſa do outro mundo. Eu naõ ſey; aqui diz que apparecem defuntos, e eu eſtou com muito médo deſte canzarraõ; porque o diabo he negro. *Vaiſe.*
Alt. Raras couſas ſuccedem neſte Palacio.
Card. Homem, dize como entraſte aqui, ſe naõ ſerás caſtigado aſperamente.
Mach. Eu ſioro ſar hum trombetero, que ando fazendo feſſa por eſſa terra, e angola vinhe eu, e como os ſioro, que he ſioro de huns pleto, que toca os churumera, e os churumera dos pleto, ſabia tocar os ſioro dos pleto, que sá churumele-

rumelero, vay o ſiora muyere dos ſioro, que sá ſioro dos pleto dos churumera, e....

Card. Devagar homem, explica-te melhor, que te confundes.

Alt. O medo o perturba.

Mach. Inda que mim sá pleto, eu quero falaro craro. Tomo vozo tento. Eu ſioro sá pleto de huns ſiora, que caſou com meus ſioro, e quando mia ſiora caſou, era mé ſioro ſoltero; vay ſioro, que faze mé ſioro toma hum churumera, e dá huns trombeta a outro pleto, que era pleto de hum ſioro, que tinha huns pleto trombetero, e que faze os pleto, toma.....

Card. Já ſe acabou a paciencia: mas ſeja o que for, como aqui ſe acha Altea naõ quero perder a occaſiaõ de fallarlhe. *à parte.* Lidoro? *Sahe hum Soldado.* Leva a eſſe preto, e no meu quarto o fecha em huma caſa, cuja janella cahe para eſte Jardim.

Mach. Naõ vay máo iſto; o que eu quero he ficar em Palacio, que depois tudo fica em caſa.

Vaiſe Mach. e o Sold.

Alt. Oh quanto ſinto eſte encontro!

Carl.

Card. Ainda, cruel Altea, dura no teu peito a tyrannia? ainda eſtás de animo de faltar à palavra promettida?

Alt. E de retirarme da tua preſença.

Card. Até eſſe favor queres negar aos meus olhos?

Alt. Cardenio, eu tenho quaſi averiguada a tua tyrannia, e nella conſiſte o negarte licitamente a palavra offerecida.

Card. Como, tyranna? Como, ingrata? que he o que dizes?

Alt. Naõ te diſſe eu, que ſó quando tu offendeſſes a minha vida, me deſobrigaria eu da palavra que dey?

Card. Sim, mas mal póde offenderte quem te adora.

Alt. Em eu averiguando, que intentaſte tirar a vida à Princeza minha irmã, abſoluta eſtou da tua amoroſa inſtancia; porque a minha vida offende quem o meu ſangue derrama. *Vaiſe.*

Card. Eſpera tyranna.

Sahe ElRey.

Rey. Quem he a tyranna, que de ti foge? Detem-te, eſpera.

Card. Sorte inimiga, iſto mais? *à parte.* Senhor.

Rey. Dize, de quem te queixas?

Card.

Card. Huma criada, Senhor, que aqui atrevidamente me refpondeo, talvez defprezando a minha peffoa, porque a Princeza minha Senhora deu motivo ao feu atrevimento, calumniando-me de traidor.

Rey. Naõ fey que conceito faça de Cardenio em tanta contrariedade! Mas ceffe por agora a duvida. *à parte.* Naõ te offendas, Cardenio, deffe falfo conceito, quando tens da tua parte o meu favor. Saberás como tenho determinado dar eftado a Florisbela, dando-lhe por efpofo ao Principe de Dinamarca, para o que fó me falta a tua approvaçaõ.

Card. Nada perco em approvar o feu intento, quando pela morte de Felifardo, fica impoffivel o logro dos feus defignios. *à parte.* Acertada me parece, Senhor, a tua refoluçaõ, pois na uniaõ deftes dous Imperios, fe fará invencivel o teu poder.

Sahe Florisbela.

Flor. Aqui me conduz o meu cuidado.... Mas aqui eftá ElRey.

Rey. Filha, o meu dezejo moveo os teus paffos. Eftá já o teu animo difpofto a agradarme, recebendo por efpofo ao Principe de Dinamarca?

Flor.

Flor. Naõ es tu, Senhor, o que tantos excessos tens feito por conservar a minha vida, que mil vezes se vio accometida da rigorosa Parca? Naõ es tu o que com tanto cuidado pretendias defendella de quem traidor a ameaçava?

Rey. E eu sou o mesmo, que exporey a minha por defender a tua.

Flor. Pois, Senhor, a minha obediencia está prompta, mas a minha vida naõ está segura.

Rey. Como?

Flor. Eu darey a maõ de esposa a Felisardo, mas tu darás o meu corpo à sepultura: obedecerey ao teu preceito, mas sendo o consorcio contra a minha inclinaçaõ, se da obediencia vivo, acabarey da violencia.

Rey. Oh quanto tem o amor de enternecido! Parece que o coraçaõ quer sahir pelos olhos a darlhe favor. *à parte.* Florisbela, filha, naõ permitta a fortuna, que te condemne a martyrios, quem só te dezeja conseguir descanços. Naõ seja teu esposo Felisardo, pois he contra a tua inclinaçaõ; mas hoje te darey digno consorte, com o qual espero naõ tenhas queixa da ventura.

Flor. Que intentará ElRey? *à parte.*

Card.

Card. Naõ alcanço o feu penfamento. *àp.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Senhor, agora me affirmáraõ ter vifto a Machavelo, effe criado do eftrangeiro, a quem condemnafte à morte, e dizem que eftá no quarto de Cardenio efcondido.

Card. Que novo azar he efte, fortuna! *à parte.* Naõ he poffivel, que no meu quarto fe ache effe de quem fou o mayor inimigo, por fer criado de quem intentou offender a Princeza minha Senhora.

Rey. Já crefce a minha confuzaõ, e efcrupulizo de Cardenio. *à parte.*

Flor. Bem fey, Cardenio, quanto te devo. Ah cruel! *à parte.*

Card. Se o criado publîca a Felifardo, ferá precifo efcrupulifarem da minha verdade; e affim melhor ferá que eu o communique a ElRey em fegredo. *à part.*

Rey. Tratemos agora do que mais importa, depois fe examinará o que diz Hypolito. Filha, como tenho percebido que de inveja nafcem os perigos da tua vida, quero com toda a brevidade affegurar na tua cabeça a minha Coroa; e affim me determino a que admittas por

teu

teu eſpoſo a teu primo Hypolito.

Sahe Altea.

Alt. Ay de mim! Se he verdade o que eſcuto? *à parte.*

Flor. Ha mayor conflicto, amor! *à parte.*

Hyp. Ha mais raro ſucceſſo, fortuna! *à p.*

Card. Senhor, ouçame Voſſa Mageſtade em ſegredo.

Rey. Dize Cardenio.

Card. O eſtrangeiro, a quem mandaſte dar morte, he, Senhor, o Principe Feliſardo, a quem conheci, por ter eſtado em Dinamarca algum tempo, no diſcurſo do qual o vi muitas vezes.

Rey. Ha mayor infelicidade! Que dizes? Já acabou o ſeu engano de confirmar as minhas ſuſpeitas. *à parte.*

Card. Parece que o ſentio. *à parte.* Eu vendo que elle intentava contra ti offenſas, conſenti na ſua morte, a qual dando tambem ao ſeu criado, ficará ignorada no mundo a ſua deſgraça, ficando ſó em o noſſo ſegredo a ſua traiçaõ.

Rey. Naõ ficará ſem caſtigo a tua maldade. *à part.*

Flor. Que myſterios ſeraõ eſtes? *à parte.*

Hyp. Em que parará eſta confuzaõ? *à part.*

Alt. Que fim teraõ as minhas finezas? *à p.*

Rey.

Rey. Grave pena! *à parte*. Florisbela, cada vez ſe te faz mais preciſo admittir logo por eſpoſo a Hypolito.

Alt. Pouco me falta para perder a vida. *à p.*

Hyp. Reſoluto eſtou em fazer por Altea a mayor fineza. *à parte.*

Card. Em huma ſó palavra conſiſte a minha deſgraça. *à parte.*

Rey. Que eſperas? Dá pois a Hypolito a maõ de eſpoſa.

Sahe Feliſardo apreſſado pela gruta.

Fel. Antes quero, Senhor, perder a vida às mãos do teu rigor, que aos impulſos da minha deſgraça. Aos teus reaes pes...

Rey. Ha mais nunca viſto acaſo da ventura! Naõ ſey como me naõ matou a ſubita alegria que me cauſou eſte ſucceſſo. *à parte*. Como ſaõ eſtes prodigios, Sigiſmundo?

Fel. De tudo, Senhor, te darey depois parte.

Card. Que he o que vejo! Como naõ me traga a terra em tanta pena! *à parte.*

Alt. Raro aſſombro! *à parte.*

Flor. Dando primeiro attençaõ ao teu reſpeito, que lugar à minha admiraçaõ, digo, Senhor, que naõ poſſo admittir por eſpoſo a Hypolito; porque como

ſey

ſey que a outro objecto dedica os ſeus affectos, naõ quero que nelle ſeja violencia, o que devia ſer vontade.

Falla ElRey a Cardenio em ſegredo.

Rey. Comque affirmas ſer eſte o Principe Dinamarquez? *à parte.*

Card. A minha vida te offereço por fiadora deſſa verdade. *à parte.*

Rey. Eu aceito a fiança. *à parte.* Pois Floriſbela, ou has de admittir ao Principe propoſto, ou aqui has de ficar caſada com eſte humilde eſtrangeiro.

Fel. Que he o que eſcuto fortuna! Ou he afflicçaõ do meu dezejo, ou ludibrio da minha peſſoa. *à parte.*

Flor. Amor, que he o que ouço! Ou iſto he examinar o meu animo, ou exaltar a minha ventura. *à parte.*

Alt. Pois, Senhor, como com taõ deſigual ſujeito intentas. . . . .

Rey. Filha, baſta, que o meu goſto he ley.

Hyp. Ainda que verdade, Senhor, que eu a outra imagem venero, ſempre ſinto, que a diſtancia, que vay da humildade deſſe eſtrangeiro à ſoberania de. . . . :

Rey. Sobrinho, ceſſa, que ignoras os myſterios, que inclue eſſa differença.

Card. Ay quanto mal receyo neſte horri-

vel conflicto em que me vejo! *à part.*

Flor. Amor, eu me aventuro. *à parte.* Pois Senhor, por naõ admittir ao Principe de Dinamarca, antes quero dar a maõ de esposa a este estrangeiro naõ conhecido. *Vay a darlhe a maõ.*

Fel. Esperay, Senhora, que naõ posso admittir taõ alta ventura.

Flor. Ha mayor desar! *à parte.*

Alt. Tudo he assombro quanto admiro. *à parte.*

Rey. Que intentas com essa repugnancia?

Fel. Naõ violentar a vontade da Princeza tua filha; pois se ella por naõ admittir ao Principe de Dinamarca, quer fazer feliz a hum humilde sujeito, já eu naõ posso ser consorte seu.

Flor. Porque?

Fel. Porque eu sou Felisardo.

Flor. Este he o mayor encanto de amor: pois faz que receba gostosa aquelle mesmo a quem a vontade vivia repugnante. Já admitto ao Principe Felisardo; esta he a minha maõ. *Daõ as mãos.*

Fel. Na minha tenho agora todo o poder da fortuna.

Rey. Que alegria!

Card. Que dezesperado furor! *à parte.*

Hyp. Permitte, Senhor, que acompanhe

a sua

a ſua felicidade com a de ſer eſpoſo de Altea.

Alt. Já ſatisfeita eſtou da ſua fineza: alviçaras alma. *à parte.*

Rey. Goſtoſo o concedo.

Alt. E eu mais goſtoſa o admitto.

Daõ as mãos.

Card. Deu fim a minha vida. Oh abraze hum rayo o meu coraçaõ! Dezeſperado me vou a buſcar o ultimo precipicio.

Vaiſe.

Rey. Olá, detenhaõ a Cardenio, que já me ſaõ manifeſtas as ſuas traições.

Sahem Zapete, e Etcætera.

Zap. Qual detenhaõ a Cardenio! Eſcuſado he, porque como louco furioſo vay por eſſes campos correndo, que nem hum cavallo ſolto.

Etc. Parece que leva o diabo no corpo.

Dentr. Mach. Agora vay: eu me naõ poſſo ter: eu vou a terra: guarda debaixo.

Cahe de alto.

Hyp. Da janella do quarto de Cardenio ſe arrojou.

Zap. Vieſte aqui como hum rayo.

Mach. O meu intento era partirte, mas naõ te pude colher debaixo.

Etc. Naõ calças grande çapato para ſer tamanho o ſalto.

Zap. E que queres tu aqui agora?

Mach. Primeiramente beijar os pés a Sua Mageſtade, e depois a maõ a meu Senhor o Principe Feliſardo: e já que fuy tolo até aqui, quero agora deſaſnarme cazando, (que tambem ſou vivo) com Etcætera: que ſuppoſto que já andey como hum negro, nunca lhe eſtará mal admittirme por ſeu cativo; pois já mudey de cor, lavando me no quarto de Cardenio, aonde elle me mandou meter, entendendo que eu era preto: mas elle ſempre ficou ſujo com os ſeus enganos, e eu a fiz limpa com as minhas induſtrias.

Etc. Com que tu eras o negro? Eu ſempre entendi, que tu eras bonito, ſe te lavaſſes.

Zap. Eu te arrenego diabo! Tu já eſtás branco, mas eu ficarey como hum preto.

Mach. Pois, Senhores, eu quero caſar com Etcætera, ah que delRey.

Rey. Eu to concedo, e offereço o dote.

Mach. Vivas mais que vinte ſogras.

Zap. E tu caſas com elle Etcætera tambem?

Mach. Pois naõ, ſe vim pelos ares a buſcalla?

Etc. Olha, Zapete, iſto naõ podia deixar de ſer; porque os caſamentos vem lá de cima.

Zap. Até iſſo me parece encanto, e eu tambem

tambem ficarey encantado: porque fico posto ao canto.

Mach. Pois acabemos com elle; dando fim a esta scenica ficçaõ, mostrando que nunca a haverá na vontade com que obsequiosamente festejamos a taõ illustre, como discreto auditorio.

CORO.

Pois de applaudirvos já logra õ o fim
Estes obsequios, que a idéa formou,
Hum victor vosso mereçaõ aqui
Hoje estes Novos Encantos de Amor.

FIM.

ADRIANO EM SYRIA.

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico do Bairo Alto.

ARGUMENTO.

VEncendo o Imperador Adriano aos Parthos, cativou a ElRey Oſroas, e a ſua filha Emirene, e ao Principe Farnaſpe, amante de Emirene. Eſta pela ſua grande formoſura foy dezejada de Adriano para eſpoſa, ao que ella ſempre repugnou, por ſer conſtante a Farnaſpe. Oſrcas por traiçaõ pretende vingarſe tirando a vida a Adriano: errou o golpe, e foy prezo: e naõ obſtando ſer apanhado no delicto, falla ſempre ſoberbamente ao Imperador. Finalmente Adriano ſabendo do honeſto, e firme amor de Emirene para com Farnaſpe, com heroica reſoluçaõ os manda livres, perdoa a Oſroas, e aceita por eſpoſa a Sabina Romana. Tudo o mais conſtará melhor do contexto da obra.

INTER-

INTERLOCUTORES.

Adriano, Imperador de Roma, amante de Emirene.
Osroas, Rey dos Parthos, Pay de Emirene.
Emirene, Princeza dos Parthos, prizioneira de Adriano, e amante de Farnaspe.
Sabina, Romana, amante, e promettida esposa de Adriano.
Farnaspe, Principe Partho, amigo, e tributario de Osroas, amante, e promettido esposo de Emirene.
Aquilio, Tribuno, Confidente de Adriano, e amante occulto de Sabina.
Beringela, Graciosa.
Chichelo, Gracioso.
Guardas.
Soldados Romanos, Soldados dos Parthos.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Praça de Antioquia &c.*
II. *Sala de Palacio.*
III. *Pateo de Palacio com rotura por huma parte aonde apparece incendio.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes.*
II. *Estrada deliciosa de Jardim.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala com cadeiras.*
II. *Lugar magnifico de Palacio com escadas: vista de Náos em o Rio, e de Jardim.*

ACTO I.

SCENA I.

Praça grande de Antioquia, com huma ponte ſobre hum rio, a hum lado hum throno imperial, e junto delle Adriano levantado ſobre os eſcudos dos Soldados Romanos: Aquilio, guardas, e povo, da outra parte do rio: Oſroas, Farnaſpe, e Chichelo com acompanhamento dos Parthos, que conduzem varias féras, e outras dadivas para offerecer a Adriano.

CORO.

Vive Auguſto, vive, e reina
Gloria a nós, e a Roma ſendo,
E no Oronte a chama tendo
O primeiro ſacro ardor.
Dos Soldados, patria, e povo
Capitaõ, e Pay te juraõ,
E contentes te ſeguraõ
Lealdade, fé, e amor.
Palma o Ganges te prepare
E de Auguſto o nome adore,
Aonde incognito inda more
O remoto habitador.

Em

Em quanto o Coro canta, deſce Adriano do throno de eſcudos, que ſerviaõ de ſuſtental-lo, e os Soldados ſe poem em fileira com os mais.

Aquil. Farnaſpe, Principe dos Parthos, te ſupplica, Senhor, licença para ſe preſentar aos teus pés. *a Adr.*

Adr. Venha, e ouça-ſe.

Paſſa Aquilio a ponte, e Adriano ſóbe ao throno, e falla em pé.

Valeroſos Soldados, e companheiros, vós me offereceis hum Imperio, naõ menos com voſſo ſangue adquirido, que com o meu ſuſtentado, procurando, que delle (ſendo commum o trabalho) ſeja ſó meu o fruto: mas ſe naõ puder inteiramente cumprir com o voſſo dezejo, farey ao menos, que neſte mageſtoſo gráo que me entregais, ſempre o meſmo me acheis. Para mim naõ quero a vangloria de me ſervires; ſó ſim, que empregueis eſſe cuidado em ſegurar a gloria de Roma, a grandeza do voſſo nome, e a publica eſperança. *ſenta-ſe.*

CORO.

Vive Auguſto &c.

Ao

Ao tempo que repete o Coro, paſſaõ a ponte Farnaſpe, Oſroas, e Chichelo com acompanhamento dos Parthos, todos ſeguindo Aquilio, que os conduz.

Farn. Hoje que Roma adora em ti o ſeu Auguſto Ceſar, reverente ao docel em que mageſtoſo te oſtentas, o Principe Farnaſpe huma mercê te ſupplica. Bem ſey que foy inimigo; mas já depoſta a politica averſaõ, beija reverente as tuas ceſareas plantas, depondo a ira, e jurando a fé.

Oſr. Tanta vil ſubmiſſaõ naõ he preciza, Farnaſpe. *à parte.*

Chic. Choramigalhe muy bem o teu papel.

Adr. Mãy commua de todos os povos he Roma: nos ſeus braços ſabe agazalhar aos que delles ſe querem valer: aos amigos honra, perdoa aos vencidos, e com ſublime heroicidade aos humildes exalta, e aos ſoberbos caſtiga.

Oſr. Que ſoberba arrogancia! *à parte.*

Chic. Que cara de Polifemo! *à parte.*

Farn. Huma grandeza em Roma coſtumada te venho, Senhor, pedir.

Adr. E qual he?

Farn. Do Rey dos Parthos.....

Chic. Da Rainha das Parthas.....

Oſr. Cala-te louco.

Chic.

Chic. Pois calemonos ambos. *à parte*

Farn. Geme entre as voſſas priſões a ſua amada filha.

Adr. E que pedis?

Chic. Pede-lhe as barbas para huma eſcova

Farn. Que lhe rompas, Senhor, as ſuas cadeas.

Adr. Oh Deoſes! *à parte.*

Farn. Enxuga da ſua patria o pranto: a mim ma entrega, que quanto eu trago em refens te deixo.

Adr. Principe, eu ſó vim à Aſia como Soldado, e naõ como mercador: Adriano naõ vende com eſtylo de barbaras nações a liberdade alheya.

Chic. Ora toma.

Farn. Concede-ma pois, Senhor.

Oſr. Que dirá! *à parte.*

Chic. Que naõ quer.

Adr. Venha ElRey ſeu Pay, que para elle a guardo.

Chic. Chega-te, Senhor, a elle.

Farn. Depois do fatal conflicto ignoramos a ſua ſorte. Ou conſerva em outro paiz deſconhecido a vida, ou na batalha o rendeo a morte.

Adr. Em quanto de Oſroas ſe naõ ſouber o ſeu deſtino, eu terey della cuidado.

Farn. Já que taõ zeloſo te moſtras da

ſua

ſua honra, deixa eſſe cuidado ao ſeu eſ-
poſo.

Adr. Como! He caſada Emirene?

Farn. Para ſe effeituar o ſeu hymeneo, ſó
falta o ſagrado rito.

Adr. Oh Deoſes! *à parte.* E ſeu eſpoſo
aonde eſtá?

Farn. A teus pés ſe manifeſta: eu ſou o eſ-
poſo feliz.

Adr. Tu meſmo?

Chic. Naõ, he outrem por elle. *à parte.*

Adr. E ella te ama?

Farn. Teve a amante chamma em noſſas vi-
das o principio, primeiro que em noſſos
dezejos: creſceo com a idade o amor, e
das noſſas almas ſe formou huma ſó. Eu
já naõ dezejava mais que a formoſa Emi-
rene, nem ella mais appetecia, que o
ſeu fiel Farnaſpe: mas quando em eſ-
treito vinculo (oh inconſtante fortuna!)
nos eſperava-mos unidos, entaõ nos ve-
mos ſeparados.

Adr. Que pezar rigoroſo! *à parte.*

Farn. No ſemblante conheço, que vos tur-
bou a minha petiçaõ. Offendeo-vos a
minha fraqueza? De Roma os filhos naſ-
cem heroes. Entre vós ſerá culpa qual-
quer affecto, que naõ ſeja gloria. Em
mim naõ he deſdouro eſte rendimento
de

de animo. Cesar, eu crieime entre os Parthos, naõ nasci entre os Romanos.

Chic. Ay que me cheira a haver rezinga! *à parte.*

Adr. Ah cruel amor, já entras a fazer em meu peito ostentaçaõ do teu imperio! *à parte.* Principe, da sua ventura seja arbitra a bella prizioneira. Vay, e se ella obrigada do seu amor ainda te quer.... [estale de huma vez esta chamma *àp.*] recebe-a, e vaite. *para elle.*

Desce do throno, e canta a seguinte

A R I A.

Do precioso alento
   Da nacarada flor
   A minha sorte pende,
   Depende o meu amor.
Essa tyranna pena
   Tambem já me condemna,
   Que a dor, que a ti te fere,
   He do meu peito a dor.

Vaise Adriano, os Soldados, e os guardas.

Osr. Farnaspe, conprehendeste as palavras de Adriano? Elle parte de ti zeloso, e de Emirene amante: nella confia. Que ame mais ao meu inimigo! Ah! com

esta

eſta meſma eſpada, diante dos teus olhos quizera..... Mas naõ, naõ o creyo: ella he minha filha.

Farn. Rey, e Senhor, que imaginas? Ceſar he juſto, Emirene fiel: que temor te aſſalta?

Chic. Gabo-lhe a lhaneza: eſte moçoſinho tem bom coraçaõ. *à parte.*

Oſr. Quem imagina o mal, poucas vezes ſe engana.

Farn. Eu vou a fallarlhe. Verás....

Oſr. Vay, mas ninguem ſaiba que eu aqui eſtou.

Farn. Nem tua filha?

Chic. Menos, que he mulher, a quem cuſta o guardar ſegredo.

Oſr. Sim: ſabello-ha, quando ſe logrem os noſſos intentos.

Farn. Pois Senhor, com ella te buſcarey.

Vaiſe com todo o acompanhamento barbaro.

Oſr. Que temor me acobarda? Vencido eſtou, mas naõ prizioneiro.

Chic. Mas perto eſtá o fogo das barbas; pois ſe te conhecem, cedo eſtarás vencido, e prizioneiro.

Oſr. Naõ, Chichelo, ainda ſe deixou caminho ao meu furor: tema o Romano as minhas iras, que ſempre me ha de

achar

achar o meſmo para a ſua ruina.

Chic. E que pretendes?

Oſr. Ver abatida a ſua ſoberba às mãos do meu furor.

A R I A.

Vence o furor do vento
Forte, e robuſto lenho,
Paſſando invernos cento,
Sem que da terra ſua
Se poſſa ſeparar.
Porém precipitado
O voo às ondas dando,
Força no vento achando,
Vay contraſtando o mar. *Vaiſe.*

S C E N A II.

Quarto deſtinado para Emirene no Palacio Imperial. Sahe Aquilio, e depois Emirene.

Aquil. SE me naõ valho de algum engano para prevenir a Emirene, ſem duvida perco a eſperança de Sabina. Adriano generoſamente a entrega a Farnaſpe; e ſe com elle ſe auſenta, tornará Adriano a amar a Sabina, cuja belleza trago ſempre impreſſa no meu coraçaõ

Deoſes,

Deoſes, aonde encontrarey a Emirene para lhe tecer o engano que procuro? Mas já chega: amor me ajude.

Sahe Emirene.

Emir. He verdade, Aquilio, (ainda o duvido) que o meu Farnaſpe he chegado?

Aquil. E melhor talvez que naõ o foſſe.

Emir. E porque tanto te afflige a minha felicidade?

Aquil. A tua deſgraça he que eu lamento, Senhora. Farnaſpe a Auguſto te pedio, ſegurando-lhe que te ama, e que tu igualmente o queres. Eſte ſeguro abrio em o peito de Ceſar franca porta a zeloſos incendios, para que, ſe ao Principe ſegues, ligada como deſpojo do ſeu triunfo ao ſoberano carro te leve pelas praças de Roma até o capitolio.

Emir. Eſte he o heroe do voſſo povo? O idolo de Roma he eſte? Jurame que naõ ſerey deſprezada, nem viſta como deſpojo, e agora quebranta o ſeu juramento? Entre vós naõ he injuria o faltar à palavra?

Aquil. Se hum violento amor lhe eſcurece a razaõ, que vos admira? Emirene, os heroes tambem ſaõ humanos.

Emir. Como triunfo, Emirene? Naõ o eſpere

pere Adriano. Naõ ſó na Africa ſe ſabe triunfar, tambem na Aſia ſe ſabe morrer.

Aquil. Barbara ley na verdade, que huma donzela real ſinta o pezo de rigoroſas cadeyas!

Emir. Aonde acharey remedio?

Aquil. O mais certo eſtá na voſſa maõ. Ceſar vem offendido, e offerece-vos a Farnaſpe, para aſſim deſcubrir o ſegredo do voſſo peito. Naõ vos fieis na ſua fingida tranquilidade: fazei-vos, Senhora, deſconhecida do Principe, pois èlle ſó pretende examinar ſe lhe chegais a querer.

Emir. Ah infeliz Farnaſpe! E que dirás de mim? Mal conheces os enganos daquelle peito traidor. Mas ainda eſpero vello perder a meus olhos a vida, como a elles vejo perder de Farnaſpe a eſperança.

Aquil. Preparai-vos de melhor conſelho.

Emir. Dizei-me, Aquilio, e vem o Principe?

Aquil. Tambem chega, Senhora.

Emir. Oh Deoſes!

Aquil. Armai-vos de fortaleza: já vos encaminhey a evitar o voſſo funeſto deſtino. *Vaiſe.*

Emir. Infeliz de mim! Que duro golpe he eſte! *Sabe*

Sahem Adriano, e Farnaſpe.

Adr. Principe, aquelle he o ſol que vos abraza?

Farn. Aquellas ſaõ as luzes, que examino cada vez mais bellas.

Adr. Conſtancia, coraçaõ meu: veja Emirene a generoſa acçaõ, com que me apreſento a ſeus olhos, entregando-lhe o ſeu amor.

Emir. Quem he, Senhor, eſte eſtrangeiro?

Farn. Eſtrangeiro! *aſſuſtado.*

Adr. Que! Naõ o conheces, Emirene?

Emir. Parece-me que vi já o ſeu retrato; mas naõ me lembro aonde. Ajuda-me amor a fingir. *à parte.*

Adr. He eſta, Principe, aquella, que comtigo aprendeo igualmente a viver, e a amar?

Farn. Vede, Senhor, que faz goſto de zombar comigo Emirene; e que o disfarce he effeito do amor.

Emir. Coraçaõ, que vive em prizões, naõ ſabe fazer zombaria.

Farn. Naõ ſabeis quem eu ſeja?

Emir. Naõ me lembra. Que pena! *à part.*

Adr. Que alegria!

Farn. Bella Emirene, baſta já de atormentarme. Que novo eſtylo he eſte? Aſſim

tratas ao teu Farnaſpe?

Emir. Tu es Farnaſpe? Agora pelo nome te conheço.

Farn. Oh Deoſes! que rigor!

Emir. Perdoa a violenta injuria. Reconheço quanto deve ao teu valor meu Pay: lembro-me dos teus triunfos: tenho na memoria os teus merecimentos.

Farn. Ah meu bem, torna, torna a lembrarte de mim; menos me offenderá a tua loucura.

Emir. Em que te offendo, ſe os teus merecimentos digo?

Farn. Juſtos Deoſes, que tormento! Eu perco o juizo.

Adr. Qual de vós me engana? Finge Emirene, ou ſimula-ſe Farnaſpe?

Emir. Eu naõ ſou quem te engana.

Farn. Logo ſou eu?

Emir. Ay triſte! *à parte.*

Adr. Se reſpeito foy, Princeza, o teu diſfarce, deixa-o já. Do coraçaõ alheyo naõ quero ſer tyranno: aqui te entrego o teu amante, ſe he verdadeiro eſſe amor.

Emir. Naõ te creyo. *à parte.*

Farn. Naõ reſpondes?

Emir. Eu naõ aceito.

Adr. Tens ouvido? *a Farn.*

Farn.

Farn. Aonde eſtou! Sonho! Deliro! Iſto he morrer!

Emir. Iſto he ſó penar! *à parte.*

Farn. Princeza, idolo, a quem idolatra meu peito, que aggravo te fiz? Em que merece pena o meu coraçaõ? Em que foy falſo o meu peito? Tu comigo irada? Duvidas das veras do meu amor? Falla Senhora.

Emir. Que hey de dizerte? Deixa-me.

Adr. Eſtás deſenganado?

Farn. Eſtas ſaõ aquellas finezas que me juraſte? Aquellas conſtancias que me prometeſte? Infeliz affecto! Deſgraçado Farnaſpe! Infiel Emirene! Enſiname ao menos eſſa tyranna arte de eſquecer a hum taõ antigo amor.

Emir. Por piedade me deixa: callate Farnaſpe, e vaite.

Farn. Eu me auſento: obedeço-te, cruel: mas volta, repara em mim; lê, lê nas anguſtias de meu ſemblante, as ancias da minha alma. Mas naõ vejas cruel: ſó te lembre que parto obediente, quando me deixas ingrata.

A R I A.

Farn. Depois de verte os olhos,
Partir naõ poderey,

Mas ſó me lembrarey
Deſſe enganoſo amor.
Naõ vejas meu ſemblante,
Que na aleivoſa pena
Irado ſó condemna
Teu barbaro rigor. *Vaiſe.*

Adr. Aonde vás, Emirene?
Emir. Sómente a chorar; pois entre tudo o que perdi, ſó o pranto me ficou.
Adr. Tu naõ perdeſte couſa alguma; eu ſim he que perdi o meu ſocego. Tu es a ſenhora da minha ventura; tu me pódes fazer feliz, ou deſgraçado; tu ſó triunfaſte do teu vencedor.
Emir. Ceſar, mais reſpeito eſpero do voſſo valor. O animo regio naõ ſe perde com o Reino. Se o Reino era da fortuna, o coraçaõ he ſó meu. *Com ſoberania.*
Adr. Que engraçada ira! Que delicto cometteo contra a tua formoſura o meu affecto? Quando o queiras, poſſo offerecerte com minha maõ o meu Imperio.
Emir. Naõ, que ſerá fazerte ſervo dos meſmos de que es Senhor. Só da Naçaõ Romana podeis eſcolher Rainha. Ainda a deſgraça de Cleopatra choro, Berenice me lembra, e da ingratidaõ de Tito me naõ eſqueço.

Adr.

Adr. Entaõ mais nova eſtava a ſervidaõ de Roma: hoje naõ vive ſujeito o Sceptro ao ſeu dominio.

Emir. Pois ſe o povo o ſofre, Sabina o naõ ſofrerá: a ella eſtá prometida a tua maõ.

Adr. Naõ o nego: dous luſtros ha, que ſeu amante ſou; mas como naõ ſupponho nella tanta firmeza, que muito he que me mude? Tu me rendeſte, Sabina eſtá em Roma, e eu em Antioquia.

Sahe Aquilio apreſſado.

Aquil. Senhor.

Adr. Que dizes?

Aquil. De Roma chega.....

Adr. Quem?

Aquil. Sabina.

Adr. Oh Deoſes, que pena eſtranha!

Emir. Já confio o meu remedio. *à parte.*

Adr. E que pretende? Como ſem minha ordem......Vê ſe te enganas.

Aquil. O tumulto do povo já a ſauda, e to affirma.

Adr. Oh Deoſes! Para outra parte, Aquilio, a conduze, que eu me pretendo encobrir.

Aquil. Como, ſe ella já chega?

Adr. Confuzo eſtou!

Sahe

Sahem Sabina, Beringela, e acompanhamento.

Sab. Eſpoſo, Auguſto, e Senhor, eſta foy ſempre a hora de mim mais dezejada. Já me vejo em tua preſença: Que amargoſo tempo ſentia o meu coraçaõ, dividido de teu peito! O teu perigo quanto me fez temer! Em toda a empreza te acompanhava a minha alma. Quantos ſuſpiros eſte amor me tem cuſtado!

Adr. Que direy? *à part.*

Sab. Naõ me reſpondes?

Adr. Eu naõ eſperava (oh Deoſes!) taõ repentina chegada. Olá, deſte Palacio ſe retire Sabina a melhor quarto, onde receba em a noſſa preſença todas as honras devidas à ſua peſſoa. *Faz que ſe vay.*

Sab. Que! tu me deixas? O meu deſcanço ſó em ti buſcava.

Adr. Perdoa-me, Senhora; mayor negocio me chama.

Bering. Ay como me cheira a haver mudança na caſa!

Sab. Já ſey que naõ acho Adriano em Ceſar. *à parte.* Mais dezejava, amado eſpoſo, o teu ſocego, que o teu Imperio.

ARIA.

ARIA.

Adr. Já ſey que violencias
A ſorte me ordena,
Mas cauſa da pena
O Sceptro naõ he.
Eu formo em mim meſmo
A pena que ſinto,
Alheya a naõ pinto,
Que em mim ſó ſe vê. *Vaiſe.*

Sab. Aquilio, eu naõ entendo a Adriano.

Aquil. Pois o ſegredo he facil de entender. Ceſar eſtá namorado. Eſſa he a tua competidora. *à part. para Sab.*

Emir. Piedoſa Imperatriz, pois o Ceo te guardou dignamente para Adriano; huma mulher infeliz, que a teus pés chega, benigna ſoccorre. Reino, eſpoſo, Patria, Pay, tudo perdi.

Sab. E que pedis?

Emir. A fortuna de beijar eſſa maõ, que inveja he.....

Sab. Deſvia-te: ainda a ſorte me naõ fez mulher de Auguſto. Naõ te chames deſgraçada, deixando-te ainda a fortuna toda a gentileza. Se quizeres, poderás alcançar mais do que chegaſte a perder. Antes eu a piedade, que me ſupplicas, te poderey rogar. *Emir.*

Emir. Mais naõ tenho que darte, que as cadeas que arraſto.

Sab. Baſta : deixa-me ſó.

A R I A.

Emir. Prizioneira, e deſprezada,
A dous males me condemno,
Hum por ti mais novo peno,
Outro a ſorte me ordenou.
Na fortuna confiada
Me deſprezas ? Oh repara,
Que naſci tambem preclara,
E chorando a ſorte eſtou.

Vaiſe.

Aquil. Agora tentarey a minha ſorte. *à p.*

Sab. Que te parece, Aquilio ? Naõ he digno de piedade o meu ſucceſſo ?

Aquil. Grande he, Senhora, a injuſtiça de Auguſto : elle naõ adverte que te pódes vingar.

Sab. E como ?

Aquil. Porque, em ti naõ ha formóſura, e poder ? Qual ſerá o coraçaõ de marmore, que ao ver eſſes rayos, ſe naõ converta em cera ? Aos ſeus meſmos olhos devias. . . .

Sab. O que devia ? *Com ſoberania, e ira.*

Aquil. Enſinallo a amar ; moſtrarlhe a firmeza, e fazello envergonhar de te ſer ingrato.

Sab.

Sab. Baſta.

Aquil. Errey o tiro à minha ventura.

à part. e vaiſe.

RECITADO.

Sab. Chorarey, oh cruel, a minha pena,
Que ingrata me condemna;
Mas naõ, ſentida ſeja, ſeja urgente,
Mas naõ ſeja patente,
Por naõ dar hum claro deſengano
A quem a cauſa he deſte meu damno.

ARIA.

Deoſes, ſe juſtos ſois,
Tornaime o meu amor,
Perdello naõ, pois ſinto
Me cuſta a vida já.
Vós bem ſabeis, que he meu,
Pois mo jurou, (que dor!)
Se à minha fé me falta,
A vós vos faltará. *Vaiſe.*

Bering. Eiſaqui: fiaivos lá em homens! Iſſo naõ. Vem a pobreſinha de Roma a eſta terra, ſofrendo os deſcomodos dos caminhos para ver o ſeu bem, e no cabo acha o ſeu mal, e a ſua pena. Por iſſo nós outras vivemos mais alegres; porque a cada paſſo agarramos noſſo Adonis

nis para zombarmos delle, ſem os em
belecos da conſtançia, O ponto he ha
ver o bicho, apparecer o aceno, ſahi
o eſcarro, que logo entramos na dança
ſem ſe nos dar do reſpeito. Aqui and
eu com hum certo ao engodo da mi
nha viſta, e mais ſe me apparece outro
logo entra na peſca. Mas todos por fi
ſe deſenganaõ da ſua tolice.

Sahe Chichelo.

Chic. Como já lhe conheço as manhas
bem poſſo entrar na compra.
Bering. Mas vamos ver alguma couſa deſ
ta terra, em que ſou nova, que me di
zem ha nella bons feitios.
Chic. Hum dos feitios, que quer entrar n
compra, e mais na venda, ſou eu.
Bering. Pois naõ me ſerve pelo preço.
Chic. Antes he em bom comodo; porqu
ſe dá de graça.
Bering. Naõ deſgoſto deſſa ſua.
Chic. Nem eu de voſſa mercê. Ora ch
gue-ſe para cá.
Bering. Naõ; deſvie-ſe.
Chic. Já me naõ quer?
Bering. Naõ trago troco, com que o poſ
comprar.
Chic. Aceite-me, ſe me quer, e naõ m
fal

falle em trocos, que naõ lhe peço demaſias.

Bering. De donde viria eſta criança?

Chic. Da roda dos engeitados.

Bering. Pois he juſto que de mim o ſeja.

Chic. Melhor ſerá, que neſſa roda dos engeitados encontre eu a da fortuna.

Bering. Sómente ſe for para lha deſandar.

Chic. Ah tyranna! Já ſey que ſe declara por minha inimiga.

Bering. E em que o julga?

Chic. Em que podendo-me fazer venturoſo, ſómente me promette deſgraças.

Bering. Naõ me deſagrada o tal moçoſinho. *à parte.*

Chic. He poſſivel que dezejando v.m. achar neſta terra algum feitio, que lhe ſirva, e agora dandoſe-lhe eſte de taõ boa vontade, v. m. o naõ queira, com tanta ingratidaõ?

Bering. Quem lhe diſſe que o naõ queria?

Chic. Eſſe deſdem me deſengana.

Bering. Naõ tenha deſconfiança, que eu aceito o partido.

Chic. Com que ajuſte?

Bering. Olhe iſto! baſta eu dizer que o quero (lograr.) *à parte.*

Chic. Aceito, e verey .... mas ainda aſſim receyo a ſua conſtancia.

Bering.

Bering. O que diz?

Chic. Bom ſeria, que neſſa maõ de papel levaſſe aſſignada a promeſſa.

Bering. Naõ ſey ſe pede muito.

Chic. Antes peço pouco,ainda q̃ valhamuito.

Bering. Aqui eſtá.

Chic. Aceito, e digo.

MINUETE.

Chic. Eſta maõſinha,
Que neve oſtenta,
Por mais que izenta
Se quer moſtrar,
Poſto que he branca,
Como bem creyo,
Muito receyo,
Que a ſorte em branco
Me venha a deixar. *Vaiſe.*

SCENA III.

Pateo do Palacio Imperial com rotura por huma parte, aonde apparece incendio, e gaſtadores que andaõ nelle. Sahe Oſroas com a eſpada na maõ direita, e na eſquerda huma tocha acceza ſeguindo os incendiarios dos Parthos. Depois Farnaſpe.

Oſr. INvenciveis Parthos, bem vedes como piedoſo favorece o Ceo o noſſo valor: tornemos a ver as ruinas deſta

desta Corte inimiga, que na sua lastima estamos contemplando a nossa victoria. Já de alguma sorte vamos recobrando a nossa perda com esta sombra da nossa vingança. Como se atea o voraz incendio! E como se elevaõ ao Ceo os globos do fumo, e das chammas! Oh se naquelles muros, que pela violencia do fogo se vem agora abatidos, se comprehendesse tambem todo o Senado, o Capitolio, e a mesma Roma!

Sahe Farnaspe.

Farn. Osroas, Pay, Rey, e Senhor.

Osr. Attende Farnaspe: aquella obra he effeito de minha irada maõ.

Apontando para o incendio.

Farn. Oh Deoses! E vossa filha?

Osr. Quem sabe? Tal vez que entre essas chammas seja lastimosa victima de Cupido com o seu cruel Adriano: pagando assim da tua injustiça a rigorosa pena.

Farn. Ay Emirene! ay meu bem!

Querendo partir.

Osr. Espera, aonde vás?

Farn. Ou a salvalla do perigo, ou a morrer entre o incendio. *Querendo partir.*

Osr. Como! A huma ingrata, que te faltou à fé, e poz no esquecimento......

Farn.

Farn. He falſa, bem o ſey, mas eu ſou amante. *Larga a capa, e entra pelo fogo.*

Oſr. Se aquelle como louco ſe quer perder, nós nos queremos ſalvar. Amigos a outra empreza: no lugar deſtinado vos eſcondey. *Vaõ-ſe.* Experimenta, ſim, o meu furor; mas ſou Pay, e naõ me poſſo auſentar. Vejo o incendio, ſey que nelle acaba, o coraçaõ o ſente. De Farnaſpe dezejo ſaber o deſtino, e de Emirene a ſorte. Mas que tumulto he eſte, que novamente ſe ouve da parte do incendio? De Ceſar he a gente, auſentarme quero. Mas naõ, fico: ſem ſalvarte me perderey. Mas pois te naõ poſſo dar outro remedio, ſó te deixo os meus ſuſpiros. *Vaiſe.*

Sahe Sabina, e Aquilio.

Sab. Ninguem me ſabe dizer ſe eſtá livre o meu eſpoſo? Aquilio, aonde eſtá Ceſar?

Aquil. Ao menos me deixa reſpirar.

Sab. Aonde eſtá? falla?

Aquil. Como, ſe o naõ ſey?

Sab. Eſte he o eſtylo do falſo adulador, que adora ao Throno, e naõ ao Monarca! *àparte.* Em quanto da ſua grandeza o Ceo vias ſereno, tu o giravas; agora que o vês tempeſtuoſo, o deixas?

Aquil.

Aquil. Já vem, naõ te enfades.

Sahe Adriano.

Adr. Viſte Emirene? *a Sab.*

Sab. Eu te buſcava.

Adr. Aonde eſtá Emirene? *a Aquil.*

Aquil. Eu a naõ tenho viſto.

Adr. Infeliz Princeza!

Sab. Vive: naõ vês como creſce o incendio? Tu, Senhor, naõ cuidas no reparo?

Adrian. Os abrazados muros ſe arruinaõ; Aquilio, vê que naõ paſſem as chammas aos lugares intactos.

Aquil. Já vou ſervirte. *Vaiſe.*

Sab. Ceſar.

Adr. Que pena! impaciente.....

Sab. Que deſcuidado andas de ti, Senhor! Naõ buſcas o traidor? Aſſim ha de eſcapar o reo?

Adr. Já eſtá deſcuberto: eu o conheço: he Farnaſpe: amor o entregou ao acto cruel: já fica entre prisões: naõ ha mais que temer.

Sab. Eſpera, e attende.

Adr. Sem ſaber de Emirene, nada attendo. *Vaiſe.*

Sab. Aſſim me deixas? Eſte deſprezo me fazes? Seguirey os teus paſſos, acreditando as minhas conſtancias.

Sahe

Sahe Emirene.

Emir. Em ti, Sabína, o meu remedio buſco.

Sab. Oh Deoſes! Ainda para atormentar-me eſta faltava?

Emir. Que foy iſto, Senhora?

Sab. A mim mo perguntas? Queres que a minha voz publique o teu triunfo? Os teus olhos ſaõ o motivo de tantos eſtragos. Que me perguntas? Tu es Helena, e aquella he Troya.

Emir. Que rebuçado ſentido me manifeſtaõ as tuas palavras?

Sab. Ahi tens Farnaſpe, pergunta-lhe a elle. *Vaiſe.*

Sahe Farnaſpe prezo com guardas, e Chichelo.

Emir. Farnaſpe?

Farn. Princeza?

Emir. Tu priſioneiro?

Farn. Tu livre?

Chic. Voſſas mercês vejaõ como me levaõ, que eu ſou homem branco.

Emir. Aos infelices he difficultoſo o morrer.

Chic. Naõ direy ſenaõ, que naõ ha couſa mais facil.

Emir. Daquelle incendio foſte tu tal vez author? *Farn.*

Farn. Naõ, mas assim o suppoem.
Emir. E porque?
Farn. Porque sou Partho.
Chic. E eu sou gemeo; por isso o suppozeraõ.
Farn. Porque sou desgraçado; porque fuy achado naquellas ruinas.
Chic. E eu nellas fuy perdido.
Emir. E a que foste a ellas?
Farn. A livrarte, ou a morrer: mas já alcancey do Ceo algum beneficio, pois vejo que hoje deves a vida à minha morte.
Chic. Ah Senhor, morre por ambas.
Emir. Piedosos Ministros, soltai-lhe os laços, ou ao menos reparti comigo as prisões.
Farn. Porque? ainda de mim zombas? Naõ vês, que he mais cruel essa piedade fingida?
Emir. Fingimento lhe chamas?
Farn. Como a hey de crer verdadeira? Já te naõ lembras do que me disseste?
Emir. As palavras sim foraõ outras, mas eu sempre sou a mesma.
Farn. E aquelle desdem teu?
Chic. Foy hum bichinho.
Emir. Era temor do zeloso coraçaõ de Adriano.
Farn. Pois que temias delle?

Emir. O horror de hum triunfo.

Farn. Se magnanimo te offereceo a minha maõ?

Emir. Foy arte da ſua ira para deſcobrir o meu peito.

Chic. Ah Senhor, tu cuidas em converſar, ou em morrer?

Farn. Logo ſou eu.....

Emir. A minha eſperança, e o meu amor.

Farn. E es tu, meu bem....

Emir. A tua conſtante eſpoſa.

Farn. E vives.....

Emir. E vivo fiel ao meu Farnaſpe.

Farn. Baſta, já vou contente.

Emir. Deixas-me? oh Deoſes, q̃ ſerá de mim!

Farn. Nada temo, ſe me queres.

DUETO.

Farn. Se morro, já contente
Me faz morrer ſómente
Eſſa ſegura fé.

Emir. Se vivo, ainda contente
Serey, por ver ſómente,
Que vês a minha fé.

Farn. Adeos, e vê que eſpero.

Emir. Adeos, e vê que quero.

Farn. Deverte firme ſer.

Emir. A vida tua ver.

Farn. Se acabo.

Emir. Tu naõ digas

Ambos. Eſpera amado bem.

ACTO II.

SCENA I.

Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes. Sahe Emirene, e Aquilio.

Aquil. MAis do que isto naõ he preciso, formosa Princeza, para penetrar o seu intento: Cesar te busca, adverte o que elle intenta.

Emir. Aquilio, só te recomendo o meu Farnaspe, que está innocente: procura que Cesar se aplaque.

Aquil. Quem melhor do que tu poderá rebater o seu enfado? Tu do seu coraçaõ pódes abrandar as iras. Que naõ conseguirás de hum Monarca que te adora?

Emir. A mim me naõ agrada; porque o naõ amo.

Aquil. He preciso que te finjas amante.

Emir. E eu hey de mentir?

Aquil. Muitas vezes vence hum enganoso amor, mais do que hum fino affecto: vale-te da arte, já que falta a natureza. Hum suspiro de tempo em tempo, hu-

ma palavra mal articulada, hum movimento, hum rizo, hum ſilencio, hum pejo, hum dar a ſuſpeitar o que naõ chega a dizer, fazem faceis os amantes de liſonjearſe. Elle jurará que o amas: e tu, quando quizeres, lhe poderás ſempre dizer que ſe engana.

Emir. Naõ ſey aonde ſe aprenda a uſar de ſemelhante arte.

Aquil. Vós nella já naſceſtes meſtras. Ter nos olhos promptas as lagrimas: na boca hum rizo, que naõ exceda os limites do coraçaõ: desmayar, quando vos parecer, e moſtrar rubicundo o ſemblante, ſaõ privilegios proprios do voſſo ſexo. O Ceo vo-los concedeo para nós termos que padecer.

Emir. Mas tu, que na Corte es já anciaõ, naõ devias ter delles inveja. Jurarey, que naõ es mantenedor da antiga honeſtidade. Quando te he conveniente, ſaberás com ſemblante riſonho acariciar hum inimigo: pollo no precipicio para que caya, e depois laſtimarte da ſua queda: offerecerte para tudo a todos, e naõ ſervir a nenhum: cobrir de falſos louvores o crime, e fazer aggravantes as culpas, moſtrando querer defendellas: retirar ſempre os bons do Throno: deixar o odio

odio ao Cetro para todo o caſtigo, e uſurpar o merecimento a todo o beneficio: ter debaixo de hum apparente zelo eſcondido hum perverſo fim: e naõ fabricar ſenaõ ſobre as ruinas de outrem.

Aquil. Juſtamente, Emirene, te quizeſte vingar das injurias, que proferi contra o teu ſexo. Eu naõ julguey, que tanto te feriſſe na alma. Naõ me queixo das tuas palavras; antes creyo que ambos diſſemos verdade. No que eu diſſe, quiz ſómente aconſelharte.

Emir. Se eu te peço ſoccorro, naõ queiras darme conſelho.

Aquil. Eu ſempre cuidey que hum ſaudavel conſelho era grande ſoccorro: crê o que te digo, Princeza, e adeos que gente chega, entendo que he Adriano. *Vaiſe.*

Sahe Sabina.

Sab. Oh Ceos, eſta he a minha competidora! *à parte.*

Emir. Oh Deos, eſta he Sabina! *à parte.*

Sab. Na verdade, Emirene, que ſempre te acho muy cuidadoſa! Ainda ſe vê mal extincto o incendio, e já te acho taõ ſolicita em o quarto de Adriano?

Emir.

Emir. Eu vim ſó.....

Sab. Já ſey: virás liſongear ao teu Senhor com os agrados.

Emir. Humilde a ſupplicar.

Sab. Humilde tambem eu a Ceſar quererey manifeſtar os meus cuidados; mas naõ pretendo, que elle a ti me prefira: e naõ ſerá pouca dita, quando elle [dando-te o lugar primeiro] me conceda o ſegundo.

Emir. Baſta Sabina: deſſe amor de Adriano he ſó minha a pena, e naõ a culpa. O perigo de Farnaſpe me atormenta: eſte he o deſvélo que me guia a eſta parte. Hey de vello morrer ſem lhe fallar? Senhora, Farnaſpe he o idolo a quem tenho ſacrificado o meu coraçaõ: muy antiguo he já o noſſo amor.

Sab. Iſſo em ti he verdade, ou fingimento?

Emir. Tal vez o fingiſſe, ſe aſſim te naõ fallaſſe.

Sab. E naõ reparas, que a Ceſar irritas, quando por elle rogas!

Emir. Se eu naõ acho outro caminho, que hey de fazer?

Sab. Quando tu o queiras, melhor to moſtrarey. Deſte Palacio foge com o teu Farnaſpe: o ſeu guarda he o Capitaõ Lentulo: mais me deve. Se tu queres, da

da ſua parte te poſſo entregar hum coraçaõ regio, ainda que pobre.

Emir. Ah ſe pudeſſe ſahir do meu tormento!

Sab. Duvîdas no que te ſeguro? A partir te prepara. A' mayor fonte dos Jardins de Ceſar virey com o teu eſpoſo: lá me eſpera, antes que o ſol chegue ao Zenith.

Emir. E virás? Do meu deſtino taõ coſtumada eſtou a tolerar a furia.....

Sab. A minha maõ to affirma, em ſinal a toma.

Emir. Que alegria naõ eſperada! Feliz eu, e generoſa tu. Eu parto, Senhora, a buſcar a minha ventura, e a publicar a tua generoſidade. *Vaiſe.*

Sab. Quem ſabe? Quando longe eſtiver Emirene, tal vez que torne o meu eſpoſo ao ſeu primeiro amor. Naõ dura ſem materia o fogo: o rio naõ creſce ſeparado da fonte donde naſce.

Sahe Adriano.

Adr. Emirene, meu bem..... Oh Ceos, que diſſe! retirarme pretendo. *à parte.* *Faz que ſe vay.*

Sab. Porque foges, Adriano? Hum ſó momento me naõ negues a tua viſta, e depois ao teu bem torna.

Adr. Como! ſuppões.... Qual he o meu bem?

Sab.

Sab. Naõ pretendas o disfarce; que na confusaõ das vozes do meu amado Adriano, o coraçaõ sincero enganarme naõ sabe. Naõ, naõ me occultes esse honesto pejo, que tanto me agrada. Quem se envergonha, conhece a culpa, e o que a conhece, perto está da emenda.

Adr. Oh Deoses!

Sab. Suspiras? A mim me deixa o suspirar. Deoses celestes, quem o julgaria! A honra do nome, dos heroes o exemplo, a minha esperança, Adriano inconstante! He possivel! He verdade! Quem te enganou? Falla, dize: como foy?

Adr. Que queres que responda, se me vejo confuso? Oh deixame só este desafogo. Chama-me cruel, chama-me traidor, que tens razaõ. Os teus merecimentos, as tuas finezas me lembraõ, as minhas promessas cem vezes me accusaõ. Mas que aproveita? Naõ sou meu: conheço a tua fidalguia, a tua formosura, e tal vez..... Mas naõ tenho coraçaõ para amarte: a mim mesmo me aborreço de minha injustiça lembrado. Sey que he justa a tua vingança: queres, queres a minha morte? Aqui me tens, matame: he justo, naõ o nego. Intentas despojar-

despojarme do diadema Augusto? Eu o ponho na tua maõ, pois ley seria feliz o mundo inteiro, se à tua gentileza se visse tributario.

Sab. Naõ peço o teu Imperio; o teu coraçaõ só busco.

Adr. Teu era o coraçaõ: se o defendi, só para ti o guardava: amor o sabe, todos os Deoses a testemunhas chamo. As formosuras da Asia para mim eraõ sombras: fria toda a vida com a tua lembrança imaginey que fosse.

Sab. E depois?

Adr. E depois..... Naõ sey. Fiado no meu esforço, zombey da defeza, e amor me venceo: estava no campo fazendo ostentaçaõ de huma victoria, quando me foy presentada Emirene. A hum diverso affecto he facil a entrada, quando a alma se vê desapercebida. Eu a vi arrastando cadeas, supplicando piedades, fazendo rica de perolas nas lagrimas esta maõ, que apertava nos sustos: poz nos meus os seus formosos olhos, com agrado taõ doce..... Ah se no meu semblante se visse a sua imagem, seria digno de desculpa até para Sabina.

Sab. Já basta de injuria. Na minha presença louvas a sua formosura? Queres que

que ſeja complice no teu delicto, e no meu querer aggravado? Iſto te mereço barbaro, enganador, perjuro, e falſo?

Adr. Perdido eſtou!

Sab. Que diſſe? Ah, naõ: perdoa-me as injurioſas palavras, que a deſculpa merecem, porque de amor naſcem: diſpoem de mim ao teu goſto: inſtavel, ou inconſtante ao meu bem ſerey ſempre. Que ſey? Eu o eſpero: chegará aquelle dia, que pagando a quem fiel te adora, me dirás..... Mas naõ, que já ſerey morta.

Aſſenta-ſe em huma cadeira, e ſahe Aquilio ao baſtidor.

Aquil. Aqui eſtá Sabina! *à part.*

Adr. Já naõ poſſo vella penar, aquelle pranto me faz enternecer. *à parte.* Sabina venceraõ-me os teus extremos: aos teus laços felices tornar quero: já ſou teu.

Aquil. Ah infeliz eſtrella! *à parte.*

Sab. Que dizes? *Olhando para elle com ternura.*

Adr. Que eſtou rendido, e o meu coraçaõ te entrego.

Sab. Naõ, naõ te creyo.

Aquil. Atalharey eſte mal. *à parte.*

Sab. Se outra vez a Emirene tornas a ver...

Adr. Naõ a verey.

Sab.

Sab. Poderey de ti fiarme?

Adr. Resoluto estou: quando o gosto se empenha, nada se difficulta.

Sahe Aquilio.

Aquil. Aos teus pés a afflicta prisioneira prostrarse dezeja: tempo ha que te busca, e naõ te acha.

Sab. Agora farey prova. *à part.*

Adr. Naõ, Aquilio; já naõ dezejo ver Emirene: tempo he já de me lembrar de Sabina.

Sab. Oh doces palavras! *à parte.*

Aquil. E naõ he injustiça negarse a Emirene o que aos mais se concede? Se está escrava, nasceo Rainha.

Adr. Na verdade, Sabina, que parece crueldade naõ lhe attender à supplica.

Sab. Oh Deoses!

Adr. Naõ, se naõ queres, naõ venha; mas temo.... Que farias, Senhora, em hum aperto como o meu?

Sab. Naõ pediria conselho.

Adr. Pois va-se Emirene sem me ver: Aquilio executa essa diligencia.

Aquil. Que ha de dizer? Oh desgraçada Princeza!

Adr. Olá, que dizes?

Aquil. Nada Senhor; a obedecerte vou. *Faz que se vay.*

Adr.

Adr. Eſpera: melhor he, que do ſeu deſtino ouça a minha voz. Que me póde fazer chegalla a ouvir?

Sab. Ouviſte, Aquilio? e ſe ha de dizer, que Adriano ſoube faltar? *Vaiſe.*

Aquil. Quem naõ he reo, quando o amor he delicto?

Adr. E com que juſtiça caſtigarey as culpas alheas, ſe as redeas deixo ſoltas às minhas? Naõ, naõ ſe deixe Sabina; naõ ſe attenda Emirene: torne eſta alma ao primeiro amor. Mas, oh Deoſes! como o hey de deixar, ſe delle me naõ poſſo eſquecer? *Vaiſe.*

Aquil. Soffrimento coraçaõ. A tua victoria ſe naõ a vês diſtante, naõ a achas ſegura. O amor de Auguſto, os deſdens de Sabina por mim pelejaõ: eſperarey occaſiaõ de aſſalto, para conſeguir o triunfo.

SCENA II.

Eſtrada deliciofa, pela qual ſe paſſa ao ſerrado das féras. Sahe Emirene.

Emir. AQui Sabina naõ vejo: eſta a fonte he: tudo examino, mas naõ a encontro à viſta: que ſerá naõ

ſey,

ſey, ſey ſó que à cada momento desfalece o peito amante.

Sahem Sabina, Farnaſpe, e Chichelo.

Sab. Aqui tens a tua eſpoſa. *a Farn.*

Farn. Bella Emirene.

Emir. Es tu, amado Principe? Apenas o creyo.

Farn. Sim, meu bem, eu.....

Sab. De ternuras naõ he agora tempo: convem ſalvarnos: aquella he a eſtrada para a fugida.

Chic. Naõ namores com ſuſtos, que he ſer cobarde.

Sab. Pouco diſtante da primeira entrada ſe divide em dous caminhos: o da direita guia ao rio; o da eſquerda a Palacio: a vós vos convem evitar o ſegundo: hide, a fortuna vos ampare, e amor vos guie.

Emir. Piedoſa Imperatriz.....

Farn. Galharda Senhora.....

Ambos. E como pagarey eſta mercê?

Sab. Pouco appeteço.

Chic. Peça a ſeu goſto, naõ tenha pejo.

Farn. Guarda-te louco.

Chic. Beijo-lhe a maõ pela honra. Ainda eſperamos?

Sab. Lembrai-vos de Sabina algumas ve-
zes,

zes; e se entre a vossa felicidade chegar a minha lembrança, mereça acompanharme no meu martyrio a vossa saudade. *Vaise.*

Chic. Vá descançada, que tudo se fará. Ainda naõ vamos?

Farn. E he verdade, que es minha, Emirene! Vejo a dita segura, e me parece sonhada.

Emir. Nada falta, amado esposo, mais que a presença de meu Pay. E que contentamento me naõ daria esta felicidade?

Chic. Tanto, quanto me dá o verme fóra daquella masmorra, aonde entrey sem culpa, mas tambem sahi sem pena.

Emir. Sabes em que terra esteja?

Chic. Isso he facil de saber; em nós topando com elle, logo o sabemos.

Farn. Os teus dezejos seraõ satisfeitos.

Emir. Sabes aonde Osroas está?

Farn. Sim, mas por ora naõ cuides mais que em seguir os meus passos.

Vaõ sahindo para a estrada.

Farn. Suspende. *detendo Emir.*

Emir. Porque?

Farn. Naõ ouves ruido de armas?

Emir. Ouço, mas aonde naõ o sey dizer.

Chic. Isso naõ tem que ver.

Emir. Aonde he?

Chic.

Chic. He na minha cabeça, que he aonde haõ de vir dar os golpes.

Farn. He no mefmo caminho, que nós havemos de feguir.

Emir. Ay de mim!

Chic. Ay de nós ambos. Oh Senhor, por vida fua, e da Senhora Dona Emirene, que fujamos daqui para alguma parte, que naõ nos agarrem a todos.

Farn. Naõ temas, até que o motivo naõ faibamos. Efconde-te Emirene, que eu chego, e Chichelo, a ver a cauza que os move.

Chic. E a mim que me importa iffo? Vá Voffa Alteza, que eu ficarey com a Senhora, que naõ ha de ficar fó.

Farn. Pois eu vou. *Vaife.*

Chic. Que lhe faça bom proveito. Eu fico.

Emir. Que mais tenho que penar!

Efcondem-fe junto ao cancelo do cerrado, e fahem da eftrada enfinada por Sabina Ofroas em traje Romano com a efpada nua, e Farnafpe.

Ofr. Conte mais efte troféo entre os feus triunfos Roma.

Farn. Aonde, Senhor, vás correndo com eftes defpojos?

Ofr. Amigo, vingados eftamos, a terra livre,

livre, e Adriano morto: esta espada lhe acabou a vida.

Farn. Como?

Osr. Costumava esse cruel Romano passar por esta estrada a buscar Emirene: hum seu valido, e guarda do segredo mo descobrio; que tambem entre estes heroes do Tibre pôde o ouro descobrir a hum traidor. Esta noite o esperey, quando passou com o criado, e com taõ feliz successo, que abrio nova estrada para a vingança em aquella vida a minha espada.

Farn. E se em vez do inimigo vos obrigasse o escuro da noite a matar outro?

Osr. Naõ. Estava prevenido o caso: fingio que cahia, quando juntos estivemos; e assim com este final Cesar ficou exposto, e elle livre, pois ao cahir o servo, ao Senhor cortey a cabeça.

Emir. Quem será aquelle Romano, que me parece esgrime sanguinolenta espada? Se eu pudéra ao menos verlhe o semblante. *à parte.*

Chic. Querem vossés apostar, que destas detenças hey de eu pagar as custas? Quem será este espadachim, que nos vem meter na dança?

Farn. Agora que havemos fazer? Fugin-

do

do pelo caminho que trazeis, encontraremos a mil que vos ſeguem; pelas outras partes os guardas vigiaõ ſempre.

Oſr. Pois com o ferro abriremos caminho.

Farn. Neſtes termos buſquemos outro remedio. Eu quero examinar primeiro ſe ha outra eſtrada por onde poſſamos fugir.

Emir. Taõ baixo fallaõ, que entendellos naõ poſſo. *à parte.*

Chic. Eſtá bom ſegredo fóra de horas! Quem ſerá eſte cuchichador, que nada lhe poſſo perceber? *à parte.*

Farn. Entre eſtas ramas te eſconde: eu voltarey depreſſa.

Oſr. Se tardas, ſó me hirey.

Eſconde-ſe Oſroas ao pé de Chichelo.

Farn. Eſte.... naõ. Aquelle eſtreito.... Mas ſe eu tentaſſe o caminho que Sabina me aſſinou? De Adriano o caſo ainda naõ eſtá publico, e no entanto nós teremos fugido. Sim, eſte elejo.

Ao voltar para o caminho, ſahe pelo meſmo Adriano com a eſpada nua na maõ ſeguido dos guardas.

Adr. Eſpera traidor.

Encontrando-ſe com Farnaſpe.

Farn. Que vejo! *Fica ſuſpenſo.*

Adr. Guardas, impedi todo o paſſo à fugida.

Farn. De marmore eſtou!

Emir. Eſtamos deſcubertos. *à parte.*

Adr. Admiras-te, ingrato, porque me vês vivo? Entendeſte que a mim me matavas? Nas palavras injurioſas, que ao ferirme proferiſte, bem te manifeſtaſte.

Emir. Eiſaqui o erro; aquelle que ſe eſcondeo he o traidor. *à parte.*

Chic. Elle eſtá enganado, e eu hey de pagar a má viſinhança. *à parte.*

Adr. Perfido, naõ reſpondes? A que vieſte aqui? Que motivo te guiou? Quem te rompeo as cadeas? Falla.

Farn. Naõ poſſo?

Adr. Aconſelhaime, oh Deoſes, que farey.

Chic. O rabinho já parece que ſente o medo.

Adr. Olá, no carcere mais eſcuro guarday o delinquente.

Sahe Emirene.

Emir. Senhor, attendey, que elle eſtá innocente. *Deſcobre-ſe com impeto.*

Farn. Princeza, que fazes?

Chic. Em boa ſe vay meter! O outro eſtá capaz de matar a todos. *à parte.*

Adr. Oh Ceos, tu tambem com Farnaſpe, e ao traidor defendes?

Emir. Elle naõ he o traidor, entre aquellas ramas....

Farn.

Farn. Callate.

Chic. Queiraõ os Deoſes que ſe naõ engane.

Emir. Eſſe malvado que ſe eſconde, he quem buſcou o teu damno.

Farn. Oh Deoſes! Naõ ſabe que he ſeu Pay. *à parte.*

Adr. Queres que te creya? O defender de Farnaſpe o perigo, mais o condemna à morte; pois na confuſaõ que moſtra, mais o ſeu delicto augmentas.

Farn. Confundamos o erro. *à parte.*

Emir. Se me naõ crês. . . . .

Farn. Em que te agrada, Senhora, por taõ pouco tempo encobrir? Tu me condemnas no quererme eſcuzar. Em nada me offendes, quando reo me fazes: attento eſtimo a culpa, que naõ quero ſer innocente.

Adr. Oh perverſa alma!

Emir. Eu naõ o entendo.

Farn. Que goſtoſo morro, ſe o meu Senhor defendo! *à part.*

Emir. Porque, eſpoſo meu? porque, Senhor, formas contra ti o damno? Naõ es cruel, e queres parecer aleivoſo? Taõ feya çulpa . . . . .

Farn. Deixa-me, que naõ he taõ feya como a julgas.

Adr. Eſte he aquelle Farnaſpe, que tu

naõ conhecias? Como agora ſe converteo no teu bem? Aonde deixaſte aquella tibieza, coraçaõ enganoſo, e feiticeiro?

Emir. Senhor.....

Adr. Eſte pagará a pena de ambos os golpes. Olá. *aos guardas.*

Emir. Mas eſpera: e o traidor quem he?

Farn. Emirene, ſe me amas, calla-te eſta vez.

Emir. Eu te amarey, ſe tu obedeces. Os meus paſſos ſegui, que aqui ſe eſconde o traidor. *aos guardas.*

Farn. Oh Deoſes! Detem-te.

Emir. Ceſar eſte he.

Aponta para onde eſtá Oſroas.

Seguraõ os guardas a Chichelo.

Chic. Naõ ſe enganem na porta; he ahi mais abaixo.

Adr. Es tu, aleivoſo?

Chic. Eu era capaz de matar ninguem? Veja voſſa inſolencia, que aqui eſtá neſta eſquina.

Farn. Calla-te louco.

Emir. Ainda eſte naõ he.....

Farn. Suſpende Emirene.

Chic. Vê o que dizes, que naõ ſou eu.

Adr. Levay eſte louco inſolente.

Chic.

Chic. Apalpe-me bem voſſa Ceſarice, e veja ſe eu trago comigo couſa a eſtas horas, que poſſa matar ninguem.

Emir. O Criado naõ foy, que com Farnaſpe vinha. Ahi eſtá.

Farn. Naõ deſcubras.

Emir. Eſte he Auguſto.....

Deſcobre a Oſroas.

Oſr. Que ha de ver! Eu ſou.

Emir. Oh amado Pay!

Chic. Irra, de que eu eſcapey! *à parte.*

Adr. ElRey dos Parthos em habito Romano! Quantos ſaõ os cumplices em entregarme?

Chic. Eu fórro o meu coito.

Oſr. Eu ſó, eu ſó o teu ſangue buſcava; mas o golpe ſe errou: porém ſe a vida me deixas, ainda emendarey o damno com o acerto.

Adr. Aſſim entre as ſombras me aſſaltaſte, cruel? Porque viſte que eu cahia, a morte me buſcavas?

Oſr. Oh barbara ſorte! Eiſaqui o engano. O teu companheiro he o que devia cahir, e tu acaſo o fizeſte, e na confuſaõ do ſinal o tiro errey.

Farn. Quando o traidor naõ ſentio a meſma traiçaõ!

Adr. Olá, Miniſtros; em carcere deſtinado

nado à sua pena seguray estes reos.

Farn. E tambem Emirene?

Adr. Essa ingrata tambem.

Farn. Que injustiça he essa? Que delicto lhe encontras?

Chic. Oh Senhor, vê que eu culpa naõ tenho.

Adr. Livre o deixay.

Farn. E Emirene naõ?

Adr. Naõ.

A R I A.

Adr. Todos os portos vejo
Todos tremer espero,
Perfidos, desespero,
E me acendey o ardor.
Que barbaro governo
Fazem nesta alma minha
Amor, e zelo interno,
Enfado, e ternura!
Naõ tem mais fogo o averno,
Que aplique ao meu furor.

Vaise.

Emir. Pay, e Senhor..... Oh Deoses, com que palavras te poderey chamar Pay, sendo cumplice na tua morte! Ay de mim, que a meu respeito.....

Osr. Vaite; naõ confundas a minha constancia.

Emir.

Emir. Bem conheço a razaõ, mas o perdaõ te pede esta culpada. A teus pés Senhor..... *ajoelhando*.

Osr. Deixa-me, filha; comtigo naõ estou irado, nestes braços te entrego o perdaõ. Adeos amada filha, estimavel porçaõ da minha alma.

Emir. Oh funesto adeos!

F*arn*. Oh divisaõ amargosa!

A R I A.

Emir. Este abraço, aquelle mimo,
Este agrado, esse lamento,
Faz mais justo o meu tormento,
Mais culpada ainda me faz.
Qual me foste, e qual te veja
Vê no amante peito afflicto,
Que pondera o seu delicto
Na piedade que mè faz. *Vaise*.

F*arn*. Oh se com todo o meu sangue pudese conservar a vida do meu Rey, e da minha esposa!

Osr. Amigo, basta, naõ me enterneças: vingue-se o traidor Cesar, e veja lhe rende a minha cabeça a fortuna, e naõ a fraqueza. *Vaise*.

Chic. Ainda naõ creyo que fiquey livre: fóra com a graça! por pouco que naõ fico sem cabeça. RE-

RECITADO.

Farn. Que terrivel tormento, que amargura
Esta alma minha passa!
Como de tantos holpes da ventura
Poderey escapar? Astros tyrannos,
A vida me roubais em tantos damnos.

ARIA.

Horrida em vulto he triste
Sem que troveje a nuvem;
Tacito inchado existe
Sem vento o mar salgado,
E o peito ao passageiro
Assim faz palpitar.
Naquelle horror occulto
O funebre se alenta
Qual silencio he mostra
Da proxima tormenta,
Que vaõ deixando os ventos
Aberto o peito ao mar. *Vaise.*

Chic. Ora vou-me pendurar de sebo ao Deos Saturno. Por hum es naõ es, que naõ vou provar segunda vez as enxovias.

Sahe Beringela.

Bering. Minha Ama está assustada com este motim, e quer saber se Emirene se hiria;

hiria. Mas aqui tenho quem mo diga. Senhor Chichelo?

Chic. Que diz, Senhora Tamanca?

Bering. Falle bem.

Chic. Eu naõ ſey que iſto ſeja fallar mal, pois tudo vay dar no calçado velho.

Bering. Naõ me dirá ſe o Principe Farnaſpe eſtá na terra?

Chic. Naõ Senhora, naõ direy.

Bering. Porque?

Chic. Porque me pede que o naõ diga.

Bering. Sabe ſe elle fugio?

Chic. Nem elle era capaz de o fazer, nem eu de o chocalhar.

Bering. Pois que faz?

Chic. Supponho, que ſe eſtará lavando, que he hum porcalhaõ.

Bering. Ora falle com termo.

Chic. Com termo lhe fallo. Ah perra, que raivas me fazes!

Bering. Tambem voſſé me naõ faz pouca raiva com os ſeus diſparates.

Chic. Pois já que lhe dey o mal, darlhehey o remedio.

Bering. E qual he?

Chic. Hir às ondas, ſe tem raivas.

Bering. Ora calle-ſe, que naõ eſtou para graças; reſponda ao que lhe digo.

Chic. E que me diz?

Bering.

Bering. Se fugiraõ Farnaſpe, e Emirene, que voſſé ha de ſabello?
Chic. Elles naõ o fizeraõ; porque os ſegurárraõ.
Bering. Ay mofina de mim!
Chic. Naõ te aſſuſtes por iſſo, pois já que elles naõ abaláraõ, nós bem podemos ſer firmes.
Bering. E prenderaõ-os?
Chic. Naõ que elles hiaõ ſoltos, e livres.
Bering. Eu naõ o entendo. *Faz que ſe vay*.
Chic. Pois iſſo he claro. Eſpere menina.
Bering. Deixeme, que o vou dizer.
Chic. A quem?
Bering. Já o queria ſaber?
Chic Naõ te has de hir ſem o dizer.*pegandolhe*.
Bering. A'gora naõ.
Chic. Naõ, por força naõ vas.

DUETO.

Bering. Sempre ateimas, qual cachorro,
Que à ſua bella cachorrinha
Sempre eſtá dizendo xó,
Bonitinha anda cá.
Chic. Sempre irada qual ſaloya
Ao ſeu burro, ſem que esbarre,
Te verey dizendo arre
Arre, arre, arrelá.
Ambos. Oh que teima, que tormento,
Taõ ſem goſto, ſem contento
Eu me ſinto ſuportar! *Vaõ-ſe*.

ACTO III.

SCENA I.

Sala terrena com cadeiras. Sahem Sabina, e Aquilio.

Sabin. COmo? Manda que eu me aufente? He cega efta fentença! Efte preceito hè jufto? De que delicto me quer caftigar Adriano?

Aquil. Sabe, que de Emirene, e Farnafpe fofte confelheira na fuga: crê, que da guarda fofte a enganadora: queixa-fe dizendo, que offendefte as facras, e inviolaveis leys do throno de Augufto: que fe naõ caftigar o teu arrojo, aprenderáõ a ferlhe infieis os feus vaffallos: e com tal arte pinta a tua culpa, que o que o ouve, lhe chama piedofo, vendo que fó efte he o caftigo.

Sab. Naõ fe ha de pôr o nome de culpa a huma obra de merecimento. Eu quiz, guardando a fua gloria, e lifongeando huma competidora, procurar delle o feu coraçaõ; e delle a fua amizade, o odio, e a ira naõ foraõ meus confelheiros:

ros: a piedade, e o amor foraõ ſó os meus empenhos: ſe foy erro he taõ leve, que naõ merece pena.

Aquil. Sabina, eu o conheço, e tal vez o conhece tambem Adriano; mas he de ſeu agrado eſta leve deſculpa para buſcar o teu retiro.

Sab. Eſtá bem; mas ouça-me, e tal vez que ſe mude.

Aquil. Apparecerlhe diante dos ſeus olhos naõ conſente; que eſta he a ordem que mais me encarregou.

Sab. Oh Deoſes! Heyde auzẽtarme ſem vello?

Aquil. Sim.

Sab. E quando?

Aquil. Já as náos eſtaõ promptas.

Sab. A hum tal preceito naõ ſe deve obedecer. *Faz que entra.*

Aquil. Oh naõ, que te perdes. Vaite, e fia de mim, que em naõ lhe reſiſtir o ſaberás vencer. Eu buſcarey algum inſtante para que elle te torne a buſcar.

Sab. Mas dize-lhe ao menos.....

Aquil. Vay, que ſem me dizeres mais, te entendo tudo.

A R I A.

Sabin. Dize-lhe, que he ingrato,
Dize-lhe, que he traidor,

Ouve,

Ouve, que féro rigor!
Naõ, naõ lhe digas tal,
Dize-lhe ſó que parto,
Mas ſempre o ſey amar.
E ſe no meu tormento
O vires ſuſpirar,
Torna-me a conſolar,
Que antes de morrer,
Quero eſta gloria achar. *Vaiſe.*

Aquil. Eu diſponho o enredo, para que Sabina ſe auſente: ſente o meu coraçaõ vella partir, mas tambem ſente, que ficando a chegue a perder. Porém ſofra o meu peito do ſeu bem a auſencia, ſe intenta conſeguir alguma alegria na ſua eſperança.

A R I A.

Primeiro fere a planta,
Que em ſuavidade eſpanta,
Se o balſamo procura
Arabico Paſtor.
Aſſim meu juſto affecto,
Que eſta ferida ordena,
Procura em tanta pena
Lograr mais certo amor.

Faz que ſe vay, e ſe ſuſpende ao ſahir Adriano.

Adr. Aquilio, que tens feito? De Sabina que alcançaſte?

Aquil. Nada Senhor. Para que cumpriſſe com o teu dezejo, diſpuz a ſua vontade; mas nunca achey razões para a ſoſter. Eſtá reſoluta a deixarte; tira por argumento, que fica mal ao ſeu decoro demorarſe na tua preſença; que te naõ quer ſer mais moleſta; e em fim me parece, que ſerve outro amante: eu o ſuſpeito, e que tira da tua inconſtancia deſculpa para a ſua infelicidade.

Adr. Naõ, naõ me agrada eſſa ſoberba paz. Vamos a vella.

Aquil. Porque? Temes, Senhor, o enfado de huma dama?

Adr. Naõ.

Aquil. E queres Sabina para tua eſpoſa?

Adr. Oh Deoſes!

Aquil. Pois logo que ella fique, de que nos aproveita?

Adr. Eu meſmo o naõ ſey dizer.

Aquil. Aſſim me desfaz o engano, mas eu lhe teço outro. *àparte.* Olha, Senhor, toma o meu conſelho: qualquer preceito de Oſroas baſtará para que Emirene te queira: ſe ella te deſdenha, he porque entende, que a ſeu Pay agrada; e para elle ſerá grande ventura recompenſar hum Reino com as tuas bodas. Eſte conſelho naõ te agrada?

Adr.

Adr. Mais do que iſſo tenho feito: do carcere mandey que Oſroas foſſe conduzido à minha preſença; e elle ajuſtará o que dizes.

Aquil. E porque naõ o tinhas feito?

Adr. Tu naõ conheces a guerra cruel, que a minha alma levanta nos penſamentos. Roma, o Senado, Emirene, Sabina, a minha gloria, o meu amor, tudo tenho na preſença, tudo conſervo na memoria: acho hum riſco que temer, temo hum bem que hey de deixar: reſolvo-me, e me arrependo, e de me arrepender me torna a pezar: tal vivo, que vacilante fico na duvida, ſem determinaçaõ na eſcolha: tal, que entre o mal naõ ſey eſcolher o melhor.

Aquil. Pois Senhor, acaba huma vez de te atormentar: nos teus braços tens quaſi eſſa belleza por quem ſuſpiras; eu naõ tenho paciencia para te ver penar. Vou conduzir a ElRey dos Parthos.

Adr. A fineza quero de o hir eſperar.

Vaõ-ſe.

Sahem Chichelo, e Beringela.

Chic. Com que em fim v. m. me deixa com eſſe deſamor?

Bering. Se naõ tenho outro, que quer que lhe faça?

Chic.

Chic. Ora volta eſſas duas eſtrellas da alva, que na madrugada deſſa carinha, ſem conſciencia, quando eſperava me deſſem hum bom dia, me deixaõ às boas noites.

Bering. Naõ ſabe que ſirvo a Senhora Sabina, e que ella por ordem de Adriano ſe auſenta?

Chic. Tudo ſey.

Bering. Pois entaõ para que ſe queixa, ſem motivo, da minha auſencia? Hey de ficar deſarranjada?

Chic. Naõ ficará; antes ſerá do meu rancho, ſe quizer ſeguir as bandeiras de amor.

Bering. Seguir as bandeiras, iſſo naõ: ſó porque me naõ digaõ que ſou moça de ſoldada.

Chic. Ora menina tem dó de mim, naõ me deixes no mar do meu pranto fluctuando na tormenta da tua auſencia.

Bering. Naõ me detenha com eſſes ditos, que por ahi me naõ peſca.

Chic. Pois cuidey que o anzol do meu affecto a pilhaſſe no mar do meu amor.

Bering. Olhè que ſe póde afogar, naõ nade tanto.

Chic. Naõ importa, que eu naõ me afogo em pouca agoa.

Bering.

Bering. Naõ o poſſo mais ouvir; fique-ſe embora, e ſaiba que.....

Chic. Que?

Bering. Que ſó de voſſé levo.....

Chic. Ora dize, o que levas? Es muito bonita!

ARIA.

Bering. Levo huma pena,
Que me atormenta,
Taõ rabujenta,
Taõ rezinguenta
Que nada quer.
Naõ ſey que he,
Se he ſaudade,
Naõ ſey dizer.
Sey que me mata,
Pois ſem reparo
Eu nunca paro,
Nem poſſo eſtar
Aqui, ahi, ali, acolá.
Ay que ſerá! *Vaiſe.*

Chic. Eſpera, naõ fujas: ouve que te darey o remedio. E foi-ſe! Mas eu tambem quero hir, que..... Mas naõ, eu ſó ſem amo, que a barriga me ſuſtente, e namorando em jejum! Iſſo naõ, vá com o diabo, que naõ quero taes amores

res: alto, abalo, isto ha de ser. Mas ay aqui vem Adriano com ElRey Osroas: vejamos em que isto pára; desta cadeira me valho.

Esconde-se debaixo de huma cadeira, e sahem Adriano, Aquilio, e Osroas com cadeas.

Adr. Que dirá o mundo! Mas o conservar a vida he razaõ da natureza, e eu naõ posso viver sem Emirene.

Osr. Que se me ordena?

Adr. Que ElRey dos Parthos se sente, e me escute: socegue o seu destino.

Aquil. Do meu se trata.

Assentaõ-se Adr. e Osr.

Adr. Osroas, no mundo tudo he sujeito a inconstancias, e será estranho, que só os nossos rancores sejaõ eternos: a paz he util ao vencido, e conveniente ao vencedor: entre nós já falta a materia para a contenda: o fado tanto te quiz tirar, quanto a mim o Ceo benigno me quiz permittir, que já nem a mim ficou que ganhar, nem a ti que perder.

Osr. Se conservo o primeiro odio, ainda me ficou alguma cousa.

Aquil. Que barbara arrogancia! *à parte.*

Adr. Naõ te glories de hum bem, que possuido atormenta ao possuidor. Apa-

ga

ga esse incendio; porque te naõ destrua. Sabe que tu es o juiz arbitro do meu socego, assim como eu o sou da tua vida: ordena as cousas de maneira o Ceo, que todas a todos sejaõ convenientes; e o mais feliz muitas vezes acha no mais miseravel, que esperar, e que temer.

Chic. Aonde hirá parar isto! E eu aqui espremido, sem me poder remexer!

Adr. Só com que tu falles, será a Princeza minha, e só com que eu queira, serás tu livre, e Rey. Uzemos, oh amigo, do nosso poder com conveniencia de ambos; eu te peço a filha, e te offereço o Reino.

Aquil. Tremo da resposta. *à part.*

Adr. E pois que dizes? Tu te ris, e naõ fallas? *a Osr.*

Chic. Se o caso he para rir, que ha de fazer?

Osr. E queres que eu creya, que he taõ fraco Adriano?

Chic. Valente lhe chamo eu, pois te investio como hum rayo.

Adr. Muito, Osroas, o sou, se comigo naõ vejo a bella Emirene unida em doce jugo. Nem a paz conheço, nenhum bem possuo, nem vida quero.

Osr. Quando taõ pouco basta para te fazer

 feliz,

feliz, eu ſou contente, que a filha ſe chame.

Chic. Eu fico pela ſua alegria, como lhe entregues o que elle dezeja. *à parte.*

Adr. Aceitas pois as minhas offertas?

Oſr. Quem recuzallas poderá!

Adr. Tu me entregas amigo o perdido ſocego. Aquilio, vay chamar a Princeza.

Aquil. Vou fazer o que ordenas. Já de Sabina a eſperança tenho. *Vaiſe.*

Chic. Vá, que tambem eu me tomára daqui fóra.

Adr. Agora começo a viver. Olá, tiray aquellas cadeas ao Rey dos Parthos.

Sahem dous guardas.

Oſr. Agora naõ he tempo, Adriano. Eu naõ quero gozar primeiro das tuas offertas, que tu das minhas.

Adr. Hide, fazey o que mando.

Oſr. Naõ he preciſo; retirai-vos.

Vaõ-ſe os guardas.

Adr. Do pezo injurioſo te verey livre.

Oſr. Aſſim ſatisfaço o meu contentamento.

Adr. Ainda naõ vem?

Chic. Elle eſtá deſeſperado. *à parte.*

Oſr. Impaciente eſtou juntamente comtigo.

Adr. A Princeza hirey buſcar. *Levanta-ſe.*

Oſr. Naõ he preciſo, que já chega.

Levanta-ſe detendo-o.

Sahe

Sahe Emirene.

Emir. Que quereraõ? *à parte.*
Adr. Belliſſima Emirene.
Oſr. Melhor ſerá, que lhe relate tudo.
Chic. Eis o touro com Pedro Bonito.
Adr. He verdade.....
Emir. Porque eſtaráõ alegres? *à parte.*
Oſr. Filha, entre as noſſas miſerias tambem achamos alguma ventura. Nunca o imaginey. Achey na tua belleza a recompenſa da minha perda.
Emir. Que me queres dizer niſſo?
Adr. Aquella abrazadora chamma..... *a Emir.*
Oſr. Deixa-me finalizar. *a Adr.*
Chic. Deixe-o, que elle he muito bom procurador.
Adr. Seja como te agrada.
Oſr. Tal virtude te quiz conceder benigno o Ceo, que te ſujeitou como ſervo o meſmo vencedor: por ti ſuſpira, tudo por ti offerece, eſquece-ſe das offenſas, ſujeita-ſe aos rogos, aborrece a vida ſem os teus agrados, e por ſua Deoſa te adora.
Adr. Tu, pois bella Emirene.....
Oſr. Ainda naõ acabey.
Chic. Ora eſtá boa impertinencia!

Adr.

Adr. Tal demora me mata. *à part.*

Ofr. Eu quero, (efcuta, oh filha, efte ultimo fufpiro do intimo da alma:) ao menos quero, já que morro, deixarte como vingadora da minha offenfa. Aborrece efte tyranno, como eu até agora aborreci, e efta feja a herança paternal.

Adr. Ofroas, que dizes!

Chic. O velho endoudeceo.

Ofr. Nem temor, nem efperança te fujeitem a elle: ve-o fim a todas as horas, mas feja arder em ira, e enlouquecer de amor.

Adr. Juftos Deofes, e que he ifto!

Ofr. Adriano, já pódes fallar, que Ofroas acabou.

Adr. Louco, infeliz! Naõ vês, que affim atêas aquelle incendio, que ha de fer o teu eftrago?

Ofr. Defefpera, foberbo, que as tuas furias cantaõ os meus triunfos.

RECITADO.

Adr. Oh Deofes! que raiva! que ira! que pena!
Meu peito condemna!
Que dizes? que fallas? Tal furia me acende,
Que da vingança os paffos prende.

ARIA.

ARIA.

Barbaro, naõ comprehendo
Se féra, ou louco es;
Se teu ſemblante viſſes,
Tal vez que te ſentiſſes,
Horror tendo de ti.
O Urſo deshumano,
O Tigre enfurecido,
O Leaõ, que eſtá ferido,
Igual a ti naõ he. *Vaiſe.*

Oſr. Filha, ſe queres que eu veja como me amas, hum Pay ſoccorre, que piedade te pede.
Emir. Se baſta o ſangue, he teu; e ſe naõ ha quem mo eſpalhe, eu meſma o tirarey.
Chic. Naõ digo, que eſtá doudo. Agora quer que a outra dê o remedio, depois de elle faltar à palavra.
Oſr. Livra-me das iras do cruel tyranno? Sem priſões te vejo: ſós eſtamos.
Emir. Se conheceo Auguſto de todas as traições innocente a Farnaſpe, e a mim, que te admira da noſſa ſoltura? Mas que ſoccorro te poſſo dar?
Oſr. Hum ferro, hum laço, hum veneno, huma morte, qualquer que ſeja te peço, que me dês.

Chic.

Chic. Faça-lhe já isso por caridade; e acabemos com essa bulha.

Emir. Pay, e Senhor, que dizes? E seria prova de amor, ser a mesma filha o algoz que..... Ah! sem temor o naõ posso conprehender. Naõ o esperes; o coraçaõ o teme, e quando o coraçaõ se resolvesse, a maõ o naõ saberia executar.

Osr. Vay, eu te queria mais digna da tua origem. Teme já a morte, que eu hey de levar.

ARIA.

Naõ teme huma alma forte
A ferida que consente,
Só lamenta, chora, e sente
A vileza do morrer.
Que dos males seja a morte
O peor, já naõ alcanço,
Antes he justo descanço
Donde pára o obedecer. *Vaise.*

Emir. Oh infeliz, a que conselho devo obedecer?

Chic. O que eu der.

Emir. Quem me responde?

Chic. He hum criado de Vossa Alteza.

Sahe debaixo da cadeira.

Emir. Tu aqui?

Chic. E bem contra minha vontade; pois ſayo eſpremido, e entrey medroſo.
Emir. Ouviſte a minha deſgraça?
Chic. Naõ acaba de entender, que ſeu Pay eſtá tonto?
Emir. Oh que tambem eu perco o juizo!
Chic. Naõ, ſe iſſo he achaque que ſe pega, eu naõ quero perder o pouco que tenho.
Emir. Que hey de fazer?
Chic. Caſar com Adriano.
Emir. Tu me aconſelhas iſſo, ſabendo o que a Farnaſpe quero?
Chic. Pois caze com Farnaſpe.
Emir. Eſtás louco!
Chic. Já ſe me pegaria o achaque.

Sahe Farnaſpe apreſſado.

Farn. Corre Emirene.
Emir. Aonde?
Farn. Ao Ceſar.
Emir. E para que?
Farn. Procura que o mandado revogue, que contra teu Pay publica.
Emir. E qual he?
Farn. Quer que arraſtrando cadeas vá....
Emir. Aonde?
Chic. Fazer a ſua penitencia.
Emir. A morrer!

Farn.

Farn. Naõ, peior.

Chic. Peior! ſó ſe o manda para Plutaõ.

Emir. Pois aonde?

Farn. A Roma.

Emir. E de que proveito lhe poſſo ſervir?

Chic. Hirlhe ajudar a carga.

Farn. Vay, roga, chora, offerece-te eſpoſa a Adriano, obriga-lhe a eſperança, e o amor. Tudo ſe perca, ElRey ſe ſalve.

Chic. Outro terceiro temos.

Emir. Elle me poz o preceito de aborrecer ſempre a Adriano.

Farn. Tu naõ deves ſeguir huma ordem dada com ira: nós, oh amada Emirene, o devemos ſoccorrer, ainda a ſeu pezar.

Emir. A outros braços eu devo hir? Tu o aconſelhas? E com tanta firmeza?

Chic. Eu naõ vi homem mais bem afortunado: todos ſaõ por elle.

Farn. Ah Princeza, que naõ vês o meu coraçaõ. Naõ ſabes a pena, que eſte eſforço me cuſta. Ainda que aſſim fallo, naõ tenho parte em mim, que naõ ſinta tremer: gota de ſangue naõ acho, que pelas veyas geladas naõ corra. Eu ſey que perco o unico bem, por quem lograva doce vida: eu ſey que fico afflicto, e deſeſperado, moleſto para os mais,

mais, e para mim. Mas que dirá a Aſia toda de nós, ſe Oſroas morre, podendo nós ſalvallo? Minha alma, ſacrifiquemos a eſte preciſo reparo a noſſa paz. Vay conſorte, ſer de Auguſto: o gráo mais alto da terra occupa: huma ventagem ſerá tal vez para mim eſta meſma pena: já que déſte leys ao meu coraçaõ, vay, e dá leys ao mundo.

Chic. Eu naõ entendo eſta tramoya.

Emir. Se tu queres que te eu perca, meu bem, para que te moſtras taõ digno de amor?

Farn. Meu bem, tu naõ me perdes. Em quanto viver, ſempre te hey de amar. Sey quanto devo às tuas finezas. Conſagrarte o meu amor juro a todos os Deoſes; e o juro àquellas formoſas luzes, que nos teus olhos adoro. E tu alma deſta alma que..... Mas aonde me leva a conſideraçaõ da minha dor? Ah! que nos falta o tempo para ſentir. Oſroas morre em quanto diſcorremos em livrallo.

Emir. Adeos.

Farn. Adeos, meu bem. E nos veremos? Ouve-me.

Emir. Que me queres?

Farn. Vay..... Eſpera..... Oh Deoſes! Quizera que me deixaſſes, e naõ quizera.

Chic.

Chic. Aqui andará o diabo fazendo das ſuas? Elles querem caſar, elles querem deſcazar: elles choraõ, elles rim. O certo he, que ſó eu ſey tratar o Senhor Cupido. Naõ ha couſa, como naõ dar confiança a hum rapaz cego.

RECITADO.

Se elle a mim me fizera eſtas gaifonas,
Com formoſas taponas
O cuſinho muy bem lhe esfrangalhára,
E quanto mais guinchára,
Eu entaõ com mais ancia ſim lhe déra,
Que o ſangue pelo rabo lhe eſcorrera.

ARIA.

Mas qual o caõ raivoſo,
Se algum rapaz o aſſanha,
Os denres lhe arreganha
Fazendo-lhe am, am,
Logo o rapaz lhe foge,
Temendo o ſeu ladrar.
Aſſim ao Deos Cupido
Os dentes lhe arreganho,
E vendo que me aſſanho,
A's trancas logo dá. *Vaiſe.*

SCE-

SCENA II.

Lugar magnifico do Palacio Imperial, escadas ornadas de estatuas, pelas quaes se sobe ao alto do monte Oronte. Vista das Nàos em o rio; de Campanha, e Jardim em cima da rocha, que cerca o rio. Sahem Sabina com acompanhamento de matronas, e Cavalheiros Romanos, Aquilio, e Beringela.

Sabin. TEmerario! Tu tens animo para me fallar em amor? Naõ te lembras de quem tu es, e quem eu sou?

Aquil. Amor aos differentes iguala: o respeito me fez até agora mudo: assim vos ausentais, e neste ultimo refugio, me foy preciso manifestarte o meu amor.

Sab. Naõ tem desculpa hum affecto, que he taõ temerario. Vamos.

Aquil. Bem vejo o porque me desprezas. Ainda està no teu coraçaõ o barbaro, injusto, e inconstante Adriano?

Sab. Que he isso? Assim fallas do teu Soberano?

Aquil. Este fallar de ti o aprendi.

Sab. Sey que naõ he tudo o mesmo. Eu queria, e os zelos me davaõ desculpa de fallar atrevida. *partindo para embarcar.*

Aquil.

Aquil. Oh féra! Outra vez te receberá Roma ſem Ceſar.

Sahe Adriano com numeroſo ſequito.

Adr. Sabina, eſcuta, ouve, Senhora.
Aquil. Ay de mim! *à parte.*
Sab. Deoſes! Que queres? *Tornando a traz.*
Adr. Taõ odioſo te ſou, que ſem me veres queres partir?
Sab. Senhor, já baſta de zombaria. Se tu me mandas, e me prohibes que te appareça.....
Adr. Eu? quando? Aquilio, naõ pedio Sabina a liberdade de deixarme?
Sab. Oh Deoſes! Naõ foy vontade de Adriano, que eu me auſentaſſe, ſem que o viſſe?
Aquil. Se fallo me condemno; e ſe naõ fallo..... *à parte.*
Sab. Perfido, emmudece: já conheço os teus enredos. Sabe Adriano.....
Aquil. Eu ſerey quem deſcubra o meu meſmo erro. He verdade, Senhor, que a Sabina adoro: temi que venceſſe a ſua formoſura; por iſſo diſtante.....
Adr. Naõ digas mais, tudo entendo. Ah coraçaõ traidor! Eſta he a graça, que me rendes dos beneficios, que te faço? Eſta he a fé que ao teu Soberano deves?
Tu

Tu ſendo meu competidor! Tu oppoſto à minha gloria, e a Sabina querendo? Olá, ſeja prezo.

Aquil. Sorte adverſa! *Vaiſe com os guardas.*

Adr. Comigo fique a minha eſpoſa.

Sab. Eu eſpoſa tua, e quando?

Adr. Naõ tardará muito, deixa-me compor os meus ſentidos, e verás.

Sab. Verey que eſſe dia nunca chega.

Adr. Chegará, chegará, pois já vejo, oh Sabina, que vou ſarando do meu mal, a minha juſtiça, os deſpojos de Emirene, os odios de ſeu Pay.

Sahem Farnaſpe, e Emirene.

Emir. Piedade, oh Ceſar.

Farn. Senhor, piedade.

Adr. De que ma pedis?

Emir. De meu querido Pay.

Farn. De meu deſgraçado Rey.

Adr. O Senado, e Roma o julgará. Taõ offendido eſtou, que perdoarlhe naõ quero; e tanto temo a minha ira, que o naõ quero julgar.

Emir. Mais entaõ o caſtigas; mayor pena ſerá eſſa para Oſroas.

Adr. Nem quero, que mo nomees.

Farn. Senhor, naõ te compadeces de Emirene, que chora, que he tua eſpoſa, ſe o quizeres?

Adr. Eſpoſa?

Farn. Seu Pay te pede. Aquella maõ, que fazerte feliz póde, rendido te offerece.

Adr. Mas ella mo naõ diz.

Sab. Ay de mim! *à parte.*

Farn. Falla Emirene.

Adr. Com quanta força a offerta conſente! O coraçaõ te conheço. Naõ, naõ que o odio paterno; e o teu primeiro emprego he mais forte, que eſſe rendimento; e naõ quero que me ſejas inimiga, ainda depois de eſpoſa.

Emir. Naõ, Ceſar, te enganas; a minha obrigaçaõ fará eſtrada ao meu amor. Revoga a ſentença; perdoa a quem me gerou, por aquelle ſereno rayo do Ceo, que no teu ſemblante adoro; por eſta invencivel maõ, que he ſuſtento do mundo, e eu beijo, aperto; e com lagrimas banho. *ajoelha.*

Adr. Levanta-te; mais naõ chores. Que vejo! He mulher, ou he Deoſa! Quando me namorou aſſim chorava. *à parte.*

Sab. Que eſpero mais? *à parte.*

Farn. Reſolve-te Senhor.

Adr. Se ao menos aqui naõ eſtivera Sabina. *à parte.*

Sab. He certo o meu deſprezo. *à parte.*

Adr. No ſemblante moſtra a ſua offenſa. *à parte.*

Sab. Tome alento huma vez..... Cesar, eu vejo, que.....

Adr. Que pôdes ver, Sabina? Eu ainda naõ falley, naõ resolvi, e já te queixas? Já reo me chamas! Que ley manda se faça o castigo antes do delicto?

Sab. Naõ te enfades, Senhor: escuta, e crê, que sem fingimento de amor, sem encubertos enganos te fallo. No meu semblante lerás o meu coraçaõ.

Adr. Falla; já te attendo.

Sab. Eu estou vendo, Augusto, e todos vem, que no semblante te reparaõ, que comtigo pelejas por te render a ti. Eu em vez de me irar comtigo por tantos desprezos, quantos sinto; sey que ao verte me compadeço. Bem sey, que saõ mortaes as nossas feridas. Hum de nós neste combate deve ser o que renda a vida às mãos da morte: ou eu, se te perco; ou tu, se Emirene naõ gozas. Pois naõ consinta amor, que para se conservar de huma inutil mulher, como eu sou, a vida, se perca hum taõ grande heroe, como tu es. Guarda-te pois, oh amado, naõ para mim, sim para a tua Patria, para a tua gloria, e para o mundo todo: de toda a obrigaçaõ te absolvo, te perdo-o toda a offensa; e

eu mesma quero ser o teu refugio.

Adr. Que direy! *à parte.*

Sab. De mim naõ tenhas cuidado: seraõ breves as minhas penas, e morrerey contente, sabendo que a brevidade de meus dias he o augmento de teus amores.

Adr. Oh alma generosa! oh digna de mil Imperios! Que excesso he este de taõ soberana virtude? Todos me quereis reprehender, e envergonhar? Fiel vassallo (*a Farn.*), tu me cedes a esposa por salvar a vida do teu Rey! Piedosa filha, (*a Emir.*) tu a ti mesma te sacrificas pela liberdade de teu Pay! Injuriada esposa (*a Sab.*), tu desprezas a vida só porque eu viva em socego! E eu entre tanta constancia, hey de ser o mais pusilanime? E naõ me envergonho? E naõ fujo da comunicaçaõ dos viventes? E me assento no throno? E dou leys ao mundo? Ah naõ, naõ seja assim. Já que em vossos peitos sublimes vejo luzir espiritos de virtude; aprendendo comvosco, quero sahir do letargo profundo, em que vivia adormecido. Oh illustre minha libertadora! Vê o novo incendio de gloria, que agora se me atêa na alma. Hoje a todos quero fazer felices: a Osroas restituo o Reino, e a liberdade: a

Farnaspe

Farnaſpe entrego a ſua amada Emirene: a Aquilio abſolvo de toda a culpa: e a ti, ſó de ti digno, me entrego todo.

Sab. Que gloria!

Emir. Que alegria!

Farn. Naõ eſperado contentamento!

Sab. Eſte ſó he o verdadeiro Adriano.

Farn. Permitte, ò Ceſar, que Oſroas às tuas plantas venha.

Adr. Naõ, que ſe mudará, à viſta daquelle peito, meu generoſo coraçaõ, em aquellas meſmas mãos, aonde foy priſioneiro. Vá aonde lhe parecer, e ſe me quer amigo, direis, que Adriano o dezeja: ſe lho naõ pede, he porque quer que ſeja a amizade divida, e naõ mercê.

Farn. Oh magnanimo coraçaõ!

Adr. E tu, Princeza, quanto de mim pretendes, pede, que ſe te concederá, deixando-me ſó, que tambem te peça o ſegredo de meu peito. Pouco o ſinto ſeguro, em quanto junta a mim te vejo. Auſenta-te, já que aſſim te peço. Aqui tens o teu eſpoſo, acolá acharás teu Pay. Vivey alegres, e todos tres entregay ao eſquecimento eſtes delirios de meu amor.

Emir. Ao menos Senhor.....

Adr.

Adr. Basta, Emirene, adeos.

CORO.

Manda, impera a terra, ò Cesar,
Surca, Augusto, o salso mar,
Do teu nome excelso dando
Hum padraõ mais singular.

FIM.